ELE NÃO QUER QUE NINGUÉM GOSTE DELE.
MAS ELA É CAPAZ DE GOSTAR DE TODO MUNDO.



Kat Spears

SWAY

GLOBO Alt

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Sway

Kat Spears

Tradução
Santiago Nazarian

GLOBO Alt

Copyright © 2014 by Kat Spears
Copyright da tradução © 2016 by Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Título original: *Sway*

Editora responsável **Eugenia Ribas-Vieira**
Editora assistente **Sarah Czapski Simoni**
Editor digital **Erick Santos Cardoso**
Capa **Renata Zucchini**
Imagens da capa **Kotin/Shutterstock**
Diagramação **Eduardo Amaral**
Projeto gráfico original **Laboratório Secreto**
Preparação **Erika Nogueira**
Revisão **Jane Pessoa e Huendel Viana**

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
S727s
Spears, Kat
Sway / Kat Spears ; tradução Santiago Nazarian. - 1. ed. - São Paulo : Globo Alt, 2016.
Tradução de: *Sway*
ISBN 978-85-250-6343-4
1. Ficção americana. I. Nazarian, Santiago. II. Título.
16-33891 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

1ª edição, 2016

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por
Editora Globo S.A.
Av. Nove de Julho, 5229 — 01407-907 — São Paulo-SP
www.globolivros.com.br

Sumário

Capa
Ilustração
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
Epígrafe
Prólogo
Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Catorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e um
Vinte e dois
Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e cinco
Vinte e seis
Vinte e sete

Vinte e oito
Vinte e nove
Trinta
Trinta e um
Trinta e dois
Trinta e três
Trinta e quatro
Trinta e cinco
Trinta e seis
Trinta e sete
Trinta e oito
Trinta e nove
Agradecimentos
Ilustração

Para Jack, Josie e Ingrid. Amem uns aos outros e sempre deem uma chance ao impossível.

Sway *te ajuda a ganhar dinheiro e dinheiro te ajuda a ter* sway.
Mas sway *não é dinheiro*.
A última hora, dirigido por Spike Lee

Prólogo

Nada é bom ou mau, o pensamento é que torna as coisas assim. Foi Shakespeare quem disse isso. É a única coisa interessante que aprendi após três anos de escola. E agora aqui estava meu último ano diante de mim, só esperando para ser uma merda.

O colégio é muito como uma prisão — comida horrível, banhos em grupo, alguém que se acha o foda sempre te dizendo quando fazer as coisas. Eles nos dizem quando comer, quando usar o banheiro, quando conversar, quando ficar quieto. Também adoram nos dizer tudo o que não podemos ter.

Quanto mais se diz às pessoas que elas não podem ter algo, mais elas querem. É uma dessas leis do universo. O verdadeiro poder, na prisão e no colégio, não vem de dizer às pessoas quando fazer o quê. O verdadeiro poder está na habilidade de conseguir para os internos o que eles desejam — coisas que eles não devem ter —, o que por acaso é um talento particular meu.

Quando Ken me encurralou, eu estava saindo da escola, a caminho do meu carro. Não tinha previsto o ataque, mas, mesmo assim, não fiquei surpreso com isso. Eu era a única pessoa que conhecia o seu segredo, sabia que sua transformação de valentão para santo era puro fingimento.

E talvez eu já esperasse. Caramba, eu já esperava, mas a ameaça de levar uma surra não fez nada para mudar meu comportamento.

Amar uma menina como a Bridget leva os caras a fazer umas merdas loucas e idiotas. É a única explicação que tenho para as coisas que fiz. Acho que do jeito como eu estava agindo, o ataque do Ken podia ter acontecido semanas antes até. Afinal, ele também estava apaixonado por ela, e já era meio louco e idiota pra começo de conversa, então era esperado que, mais cedo ou mais tarde, ele surtasse. Eu me convenci de que amava Bridget mais do que Ken, de uma forma que ele nunca seria capaz de amá-la. Conheço seus defeitos, e a amo mesmo assim. Ken não sabia nada dela.

Ele apareceu de repente de trás do carro estacionado e enfiou o ombro na minha costela como num ataque de futebol americano tecnicamente perfeito. O

treinador Andrews teria orgulho dele. Houve um estalo quando meu ombro atingiu a janela do carro, mas o estalo foi da minha clavícula, não do vidro. Minha respiração saiu num sopro com um cômico “uff” quando bati na porta do carro e escorreguei para o cascalho.

Ken se recuperou rápido e acertou um soco no meu queixo. Como eu já estava caindo, o golpe não foi tão devastador quanto poderia ter sido em outra situação. Ainda assim, minha cabeça estava zunindo e sangue escorria do meu lábio inferior enquanto eu cambaleava de quatro. De teimoso, me recusei a cair de vez, apesar de meu corpo querer que eu fizesse isso.

— Acha que sou otário? — Ken perguntou, entredentes. Seu cabelo preto e curto, com gel, estava ainda perfeitamente no lugar, apesar da violência. — Sei que você está atrás da Bridget, tentando chegar nela através do irmão caçula.

— Ai — eu disse, me sentando e descansando minhas costas no pneu do carro.

— Tem mais de onde veio esse — ele disse e me chutou violen-tamente nas costelas. Agora os dois lados do meu peito zuniram de dor. — Fique longe da Bridget. E você não vai no jantar de aniversário do Pete sábado à noite. Entendeu?

Fingindo que ele não estava ali, cuspi um monte de saliva sangrenta no cascalho e toquei minha mandíbula para ver se estava inchada. Meus olhos estavam fechados, então eu não estava esperando quando ele me agarrou pela camisa e me arrastou até me fazer ficar de pé.

— Responde — ele disse.

— Qual é a pergunta?

Ele hesitou feito um idiota enquanto buscava na memória a pergunta.

— Perguntei se você entendeu — disse então.

— Entendi o quê?

— Quer mais? — ele perguntou, me dando uma sacudida.

Eu sorri, mas acho que saiu mais como uma careta, porque ele pareceu satisfeito com seu trabalho e me empurrou, me jogando de novo no chão.

Minha mão, segurando a maçaneta do carro, deslizou duas vezes antes de eu conseguir me levantar. Agora meus dentes batiam por causa do frio que vinha do chão e entrava pelas minhas roupas, e fez meu queixo doer ainda mais. Ken já

tinha ido havia muito tempo quando me arrastei para dentro do carro e descansei minha cabeça no volante enquanto esperava o calor fazer efeito.

Minha língua vasculhava o interior da boca, testando o corte aberto pelos meus dentes. Não era tão ruim. Minhas costelas e meu ombro doíam, e eu pensava em ir ao Digger, afundar no sofá depois de um pega no bong e me perder num episódio de *Sons of Anarchy*, seu novo programa favorito, que agora passava no Netflix. Eu tinha de admitir, era uma série bem boa.

Eu sabia que iria aparecer no jantar de aniversário do Pete, apesar das ameaças do Ken, mas tinha de questionar meus próprios motivos. O inteligente a fazer era recuar, esquecer Bridget e seu irmãozinho babaca, e voltar aos negócios. Joey estava certa sobre isso, e Joey quase nunca está certa sobre nada.

— Nada é bom ou mau — eu murmurei para mim mesmo enquanto dava marcha a ré. — Pare de pensar.

Dirigi por um tempo, acabei na ponte suspensa estreita que se estende sobre o rio, desejando que algo anestesiasse a dor na minha cabeça, mas sem querer ir para casa, para um paracetamol. E de certa forma, a dor na cabeça era um castigo pela forma como tinha tratado Bridget. Eu merecia sofrer.

Ninguém usava muito mais a ponte, desde que o desvio oferecia uma forma mais rápida de se chegar ao centro e ao campus. Era um ponto de onde as pessoas tinham uma vista para a cidade alojada em seu exuberante vale. Era tão bonito quanto uma pintura, mas um lugar onde o mal se alimentava de meros mortais.

A ponte cruzava um desfiladeiro estreito onde o rio corria ligeiro, com o leito cheio de pedregulhos pontiagudos. Por mais rápida que a correnteza fosse, ainda não podia afogar todos os pensamentos, apenas criava uma insistência pulsante no cérebro conforme a água branca fervia sob seus pés e ocasionalmente mandava borrifos de neblina que provocavam cócegas em sua garganta e umedeciam seu cabelo. A distância entre a ponte e o rio era de apenas uns quinze metros, mas era o suficiente. Havia pouquíssima chance de alguém sobreviver à queda.

Pensei em ligar para a Joey. Ela iria endireitar minha cabeça — me diria para deixar de arriscar tudo por causa de uma princesa da Disney de pele absurdamente macia e olhos inocentes.

E esse era exatamente o problema. Eu tinha deixado emoções e sentimentos pessoais confundirem meu julgamento. Havia uma solução para tudo isso — um final “felizes para sempre” não estava fora de questão. Quando o latejar da minha cabeça parasse, eu seria capaz de pensar, pensar numa forma de fazer tudo funcionar. Salve a garota, mate o vilão, vença o dragão, encontre o tesouro — eu poderia fazer isso acontecer.

Então, de novo, seria fácil, uma perna no parapeito da velha ponte, outra perna por cima, e eu estaria quatro andares abaixo, minha cabeça aberta como um melão nas pedras afiadas. Dar às pessoas no noticiário das seis algo para falar. Veríamos quão *sway* todo mundo achava que era.

Um

A primeira vez que ouvi o nome de Bridget Smalley foi em um dia como qualquer outro. Não havia razão para eu pensar que tudo iria mudar. É como a vida acontece, razão por que você deve ser capaz de ver todos os ângulos toda vez que faz uma escolha. O que é verdade hoje pode não ser amanhã.

Quando o último sinal do dia tocou, minha bunda já estava metade para fora da cadeira, e eu saltei dois degraus por vez para o primeiro andar. Um grupo de meninas conversando surgiu pela escadaria e eu recuei para dar passagem. Conforme passaram por mim, fui envol-vido por uma nuvem de chiclete e desodorante com aroma de frutas. Enjoativo.

O corredor rapidamente ficou lotado de alunos que deixavam as salas enquanto eu tentava passar sem ser notado. Uma menina loira de maquiagem pesada berrou quando me viu e esticou o braço como se fosse passá-lo em volta do meu pescoço para me abraçar. Ela parecia vagamente familiar. Na verdade, eu posso ter saído com ela uma vez, mas me desviei do braço dela e, colado à parede, dei alguns passos para evitar uma multidão de calouros que saía da quadra.

Dois jogadores do time de basquete estavam aloprando um moleque fracote, jogando a mochila dele de um lado para o outro e bloqueando o corredor. O moleque obviamente não ia durar muito no ecossistema do ensino médio, mas eu não ia me meter de jeito nenhum em um ato equivocado de heroísmo para ajudá-lo.

Em vez de tentar passar pelos jogadores de basquete, cortei pela sala dos professores para sair na ala de matemática e ciências bem quando David Cohen estava passando, conversando com um menino baixinho que eu não sabia como se chamava.

— Ei, David — eu disse quando o alcancei, e apontei para o outro menino cair fora. — Como estão as coisas? — perguntei.

— Indo — ele disse, me olhando desconfiado. O baixinho foi embora e instantaneamente foi engolido pelos alunos que corriam para deixar o prédio.

David era mais baixo do que eu por uma cabeça, provavelmente mal tinha

um metro e sessenta e cinco, parecendo ainda mais baixo porque seus ombros estavam sempre curvados sob o peso de sua mochila supercheia. Seu cabelo de judeu era muito mais crespo do que o meu, mas tínhamos a mesma cor de olhos e cabelos — castanho.

Olhei casualmente para o lado para me certificar de que ninguém estava prestando atenção na nossa conversa antes de dizer:

— Escuta, tenho outro trabalho para você.

— Outro? — ele perguntou, fazendo cara feia.

— Preciso de dois trabalhos de final de semestre para a aula do Bartlett.

— Ah, para com isso, Jesse, eu mal tive tempo de fazer meu próprio trabalho — David resmungou. — Você já me obrigou a fazer o de laboratório para metade do time de futebol. Como vou conseguir fazer dois trabalhos de final de semestre também?

— Eu sei que é muito trabalho em cima da hora, David — disse, mudando minha voz automaticamente para suave e calma a fim de afas-tar o mau humor dele —, e é por isso que vou pagar a você cinquenta dólares por cada trabalho.

— Não é questão de dinheiro — ele disse, balançando a cabeça. — Meu pai é presidente da universidade, Jesse. Acredite ou não, ele ganha mais dinheiro do que você.

— É, bem, por enquanto ganha — eu disse, apesar de David estar ocupado chafurdando-se na autopiedade, ele não estava escutando de fato.

— Estou sob muita pressão para ter boas notas — continuou, operando sob a suposição incorreta de que eu dava a mínima. — Tenho o Modelo das Nações Unidas, o centro acadêmico, é muita responsabilidade. — Ele enfiou a mão no bolso da calça cinza e empurrou os óculos sobre o nariz com o indicador da outra mão. — Tem muita coisa rolando, eu deveria pagar a *você* para fazer meu dever de casa.

— Sei que todo mundo tem expectativas altas em relação a você — eu disse enquanto caminhávamos. Com David era tudo questão de gerenciar suas birras, e eu precisava que ele estivesse no seu jogo, tinha muito dinheiro investido em suas habilidades. Não que eu estivesse tão desesperado pelo dinheiro: no ano anterior eu tinha conseguido um salário maior do que qualquer professor na Wakefield High School, sem impostos. — Talvez haja outra forma de eu te

ajudar — eu disse. — Se você não precisa do dinheiro, do que precisa?

Ele mal hesitou, o que me dizia que o pedido estava em sua mente antes mesmo de nossa conversa começar.

— Quero sair com Heather Black.

— Sem problema. — Meu cérebro já calculava os custos que eu teria de arcar nessa transação. — Só preciso de alguns dias.

— Sério? — ele perguntou, sua voz subindo num guincho. — Mas... você não costumava sair com ela? Ela não era sua namorada?

— Claro, é, a gente saiu — disse, assentindo —, mas não diria que ela era minha namorada. Relacionamentos não são a minha. Tem muita emoção envolvida.

— Eu estava... meio que brincando — David disse. — Não achei que você pudesse de fato... Como vai fazer para Heather Black sair comigo?

— Não se preocupe.

Nós dois paramos no meu armário e eu girei a combinação da tranca.

— Chame Heather para sair na semana que vem, e ela vai topar.

— Ela vai...? Você acha...? — As bochechas dele ficaram rosa e ele empurrou os óculos para cima. — Acha que ela pode topar? — perguntou, apoiando o ombro no armário ao lado do meu, tentando parecer casual e fracassando feio.

— Seu pai é rico, lembra? O que significa que você quase nem precisa ser interessante. Mas ela não é uma vagabunda, David. Não posso dar esse tipo de garantia. Desde que você não estrague tudo, ela provavelmente vai deixar você chegar à segunda base.

— É? — ele perguntou, o entusiasmo por trás de sua voz era suficiente para me dizer que o acordo estava fechado. — O que é segunda base?

— Depende da garota — eu disse, dando de ombros. — Conhe-cendo a Heather, vai ser mais longe do que você pode conseguir com outra pessoa. Então, dois trabalhos entregues com uma semana de antecedência, para que eles possam mudar algumas coisas, fazer parecer mais com o próprio trabalho deles.

— É, tá — ele disse com um suspiro cansado.

— Alderman! — um grito reverberou pelo corredor.

Os corredores estavam quase vazios agora, a maioria já tinha ido embora, o

que significava que eu estava atrasado.

— Ai, merda — David disse para si mesmo. — É o Burke. Estou caindo fora, cara. — E do nada ele se foi.

Dei uma breve olhada sobre meu ombro e lá estava o sr. Burke, diretor do colégio Wakefield, ávido jogador de golfe, pescador com-petitivo, pai de três filhos, e uma grande decepção para a esposa, para a comunidade e para si mesmo. Sua testa alta estava franzida, mas não num franzir bravo, num franzir preocupado, decepcionado. Preocupação e decepção definiam a vida de Burke.

Seu rosto era longo e estreito, e seu cabelo penteado para trás num tufo no alto da testa dava a impressão de que sua cabeça era até mais comprida do que na realidade. Eu sempre me perguntei por que sua esposa não dizia a ele para manter o cabelo mais curto, para tentar criar a ilusão de que sua cabeça não era tão longa. Acho que sua esposa não se importava com ele mais do que os alunos do colégio Wakefield, ou seja, nada.

— Estava te procurando — Burke disse, parando atrás de mim e esperando que eu me virasse para ele.

— Ah, é? A secretária não sabe onde me encontrar durante as aulas? Tenho certeza de que eles têm meus horários. — Fechei o armário e me virei para dar a ele toda a atenção.

— E-eu ouvi dizer que você é alguém que poderia resolver um problema para mim — ele disse.

— Quem te disse isso? — Levantei uma sobrancelha, questionando.

— Algumas pessoas mencionaram — ele disse, evasivo. — Aqui é um colégio. Sem segredos.

— Está certo quanto a isso — eu disse enquanto pendurava minha bolsa de carteiro no ombro. — O que você acha que posso fazer por você?

Ele hesitou por um minuto, se decidindo, então esfregou as mãos como que para aquecê-las.

— Há uma pessoa em particular que está me causando problemas.

Inicialmente surgiu na minha cabeça a ideia de que ele estava tendo um caso com uma aluna. Há algumas meninas que são surtadas o suficiente para se entregarem a uma figura de autoridade como o Burke, mesmo que sua cabeça lembre uma abobrinha.

— Que tipo de problemas? Se quer minha ajuda, vai precisar ser mais específico — eu disse, lutando contra a vontade de olhar meu relógio. Eu já estava atrasado e agora tinha de pensar em como iria arrumar uma transa para o David. A agenda estava enchendo rapidamente.

— Travis Marsh — ele disse.

— Acho que eu o conheço. — Assenti e forcei a vista com um olho, como que buscando pela lembrança o rosto de Travis. — Espinhento, loiro?

É óbvio que eu sabia quem era Travis. Vendia pelo menos sete gramas de erva por semana para ele. Não estava claro por que Travis insistia em vir para a escola. Ele nunca estudava, mal frequentava as aulas e provavelmente lia como um aluno de terceira série. Eu só podia supor que os professores o passavam apenas para se livrar da ameaça de acabar tendo-o na classe por mais um ano. Travis era grande, mais de um e oitenta, e cheio de músculos. Às vezes ele gostava de fazer bullying com os moleques mais fracos, mas nunca tinha me dado problema.

— Esse mesmo — Burke disse, me trazendo de volta para o presente.

— O que tem ele?

— Ele é uma ameaça à minha autoridade — Burke disse com a voz carregada de tensão. — Não faz diferença em quantos apuros ele se mete. Não importa quantas vezes ele seja enviado para a diretoria, Travis trata tudo como uma piada. Os outros alunos, minha equipe, todo mundo me acha incompetente porque não consigo controlá-lo. Outro dia, ele pichou meu carro.

— Como sabe que foi ele?

— Ele assinou — respondeu com uma voz pesarosa e derrotada.

— Você chamou a polícia?

— A polícia disse que não era prova o suficiente, que qualquer um poderia ter assinado o nome de Travis. Sem impressões digitais, não é um crime sério, então não iam investigar. Mas metade dos alunos viu a pichação antes que eu pudesse arrumar o carro. Travis Marsh está ameaçando o próprio sistema de disciplina desta escola. Ele tem que ser detido. — No final de seu pequeno desabafo, gotas de suor irrompiam de sua testa e pontilhavam seu lábio inferior.

Dei a ele um minuto para se recompor antes de falar novamente:

— O que acha que posso fazer em relação a isso?

— Quero que ele suma — Burke disse, apesar de eu poder ver que custou um pouco para ele admitir isso.

— Suma? Tipo morto? — perguntei principalmente para me divertir, mas ainda curioso do que ele iria dizer.

Burke pareceu chocado, com os olhos esbugalhados.

— Não! — gritou. — Não quis dizer... Céus, não poderia... Quero dizer, você não faria isso, certo?

— Você não poderia pagar, mesmo que eu estivesse oferecendo esse tipo de seviço — retruquei com um gesto de desprezo. — Então, o que tinha em mente?

Ele ainda parecia um pouco incerto. Pressionou um dedo peludo contra o queixo como um chimpanzé contemplativo.

— Travis só tem dezessete anos. De acordo com a lei, ele pode ficar no sistema público de ensino por mais três anos. As coisas vão fugir do controle nas férias de inverno se ele ainda estiver por aqui. Preciso de uma desculpa para expulsá-lo, uma razão incontestável. — Este último comentário foi ponderado com todas as implicações do que ele estava pedindo.

— É um problema interessante — respondi, reflexivo.

— Significa que vai fazer? — ele perguntou, prendendo a respiração enquanto esperava minha resposta.

— Talvez. Sabe que há um preço envolvido?

— Supus que sim — admitiu e esticou a mão para alcançar o bolso de trás.

— Não esse tipo de preço — eu disse. — Fique com o dinheiro. Quando eu resolver seu problema, você vai me dever um favor. Me dê uma semana, se eu precisar me comunicar com você, será através de uma associada. — Ele abriu a boca para protestar, mas eu o cortei. — Não se preocupe. Ela é discreta. E precisamos dela para que não haja conexão entre mim e você.

— Tudo bem, legal — ele cedeu, e começou a sorrir, então pareceu se lembrar de que não seria apropriado.

Esbarrei nele a caminho da porta. Agora eu estava mesmo com a agenda atrasada.

Dois

Quando estacionei na frente da casa de Ken Foster cerca de uma hora depois, ele e seu bando estavam jogando bola na área da frente. Sua casa era uma estrutura maciça de tijolinhos em estilo georgiano com um portão ornamentado de ferro fundido bloqueando a entrada de cascalho. O gramado perfeitamente podado podia muito bem ser um carpete verde, nenhuma folha caída desordenava os canteiros ou manchava a grama quimicamente tratada.

Eu tinha ignorado as seis mensagens de texto que Ken havia me mandado desde o fim do dia na escola. Ele não estava me pagando para ser seu amiguinho virtual.

Ken estava cercado por sua turma de costume. Com sua jaqueta de letras pretas e douradas, eles pareciam um enxame de vespas. O canto da minha boca se levantou quando a ideia me pareceu engraçada.

O cabelo preto bem aparado de Ken reluzia com o gel, e ele tinha uma sombra permanente de barba por fazer. Ken era considerado um sonho por qualquer garota, e também alguns dos caras que vagavam pelos corredores do colégio Wakefield. Eu costumava tentar passar despercebido por caras como o Ken. Ele era uma figura pública demais — capitão do time de futebol, primeiro candidato para rei do baile e um completo babaca.

— Ei, Sway! — Ken me chamou quando eu saía do carro. Estremeci mentalmente com o uso do meu apelido. — Porra, onde você estava? Te mandei mensagem a tarde toda.

— Ei, Ken — eu disse, ignorando sua pergunta e seu bando.

— Conseguiu? — ele perguntou, se aproximando para espiar o banco de trás do meu carro.

— Claro — respondi. — Dois barris da cerveja mais tosca possível.

Ele riu, apesar de eu não ter dito nada engraçado.

Ken e eu não éramos amigos. Não tenho essa coisa de amizade pró-xima. Ligações com outras pessoas são um comprometimento. Eu orbi-tava em torno dessa turma, os moleques boas-pintas, atléticos, caras que sugam toda a popularidade e atenção, mas nenhum deles era meu amigo.

O bando lutou para tirar os barris do carro enquanto Ken e eu ficamos lá assistindo. Foram preciso quatro deles para carregar os barris até a entrada e o quintal, dando a volta na casa, o que nos deixou sozinhos no meio-fio.

— Vai estar por aí? — Ken perguntou. — Meus pais vão ficar fora no final de semana, então vai ser uma festa matadora.

— Talvez eu volte mais tarde — respondi, evasivo. — Por enquanto só fico aqui até pegar minha grana.

— Certo — ele disse, buscando a carteira no bolso de trás. Ele contou um maço de notas de vinte e passou para mim. Já tinha me virado para ir embora quando ele me chamou de volta.

— Ei, Alderman — Ken disse em uma voz baixa e conspiradora. — Escuta, tem outra coisa que queria falar com você.

— Ah? — fingi interesse.

Ele olhou ao redor do quintal deserto por um momento, certi-ficando-se de que não seria ouvido.

— Quero que você me consiga uma garota.

— Bem, você sabe que essa não é bem minha parada. Não que eu seja contra isso em termos morais ou legais — eu disse, levantando as mãos em súplica —, mas, estritamente falando, não me meto com prostitutas ou garotas de programa.

— Não esse tipo de garota — Ken retrucou, parecendo meio puto com a sugestão de que estaria desesperado o suficiente para pagar por isso. — Só uma mina normal.

— O que quer que eu faça, a sequestre? — perguntei.

— Muito engraçado, sabidão — ele rebateu e notei que suas bochechas ficaram um pouco vermelhas. Intrigante. — Você é o cara que arruma coisas para as pessoas, certo? E o que quero que você me arrume é uma garota.

— Não vai ser barato — eu disse, me certificando de que aquele ponto estava claro.

— O que você cobrar, posso pagar.

Prendi a respiração e dei a ele toda a minha atenção.

— Estou te ouvindo.

Ele olhou sobre o ombro novamente para ver se tínhamos uma plateia, antes de dizer:

— O nome dela é Bridget Smalley, e quero que ela saia comigo.

— Já tentou apenas convidá-la?

— Claro que a convidei — ele respondeu, revirando os olhos. — Ela disse não. Disse que achava que a gente não tinha nada em comum. — A testa dele franziu com uma frustração confusa. Tenho certeza de que aquela tinha sido a primeira vez na vida do Ken que lhe fora negado algo que a beleza e o dinheiro podiam comprar.

Tecnicamente, David Cohen não tinha me contratado para lhe arrumar um encontro com Heather Black. Pelo menos do seu ponto de vista, era um favor que eu estava fazendo a ele, não percebia que ao aceitar tal favor ele estava se colocando em dívida. David era a pessoa mais socialmente embaraçosa do planeta, então arranjar um encontro para ele com qualquer uma valeria meia dúzia de trabalhos do semestre. Conseguir um encontro com Heather Black, a garota mais popular da escola, me daria capital suficiente para ter David pelo resto de sua carreira no ensino médio.

Mas Ken me contratar para arrumar uma garota para ele não fazia sentido algum, e não era exatamente um trabalho que eu quisesse fazer. Ainda assim, negócio é negócio, e não tenho o hábito de recusar dinheiro.

— Por que quer sair com ela? — perguntei.

— O que importa? — ele rebateu, irritado. — Você está fazendo um programa de entrevistas ou sei lá o quê?

— E o que você quer que eu faça?

— Quero que faça acontecer — respondeu. — Descubra como fazer com que ela saia comigo.

Deixei minha mente vagar por um minuto. Pensar, para mim, não é tão simples quanto é para a maioria das pessoas. Leva tempo para repassar todos os ângulos.

— Então? — Ken disse com expectativa.

— Achei que as garotas faziam fila para sair com você. O que tem de tão especial nessa mina?

— Bem, pra começar ela é bonita.

— Muitas meninas são bonitas — eu disse com desprezo.

— Essa é diferente.

— Ela vai estar aqui à noite?

Ele balançou a cabeça.

— Não, perguntei a ela. Ela disse que os pais são bem chatos em relação ao horário que ela chega em casa, mas acho que só estava me dando um perdido.

— E você só quer que eu a faça sair com você?

— É, só fazer com que ela vá num encontro comigo. Acho que ela é do tipo que você tem de ir devagar, tipo três ou quatro encontros antes de realmente poder esperar que ela ceda.

— Parece meio caro. Talvez uma puta fosse mais barato.

— É. — Ken riu um pouquinho, porque é o tipo de cuzão que acharia isso engraçado.

— Mas essa menina... Bem, enfim, vale a pena um esforço extra.

— Se você diz. Me dê duas semanas e vou ter algo para você.

— Duas semanas? — ele bufou, indignado. — Que droga vai fazer que precisa de duas semanas?

— Olha, vou te arrumar a garota se é para isso que sou contratado. O método é confidencial. Pegar ou largar.

— Ótimo — disse ele. — Mas só tem dois meses até o baile. Quero que ela seja minha antes disso.

— Você disse que o nome dela é Bridget Smalley? — perguntei enquanto pegava meu celular e inseria algumas notas na minha agenda.

Entre negociar trabalhos, fazer com que delinquentes juvenis fossem expulsos da escola e dar uma ajuda para festas, como os barris de Ken, eu mal tinha tempo de pensar. Não pensar era o objetivo final.

Três

Era uma perfeita noite de outono na Nova Inglaterra, o sol que se punha pintava o mundo de dourado, então dirigi para a casa de Digger com a capota do meu Thunderbird 63 abaixada. A cidade estava sufocada de salpicos vivos de laranja, vermelho e amarelo, com as árvores em sintonia para seu show anual. Passei pelo centro histórico — curiosas alamedas arborizadas com lojas de antiquidades, butiques e restaurantes —, esta época do ano tomado de turistas que vieram de Nova York e alhures para as cores do outono.

Fora da cidade, os majestosos prédios históricos davam lugar a sub-divisões de casas pré-fabricadas mais novas, e então, mais distante, a estacionamentos de trailers e casas simples de madeira que eram pouco mais que barracos. Ali havia apenas minishoppings cheios de Walmarts, lojas de 1,99 e tacabarias. A maioria das pessoas nunca via esse lado da cidade — poucas tinham algum motivo para se aventurar ali na peri-feria, onde zeladores, motoristas de ônibus e tiazinhas da cantina viviam.

Digger me cumprimentou na porta com um grunhido e não esperou para ver se eu o seguiria para dentro.

— Caralho! — ele gritou quando se sentou e bateu na coxa magrela com revolta. — Eu disse para ela gravar a porcaria de um bom programa para mim, e a merda está cheia de coisas sobre gordas tentando perder peso e episódios de *Jersey Shore*.

Digger estava reclamando da esposa, uma mulher rechonchuda mas inexplicavelmente atraente, com sobrancelhas finas demais e uma grande coleção de roupas esportivas. Ele nunca falaria dela desse jeito na sua presença, morria de medo dela, mas quando ela não estava por perto, ele gostava de encher a boca, como se fosse o rei do pedaço.

O fato de Digger ser casado era prova de que há alguém por aí para todo mundo. Magrelo, de pele ruim, com sujeira acumulada nas cutículas roídas, ele parecia dez anos mais velho do que sua verdadeira idade, trinta e quatro anos.

Digger estava satisfeito no topo de seu pequeno império. Ele havia subido no ranking: não era mais apenas um inquilino, mas um proprietário de um trailer

duplo, fato que o tornava praticamente um deus entre o povo da roça que estava abaixo dele. Ele movimentava cerca de cinco quilos de droga por mês, e o único motivo pelo qual nunca tinha aparecido no radar de nenhuma força da lei era porque não havia muita gente que podia se importar com o fato até de ele existir.

Ele trabalhava em tempo integral como coveiro no cemitério Mount Comfort, não muito longe de onde seu trailer ficava estacionado, pro-vavelmente ganhando nove dólares por hora, mas curtindo o trabalho. Sua gente havia arrancado o sustento do solo improdutivo de Hill Country por gerações, e estava em seu DNA fazer trabalhos pesados e nunca ser reconhecido por isso. O salário do tráfico de drogas o mantinha bem suprido de Mountain Dew, maços de Newport Gold e canais de TV por satélite suficientes para deixar a NASA verde de inveja.

Em algum ponto de sua história, ele havia cumprido seis anos por assalto à mão armada numa penitenciária federal. Desde que deixou a prisão, Digger nunca mais conseguiu voltar ao normal, quase nunca saía de casa, a não ser para trabalhar, e tinha estranhas paranoias. Uma paranoia normal seria a de que a polícia o mantinha sob vigilância, mas ele se concentrava em preocupações mais criativas que geral-mente envolviam conspirações globais — controle de natalidade no fornecimento de água, ou cartéis de droga colocando aditivos na maconha para reduzir a produtividade dos homens brancos da classe operária nos Estados Unidos.

Digger era um traste. Um chapado. Um caipira.

E um sobrevivente. Posso respeitar um sobrevivente.

Não que ele fosse excepcionalmente brilhante ou empreendedor, o que em seu ramo é um requisito para se chegar a qualquer lugar perto do topo. Digger era como um cara que vende saquinhos de maconha num show do Phish. Isso não é empreendedorismo — ele é só outro perdedor num mar de mediocridade. Eu respeito o cara que vende sanduíches de queijo quente no estacionamento depois do show do Phish. Ele é inovador, um pensador, o tipo de pessoa que você quer ao seu lado depois que o apocalipse vier e os sobreviventes estiverem vivendo de baratas e água radioativa.

Esta tarde, Digger estava empolgado com algum tipo de manga-rosa. Não a ganja verde-viva que ele estava empurrando, os brotos grudentos, pesados e

praticamente sem sementes. Ele estava atento e se mexia sem parar em seu sofá reclinável, sua bunda magrela mal deixando marca no assento. Ele cuidadosamente dechavou a erva e carregou o bong, que, eu sabia, seria passado para mim. A etiqueta de compra de maconha ditava que o comprador tinha de dar um pega no bong na presença do traficante. Algum mito de longa data dizia que um policial à paisana não iria fumar a coisa pra valer, porque então ele mesmo estaria sujeito a acusações criminais. Tudo baboseira, claro. Qualquer um que acreditava nisso tinha menos conhecimento das leis do que o tapado padrão que assiste a *Law & Order*.

Erva não é minha droga. Te deixa lerdo e idiota. Mas etiqueta é etiqueta, e eu daria um pega no bong.

Eu não crio ondas. Eu surfo.

— Cara, esta merda é da boa — disse Digger com um sorriso ávido enquanto passava o bong Graphix de quase um metro para mim, como se fosse uma espada. — Dá um pega — falou como se eu não tivesse dado uma centena de pegas sentado em seu conjunto de quatro sofás.

Tentei segurar a tosse, sabendo que ia apenas fazer minha cabeça rodar mais. Um barato surpreendentemente bom, descia macio.

Digger pôde ver que aprovei a erva, e isso o deixou feliz. Ele era mesmo como uma criança e eu me perguntava como ele tinha acabado com um bagulho tão bom como aquele. Digger trabalhava com alguns caras como eu, um representante em cada um dos três colégios da área, e contava com a gente para movimentar seu produto. Não era nem trabalho de verdade, já que as pessoas certas sabiam onde me encontrar, sabiam as regras e tinham dinheiro para pagar.

— Você não estava aqui há uns três dias, cara? — Digger me perguntou quando se inclinou de volta em seu assento e acendeu um Newport.

— É. O negócio anda bom.

— É o que parece. O que você quer?

— Alguns gramas.

Ele deixou a sala e voltou um minuto depois com um saco de compras. Eu abri e tirei dois saquinhos Ziplock enquanto Digger começava a mexer no controle remoto novamente.

— Este está leve — eu disse, jogando um dos sacos na mesa de centro.

— Ah, merda, cara, aposto que aquele canalha desgraçado está roubando de mim de novo.

Digger estava falando do filho de sua esposa, um moleque de vinte anos com muita espinha e um péssimo ânimo. Seu nome era Grim; pelo menos era assim que todo mundo o chamava, até sua mãe. Eu conheci Grim em outro contexto, e era um trabalho regular evitá-lo.

Consegui me livrar da toca do Digger depois de mais meia hora de conversas sem sentido e um segundo pega no bong.

Liguei para Heather Black a caminho de casa e ela pareceu sur-presa, mas feliz quando a chamei para sair na próxima sexta à noite.

— Claro — ela disse. — Comemorando o quê?

— Sem comemoração. Só queria sair para comer. Vamos no Paolo’s — disse eu, sabendo que era seu favorito porque era caro. Uma garota como Heather se pesca pelo estômago.

Quatro

Quando cheguei em casa naquela noite meu pai não estava. Nenhuma surpresa. O som de *Tristão e Isolda* de Wagner tomava a casa, o que significava que Joey havia usado a chave extra escondida e estava com a pá virada. Joguei minha bolsa de carteiro no chão da cozinha e fui para a sala encontrar Joey esticada no sofá.

Vestida toda de preto, com o cabelo tingido de preto, esmalte preto, e olhos amendoados delineados com uma maquiagem preta gosmenta, ela parecia mais nova do que seus dezessete anos. Se ela era bonita, era impossível dizer sob todas as armadilhas de sua angústia adolescente. Sua figura não havia mudado muito desde o oitavo ano, quando nós nos encontramos na área de espera do lado de fora da sala do diretor. Joey sempre teve uma boca grande, e isso a metia em encrencas com frequência. Ela não conseguia deixar de fazer comentários sarcásticos sobre tudo, mas era capaz de guardar um segredo melhor do que qualquer um, e isso a tornava uma parceira valiosa.

Joey estava completamente imóvel no sofá, com os braços cruzados sobre o peito como um defunto.

— O que está fazendo aqui? — perguntei, desligando o Wagner e colocando na rádio XM.

— Eu estava ouvindo isso.

— Odeio Wagner.

— Nem sempre. Só desde que sua mãe...

— Que visu é esse? — perguntei, ignorando o comentário.

A resposta dela foi apenas silêncio por um longo minuto enquanto tentava testar minha paciência.

— Se por "visu" você quer dizer minha predileção pela cor preta — respondeu enquanto fechava os olhos novamente —, estou protestando contra a cultura de ganância e corrupção corporativa que influencia nosso consumo. Estou negando a moda do momento, a tentativa da mídia de ditar o que é beleza.

— Uh-huh — murmurei distraído enquanto zapeava para a estação que queria.

— Onde você estava?

— Dia cheio.

— Cheio de quê? — ela pressionou.

— Se eu te dissesse, você não acreditaria.

— Estou esperando para ser impressionada. Espera, deixa eu prati-car minha cara de espanto. — Ela arregalou os olhos e ficou boquiaberta enquanto piscava rapidamente. — Que tal?

— Assustador — eu disse com apenas uma olhadela. — Você não tem uma casa para ir?

— Falando em assustador, o namorado da minha mãe vai passar a noite lá. Estou perfeitamente confortável aqui.

Apesar de nunca admitir publicamente, Joey tinha vergonha da pobreza e de sua mãe, que era jovem demais quando saiu da escola e deu à luz ela. Sua mãe trabalhava como garçonete num restaurante da região, usava saias curtas demais para uma mulher da sua idade e tinha uma tatuagem de periguete na lombar.

— Tem algo para mim? — perguntei.

Ela suspirou quando se sentou, então buscou em seu sutiã e jogou algo na mesinha de centro.

— Preciso verificar? — perguntei enquanto me afundava numa poltrona à minha frente.

— Se quiser — ela disse, parecendo irritada e dando de ombros —, mas se quer mesmo saber, está tudo certo, eu conferi.

— Só estou perguntando. Da última vez que você pegou mercadoria para mim, não conferiu e terminei com quase seiscentos dólares de identidades falsas que não podia vender, porque a data de nascimento fazia as pessoas terem só dezenove anos. Rob Skinhead não tem uma política de reembolso.

— Você nunca vai me deixar esquecer isso, vai? — ela perguntou, revirando os olhos, cansada.

— Eu deveria? — perguntei secamente. — Não estou vendendo identidades para que as pessoas possam votar. Elas esperam que fun-cione para comprar álcool.

— É, tá, Sway — ela disse, usando meu apelido porque sabia que iria me irritar. — Entendi. Eu ferrei tudo da última vez. Mas foi só porque o Rob

Skinhead me dá arrepios. Odeio ir àquele lugar. E aquele espinhento do Grim sempre me olha como se quisesse me estuprar.

— Bem, você não é feia, o que quase compensa sua atitude de merda. Estou surpreso que você não fique lisonjeada com a atenção dele.

— Para de me encher o saco — ela disparou, estreitando os olhos. — Não estou interessada em ser sugada por seus joguinhos psicoló-gicos neste momento.

— Você fica irritadinha comigo, eu me esforçando para isso ou não — disse, colocando as mãos sobre a barriga e jogando a cabeça para trás. — Só estou sendo honesto. — Eu estava com fome, mas cansado demais para me levantar e preparar alguma coisa.

— Ah, é — ela disse com uma sinceridade irônica. — Pelo menos você é sempre sincero. Enfim, o DJ Kiddush vai fazer um som no Plant Nine esta sexta. Quer dar uma pirada?

— Não posso. Tenho um encontro.

— Com?

— Heather Black.

— Está saindo com ela de novo? — perguntou com um tom de desaprovação. — Sabe, você consegue coisa melhor.

— Acha mesmo? — soltei enquanto, alheio, balançava a poltrona de um lado para o outro.

— Claro. Você é gostosão. Se eu fosse hétero, estaria totalmente na sua.

— Só está dizendo isso porque é minha melhor amiga.

— Sou sua única amiga — ela corrigiu.

— Verdade. Mas, não, a coisa com a Heather é só negócio.

— Que negócio?

— Nada digno de nota, apesar de hoje eu ter recebido um pedido interessante daquele jogador de futebol babaca, o Ken.

— Odeio aquele cara — Joey disse com gravidade. — Você não devia fazer nada para ajudá-lo.

— Não estou fazendo pela bondade do meu coração. É só um trabalho.

— Bom, enfim. Odeio ele.

— Estou surpreso de saber que você se importa com ele.

— Ele sempre me chama de sapatão — ela disse, dando de ombros.

— Você *é* sapatão.

— Não — ela disse alto com o dedo em riste para me ensinar. — Sapatões usam camisa de flanela e All Stars e odeiam os homens. Sou lésbica. Nunca usei flanela na minha vida.

— Se você diz.

— Quer pedir comida chinesa? — ela perguntou de repente. — Estou morta de fome.

Balancei a cabeça com uma careta.

— Não, chinês não. É a única coisa que meu pai traz pra casa.

— É porque seu pai tem muita classe. Com minha mãe, é sempre pizza.

— Que tal comida indiana? — perguntei. — Você pega, eu pago.

— Por que não? — ela disse, ficando de pé e pegando minhas chaves da mesinha de centro.

— Toma cuidado com meu carro. Gosto dele mais do que de você.

— Tá, querido.

— Ei, Joey? — Ela quase já havia saído pela porta quando a chamei de volta.

— Sim? — ela recuou alguns passos e esperou, seus olhos se estreitando em suspeita.

— Eu odeio mesmo seu cabelo assim.

— Demais — ela disse, torcendo o nariz e mostrando a língua para mim. — Então vou manter assim para sempre. Ei, por sinal, Gray Dabson me atacou no corredor hoje. Disse que quer falar com você.

— Valeu pelo aviso. — Movi minha cabeça para um ângulo mais confortável contra a cadeira e fechei os olhos. — Vou evitá-lo como sarna.

— Boa sorte. Ele pareceu bem determinado. Quer que você o ajude com sei lá o quê.

— Ele pode pagar?

— Eu não iria te falar se ele não pudesse — Joey rebateu, impaciente. — Não sou idiota. Ele trabalha depois da escola desde o ensino fundamental, tem um monte de dinheiro economizado para a faculdade.

Suspirei e afundei mais na poltrona.

— Eu sei, eu sei — ela disse. — É difícil ser rei.

— Inveja é um sentimento feio, Joey.
Ela bufou e saiu sem mais nenhuma palavra.

Cinco

A sra. Fuller, coordenadora-chefe do Wakefield, me mandou um bilhe-te para me tirar da classe no dia seguinte. A escola ficava de olho em mim — queria se certificar de que eu não era uma dessas bombas--relógio que apareciam durante o almoço um dia com um sobretudo preto e uma arma para apagar alguns dos moleques populares.

Eu era só uma pequena inconveniência. Passava vinte minutos falando com a sra. Fuller e ela, em troca, se esforçava para convencer meus professores de que eu precisava de reforço positivo para preservar minha saúde mental. O resultado eram notas melhores do que eu de fato merecia. Afinal, ninguém queria ser responsável se eu seguisse o mesmo caminho da minha mãe.

Inicialmente eu me ressentia das visitas que a sra. Fuller exigia que eu fizesse à sala da coordenação, mas aprendi a usá-las em meu benefício. A sra. Fuller tinha muita influência sobre os professores, especialmente os homens. Era um tipo maternal, sem dúvida, mas a forma como ela se portava lembrava exatamente o que uma mãe faz para se tornar uma mãe.

Era também uma reformadora, uma dessas pessoas que gosta de se cercar de gente ferrada, e queria sentir como se estivesse mesmo ajudando almas machucadas. Eu era como o sonho de consumo dela em forma de estudante problemático — sem mãe, pai emocionalmente ausente, disposto a me expor e a desnudar minha alma em sua sala particular, cercado por seus pôsteres motivacionais com gatos fofos, arco-íris e filhotes de chimpanzés.

Sua influência era decisiva na época de relatórios de avaliação ou boletins. Eu me esforcei o suficiente para ter sossego nas minhas aulas, ficar fora do radar dos professores, mas na maior parte do tempo era só fingimento. Para qualquer tarefa importante, eu tinha um calouro na universidade local chamado Kwang na minha folha de pagamento. Ele fazia a maior parte dos meus trabalhos — dinheiro fácil para ele, que não desperdiçava os finais de semana em cervejadas, então era mais confiável do que um garoto padrão de dezenove anos. Ninguém me daria nenhum ponto por participação em sala ou esforço extra. Era o tempo que eu passava com a sra. Fuller que podia fazer ou acabar com minha influência

sobre os professores.

— Como está, Jesse? — a sra. Fuller perguntou quando deu a volta na mesa para me dar um tapinha amistoso no ombro.

— Muito bem — eu disse, tomando meu lugar de sempre numa das cadeiras de madeira de espaldar duro, o tipo de cadeira que era tão desconfortável que seu único propósito só poderia ser suportar alunos numa diretoria de escola.

Ela descansou o traseiro na frente da mesa e cruzou os braços sobre o peito. O resultado foi um impressionante decote no qual dei uma breve olhada. Quando tirou os óculos e se virou para deixá-los na mesa, sua saia subiu e tive um vislumbre da parte obscura.

Todas as músicas de Marvin Gaye que falavam de transas eram sobre uma mulher exatamente como a sra. Fuller. Eu me perguntava se o marido dela sabia e gostava do fato de termos acesso às partes femininas dela. A sombra do decote, o rebolar de quadris quando ela andava, o longo pescoço gracioso, tudo criando uma tiazinha bem catável.

— Como estão as coisas em casa? — ela perguntou.

A trilha sonora na minha cabeça abruptamente apagou os traços de “Let’s Get It On”, e eu me lembrei de me concentrar na tarefa em mãos. Dei de ombros, um movimento que expressa coragem através de uma indiferença simulada.

— Na mesma. Meu pai não fica muito lá.

— Sinto muito que não tenha um sistema de apoio melhor — ela disse, parecendo sentir muito mesmo. — Às vezes é difícil para os pais entender que, mesmo que o filho seja mais velho, que possa cuidar de si mesmo, ainda precisa de uma influência adulta positiva para guiá-lo.

— Bem, eu fico numa boa sozinho.

— Claro que fica. E não quero julgar seu pai duramente. Não poderia me imaginar na posição dele.

— Pode julgar. Eu julgo. Ele é um fracassado.

Agora ela mal podia esconder um sorriso triunfante, seus olhos se iluminando com vitória porque esse é exatamente o tipo de comen-tário que coordenadores de aconselhamento adoram. Ao criticar meupai na sua frente, eu a estava reconhecendo como do meu time, distinguindo-a dos sem noção, pais que simplesmente não entendiam os filhos.

— Talvez um fracassado. Mas tenho certeza de que ele te ama. Sabe, tudo *bem* ficar bravo, sobretudo bravo com ele. É perfeitamente natural.

— Eu não sinto nada mesmo — proferi a última declaração honesta que faria durante nossa conversa.

— Como estão indo as aulas?

Uma puta perda de tempo.

— Bem, acho.

— Só bem?

— Estou acompanhando — eu disse enquanto olhava para um ponto invisível ao longe e assentia. — É difícil. Fico distraído, frustrado com tudo às vezes. Parece tão sem sentido. — Isso era traiçoeiro. Não podia dar a ela a impressão de que eu estava tão confuso que alguma intervenção especial fosse necessária, mas ao mesmo tempo ela precisava ser sensibilizada a soltar sugestões úteis para mim na sala dos professores.

— E quanto às garotas? Está namorando alguém?

— A senhora sabe que é a única garota para mim, sra. Fuller — eu disse com um sorrisinho enquanto baixava o olhar para meu colo. Ela deu uma risada nervosa e puxou a barra da saia, esticando o tecido para cobrir os joelhos expostos. Como se os joelhos fossem a parte de sua anatomia que poderia me enlouquecer de tesão.

— Desculpe — eu disse, aparentemente com a mais profunda sinceridade. — Acho que fazer piadas é mais fácil do que falar sobre... bem, a senhora sabe.

Movida pela compaixão, ela se inclinou para alcançar minha mão e a apertou na dela. Suas mãos estavam secas e frias, a pele macia com alguma loção perfumada. De repente, senti que respondia ao contato fisicamente e deixei a sensação tomar conta de mim por um minuto. Ela tinha quarenta e poucos e sua figura era mais arredondada do que esguia, mas era uma dessas mulheres que sabem como se vestir para ressaltar cada vantagem. Eu me perguntava se a sra. Fuller sabia quantos garotos de Wakefield usavam fantasias com ela para ter orgasmos.

— A verdade é que estou feliz que meu pai nunca esteja em casa — eu disse, me inclinando para a frente e esfregando os vincos da minha testa. — Quando ele está lá, está bêbado, e sei que eu devia ter pena dele, tentar entender o que ele

passou, mas realmente não dou a mínima.

— Mas você entende que nada disso é sua culpa, certo? — Os olhos dela úmidos, quase pingando de pena e preocupação.

— É, claro, sei disso — respondi.

— Ei — ela disse, enquanto agitava a minha mão de leve. — Você está me ouvindo? Nada disso é sua culpa.

— Eu sei — falei, fixando meus olhos nos seus para que ela não pudesse desviar o olhar sem criar uma quebra abrupta na nossa conexão. Naquele momento, eu sabia que ela era minha.

Ela engoliu com um barulhinho e seus olhos reluziram com lágrimas.

— Estou aqui para você, Jesse, e estou feliz que sinta que pode falar comigo. Quero que saiba que eu faria tudo o que pudesse para te ajudar.

— Sei disso. Sei que eu não conseguiria ter superado sem a senhora. A senhora, hum... — Pigarreei e baixei o olhar como havia visto as pessoas fazerem quando estavam com medo de que seus sentimentos estivessem muito escancarados. Tinha cumprido a minha missão, e terminei a entrevista, mas precisava que fosse ela quem desse um fim naquilo. — ... a senhora significa muito para mim — eu disse, sabendo que isso nos deixava num território desconfortável.

Meu comentário acertou o alvo e reacendeu seu senso do que era apropriado para uma relação professor-aluno. Enquanto ela se movia para abrir alguma distância entre nós, eu lutei para manter minha expressão neutra. Meu pau ficou desconsolado pela repentina negação da atenção dela. Às vezes meu pau e eu tínhamos dificuldade em chegar a um acordo. Ela estava se afastando de mim, mas sorria novamente, seu coração tocado pelo afeto inocente de um garoto.

— Jesse, não quero que se preocupe com nada — ela disse enquan-to se levantava para sair. Eu podia ver que a sra. Fuller tinha decidido fazer o que fosse necessário para me ajudar. Na verdade, eu me sentia tão bem com nosso relacionamento no momento que não deixaria de considerar me formar no semestre de outono com honrarias.

Seis

É fácil adiar os deveres que você abomina, mas eu tinha concordado em juntar Ken com a garota dos seus sonhos. Comecei arrumando o horário das aulas da Bridget Smalley com meu contato na secretaria e procurando por ela no anuário do ano passado na biblioteca da escola. Na foto do anuário, ela estava com o queixo baixo, os olhos voltados para o alto para encontrar a câmera. Parecia recatada e levemente desconfortável em ser fotografada, com o sorriso quase tímido — como se não quisesse se expor muito ali. Definitivamente bonita, não que eu esperasse que ela fosse feia.

A última aula do dia para Bridget era de química, e por acaso eu estava passando pela porta quando ela saiu da sala. Eu tinha visto a foto dela, então sabia quem procurar, mas estava despreparado para quão mais linda ela era pessoalmente, uma dessas pessoas cuja beleza se recusava a ser capturada em digital, sua expressão e a sagacidade enfática por trás de seus olhos eram metade da atração. A foto também deixou de capturar suas cores, que eram como uma pintura a óleo sob a mão de um mestre barroco.

Ela tinha o cabelo cor de mel — alguém que não estivesse prestando atenção chamaria de loiro. Era um tom único que se negava a ser classificado como uma cor, mas dava para tentar. Eu imaginava que um homem podia passar dias sem pensar em mais nada. Seus olhos eram líquidos, chocolate, sua pele beijada pelo sol, bronzeada de maneira irregular de uma forma que você via que tinha acontecido naturalmente, o contorno das maçãs do rosto tingido de vermelho.

Olhando para ela, fiquei surpreso de que Ken tivesse notado sua beleza natural subestimada — ele era um filisteu quando se tratava de mulher. Mas os assuntos dele não eram da minha conta. Essa era uma pura missão de reconhecimento.

Na terça, segui Bridget depois da escola, o que não era uma proeza fácil, já que ela pegava um circular que seguia pelas ruas estreitas do centro. O ônibus a deixava no curioso bairro histórico, e ela caminhava para o prédio do asilo Sunrise. Lares para velhinhos pareciam sempre ter nomes assim, de “pôr do sol”, como se isso insinuasse que os internos estavam começando um novo capítulo

em vez de serem apenas armazenados para esperar pela morte.

Quando encontrei uma vaga para estacionar e segui para a entrada, ela já tinha desaparecido em algum lugar dentro do prédio. Havia uma recepcionista vestida com roupas cor-de-rosa de hospital, do tipo coberto com gatinhos e novelos de lã, ou ursinhos e coraçõezinhos, então o traje parecia mais com um pijama do que com um uniforme profissional. Ela era jovem, vinte e poucos talvez, e quando me aproximei, ela apenas sorriu. Apesar de eu estar formulando uma desculpa na minha mente para estar ali, rapidamente percebi que ela não iria me confrontar, então lhe dei um aceno e continuei caminhando. Na maioria dos casos, um passo confiante e um olhar cheio de propósito podem te levar a qualquer lugar sem problemas.

Um corredor curto levou a uma grande sala com uma TV num canto e uma série de mesas de jogos espalhadas, às quais idosos se sentavam jogando cartas, damas e dominó. Examinei a sala e encontrei Bridget conversando com uma senhora sentada numa cadeira de rodas.

A área além da sala de recreação era um longo corredor tomado por andadores e cadeiras de rodas. Quartos particulares, supus enquanto caminhava, dando rápidas olhadas para os quartos de portas abertas. Alguns estavam ocupados com pessoas vendo TV ou dormindo. Voltei para a área de recreação a tempo de ver Bridget empurrando a cadeira de rodas da mulher por uma porta automática de vidro que levava a um pátio com jardim.

Um idoso estava sentado numa cadeira de rodas perto da janela, com a cabeça abaixada, como se dormisse. Estava sozinho e longe dos outros. Eu me aproximei dele, me perguntando se poderia ter sorte de ele estar tão longe dali que nem notaria se eu o levasse para uma volta lá fora.

— Ei — eu disse. — Está aí?

— Mas o que...? — Ele levantou a cabeça, acordado e, aparentemente, de certa forma consciente. — Quem diabos é você? — perguntou, endireitando-se, suas mãos firmes nos braços da cadeira de rodas como se fosse saltar e agarrar meu pescoço.

— Relaxa. Desculpa, achei que estava dormindo.

— Eu estava! — disse ele, parecendo irritado.

— Olha, pedi desculpas. Só estava querendo pegar um velhinho emprestado

um pouquinho.

— Emprestado? Um velhinho?

— É — eu disse, olhando em volta para ver se havia uma opção melhor.

— O que planeja fazer com um idoso? É algum tipo de pervertido?

— Que nojo. Não, só preciso de uma desculpa para estar aqui.

— Por quê? — ele perguntou, curioso. — Está planejando roubar o lugar?

— Quê? — perguntei porque não estava dando muita atenção à conversa. Então me ocorreu o que ele havia dito. — Não. Nada disso. Olha, não posso explicar, mas só preciso de uma desculpa para andar pelo jardim por alguns minutos. Quer dar uma volta?

— Com você? — ele perguntou como se a ideia fosse levemente repulsiva.

— Talvez você possa fingir que é meu avô pelos próximos dez minutos e tal. Posso te pagar.

— Me pagar para ser seu avô — ele disse enquanto acariciava o queixo com um dedo grosso e retorcido, a unha cheia de linhas brancas. — Interessante. E não está aqui para roubar o lugar?

— Não.

— Porque, você sabe, essa gente toda — ele disse com um gesto expansivo — são velhos e frágeis, metade deles nem sabe que década é. Alguém poderia entrar aqui e depená-los. Seria fácil. Eles nem prestam atenção na recepção.

— É. Reparei nisso. Já pensou em roubar dos outros internos?

— Não faria muito sentido. Muito do que você pode arrumar aqui são bens que teriam de ser guardados — a maioria joias e eletrônicos. Talvez alguns cartões de crédito, mas tem um valor limitado nisso. Eu precisaria de um parceiro.

Assenti, compreendendo.

— Posso ver que você realmente pensou nisso.

— É, bem. Pensar é tudo que posso fazer neste lugar. Não suporto aquele babaca gordo que apresenta *The Price is Right.* Ele perdeu muito peso, mas ainda se parece com um babaca gordo para mim. Ele podia ser só gordo, é como eu vejo.

Estava claro que se eu não interrompesse aquele blá-blá-blá sem sentido ficaríamos lá a noite toda, falando sobre programas de TV e assaltos pouco

lucrativos em lares para velhinhos.

— Escuta — eu disse, paciente e razoável —, só quero caminhar no pátio por um tempinho e conversar com alguém. Você quer vir comigo, fingir ser meu avô e me dar uma desculpa para estar aqui?

— Avô? Quantos anos você acha que eu tenho?

— O suficiente para ser meu bisavô — soltei, cortando aquela conversa especulativa antes mesmo de começar. — Sério, estou meio com pressa.

— Por que eu deveria fazer isso por você? — ele perguntou.

— Posso pagar.

— Por que diabos preciso de dinheiro? — perguntou, obviamente curtindo ouvir o que ele mesmo dizia. — Acha que não tenho creme de hemorroidas o suficiente ou algo assim?

— Ugh, tá, só para. Vai me deixar enjoado. Podemos negociar depois. Só preciso de um avô pelos próximos dez minutos, acha que pode fazer isso?

Ele cruzou os braços sobre o peito, pelos grisalhos enrolados em contraste com as manchas senis escuras que cobriam seus antebraços, enquanto estreitava um olho e me encarava com o outro, coberto pela catarata.

— O que está tramando?

— Nada ilegal — respondi.

— Que bom.

Peguei as alças da cadeira de rodas e o empurrei pelo salão e para o frio relativo da tarde de final de setembro, a temperatura no interior era suficiente para assar alguém da minha idade. Bridget e a senhora estavam sentadas ao lado de uma fonte de metal que lançava água alegremente contra uma pilha de grandes pedras caídas. A idosa usava um suéter de lã, tinha os ombros caídos e a cabeça pendurada como uma ave de rapina.

Fixei um sorriso amistoso no rosto quando nos aproximamos do banco onde Bridget estava com a avó, que parecia o Mr. Magoo dos velhos desenhos.

— Oi — eu disse, fingindo um pouco de surpresa em ver Bridget enquanto estacionava o velho perto do banco onde ele podia ver a fonte.

— Olá — Bridget respondeu, forçando a vista para mim, o sol contra seus olhos. — Você estuda no Wakefield, não é?

— É. Você também?

— Sim, estou no último ano. Bridget Smalley. Qual é seu nome?

— Jesse. Alderman.

— Já ouvi seu nome. Legal te conhecer — ela disse, soando irracionalmente feliz. — Esta é minha avó, Dorothy Cleary.

— Melhor não sentar perto da gente — Dorothy disse, olhando furtivamente sobre ambos os ombros. — A CIA está me vigiando. Está me vigiando o tempo todo. — Ela apontou para uma janela do segundo andar do prédio e num tom lúgubre acrescentou: — Ali. Eles instalaram câmeras para mim. Vão atrás de você se não tomar cuidado.

— Esse é seu avô? — Bridget perguntou, ignorando o desvario de Dorothy.

— Hiram Dunkelman — o velho disse, se inclinando e estendendo a mão para ela cumprimentar.

— Nunca te vi aqui, Jesse — Bridget disse, bondosa. Ela estava sendo tão legal que parecia ser fingimento, mas não conseguia detectar nada em seus olhos além de um prazer genuíno em nos conhecer. Vou te dizer honestamente, eu fiquei um pouco assustado. Fiquei tentando descobrir qual era a dela, por que se importava em ser tão legal com um velho fracassado e seu neto, que não era ninguém importante o suficiente para que ela tivesse notado na escola em três anos.

— Moro aqui há mais de um ano — o sr. Dunkelman disse —, mas esta é a primeira vez que ele vem me visitar. Ele é um panacão. Moleque ingrato como a mãe.

— Ah — Bridget soltou. Ela queria levar na brincadeira, mas olhou de mim para o sr. Dunkelman esperando que um de nós sorrisse. Quando nenhum de nós fez isso, ela apenas pigarreou e se virou para a avó, que parecia estar prestes a dormir. — Está quentinha, vovó? — perguntou com a voz tão elevada que espantou os patos que se exibiam nas rochas quentes. A mulher parecia alheia aos cuidados de Bridget e me perguntei se ela sabia ao menos onde estava.

— Você está sempre aqui — o sr. Dunkelman disse. — Eu te vejo com sua avó, o quê, uma vez por semana?

Bridget assentiu.

— Sim, geralmente eu venho toda quinta, mas esta semana não pude vir no dia de sempre, então pensei em dar só uma passadinha hoje.

O sr. Dunkelman se virou o máximo que podia no assento para fixar sua cara feia em mim.

— Viu? Ela vem uma vez por semana. E eu, o que ganho? Você nem vem para me levar ao templo para o Rosh Hashanah.

Arregalei os olhos, tentando mandá-lo fechar a boca.

Bridget me lançou um sorriso solidário e disse:

— Não sei se faz diferença, se ela sabe que estou aqui ou não. — Ela esfregou a mão retorcida da avó enquanto falava.

— A brisa marinha pode te dar um resfriado daqueles — Dorothy disse. — Por isso é que passo a maior parte do tempo com a coberta ou na minha cabine.

— Às vezes ela acha que está num navio — Bridget cochichou para nós, disfarçando. Nós três ignoramos educadamente a loucura de Dorothy com um breve silêncio. Foi o sr. Dunkelman quem quebrou a pausa desconfortável.

— Tenho certeza de que ela gosta que você venha — disse com os cotovelos na cadeira de rodas, inclinando-se para a frente enquanto falava. — Só o fato de você tocá-la, dá a ela uma mudança de cenário. Estou certo de que faz diferença para ela. — Ele disse, lançando outro olhar acusador na minha direção, como se eu realmente fosse o neto ingrato que nunca vinha vê-lo. Mordi meu lábio inferior num esforço para não rir ou xingar, ou ambos.

O sorriso de Bridget se abriu e senti meu coração se apertar no peito enquanto deixava de bater por um instante. Onde o sol tocava o cabelo dela e os planos de seu rosto, ela irradiava dourado, calor e luz, como se fosse um anjo iluminado pelos céus. Desviei o olhar enquanto o sr. Dunkelman voltava à conversa. Bridget e o sr. Dunkelman conversaram amigavelmente por alguns minutos enquanto Dorothy e eu permanecemos mudos, ambos entretidos com os patos, agora flutuando na fonte, mergulhando o bico na água de vez em quando. A situação toda se tornou rapidamente surreal. Por fim Bridget ficou de pé e assumiu o comando da cadeira de rodas novamente.

— Bem — ela disse —, está sendo legal falar com vocês. — Ela me incluiu, mesmo que eu mal tivesse dito duas palavras desde nossa apresentação. — Tenho de ir, mas espero te ver da próxima vez que estiver aqui para uma visita.

O sr. Dunkelman e eu ficamos de pé como amostra de educação enquanto ela partia, mesmo que fosse claramente uma luta para ele.

— Valeu. Foi perfeito — eu disse enquanto o empurrava de volta para o prédio.

— Ela é linda. Entendi por que você queria uma desculpa para falar com ela.

— Não é o que você pensa — disse, distraído, enquanto tinha um vislumbre daqueles cabelos dourados.

— Se você diz — ele disse. — Tem um carro?

— Sim.

— Bom. Me pegue aqui no sábado às sete.

— Oi?

— Meu pagamento — ele disse, impaciente, como se estivesse falando com um lesado. — É meu preço. Quero ir ao jogo de futebol na universidade.

— Não é o que eu quis dizer com pagamento. Eu te dou dinheiro, até te dou ingressos para o jogo, se é o que você quer, mas tenho planos para o sábado.

— Melhor cancelar, então. Eu odiaria contar a Bridget que você mentiu para ela, que você me ofereceu uma companhia desesperada se eu fingisse ser seu avô. Eu acho que você não terá nenhuma chance com ela depois disso.

— Acha que isso é por causa da menina, para mim? Que estou tentando levá-la pra cama ou sei lá?

Ele deu de ombros, indiferente.

— Não importa muito para mim. A única coisa que importa é que você não quer que ela saiba que você é um mentiroso. Isso me dá uma bela vantagem.

— Você é um puta velho safado, né? — perguntei, mas meio que admirei a forma como ele virou a situação para satisfazer seus próprios desejos.

— Só para te mostrar que não tem ressentimentos — ele disse, tomando controle de sua cadeira e guiando em direção à sala, onde a TV estava ligada no volume máximo —, eu pago as bebidas e os ca-chorros-quentes.

— Tá. Te vejo no sábado — disse, me retirando. — Mas daí estamos quites.

Sete

Bridget e eu acabamos deixando o prédio na mesma hora. Segurei a porta e fiz um sinal para ela ir na frente, enquanto ela abaixava a cabeça com aquela doce expressão de gratidão que já era familiar para mim.

Enquanto nos dirigíamos para a saída, perguntei se precisava de uma carona, e ela hesitou antes de responder. Sua relutância não me surpreendeu: uma menina tão bonita como ela estaria acostumada a ter mais atenção dos caras do que provavelmente queria.

— Estou indo para o Siegel Center — ela disse. — Certeza de que não vou te atrapalhar?

Mais uma vez ela me surpreendeu, já que tive a sensação de que estava realmente preocupada de que pudesse ser uma inconveniência. Não havia nenhum sinal de que estivesse usando isso como uma desculpa para escapar da minha carona. Ainda não conseguia entender qual era a dela.

— Não é fora do caminho — menti.

— Então tá — ela assentiu vindo se juntar a mim, sua mochila pendurada sobre um ombro. — Então, seu avô parece bem bravo com você.

— É. A gente tem muita história.

— Ah — murmurou rapidamente, se desculpando. — Certo. — Ela parecia ter se lembrado do motivo por já ter ouvido falar de mim. Meu nome passou de boca em boca nas fofocas da cidade por vários meses no ano anterior.

Bridget me agradeceu quando abri e segurei a porta do passageiro para ela. Ela cuidadosamente acertou a saia quando se sentou, como se quisesse minimizar a quantidade de pele que expunha para mim. Do que eu podia ver de suas pernas, a pele era morena de sol, com linhas pálidas no topo dos pés, marca de sandálias.

— Então — eu disse, entrando no carro ao lado dela —, sua avó sempre diz essas paradas estranhas?

— É — Bridget assentiu. — Ela tem demência. A CIA não está realmente atrás dela — acrescentou com a cabeça inclinada, disfarçando.

— Como sabe?

Ela não riu, não me deu um olhar estranho, apenas pensou por um minuto e disse:

— Acho que não sei.

— Talvez ela tenha trabalhado como espiã quando era jovem.

Agora ela olhou para mim.

— Você tem uma ótima imaginação, Jesse.

— Acha mesmo?

— Sim. Usa seus poderes para o bem ou para o mal?

— Definitivamente para o bem — respondi, saindo da vaga e entrando no trânsito.

— Você escreve histórias, cria artes bonitas? Ou inventa mentiras para conseguir o que quer? — Um sorriso se esboçou no canto de sua boca quando disse isso, e eu percebi que a tinha julgado mal. Sua boa natureza não era resultado de ingenuidade ou falta de inteligência. Intrigante.

— Nada é bom ou mau — eu disse —, o pensamento é que torna as coisas assim.

— Shakespeare — ela disse, triunfante. — *Hamlet* é meu favorito.

— Deve ser difícil para você sempre ser a mais esperta e a mais bonita. — Notei suas bochechas ficando vermelhas, mas ela só me lançou um olhar fixo.

Seguimos em silêncio por um minuto e pensei que a tivesse irritado, mas, quando ela se virou para falar comigo novamente, não havia evidência disso em sua voz.

— Então, Jesse, se você pudesse ter um superpoder por um dia, qual seria?

— Isso é algum tipo de teste?

— Acho que sim — ela disse enquanto olhava pela janela, vendo o mundo passar. Como não estava virada para mim, aproveitei a oportunidade de estudar suas pernas novamente, os pelos dourados dos braços, o subir e descer de seus seios perfeitos enquanto respirava. — Gosto de fazer às pessoas essa pergunta — observou, interrompendo o curso dos meus pensamentos. — Acho que é uma boa forma de conhecer alguém. Sabe, se alguém diz que gostaria de ser invisível, isso significa que provavelmente roubaria de você ou invadiria sua privacidade se soubesse que não seria pego.

— E quanto a você? — perguntei. — Que tipo de superpoder iria querer?

— Mudei de ideia — ela disse, enrolando um cacho do cabelo. — Mas acho que gostaria de ser capaz de ler mentes, saber o que as pessoas estão pensando em vez de apenas o que estão dizendo.

— A maioria das pessoas não pensa em nada mais interessante do que está dizendo. Na verdade, isso provavelmente seria um superpoder entediante demais. Além disso, em geral dá para dizer o que as pessoas estão pensando.

— Ah, é? — ela perguntou com uma sobrancelha arqueada numa expressão travessa. — No que estou pensando?

— Que falo muita merda. Essa é fácil.

Ela apenas balançou a cabeça, seu cabelo formando uma poça cintilante ao redor dos ombros.

— Não te vi na escola com aquela menina... hum... é Josephine, certo?

— Joey — corrigi. — Só a chame de Josephine se quiser que ela fique brava.

— Joey, então. Ela estava na minha sala no ano passado. Ela é bem... criativa. É sua namorada?

— Definitivamente não — afirmei, com ênfase tanto no "defini-tivamente" quanto no "não".

— Por que definitivamente não? — ela perguntou, parecendo se divertir com sua linha de interrogatório.

— Porque ela é um tipo especial de louca. Não dá pra ir pra cama com uma menina com esse tipo de problema. Elas dão uma de *Atração fatal*. Logo tem uma criaturazinha do bosque dentro de uma panela no seu fogão.

A risada dela me assustou. Eu não estava tentando ser engraçado, mas senti um brilho quente se espalhar sob minha pele mesmo assim, com ela curtindo meu comentário.

— E você? — perguntei, dizendo a mim mesmo que era tudo parte do trabalho. — Namorado?

— Por que quer saber? — perguntou, espirituosa.

— Só pra puxar papo.

— Não, não tenho namorado.

— Por que não? O que há de errado com você?

— Por que tem de haver algo de errado comigo? Talvez eu só não queira um namorado. Você é algum tipo de machista?

— Agora sinto que você está tentando me confundir de propósito — soltei, desviando minha atenção da rua longa o suficiente para dar a ela um olhar desaprovador.

— Não tenho namorado porque não encontrei o que estou pro-curando num cara, só isso.

— E o que está procurando, Bridget Smalley?

— Alguém que seja gentil, inteligente e engraçado. Alguém que goste de arte e música e goste de falar sobre coisas interessantes.

— Esqueceu da parte do bonito.

— Ah, não ligo mesmo para a aparência — afirmou, fazendo um gesto de desprezo.

— Ah, sério? — disse, transmitindo descrença enquanto parava num cruzamento, e a estudei por um minuto antes de virar à esquerda.

— Verdade — ela insistiu. — Se gosto de uma pessoa, se ela tem bom coração, é o que a torna bonita.

— Leu isso num biscoitinho da sorte?

Ela lançou um olhar impaciente na minha direção, um olho se estreitou em uma crítica velada. Uma longa pausa se seguiu enquanto brincávamos de vaca amarela. Eu perdi.

— É, tá — eu cedi. — Acho que se uma pessoa é... legal, isso pode fazer com que ela pareça mais bonita.

Bridget deu um risinho triunfante para si mesma e se sentou mais reta, voltando a olhar pela janela.

Parei no estacionamento do Siegel Center. Apesar de ter passado lá milhares de vezes, eu não tinha ideia do que era ou do que acontecia lá dentro.

— Que lugar é este? — perguntei.

— Fazem programas aqui para pessoas com necessidades especiais — apontou, pegando a bolsa e a jaqueta do colo. — Sou voluntária pelo menos uma vez por semana, às vezes duas, ajudando as crianças. Quer conhecer? Dar uma olhada?

— Por que não? — eu disse e entrei numa vaga de estacionamento.

Ela já tinha se levantado quando parei ao lado do carona, mas deu tempo de segurar a porta até ela passar e fechar atrás dela.

— Que educadinho — ela observou, e eu tive a sensação de que ela estava me provocando de novo, mas não para tirar sarro de mim, e sim como um flerte.

— Então, você é a Madre Teresa ou algo assim?

— Dificilmente. — Ela bufou de um jeito bonitinho e meio sexy.

— Você visita sua avó, é voluntária no Siegel Center. O que faz para se divertir nos finais de semana, salva gatinhos ou trabalha fazendo sopão para os pobres?

— Agora está tirando com a minha cara — ela disse.

Apertei o passo para chegar à porta antes e abrir para ela, que me agradeceu e entrou.

— Não estou tirando com a sua cara. Estou mesmo interessado. O conceito de altruísmo me fascina, apesar de eu não acreditar realmente nisso. Você deve ter um motivo egoísta para todas as suas boas ações.

Ela estreitou um olho enquanto examinava minha expressão, então sorriu, como para mostrar que fui perdoado.

— Você é muito observador, Jesse, apesar de um pouco irritante. Decidi que vou gostar de você, mesmo que você não queira.

Meu estômago afundou e minha língua de repente ficou seca enquanto ouvia o que ela dizia e senti meu rosto esquentar. Era uma sensação estranha e me perguntei se eu estava ficando doente. Um minuto depois, o oco do meu estômago cedeu e eu a segui em silêncio pelo corredor. Bridget cumprimentou cada um que passava, a maioria pelo nome — a recepcionista, outros voluntários, até o faxineiro. As pessoas se iluminavam quando a viam — o rosto se abria em sorrisos e a voz era calorosa, com uma alegria genuína quando a cumprimentavam. Caminhar com Bridget era como caminhar com Jesus na estrada para a Galileia.

Atravessamos o prédio e saímos num gramado com canteiros e um playground. Um grupo de crianças, a maioria entre dez e treze anos, estava lá fora brincando com alguns adultos que pareciam entediados. Houve um barulho repentino do grupo e eu saltei alarmado, mas Bridget não pareceu intimidada. Um monte de moleques veio correndo, pelo menos aqueles que podiam correr, para cercar Bridget, e começaram a abraçá-la e beijá-la com um afeto indiscriminado.

Admito que fiquei meio surtado com isso. Esses moleques eram umas aberrações de circo — um gordo com um rosto de pizza e dentes projetados em vinte direções, uma menina com óculos tão grossos quanto vidro blindado e, juro por Deus, uma barbatana no lugar do braço direito, um moleque de muleta com a perna direita entortada num ângulo impossível e com o queixo todo babado. Meu primeiro instinto foi correr. E olhei para Bridget para avaliar como ela reagia a eles.

Incrivelmente, ela era toda sorrisos, submetida a abraços de esmagar os ossos e até um beijo no rosto do menino babão. Senti minha ânsia aumentar quando vi o rastro molhado que ele tinha deixado reluzindo na bochecha dela, e virei a cabeça para olhar outra coisa — qualquer coisa.

— Ei, gente — Bridget disse, animada. — Este é meu novo amigo, Jesse. Podem dizer oi para ele?

Meu Deus, ela estava de fato os encorajando a interagir comigo e por um segundo fiquei com medo de que iria ter de lutar com eles como animais selvagens. Mas eles apenas sorriram e acenaram para mim e disseram oi. Eu dei a eles um aceno tímido e estava ensaiando mentalmente minha desculpa para ir embora quando Bridget puxou minha manga e disse:

— Venha conhecer meu irmão.

Fiquei aliviado ao ver que o irmão dela não era nenhum tipo de mutante, mas um moleque de aparência normal, magrelo, de óculos e uma expressão azeda, encostado na parede do pátio com fones nos ouvidos.

— Pete, venha cá — Bridget disse, acenando para ele. Pete deixou relutante seu posto na parede e caminhou até nós. Ele mancava, o que lhe dava uma passada arrastada esquisita, e quando chegamos mais perto, pude ver que ele não tinha sido agraciado com a mesma beleza da irmã. A semelhança estava lá, mas seu rosto não era perfeitamente esculpido como uma estátua grega.

— Este é o Jesse — Bridget disse, apontando para mim. — Ele estuda no Wakefield também.

— Eu te conheço — Pete disse, quase como uma acusação. — A gente estava na mesma sala de estudos no ano passado.

— É? — fingi interesse.

— É, quer dizer, claro que não espero que você se lembre. Sempre se sentava

no fundo e eu ficava na frente com o... — ele parou de falar sem concluir o pensamento. Notei o olhar de solidariedade que nublava os olhos de Bridget enquanto eu estudava seu irmão e me perguntava quanto de um total excluído social ele realmente era.

— Você não namorava a Heather Black? — Pete perguntou.

— Saíamos — respondi sem me comprometer.

— Heather Black é tipo a garota mais linda da escola — ele disse.

— É, bem — eu disse —, ela compensa tendo uma personalidade de merda.

— Jesse é elegantemente indiferente — Bridget disse, sem um traço de ironia. — Tenho de passar um tempo com as crianças. Se algum de vocês quiser jogar bola com a gente, será bem-vindo. Pete vai te proteger — Bridget disse, dando uma piscadinha conforme se afastava.

Pete e eu nos encostamos na parede e ficamos em silêncio vendo Bridget com sua ninhada. Decidi que podia usar a oportunidade para reunir algumas informações indispensáveis sobre Bridget para o Ken.

— Você também é um mártir? — perguntei, quebrando o silêncio entre nós tão repentinamente que ele saltou, surpreso. — Passa o tempo todo ajudando os menos afortunados?

— Não — ele respondeu, desamparado. — Só há um anjo na nossa família.

Eu assenti, compreendendo. Como filho único, eu não entendia de verdade a aversão que existia entre irmãos. Era difícil compreender um relacionamento que podia fazer duas pessoas alternarem amor e ódio com tanta paixão, às vezes expressando ambos com apenas alguns minutos de diferença.

— Ela é voluntária porque o Siegel Center ajudou bastante minha família quando eu era mais novo — Pete concluiu como se isso fosse suficiente para explicar por que uma adolescente bonita e popular abriria mão do seu tempo para jogar bola com um bando de moleques estúpidos.

— Ajudou sua família com o quê? — perguntei.

— Não sei. A se ajustar para ter um garoto com necessidades especiais, acho. — Sua voz saiu amarga, o que me deixou interessado o bastante para me virar e olhar para ele.

— Por quê? O que tem de errado com você?

— Tenho paralisia cerebral.

— O que isso significa?

— Paralisia cerebral é um distúrbio cerebral.

— E daí? É retardado ou algo assim?

— Não, não sou retardado — ele retrucou como se *eu* é que fosse o retardado. — Ter PC não significa que você necessariamente tenha problemas de aprendizado, mas algumas pessoas com PC têm.

— É por isso que você tem um andar engraçado? Por causa dessa PC?

Ele me olhou por um longo minuto, com uma expressão incrédula, não brava, pelo menos não que eu pudesse perceber.

— É — ele disse com uma risada melancólica —, ando engraçado, uso óculos, tenho um rosto esquisito por causa da PC.

— Não tinha notado na verdade o troço do rosto esquisito — apontei, estudando o dele —, mas agora que mencionou...

— Não tenho controle dos músculos do lado esquerdo do rosto. É por isso que parece diferente.

— Ah. Então, Bridget é voluntária aqui toda semana?

Ele revirou os olhos.

— É, terça depois da escola, e eu sempre tenho que vir.

— Por quê? Quero dizer, se não quer, por que você vem?

— Ela só é voluntária por minha causa. Se eu não aparecesse, seria estranho.

— Estranho para quem? — perguntei.

— Não sei — ele disse, agora exaltado. — Pra mim. Pra ela.

— Por que apenas não diz para ela que gostaria de fazer outra coisa?

— Tipo o quê? — ele perguntou, como se de repente eu fosse o cara com todas as respostas.

— Bem, se não tem mais nada pra fazer, por que se importa de vir tanto aqui?

— O que você faz depois da escola?

— Trabalho, principalmente.

— Você tem um emprego?

— Sou meu próprio patrão.

Ele gargalhou, o que parecia dizer tudo sobre o assunto.

— Então, está apaixonado pela minha irmã?

— Por que acha isso?

— Todos os caras são apaixonados pela minha irmã — ele disse, soando um pouco cheio disso, mas não por ser protetor. Era mais como se ele estivesse cansado de ser o irmão que não era grande coisa.

— E por que isso? — perguntei como se não soubesse.

— Porque ela é bonita — falou novamente com um tom que sugeria que eu era meio lerdo.

— E daí? Não importa quão bonita seja uma menina, sempre há chance de que haja um cara em algum lugar que fique cheio das asneiras dela.

— Não com a Bridget.

— Ah, é? O que a torna tão especial?

— Não é fingimento. Ela é genuinamente uma boa pessoa.

— Eu só a conheci hoje, então não estou apaixonado.

— É uma questão de tempo — ele anunciou, melancólico, o que eu começava a perceber que era sua visão de tudo.

— Ela namora muito? — perguntei, já que estávamos no assunto.

Ele só balançou a cabeça.

— Ai, cara, e você disse que conheceu a Bridget hoje? Que Deus te ajude, amigo.

Nós dois ficamos em silêncio vendo como ela coordenava o jogo de futebol mais ridículo que já testemunhei. Quando ela me pegou a encarando, sorriu animada e deu um aceno discreto. Eu me peguei retribuindo o sorriso dela e lancei um olhar na direção de Pete para ver se ele estava assistindo, mas ele estava mexendo em seu iPod e não prestava atenção.

Depois de um tempinho, Bridget fez as crianças ajudarem a limpar tudo, e foi outra rodada de abraços e beijos antes de todos acenarem em despedida e ela vir pegar o irmão. Nós três caminhamos para o estacionamento, onde eu ofereci uma carona para casa.

Bridget me direcionou ao bairro deles, logo depois do centro da cidade — um bairro antigo, mas não parte do centro histórico.

— Então você faz isso toda terça, hein? — perguntei a Bridget como quem não quer nada. — É voluntária com retardados no Siegel Center?

— As crianças com quem trabalho têm alguma forma de deficiência física,

mas apenas algumas de fato têm algum tipo de deficiência de aprendizado. Pratico esportes com elas porque as ajuda a criar confiança em seus corpos, mesmo que tenham necessidades especiais, ou as ajuda a desenvolver a coordenação.

— É assim que eles querem que você os chame? — perguntei, cético. — Portadores de necessidades especiais?

— Bem, é apenas uma forma aceitável de descrever pessoas com deficiências. Meio que para dizer que só porque eles são diferentes não significa que não são tão capazes quanto as outras pessoas.

— Acha que chamá-los de "portadores de necessidades especiais" faz com que *eles* se sintam melhor ou faz você se sentir melhor? — disparei.

Uma risada brusca veio do banco traseiro, e eu vi Pete no retrovisor com um sorriso no rosto — não um sorriso de alegria, mas de escárnio — enquanto ele esperava Bridget responder. Antes disso, nem tinha notado que ele estava nos ouvindo, já que estava de fones de ouvido.

Ela mordeu os lábios com o som da risada de Pete, e a nuvem de solidariedade e tristeza que eu havia visto mais cedo nos olhos dela voltou.

— Não sei — foi a resposta de Bridget. Ela disse isso numa voz baixa e pensativa, enquanto sua mão se ergueu para ajeitar nervosamente um cacho cor de mel atrás da orelha.

Meu comentário a feriu de uma forma que eu não podia com-preender. A vontade repentina de tocá-la, de cobrir a mão dela com a minha ou afagar seu joelho me surpreendeu.

Quando ela se voltou e viu que eu a observava, sorriu, mas o sorriso não abrangia seus olhos.

Eles moravam em uma casa modesta de dois andares com lateral de madeira e uma cerca de arame enferrujada em alguns pontos. Definitivamente não eram ricos, talvez nem vivessem com conforto. Estacionei o carro enquanto ela soltava o cinto e pegava suas coisas do chão do carro. Pete já tinha saído do carro e estava no meio do caminho até a entrada.

— Valeu pela carona, Jesse — Bridget disse, hesitante, com um pé para fora da porta e a mão na maçaneta. — Talvez eu te veja da próxima vez que visitar seu avô. Ele parece um cara legal.

— Claro, é, como Átila, rei dos Hunos — eu disse.

Fiquei observando-a se distanciar, até estar fora da vista.

Mais tarde naquela noite, quando cheguei em casa, meu pai estava lá, e não estava sozinho. Quieto na cozinha, ouvi risadas vindo da sala, o barítono gutural do meu pai e a risada aguda e sonora de uma mulher. Ouvi o estalo de madeira contra madeira quando ele abriu o armário onde guardava as bebidas. Pensei em sair tão silenciosamente quanto havia entrado e voltar quando eles já estivessem ocupados lá em cima, mas eu estava cansado e só queria ir para a cama. Joguei minhas chaves no balcão para alertá-los da minha presença e fui para a sala.

Meu pai estava de pé diante da mesa de centro, servindo com a mão levemente instável dois copos de Maker's Mark com gelo. Oscilava de um lado para o outro para manter o equilíbrio.

— Ei, Jesse — cumprimentou, como se estivesse surpreso de me encontrar na minha própria casa.

— Oi, pai.

— Diga oi para a Angela — ele disse, forçando a vista para o copo que segurava, e então virando a garrafa para enchê-lo.

— Olá — eu disse com um aceno para a mulher no sofá.

Ela torceu o pescoço para me olhar, seu rosto se iluminou com um sorriso, seus olhos esbugalhados de surpresa e estupidez.

— Este é meu garoto, Jesse — meu pai anunciou num tom que sugeria que compartilhávamos algo além do DNA.

— Lindinho — ela berrou. — Deve ter puxado à mãe.

Ambos irromperam em risadas novamente e ela jogou a cabeça para trás, revelando seios fartos explodindo para fora de um vestido que fora feito para um corpo vinte anos mais jovem do que o dela.

Usava maquiagem barata, como a maioria das mulheres que meu pai trazia para casa, a raiz escura contra o cabelo tingido de loiro visível a dez passos de distância.

— Bem, ele é um filho da puta ranzinza, mas, vou te dizer, ele puxou para o pai quando se trata de tocar violão, não é Jesse?

Eu não respondi, apenas olhei com frieza para ele.

Eles não notaram a frieza entre nós quando segurei um suspiro, larguei minha mochila no chão e tirei minha jaqueta.

— Angela veio ver a banda tocar no Inn esta noite — meu pai informou como se eu me importasse sobre como ele havia conhecido sua mais recente conquista.

— Seu pai estava ótimo — ela disse, alcançando a bebida na mesinha de centro. — Que show legal.

— É, tivemos um grande set — meu pai acrescentou sem nenhuma modéstia aparente. — Mas você devia escutar esse moleque tocar. Cara, ele tem um ouvido tão bom, ele pode dizer o tom de um arroto. Não é? — ele me perguntou enquanto Angela soltava outra gargalhada.

— Se você diz.

— Ei, por que não pega seu violão? — meu pai disse, estalando os dedos. — Toque algo para nós.

— Eu vendi — informei com tédio. — Não toco mais.

Meu pai ficou um pouco mais sóbrio com isso, seu lábio superior se curvou num rosnado.

— Você o quê?

— Vendi.

— Aquele violão valia mais do que o carro que você dirige.

— Vendi para comprar comida — eu disse, o que o calou por tempo suficiente para eu sair e tomar o rumo do meu quarto.

Pluguei meu iPod na caixa de som e aumentei o volume para deixar o "Concerto nº 21 para piano" de Mozart preencher o espaço, então me joguei no colchão. Puxei o case do violão de debaixo da cama e o coloquei gentilmente na colcha.

Apesar de não ter tocado meu violão desde a morte da minha mãe, eu sabia que nunca seria capaz de me livrar dele. Numa época, ele tinha sido quase parte de mim. Agora ficava lá como um apêndice amputado, um traidor de seu corpo.

A madeira era como cetim ao toque quando passei o dedo ao longo da caixa de ressonância, dos sulcos sutis das cordas e da ligeira protuberância dos trastes. Após meses sem tocar, a ponta dos meus dedos tinha amolecido, e agora estava mais sensível do que havia sido em anos. Apesar de desejar a sensação física do

instrumento nos meus braços, a vibração de uma nota perfeitamente formada reverberando do corpo do violão no meu, eu mal deixei uma das cordas soar sob o deslizar dos meus dedos.

Nos últimos meses, eu tinha examinado o violão muitas vezes, tinha sentido seu desejo de que eu o segurasse e o tocasse. Apesar de ser uma antiguidade e valer mais dinheiro do que meu carro, era um instrumento feito para ser tocado. Várias vezes tinha pensado em jogá-lo do outro lado do quarto, imaginando o lascar da madeira, os grunhidos mortos das cordas contra os trastes, como uma respiração falha que anuncia a morte. A coragem para destruí-lo sempre desaparecia com rapidez. Não havia comoção suficiente para inspirar a destruição do meu mais velho amigo.

Oito

Mercadorias passam por minhas mãos como água — trabalhos de semestre, drogas, identidades falsas —, mas não têm o valor que a informação tem. A verdadeira riqueza é medida em segredos, segredos dos outros e os meus próprios. Segredos são poder. Toda vez que alguém me paga em dinheiro por algo também está involuntariamente pagando com seu segredo. Eu os possuo.

É fácil se embriagar nesse tipo de poder. Reunir e guardar infor-mações sobre as pessoas é um negócio, e um tipo de arte. Se você extra-pola os segredos com muita frequência, as pessoas param de confiá-los a você. Saber quando usar uma informação é tão importante quanto possuí-la.

Joey e eu estávamos na biblioteca na hora do almoço quando Gray Dabson finalmente me farejou. Eu tinha conseguido evitá-lo na maior parte da semana, mas ele estava determinado.

Gray Dabson era um cara alto e esguio — presidente do conselho estudantil, bom jogador de basquete, aluno que só tirava dez e editor do anuário. O mais notável nele era seu pomo de adão bizarramente grande. Enquanto se sentava em uma cadeira diante de mim na mesa de madeira marcada nos fundos da biblioteca, eu me perguntava se ele tinha noção do fato de que as pessoas não podiam deixar de olhar para o seu pescoço em vez de seu rosto quando falavam com ele.

— Jesse — Gray anunciou, estendendo a mão num cumprimento. Eu olhei sua mão por meio segundo antes de pegá-la para uma breve sacudida e me perguntei o que ele pretendia.

— O que posso fazer por você? — perguntei.

Joey escutava atentamente a vários assentos de distância, apesar de nunca tirar os olhos do livro que estava aberto na mesa à sua frente.

— Os membros do conselho e eu decidimos organizar uma lavagem de carros este ano para financiar atividades estudantis. — Ele parou depois de contar a notícia, como se esperasse que eu comentasse a originalidade da ideia.

— Acho que a ideia de vender bolinhos está passada — comentei secamente.

— Exato — Gray concordou. — Pensamos da mesma forma. Os

responsáveis por levantar fundos para os últimos anos conseguiram mais de setecentos dólares no ano passado e precisamos muito superar esse número.

— O que eles fizeram para levantar dinheiro no ano passado? — perguntei, apesar de estar incerto do motivo, pois eu não me importava mesmo.

— Foi uma mistura de venda de bolinhos e lavagem de carro. As pessoas podiam comprar comida enquanto seus carros eram lavados.

— Ah. — Minha mente estava enevoando.

— Logisticamente foi um pesadelo — ele continuou, obviamente imune à minha falta de interesse —, e houve muitos gastos. John Williams era presidente do conselho, então seu pai acabou assumindo todos os gastos para que pudessem manter cem por cento dos lucros, o que é um pouco injusto. Não podemos nem cogitar conseguir essa quantidade de dinheiro se tivermos de cobrir nossos gastos.

— Então o que isso tem a ver comigo?

— Tive a ideia de as líderes de torcida lavarem os carros, então mais pessoas apareceriam. Não estou dizendo que acho que elas deviam se vestir de forma insinuante — ele acrescentou rapidamente com uma olhada na direção de Joey. — Mas elas são extrovertidas, têm muito espírito acadêmico. Podiam ajudar na nossa causa.

— E? — pressionei.

Ele pigarreou e disse num volume discreto.

— Procurei Heather Black para falar disso, já que ela é a capitã. Ela me disse para ir para o inferno. Achei que você poderia ter alguma influência sobre Heather.

Meu olhar vagou até a mesa para se fixar em Joey, que agora nos olhava com curiosidade. Quando percebeu meu olhar, balbuciou uma palavra destinada apenas a mim. O movimento de sua boca foi tão exagerado que era impossível ver o que ela queria dizer.

— Que droga está dizendo? — perguntei a ela.

Gray franziu a testa confuso e olhou alternadamente para nós dois, como se assistisse a uma partida de tênis. Joey apenas balançou a cabeça e afundou de volta no livro.

— Então, acha que pode falar com ela sobre isso? Com Heather, quero dizer.

— Energia desperdiçada — eu disse. — Mesmo que pudesse convencê-la, ela não vai se entusiasmar com isso, e você vai terminar devendo mais do que vai faturar.

Seu rosto despencou e seu pomo de adão saltou quando ele inspirou e soltou um suspiro, desanimado. Deixei o silêncio pairar por dez segundos enquanto arrumava as coisas na minha cabeça. Então deixei mais cinco segundos de silêncio passarem antes de dizer:

— Mas talvez eu possa te ajudar de outra forma.

— Sério? — ele perguntou, com a voz num agudo não natural. — Tipo como?

— Na verdade — eu disse, me empolgando com a ideia —, posso garantir que seu evento vai ser popular e você vai ganhar tanto dinheiro que nem vai saber como gastar. — Fiz uma pausa e deixei que ele absorvesse por um minuto.

— Como vai fazer isso exatamente? — ele questionou.

— Meus métodos são confidenciais — respondi. — É pegar ou largar.

— Ótimo, desde que eu tenha sua garantia — ele disse com um sorriso nervoso que desapareceu rápido quando o olhei diretamente nos olhos de forma desaprovadora. Deixei ele se contrair por um minuto antes de desviar o olhar.

— Minha comissão é de vinte por cento sobre o bruto. E você é responsável por todas as despesas envolvidas.

— Vinte por cento? — exclamou num guincho, e seu pomo de adão saltou feito louco. — Parece... excessivo — completou, soltando um sorriso de desculpas. — Quero dizer, você entende que o dinheiro vai ajudar o conselho estudantil e financiar algumas das vantagens que oferecemos para todos os alunos? O baile de formatura, o baile anual, a viagem de formatura; tudo isso parcialmente coberto por fundos que vamos levantar na lavagem dos carros. Eu estava pensando... bem, acho que pensei... que talvez você quisesse doar seus serviços?

— Não entendi a pergunta — eu disse, ignorando os murmúrios ininteligíveis de Joey no final da mesa.

— Quero dizer, você podia doar o seu tempo — Gray acrescentou.

Que panaca. Nesse ponto, eu estava basicamente chocado que o cara tivesse sido capaz de vencer qualquer tipo de eleição. Só podia supor que ninguém mais

queria o cargo.

— Escuta, Gray — eu disse lentamente para que não tivesse de repetir. — Esses vinte por cento são meu incentivo. Faço um trabalho melhor para você, para seu evento, se eu tiver um bom incentivo financeiro em jogo. É sua política de seguro. Acho que um cara como você, um cara que entende a posição de gerência, pode compreender isso.

— Claro, sim. Entendo completamente — ele disse, soando mais incerto do que nunca. — Desde que eu tenha sua garantia de que vamos fazer o dinheiro de que precisamos. Esse evento precisa cobrir as despesas para o baile. Você sabe, decoração, banda, tudo isso.

— O que acabei de dizer? — eu disse, atravessado. — Você vai fazer tanto dinheiro que nem vai saber como gastar. Minha porcentagem não vai mudar isso. Então, olha, vinte por cento do total e vai me dever um favor. — Lancei o favor como uma ideia de última hora. Nunca se sabe quando pode vir a calhar.

— Claro, Jesse — ele concordou, ansioso como um labrador agora. — Qual é o favor?

— Ainda não sei. Eu te digo quando souber.

Fiquei de pé e reuni minhas coisas, e Gray entendeu a deixa para partir. Joey não se despediu, apenas deu um tapinha no meu ombro quando saiu para a próxima aula.

Ken estava esperando por mim quando cheguei ao meu armário, um bando de meninas estúpidas do primeiro ano rindo e dando piscadinhas para ele.

— Ei, Sway — Ken disse quando me aproximei.

Seu bando de adoradoras se dispersou e começou a se afastar quando Ken se inclinou num armário ao lado do meu para falar comigo.

— Já tem algo para mim?

Eu esvaziei minha bolsa na última prateleira do armário para ganhar tempo enquanto pensava no que podia dizer.

— Falei com ela uma vez. É uma nerd completa. Parece que gosta de passar a maior parte do tempo fazendo trabalho voluntário.

— É? — ele disse, sem fôlego. — Mas não está saindo com ninguém, certo?

— Não sei. Não falamos disso. Me dá mais uma semana e vou ter o que

preciso. Apesar de que, para ser honesto, não sei por que está perdendo tempo com isso.

— Você não entenderia — ele disse. — Bridget é diferente das outras meninas. Ela não usaria um cara pelo dinheiro ou ficaria com outro só para te deixar com inveja, sabe?

— Imagino — comentei, sem convicção. — Meninas bonitas dão muito trabalho; um mau investimento na maior parte do tempo.

Ken sorriu.

— Você sabe. Mas essa vale a pena. Acredite.

— Você está zoado — eu disse, sacudindo a cabeça. — Melhor você manter as emoções sob controle ou essa menina vai pisar em você. — Senti um caroço na garganta quando disse isso, percebendo que minha mandíbula estava bem tensa, e me perguntei que droga havia de errado comigo.

Nove

Levei Heather para o Paolo’s na noite de sexta, e foi um trabalhão. Heather adorava ir no Paolo’s porque (1) era caro e o lugar para ser visto na nossa cidade numa noite de final de semana, era sempre difícil de conseguir as reservas; e (2) a decoração envolvia muitos espelhos instalados em lugares estratégicos para que Heather pudesse admirar sua própria juventude e beleza de muitos ângulos enquanto cuidadosamente evitava comer a comida que ela havia pedido.

Naquela noite ela usava um vestido preto coberto de pedrinhas brilhantes e babados que constrastavam com minha jaqueta de lã levinha e calça social. Seu cabelo loiro tinha luzes, misturadas de forma artística demais para serem naturais.

Anthony, o proprietário do Paolo’s, me recebeu com um sorriso e um aperto de mão enquanto eu perguntava sobre o filho dele, um garoto gay tímido que foi incomodado sem dó em seu primeiro ano no Wakefield. Eu tinha alguém para cuidar do moleque agora, não deixava ninguém se meter com ele. Socialmente, ele ainda era meio isolado, mas pelo menos não estava levando surras regulares.

— Está muito bem, Jesse, muito bem — Anthony disse com um sorriso largo. — Eu te agradeço por tudo o que você fez por ele.

— Eu não fiz nada mesmo, Anthony. Justin é um bom garoto. Ele só precisava ser amigo do maior cara da escola.

— Isso é verdade, sim. — Anthony riu e colocou a mão no meu ombro.

Ele nos levou a uma mesa circular e abriu os guardanapos de linho com um floreio antes de colocá-los gentilmente no nosso colo. Fez uma leve mesura e abriu outro sorriso antes de nos deixar ao cuidado do garçom.

— Fiquei surpresa quando você me ligou — Heather disse depois que o garçom anotou nosso pedido de bebida.

— Por quê? — perguntei enquanto evitava cuidadosamente baixar meus olhos além de seu queixo, onde sua maquiagem terminava e o verdadeiro tom de sua pele começava.

— Porque sim — respondeu quase com um resmungo. — Você não me liga há muito tempo. Mesmo quando estávamos saindo, você agia como se não se

importasse se eu estava aqui ou não.

— Eu só ando ocupado. Tem muita coisa acontecendo.

Peguei o cardápio e o examinei atentamente, apesar de sempre pedir a mesma coisa.

— Sei que você não anda saindo com ninguém, não está namorando. Você não leva ninguém a sério desde que terminou comigo.

— É assim que você vê? Que terminei com você? — perguntei sem levantar os olhos do cardápio.

— Como você chamaria? — ela perguntou, se inclinando para a frente, seu peito descansando sobre as mãos cruzadas. — Nós saíamos. Eu não estava saindo com mais ninguém. Daí você simplesmente... foi embora.

— Algumas pessoas são melhores sozinhas — eu disse, me perguntando onde estava o garçom com nossas bebidas. Heather esten-deu a mão sobre mesa e tocou meu antebraço, seus dedos tão frios provocaram arrepios na minha pele.

— Estou feliz que você me ligou — ela disse, então subiu os dedos pelo meu cotovelo. — Sabe por que as meninas adoram caras que tocam violão?

— Me diga você.

— São seus braços — ela continuou enquanto descansava o queixo na outra mão e sorria sugestivamente. — Algo nos músculos dos braços. São diferentes dos músculos dos caras que levantam pesos. É bem sexy.

— Eu não toco mais — respondi, querendo livrar meu braço do toque dela.

— Certo. Eu... hum, esqueci — ela disse com uma risada terrivelmente inapropriada.

O garçom veio com nossas bebidas e pedimos o jantar. Como eu sabia que ela faria, Heather pediu a coisa mais cara do cardápio, e então deu apenas umas garfadas.

A noite ia me custar caro, de várias maneiras, mas era um investimento de longo prazo. Deixar David feliz significava menos trabalho a longo prazo. Eu só tinha de manter isso em mente conforme a noite avançava.

— Então — Heather disse quando me viu encher a última garfada. — Isso significa que vou ver mais você?

Limpei a boca com o guardanapo e o deixei de lado antes de res-ponder. Eu tinha de seguir com cuidado aqui.

— Você sabe que tenho muita coisa na mente, certo? — perguntei. — Preciso de meus amigos, só isso.

— Está dizendo que sou sua amiga? — ela perguntou, enrolando uma mecha de cabelo no dedo, com os olhos um pouco enevoados.

— Certo, claro. Mas... — Deixei meus olhos vagarem para os outros fregueses quando disse: — Acho que é difícil para mim conversar com alguém. Talvez com qualquer um além do David.

— Que David? — ela perguntou com uma expressão confusa.

— David Cohen.

— O nerd de roupas largas?

Sorri timidamente.

— É, sabe, ele não liga muito pro visual ou pra ficar chapado. Ele é um cara legal.

— Hum. Eu nunca imaginaria que vocês fossem amigos.

— Bem, a gente é. As pessoas não o conhecem de verdade, não o entendem porque ele é esperto, interessado em coisas diferen-tes. E sabe, mesmo que ele seja super-rico, tenha uma poupança enorme e tudo, ele fica na dele. Não fica se mostrando por ter muito dinheiro e tal.

Pude ver o cérebro dela sobrecarregado, calculando todas as coi-sas que um cara como o David poderia comprar para uma menina com os encantos físicos que Heather possuía. Seus olhos ficaram úmidos e eu sabia que ela estava faminta por mais detalhes. Ela não entenderia, mas coloquei a cereja no bolo para garantir o interesse dela.

— Enfim — completei dando de ombros —, só queria que as outras pessoas pudessem ver as qualidades dele, talvez curtir uma pessoa por algo além da aparência pra variar.

— Eu queria que todo mundo pensasse como você — ela disse. — Quero dizer, todo mundo acha que é tão fácil porque sou bonita e popular, mas não é que eu não tenha problemas também. — Ela fez um beicinho que parecia bem praticado. Se eu pensava em voltar com a Heather, um de seus beicinhos seria o suficiente para me desestimular. Era fascinante ver alguém completamente autocentrada.

Eu me ajeitei na cadeira e tentei relaxar pelo resto da noite. Meu tra-balho foi

bem planejado, mas ainda tinha de pensar em como levá-la para casa sem ter que colar minha boca aos lábios exageradamente brilhantes dela.

Dez

Por acaso o sr. Dunkelman gostava de reclamar. Muito. Quando eu o peguei no sábado para ir ao jogo de futebol, ele reclamou que era difícil en-trar e sair do carro porque os bancos eram baixos demais. Reclamou que as letras impressas de tudo eram pequenas demais para ler. Reclamou que a salsicha tinha provocado um piriri nele, mesmo comendo duas com cebola e mostarda durante o jogo enquanto eu rezava silenciosamente para seu intestino irritável não se manifestasse até eu deixá-lo no lar de velhinhos.

Mas, acima de tudo, ele gostava de reclamar do quão ingratos seus filhos e netos eram, nenhum deles, de acordo com o sr. Dunkelman, vinha vê-lo. Ele pretendia ficar sem dinheiro no momento da morte para que seus herdeiros não pudessem lucrar com seu falecimento. E, ao que parecia, ele tinha muito dinheiro, o qual era intencionalmente gasto em investimentos de risco e merdas que ele comprava pela TV só para irritar os filhos.

Quando perguntei por que ele não deixava o dinheiro para a caridade, ele disse que eram todas fachadas para células terroristas antissemitas ou eram dirigidas pela Oprah Winfrey, que ele odiava com a paixão de um convertido religioso.

— Ela é gorda, é magra, gorda, magra; sempre falando sobre como come suas emoções — disse ele. — Vou te dizer que ela está é comendo um monte de tortas.

— Tem algo contra gente gorda? — perguntei, principalmente para encher o saco, mas ele levou a pergunta a sério. Literalismo era outro traço de sua personalidade que podia ser alternadamente irritante ou divertido, dependendo do meu ânimo.

— Não tenho nada contra ninguém — ele disse.

— Exceto antissemitas e gente gorda — acrescentei —, e por extensão, Oprah Winfrey.

— Só estou dizendo que se você vai ser gordo, apenas assuma e seja gordo. Não vá para a televisão choramingar sobre isso o tempo todo. Viu esses programas que tem na TV agora? Uma competição, juro por Deus, onde a forma

de ganhar é perder peso. É isso o que nos tornamos neste país. Um bando de gordos idiotas que só perdem peso se há um prêmio em dinheiro.

— Você é como uma fonte de sabedoria — eu disse. — Agora me conte uma história sobre quando você se sacrificou durante a Segunda Guerra.

— Quantos anos você acha que eu tenho? — ele perguntou.

— Definitivamente o suficiente para se lembrar da Segunda Guerra Mundial — eu disse, tomando meu último gole de cerveja.

— Eu era criança durante a Segunda Guerra — ele disse, indignado. — Eu servi no Vietnã, nos primeiros anos. Eu era um bunda-mole, me alistei em 1965. Achei que ia ver o mundo, tirar alguma vantagem disso.

— Eu nasci em 1995 — eu disse.

— Merda — foi tudo o que ele disse, então assistiu ao jogo por um tempo em silêncio.

Depois da conversa, ele não reclamou tanto. Exceto do intestino. Isso era constante. Tudo o que ele comia ou bebia tinha algum desfecho potencialmente negativo para suas entranhas. Comecei a me perguntar se quando se chega a sabedoria e experiência da terceira idade, isso não importa mais, porque você só consegue pensar na sua merda — cor, consistência, frequência. E se é um bando de velhos que lidera o país em Washington, D.C., quanto tempo eles podem realmente se dedicar aos problemas do país se estão pensando constantemente em seus excrementos? Quando fiz ao sr. Dunkelman essa pergunta, ele apenas latiu uma risada, mas ficou quase trinta minutos sem mencionar a má digestão.

Em vez disso, ele falou sobre o quanto as coisas haviam mudado desde que ele era criança.

— Eu era um moleque da cidade — ele disse —, de uma sólida família judia de classe média. Sabe, eu tinha dez anos quando tivemos nossa primeira TV. O que acha disso, hein? Sem internet, sem TV a cabo, sem telefones no carro.

— Por que alguém teria um telefone no carro? — perguntei com curiosidade genuína.

Ele acenou com a mão para me silenciar e continuou com o mo-nólogo.

— Costumávamos ir ao cinema, meus amigos e eu, um sábado por mês. Ficávamos ansiosos por isso como se fosse o Super Bowl. Me surpreendeu chegar a essa idade, ver toda a mudança no mundo, a tecnologia maluca, apenas

para descobrir que as pessoas não mudaram em nada. As pessoas são exatamente as mesmas agora do que quando eu era criança.

— As pessoas nunca me surpreendem — eu disse.

— Por quê?

— Porque sempre se pode confiar que elas vão querer estar no topo. As pessoas não se importam em mentir, trapacear, roubar... desde que consigam algo que queiram ou precisam, sempre estão dispostas a justificar isso.

O sr. Dunkelman assentiu, mas disse:

— Pode parecer assim, quando se é jovem. Quanto mais velho ficar, mais você vai entender. Há muita dor no mundo. Sabe, seus pais, eles são apenas gente. Como você. Você acha que quando ficar mais velho vai ter tudo resolvido, ou vai esquecer como é ser jovem. Não é assim. Você fica mais velho, aprende um pouco sobre o mundo, aprende o que é amar alguém mais do que a si mesmo e você pensa: se eu tivesse de fazer tudo de novo, faria melhor. Seria uma pessoa melhor. Quando você tem filhos, vê uma oportunidade de fazer melhor através deles, contando-lhes todos os segredos que queria saber quando era daquela idade, mas não funciona assim. — Ele riu sem prazer. — Porque seus filhos não dão a mínima. Eles acham que você é só um velho louco que passa muito tempo pensando no intestino. Vou te contar um segredo. Você vai ignorar. As pessoas da sua idade sempre ignoram. Mas quando chegar à minha idade, vai perceber que só há duas coisas que importam neste mundo.

— Ah, merda. Peraí, vou pegar uma caneta para anotar isso aí — eu disse e bati nos bolsos tentando achar uma caneta.

— Cala a boca, seu panaca — ele rosnou. — Estou te dizendo. Você não vai ouvir, da mesma forma que as pessoas ignoraram Moisés, tratando-o como se fosse um velho maluco que as levava em círculos pelo deserto. Daqui a cinquenta anos você vai olhar para trás e perceber que eu estava certo. As únicas duas coisas que importam neste mundo são as pessoas que te amam; e não quero dizer sua família. Às vezes as pessoas que te amam não têm ligação sanguínea com você. Mas, no final, tudo o que importa são as pessoas que realmente te amam... — ele disse, então parou quando o quarterback saiu da área e desviou de uma obstrução para pegar um passe Hail Mary na marca de vinte segundos. — As pessoas que te amam, e a frequência com que você caga. É tudo o que há.

— Meu Deus, que deprê — eu disse. — Não é à toa que seus filhos nunca vêm te ver. Você não contou a eles essa história, contou?

Ele desprezou meu comentário, acenando com a mão.

— Talvez você só precise trabalhar na forma como fala — eu disse, pensativo. — Você não parece exatamente um velho profeta sábio. É mais como um Regis Philbin muito, muito, muito bravo.

— *Ugh*. Nem mencione esse babaca para mim — o sr. D. disse com desgosto. — Por que ele é famoso?

Onze

Naquela segunda a escola foi como o esperado: longa e entediante demais para manter minha atenção, mas houve um desdobramento interessante no fim do dia. Peter Smalley estava esperando ao lado do meu carro quando saí no estacionamento, encostado na lateral do capô, segurando firme dois livros da biblioteca contra a perna enquanto olhava para o celular.

Não havia nada de errado com ele além do que era visualmente óbvio. Até você estudá-lo com cuidado, havia apenas uma sensação incômoda de que algo estava estranho, não muito bem — sua pose desajeitada, suas expressões tortas e, quando ele falava, uma ligeira dificuldade na fala o fazia parecer levemente bêbado.

Olhando para ele agora, tinha a impressão de que Pete estava posando, sua bunda magrela irreverentemente estacionada no acabamento cereja do meu carro, seu quadril içado num ângulo para dar a aparência de indiferença. Era um ator interpretando um papel, Cara Esperando Casualmente um Amigo no Carro. Assim como havia interpretado o papel de Traído pela Vida enquanto falava sobre sua irmã no Siegel Center.

— Oi, Pete — eu disse com o alarme do meu carro tocando sob ele. Seu rosto se iluminou quando me viu, e eu me perguntei quanto tempo ele estava esperando.

— Oi, Jesse — ele respondeu com o entusiasmo de um cachorrinho recebendo seu dono na porta.

— Que tá pegando? — perguntei.

— Nada — ele disse. — O que vai fazer hoje? Podemos dar um rolê?

Joguei minha bolsa no banco de trás e fechei a porta.

— Tenho umas coisas para fazer.

O rosto dele despencou, mas como o rosto dele já era caído de um lado, a expressão lembrava pateticamente um filhote de pug.

— Pode vir comigo se quiser, mas vai ser um tédio — eu disse.

A luz em seus olhos voltou.

— Vai ser ótimo. Quero dizer, legal. Só vou rodar com você, pra fazer

companhia.

— Você é quem sabe — eu disse, e ele correu para entrar no lado do passageiro.

— Seu carro é irado — ele comentou, sentando no banco do passageiro. — Não consigo acreditar que seus pais te compraram isto aqui.

— Não compraram — afirmei. — Eu mesmo comprei, mandei arrumar.

— Que irado.

— É, irado.

Dirigi até o Digger com o plano de entrar e sair de lá rápido, antes de ele ficar chapado demais para lidar com os negócios. Ele fumava o dia todo no trabalho, mas quando ficava na sua cervejinha Miller High Life e no seu bong, era duro mantê-lo focado. Quando já estava em casa havia algumas horas, e passava muito tempo pensando sozinho, ele começava a ficar paranoico também. Ia para a janela da frente verificar a rua por trás da cortina e balançava sobre sua bunda ossuda com uma energia nervosa.

Quando parei na frente do trailer do Digger, me virei para o Pete antes de abrir a porta.

— Só vou parar para fazer uma coisinha. Fique de boca fechada enquanto estamos aqui, certo?

Ele assentiu mudo, aparentemente bom em obedecer ordens. Eu bati na porta de alumínio do Digger e esperei paciente que ele olhasse do alto da cortina que cobria a janela ao lado da porta, provavelmente com uma arma na mão — uma pistola Walther P38 que seu avô tirou de algum alemão morto durante a Segunda Guerra.

— Quem é sua namorada? — Digger perguntou, abrindo a porta.

— Quem, ele? — perguntei, simulando surpresa. — É meu irmão caçula.

— Não sabia que você tinha um irmão — Digger disse, olhando com cuidado para Pete. — Você nunca mencionou.

— É, bem, ele é retardado. Não gosto de falar sobre ele — concluí quando entramos e fechamos a porta.

— Qua é o seu nome? — Digger perguntou ao Pete.

Pete olhou para mim, mas ficou de boca fechada.

— O nome dele é Pete. Ele não fala muito.

— Acho que isso é bom — Digger disse, enfiando a pistola no cós da calça jeans. Pete me seguiu submisso e se sentou ao meu lado no sofá. Digger foi para o seu lugar na poltrona reclinável diante de nós e imediatamente começou a carregar o bong. Ele o ofereceu para o Pete, que me lançou um olhar questionador. Dei a ele um aceno quase imperceptível e Pete pegou o bong e o isqueiro do Digger.

— Dá um pega — Digger disse e Pete estremeceu, encolhendo a cabeça entre os ombros.

— Ele quer dizer para dar um pega no bong — eu disse. — Aqui.

Segurei o bong enquanto Pete tentava acender o conteúdo. Ele estava todo atrapalhado, não conseguia segurar e acender o isqueiro com a mesma mão. Passou-se uma eternidade enquanto eu e Digger assistíamos tensos ao Pete lutar para acender o negócio. Finalmente intervim quando peguei o isqueiro dele e acendi o bong eu mesmo. Assim que o tubo estava cheio de uma fumaça azul espessa, removi meu dedo e disse para ele inalar.

A crise de tosse do Pete durou uns três minutos, seu rosto foi ficando cada vez mais vermelho. Digger arrumou um copo d'água na cozinha, e Pete lutou para controlar a tosse enquanto Digger e eu dávamos os pegas e discutíamos a probabilidade dos Patriots chegarem à final da temporada.

Peguei cem gramas do Digger e fiquei o mínimo necessário para ser educado. Pete deu mais dois pegas no bong e estava praticamente derretido numa poça no sofazinho quando eu o cutuquei e disse que era hora de ir embora.

— Ei, você está bem, moleque? — Digger perguntou para Pete. — Para um retardado, ele não diz muita coisa idiota — Digger comentou comigo.

— Ah, ele é tranquilo.

— Diga ao seu irmão — Digger soltou numa voz alta, sucinta, como se Pete tivesse problema de audição — que de hoje em diante ele deve te trazer mais. Pra você conhecer o pessoal.

Pete deu um grunhido não comprometedor, que podia ser interpretado de qualquer maneira e me lançou um olhar como se na maior parte do tempo eu o mantivesse trancado no porão.

De volta no carro, Pete pousou a cabeça no encosto do banco e a balançou de um lado para o outro.

— Merda, cara.

— Quê? — perguntei.

— Estou chapado pra caralho.

— É? Bem, não se acostume. Essa merda vai te deixar idiota.

— Estou com fome — ele disse enquanto deslizava no assento e colocava um pé no painel. Tirei sua perna de lá, daí engatei o carro.

— É, vamos caçar comida — concluí, dando marcha a ré. — Eu bem que preciso comer alguma coisa. Não almocei.

Dirigi até a lanchonete Dan & Ethel na Main Street e nos sentamos a uma mesa perto da janela. Pete comeu carne em conser-va com repolho e eu pedi panquecas com salmão defumado — o judeu em mim assume quando fico chapado. Genes são uma coisa louca.

— Então, como você conhece aquele cara, Digger, é esse o nome?

— Conheci através de outro cara — respondi, evasivo.

— Ele é esquisito. Acha que ele realmente acredita em todo aquele psicologismo barato sobre os colombianos colocarem químicas que controlam a mente na cocaína que exportam?

Limpei a boca e joguei o guardanapo amarrotado no prato antes de empurrá-lo para o lado.

— Digger passou um tempinho em cana. Isso o deixou meio paranoico.

— Que cana? — Pete perguntou, sua testa num franzido confuso.

— Em cana, cana. Prisão, drogas.

— Sério? — indagou com a voz vacilando como um moleque de doze anos.

— Como um ataque cardíaco.

— As pessoas te chamam de Sway, né? Ouvi pela escola.

— Algumas — concordei. — Mas se começar a me chamar assim, vou te dar uma sova.

— Por que te chamam assim?

— Não faço ideia — menti.

— Está mentindo ou não sabe mesmo?

Lancei um olhar para ele que faria a maioria das pessoas ficar quieta, mas ele apenas me observou em expectativa. Se Pete não tivesse muitos amigos, não seria surpresa para mim. Ele tinha um hábito bem irritante de fazer perguntas,

bisbilhotando de uma forma que era quase um interrogatório.

— Às vezes o que queremos e o que o mundo espera de nós são duas coisas diferentes.

— *Pff* — ele grunhiu e riu. — Nem precisa me dizer. Bem-vindo ao meu mundo.

Doze

Na semana seguinte, estudar Bridget se tornou meu trabalho em tempo integral, e não apenas porque Ken estava me pagando para conhecê-la. Imaginei que com o que eu sabia sobre seu trabalho no Siegel Center e seu irmão, tinha o suficiente para dar a Ken uma ideia, mas não o contatei para fazer um relatório. A cada dia, eu ficava mais intrigado com Bridget, a única pessoa genuinamente boa que já tinha observado. Conhecendo seu horário de aulas, eu podia rastrear seus movimentos durante o dia e descobri algumas coisas supreendentes.

Primeiro, ela sorria para todo mundo — não apenas para as pessoas bonitas e populares, mas para os rejeitados da sociedade também. E segundo, ela nunca mostrava nenhum interesse em usar sua própria be-leza como ferramenta ou arma. Para todo lugar que ia, Bridget deixa-va um rastro de garotos fascinados por ela, mas ficava basicamente alheia.

Consegui topar de propósito com ela mais duas vezes, e a cada vez ela me cumprimentou com um sorriso caloroso e entusiasmado, e conversou comigo sem pressa.

Às vezes eu via meus pensamentos voltando para Bridget mesmo pelos caminhos mais improváveis. Apenas um vislumbre dela no corredor da escola era o suficiente para tirar meu equilíbrio e interromper meu processo de raciocínio.

Foi na mesma semana que Joey e eu tivemos acesso ao armário de Travis Marsh. Foi Joey quem forneceu uma dica anônima para Burke sobre atividades ilegais com drogas em Wakefield, que inspirou a administração da escola a tomar providências. Travis foi pego durante uma revista supostamente aleatória, quando o cachorro da polícia local foi trazido para farejar os armários da escola durante as aulas.

Ninguém ficou realmente surpreso quando Travis Marsh rodou por posse de drogas, dez pastilhas de Ecstasy e quinze gramas de erva divididos em saquinhos, tudo em seu armário escondido sob uma bolsa de lona cheia de roupas de ginástica imundas. Posse com intenção de distribuição exigia expulsão compulsória do sistema escolar.

Mais tarde, soube que Travis cumpriu seis meses na delegacia municipal, mas imaginei que se os impostos da nação iriam pagar pelo tratamento e pela alimentação dele, de qualquer modo, ele podia muito bem passar um tempo na cadeia. Pelo menos lá Travis tinha uma chance melhor de conseguir um diploma do colégio do que no Wakefield. Podia ser a melhor coisa que já acontecera a ele.

Por acaso, eu estava em casa com dor de barriga e um mal-estar geral no dia em que Travis foi pego, mas fiquei de olho no noticiário durante o dia para ver se a mídia local tinha pescado alguma atividade policial em Wakefield. Era bem o tipo de história que a mídia amava, levando pais aterrorizados a se perguntar se seus filhos estavam em perigo extremo toda vez que entravam pelos corredores da escola pública, imaginando possibilidades como Columbine que poderiam ameaçar os belos e atleticamente capazes. Antibullying, empoderar os fracos e envolver os pais seriam assuntos do momento por algum tempo, até todo mundo se lembrar de que realmente não davam a mínima para os fracotes com talentos sociais limitados.

Não muito depois de terminado o horário de aulas, minha campainha tocou, e mesmo que eu tenha levado um tempo para chegar lá, a pessoa não seguiu o toque com uma batida. Um negro grandalhão, com o nome improvável de Carter Goldsmith, estava na porta da cozinha. Sempre relaxado, ele provavelmente teria esperado uns dez minutos sem se perguntar por que eu demorava tanto.

— Que tá pegando? — eu o cumprimentei, abrindo a porta e recuando para deixá-lo entrar. Seus quase um metro e noventa e cinco e seus cento e trinta quilos deviam ser assustadores pra caralho no campo de futebol americano. Ele tinha uma aparência ameaçadora, a impressão era causada pela combinação de um emaranhado de cicatrizes na têmpora com dreadlocks curtos, mas era um cara gentil e difícil de irritar.

Carter era um aliado importante. Seu tamanho e sua força o tornavam um peso-pesado, uma ameaça física que a maioria das pessoas nunca iria desafiar. E como acontecia comigo em relação a muitas pessoas, eu matinha seu maior segredo, e vinha guardando-o cuidadosamente por um longo tempo. Ele via isso como uma dívida, mas eu nunca pensei realmente dessa forma. Ele já tinha havia

muito tempo me retribuído pelos meus serviços.

— Ei, Sway — ele disse, passando apertado pela porta da cozinha e estendendo a mão para me cumprimentar enquanto agarrava meu ombro num abraço de macho.

Enquanto Carter se sentava no sofá de couro, eu mirei o controle para o som e liguei um dos CDs antigos do meu pai. Muitas noites eu vinha para casa e encontrava meu pai sentado no escuro, envolvido num casulo de música folk antiga que era o que ele preferia para beber muito. Geralmente meu pai estava bêbado, às vezes dormindo, e eu o levantava da poltrona e o encorajava a ir para a cama, para que eu não tivesse de olhar para ele de manhã.

Carter começou a assentir com a cabeça junto com a música: "Cecilia", de Simon & Garfunkel.

— Isso é bacana — Carter comentou. — Gosto disso. Como chama?

— Simon & Garfunkel.

— Quê, como?

— A música. É de Paul Simon e Art Garfunkel.

— Garfunky? É o nome de um cara branco? — Carter perguntou com um risinho.

— Hum, é — respondi, pegando o saco de maconha que eu mantinha escondido na prateleira sob a mesinha de centro e comecei a encher um bong.

— É, ele é branco. Judeu, acho, com um nome como Art Garfunkel. É música do meu pai.

— Engraçado — disse Carter, o filósofo gigante jogador de fute-bol —, você não precisa olhar para a pele de um cara, mas pode julgá-lo instantaneamente por seu nome. Acha que se alguém ouve o nome Carter Goldsmith acredita que sou negro?

— Não, provavelmente acham que você é judeu. O que pode ajudar ou prejudicar, dependendo.

— Como sabe que não sou judeu? — ele perguntou e queria sinceramente saber.

— Você é? — perguntei.

— Não.

— Bem, sendo eu mesmo judeu, posso geralmente identificar um membro da

tribo de cara. Não é só a sua aparência, é difícil definir o que entrega.

Ele assentiu e pareceu aceitar minha resposta.

— A música do seu velho é minha música, amigo — ele disse, pegando o bong de mim e dando um pega. Ofereceu de volta e eu balancei a cabeça.

— Troço bom. Desce macio — eu disse, indo para a geladeira pegar uma garrafa gelada de Gatorade, que eu guardava especificamente para as visitas do Carter. Nos sentamos amigavelmente em silêncio por um tempo escutando a música enquanto Carter curtia o barato. Ele segurava a garrafa de Gatorade no colo, e ela parecia um acessório de boneca na sua mão imensa.

Por fim passamos para os negócios, e Carter comprou três cotas, o que eu sabia que ele quebraria em oitavos para vender para os outros caras do time de futebol, fazendo uma pequena comissão para si mesmo. Nada errado com isso, e até me poupava trabalho. Mesmo que Carter fosse pego, ele nunca daria sua fonte. Sua palavra valia ouro. Nós devíamos segredos um ao outro — uma amizade, a maioria das pessoas chamaria, apesar de que se importar com os outros só trazia tristeza. É uma das leis do universo.

Me ocorreu que Carter seria uma pessoa que entenderia, a única pessoa com quem eu falava num nível tão pessoal além de Joey. Então, perguntei a ele:

— Já se apaixonou, Carter?

— Claro — ele disse com um sorriso fácil.

— Como é a sensação?

— A sensação?

— É, o que você sentiu quando estava apaixonado?

— Bem, creio que me senti da mesma forma que me sinto quando bato uma, mas dez vezes melhor. Sabe — ele disse, dando de ombros, mesmo que aquele gesto simples fosse uma demonstração impressionante de força física —, estou surpreso em saber que você ainda é do time dos virgens, Sway.

— Não sou. Não estou falando sobre transar. Estou perguntando se já se apaixonou.

— Ah. Acho que se não é a mesma coisa, então não. Nunca me apaixonei. Não do jeito que você ama seu violão.

— Não toco mais violão.

— Não? É verdade. Agora que falou nisso, não te vejo tocando violão há...

um tempo.

— Estou só perguntando porque não tenho certeza de como é. Amor. Com uma menina, quero dizer.

— Acho que é como gozar. Até acontecer, você não pode dizer como é.

— É, talvez. Mas quando você goza você sabe como é. Se está apaixonado por uma menina, não tem como saber já que não sabe como é.

— Amo esse tipo de erva — ele disse com um sorriso, passando o braço sob a cabeça e se recostando no sofá. — Leva a todo tipo interessante de especulação.

Treze

David Cohen estava esperando do lado de fora da biblioteca quando eu saí depois do almoço do quarto período. Parecia estressado e irritado, como de costume.

— Jesse, preciso falar com você.

— Não pode esperar depois da aula? — perguntei com um olhar casual ao redor para ver quem poderia estar ouvindo.

— Só vai levar um segundo — ele informou, então assenti e ele seguiu ao meu lado. — Heather concordou em sair comigo. Preciso saber o que devo fazer, para onde devo levá-la.

— Eu sugiro o Paolo's. Toda vez que um cara gasta todo esse dinheiro, ela fica de bom humor.

— Vou sair com ela na sexta à noite. Não tem como eu conseguir uma reserva agora, a não ser que a gente jante às cinco e meia com os geriátricos.

Suspirei. Para um moleque que deveria ter um QI de gênio, ele não era muito empreendedor.

— Te arrumo uma reserva para as oito — eu disse.

O rosto dele se abriu num sorriso.

— Você é o melhor, Jesse.

— É, bem, lembre-se disso quando chegar a hora de fazer seu trabalho.

— Estou nessa — ele disse por sobre o ombro enquanto se afastava.

Quando me virei, Joey estava bloqueando meu caminho.

— Ken está procurando por você — ela disse, caminhando ao meu lado.

— Eu estou ótimo, Joe, e você?

— Eu estaria muito melhor se não tivesse de falar com o Ken Foster. — Um estremecimento passou pelo corpo dela quando balançou a cabeça, como se estivesse se livrando de um pensamento terrível. — Ele é nojento. Como as meninas o acham atraente?

— Diga para ele me encontrar na arquibancada depois da aula. Vou estar treinando.

— Não sou a porra da sua secretária — ela disse com um olhar que

interpretei como entendimento do meu pedido. A atitude de Joey em geral não me incomodava, mas na última semana eu tinha ficado no limite e não conseguia entender realmente o motivo. Imaginei que era por estar ocupado, preocupado com tudo o que rolava.

Lacrosse feminino oferece o tipo de agressividade bruta que raramente é vista em mulheres, uma amostra que é ao mesmo tempo sexy e visceralmente satisfatória. Tentei assistir a pelo menos alguns jogos durante a temporada e sempre que possível fazia minhas reuniões de trabalho na arquibancada durante o treino.

Ken chegou com seu bando a reboque, mas disse para eles esperarem no campo de treinamento, então subiu a arquibancada e se sentou ao meu lado.

— Por que estamos nos encontrando aqui? — ele quis saber.

— Gosto de assistir — respondi com um aceno em direção ao campo. — Penso melhor quando assisto.

Os lábios de Ken se curvaram em desprazer enquanto ele inspecionava as coxas grossas e os ombros largos das meninas atléticas do campo. Ele não gostava do poder de seus corpos torneados, que era mais significativo do que qualquer beleza fugidia.

— O que você descobriu? — perguntou.

Soube então o que estava me incomodando: é que eu não queria mesmo contar ao Ken nada do que havia descoberto sobre a Bridget durante minhas semanas de reconhecimento. Era como capturar um animal selvagem e prender numa jaula — havia o prazer na ideia de possuir o animal, domesticá-lo, mas Ken nunca iria apreciar a beleza do pássaro enjaulado. Depois de um tempo, ele se esqueceria de cuidar de forma adequada dele, perderia o interesse em preservar o que havia tornado o animal originalmente atraente para ele.

Minhas entranhas se apertavam enquanto eu repassava o relatório, informando-o sobre o irmão dela e sua deficiência, seu trabalho vo-luntário no Siegel Center, sem precisar consultar minhas anotações.

— Ela curte teatro e arte impressionista... — Fiz uma pausa ao ver seus olhos vidrados. Ken era um tremendo idiota, uma forma de vida primitiva em intelecto, e a imagem de seu corpo desengonçado e suado, usando protetor de

testículos, pressionado contra Bridget, me provocou enjoo. — Quarta depois da escola, ela vai estar na exposição “Os impressionistas no inverno” na galeria do campus — continuei, com a cabeça começando a latejar de dor.

— Os o quê? — ele perguntou com ignorância previsível.

— Os impressionistas. É um grupo de pintores do século XIX, sabe, Monet, Degas, Renoir — informei, repassando meu relatório cuidadosamente digitado e editado por Kwang, que ouviu o ditado pelo telefone. — Sugiro que você apareça lá, e tope com ela meio sem querer. E eu iria sozinho — eu disse, fitando significativamente o esquadrão de idiotas que tomava a pista, gritando comentários gros-seiros para as meninas no campo e rindo de suas próprias piadas. — Deixe-a confortável em vez de fazê-la se sentir como se estivesse prestes a ser estuprada por uma gangue. Você só está lá por acaso, vendo a exposição. Chame-a para um café. Ela vai dizer sim.

— Como sabe que ela vai dizer sim?

— Você me paga para saber essas coisas. Apenas a convide. Mas, olha, isso é importante, não interessa quão bem corra o café de vocês, não peça para sair com ela num encontro real.

— Por que não? — quis saber, exasperado.

— Porque é o que ela espera que você faça. Segure a onda. Dê alguns dias para ela pensar e daí você segue com o *coup de grâce*.

— O quê?

— Nada — eu disse, suprimindo um suspiro cansado. — Apenas seja simples. Deixe-a querendo mais. Entendeu?

Ele assentiu enquanto olhava as anotações na página.

— Então é isso? — Ken perguntou, ficando de pé para ir embora.

— Mais uma coisa. Está no relatório, mas é importante que você se lembre. Se você pudesse ter um superpoder por um dia, você iria querer ter o poder de curar as pessoas com o toque.

— Quê?

Eu repeti, lentamente, para que até o Ken pudesse entender.

— De que merda está falando?

— Apenas se lembre — eu disse, cansado da idiotice dele. — É coisa dela. Ela vai te perguntar, então se lembre.

— Isso vai funcionar mesmo?

— Ela é uma pessoa legal. Se você mostrar interesse nas coisas que a interessam e for moderadamente agradável, deve funcionar. Use a frase sobre curar as pessoas com um toque, e ela vai estar nas suas mãos.

— O que eu te devo? — ele perguntou.

— Duzentos — eu disse, só para jogar um número aleatório. Normalmente seria melhor para mim negociar um favor de alguém como ele, mas deixei pra lá.

Depois do meu encontro com Ken, precisava fazer algo para amortecer toda a minha autoconsciência.

Quando cheguei em casa, busquei o anestésico em que meu pai confiava. Quatro shots de uísque depois, eu tinha decidido o que fazer. Nossa casa, construída no final dos anos 1800, era uma das originais da cidade, erguida na mesma época que a universidade. Era uma caminhada fácil para o centro histórico e a série de restaurantes e bares que ficavam abertos bem depois que as lojas eram fechadas.

Meu pai estava tocando com um trio naquela noite, uma das várias bandas com que ele praticava regularmente, numa boate pequena. O porteiro me reconheceu e me deixou entrar, apesar de ser um lugar para maiores de vinte e um anos depois do jantar. Eu me sentei nos fundos, escondido num canto escuro, e assisti ao meu pai como um estranho faria. Naquela noite, ele estava no piano, um dos vários instrumentos que ele aprendeu a tocar antes mesmo de aprender a ler música.

Quando tinha treze anos, eu já o acompanhava em pequenos shows íntimos como esse e em grandes salas de concertos onde a nossa era uma das várias bandas. No início, eu só tocava violão base, acompanhando a banda dele, mas depois de um tempo ele me dava alguns solos, recuando para me passar o holofote, apesar de sempre se lembrar de anunciar que eu era seu filho. Ele não conseguia suportar a ideia de me deixar ter uma conquista por minha conta, queria que todo mundo soubesse que meu talento inato viera de seus genes.

Nunca ficou claro se eu era um verdadeiro prodígio, nascido com algum gene que tinha me dado o dom de tocar violão, ou se meu pai havia simplesmente feito isso através de uma expectativa não comprometedora e de uma exposição às amplas possibilidades de todo tipo de música. Como meu pai,

geralmente, se eu ouvia uma música uma vez, conseguia tocar em seguida sem nem ver a partitura.

Ouvindo meu pai tocar, se meus olhos estivessem fechados, eu podia me concentrar na sensação da música, a viagem rolando pelo assento como uma onda e subindo pela minha espinha, me preenchendo por dentro. Eu estava sentado no banco de vinil gasto, o fantasma de minha mãe ocupando o assento ao meu lado. Sentia sua presença da forma que você pode sentir outra pessoa em sua casa, mesmo que não possa vê-la ou ouvi-la, o rangido do assoalho, o movimento do ar, a vibração da respiração numa batida de coração.

Quando criança, passei muitas noites assim, ao lado da minha mãe, vendo meu pai se apresentar. Eu costumava me ressentir dos olhares dos homens ao redor de nós roubando para sua fantasia a beleza silen-ciosa da minha mãe, sua figura esguia e seus pesados cachos negros. Ela era minha mãe, me viam com ela, mas isso não impedia que suas mentes vagassem por seus pulsos finos e seus lábios cheios, e mentalmente tirassem a roupa dela.

E mesmo que ele fosse um estúpido, meu pai sempre amara profundamente minha mãe. Eu podia ver em seus olhos quando ele olhava para ela, sua completa e total descrença de que aquela bela mulher comovente o tivesse escolhido entre milhares de outras opções. Tenho certeza de que foi um grande choque e decepção quando ele percebeu que por trás daqueles olhos castanhos salpicados de dourado estava uma mente perdida. Ainda assim, ele a amava, mesmo quando se tornou impossível de se viver com ela.

Quando meu pai ficou de pé para agradecer, eu já tinha ido embora, minhas mãos e meu rosto queimando de frio. Em casa, eu fumei um baseado, daí deitei na cama, pelado e de costas, com Weezer tocando alto o suficiente para não ouvir meu pai chegando.

Catorze

O sr. Dunkelman e eu estávamos jogando uma rodada de cartas na sala de recreação do lar dos velhinhos no final de uma tarde. Estudei o lixo e decidi pegar toda a pilha de descarte para uma jogada de quarenta e cinco pontos. Ele estava segurando só quatro cartas, então era um movimento arriscado da minha parte, mas eu gostava de vê-lo ficar puto por eu fazer uma jogada arriscada mais do que gostava de ganhar.

— É loucura para mim — o sr. D. dizia. — Eles podem te pegar e te mandar lutar numa guerra estrangeira quando você tem dezoito anos, mas não te deixam comprar cerveja ou uma garrafa de uísque.

Seu ultraje não era inspirado por solidariedade pelos apuros da juventude, mas por seu desejo de ter cerveja e uísque entregues para ele na Sala de Espera do Inferno — o apelido que dera para o lugar que chamava de lar.

— Eles não recrutaram ninguém desde o Vietnã — eu disse, me recostando e tentando esperar pacientemente que ele fizesse sua jogada.

— Vinte e um para comprar álcool é absurdo — ele disse, e eu revirei os olhos, escondido. No ritmo que o jogo ia, eu seria um velho babão antes de algum de nós chegar a quinhentos pontos. — Quando eu tinha vinte e um, tinha uma esposa e um trabalho numa loja de cortar vidro. E pode ter certeza de que estava bebendo antes disso. É como eu acabei com um maldito filho pra começo de conversa.

— Eu te disse. Se você quiser que eu traga cerveja e uísque, eu trago, mas não volto para aquele maldito clube de veteranos de guerra de novo. Aqueles caras de chapéu estranho me arrepiaram. Por que não pode beber num lugar normal, tipo o Applebee’s ou sei lá?

— Em primeiro lugar — ele disse, estudando as cartas já na mesa enquanto eu batucava impaciente —, não vou deixar você trazer cerveja e uísque para mim aqui. Se for pego, nós dois estaríamos encrencados. Segundo, não iria nem morto num lugar chamado Applebee’s. Parece com a porcaria de um bar de bichas. — O sentido social do sr. Dunkelman havia parado de se desenvolver em algum ponto da Segunda Guerra.

— Você soa como um velho babão — comentei, e ele praguejou para si mesmo quando consegui cartas que valiam mais trinta pontos.

Meu celular vibrou com uma chamada da Joey, então respondi enquanto o sr. D. me xingava novamente por distraí-lo do jogo.

— E aí? — eu disse ao telefone.

— Onde você está? — Joey peguntou, sua voz apertada de tensão.

— Estou no lar Sunrise.

— O quê?

— Lar Sunrise — anunciei claramente.

— Que *droga* está fazendo aí?

— É uma longa história. — Eu estava tendo dificuldade em lidar com minha mão cheia de cartas enquanto pressionava o celular entre a orelha e o ombro. — E aí?

— Preciso que venha aqui me pegar — informou, e pelo som abafado de sua voz, eu sabia que ela estava roendo as unhas de preocupação. Sua voz tinha um eco estranho, como se ligasse de dentro de um poço.

— Onde você está? — perguntei.

— No momento, trancada no banheiro da minha casa. Preciso que venha me pegar. Agora.

Quando parei na frente da casa dela, dez minutos depois, Joey saiu apressada pela porta da frente e desceu os degraus de concreto correndo para a calçada. Sua casa era parte do centro histórico, um dos grandes lares de tijolos que tinham sido divididos em apartamentos para estudantes. Eu havia visto apenas o interior do apartamento do primeiro andar só uma meia dúzia de vezes em todos os anos que conhecia Joey.

Saí do carro e apoiei um braço no capô para poder ter uma visão clara da porta de vidro, onde um homem nos observava. Vestido apenas de regata branca e jeans desbotado, ele tinha o cabelo preto penteado para trás e uma testa alta. A camiseta branca apertada contra a barriga de cerveja acentuava suas tetinhas em desenvolvimento.

Os olhos de Joey estavam vermelhos como se ela estivesse chorando e uma tempestade nublava seu rosto. Ela abraçava firme o suéter ao redor dela, e pelo tamanho da sacola eu sabia que ela não estava planejando voltar para casa por

algumas noites.

O homem e eu nos olhamos por um minuto, ele me vendo com desconfiança e raiva, estudando seu rosto cuidadosamente para não me esquecer.

— Quem é esse? — perguntei.

— O porra do Roy Finnegan — Joey cuspiu. — O imbecil do namorado assustador mais recente da minha mãe.

— Tudo bem com você? — perguntei, com ela abrindo a porta do passageiro.

— Me tira daqui — foi tudo o que ela disse.

— É o carro dele? — apontei para o Chrysler amarelo estacionado no meio-fio.

Joey apenas assentiu, seus lábios tensionados numa linha apertada. Reservei um momento para tirar uma foto da placa antes de irmos embora.

Depois que paramos na loja da esquina para algumas garrafas de Mickey's Big Mouth, seguimos em silêncio para o parque em frente ao rio. No verão, o parque era um dos lugares favoritos para jovens mães passearem com seus bebês ou casais darem uma volta romântica pela água. Nessa tarde de outono, com a temperatura caindo cada vez mais com a aproximação do pôr do sol, tínhamos o parque só para nós, sentados no capô do meu carro bebendo cerveja. "My Dearest Darling", da Etta James, saía pelas janelas do carro e vagava ao vento para se misturar com o jorro de água que corria correnteza abaixo pelo rio.

— Eu queria que minha vida fosse uma música da Taylor Swift — Joey disse.

— Eu não. Deve ser uma merda ser talentosa e bonita.

— Não estou dizendo que quero ser como a Taylor Swift. Quero dizer que, nas músicas dela, a pior coisa que acontece é terminar com um garoto ou ser largada. Se essa fosse a pior coisa que tivesse acontecido comigo, minha vida seria uma mamata.

Eu não iria perguntar à Joey o que tinha acontecido com o porra do Roy Finnegan. Ela me contaria o que quisesse, se quisesse, não porque perguntei.

Estávamos ambos apoiados no para-brisa vendo o céu, a cabeça de Joey descansando no meu ombro.

Quando ela falou novamente, sua voz estava seca e impossível de decifrar.

— Há algumas semanas, ele começou a vir quando minha mãe não estava em casa. Na primeira vez, não achei nada demais, mas na segunda comecei a entender. Antes de hoje foi meio assustador. Hoje foi... mais assustador.

— Você contou à sua mãe? Sobre as outras vezes?

— Acha que ela se importa? Ela não me escuta. Roy tem um emprego e só bate nela quando está bêbado. Isso o torna o sr. Mara-vilha, até onde eu sei.

— Ele encostou em você? — perguntei, tornando meu tom neutro.

Ela balançou a cabeça contra meu ombro.

— Ele ficou bloqueando a porta da cozinha, para que eu tivesse de me espremer para passar por ele, sabe? Ficou pertinho de mim com aquela pança de chope nojenta. Eu o empurrei. Disse para ele manter as mãos longe de mim. Foi quando corri e me escondi no banheiro. — Ela parou e respirou fundo, praticamente engolindo o ar. — Não vou voltar para lá. Não vou dormir com um olho aberto até que ele a largue ou a mate.

— Eu cuido disso — concluí, colocando um braço no ombro dela e acariciando seu cabelo de leve. — Fique na minha casa por alguns dias, eu cuido disso.

O sol começou a descer por trás das árvores e o ar de repente ficou frio. As lágrimas quentes de Joey encharcaram o colarinho da minha camisa e seu corpo tremia com soluços contidos.

— Eu cuido disso — repeti.

Quinze

— Estou com frio — Darnell disse do banco traseiro, possivelmente pela milésima vez. — Quanto tempo mais temos de esperar?

— Até o cara sair, babaca — Carter disse sem se voltar para Darnell. — Droga, pare de falar tanto.

Darnell se recostou com um suspiro, os dedos batucando no banco de vinil. Bem quando a batucada se tornou tão irritante que eu estava prestes a dizer algo, a entrada lateral do Pub Cat Eye se abriu e o puto do Roy Finnegan saiu cambaleando.

— É ele — eu disse. Todos nós desenrolamos ao mesmo tempo nossas balaclavas sobre o rosto, a quietude da noite ao nosso redor quase surreal quando o vimos ir em direção ao Chrysler amarelo. A respiração de Roy projetava uma nuvem de vapor enquanto ele cambaleava ligeiramente procurando as chaves nos bolsos.

— Vamos nessa — Carter disse, abrindo a porta e deslizando para fora do carro.

Era difícil dizer o que o puto do Roy Finnegan estava pensando quando seus olhos subiram da fechadura do carro e viram três figuras vestidas de preto usando balaclavas pretas se aproximando dele em silêncio. A nuvem de vapor ao redor de sua cabeça se dissipou enquanto ele segurava a respiração, em choque e com medo, seus olhos se esbuga-lhando estupidamente enquanto ele tentava processar o que estava vendo.

— Quê? — Roy começou a falar, mas Carter atacou com sua arma improvisada, uma meia cheia de cascalho, e o derrubou com um único golpe no ombro. Eu olhei dissimuladamente ao redor do estacionamento escuro e quase vazio enquanto Carter e Darnell le-vantavam Roy pelo braço e o arrastavam rapidamente para fora da vista atrás do pub.

No beco, Carter e Darnell seguraram Roy ereto contra uma caçamba de lixo, enquanto ele gemia baixinho, sua cabeça balançando de um lado para o outro. Darnell havia torcido o braço esquerdo de Roy para trás, mas ainda não estava colocando nenhuma pressão. Carter agarrou Roy pelo colarinho e o segurou,

mantendo-o imóvel.

— Ei, Roy — eu disse, baixando meu tom num grunhido grave para disfarçar a voz. — Precisamos conversar.

— Quem...? O quê...? — Ele ainda estava tonto pelo golpe no pescoço quando enfiei a mão em seu bolso e tirei a carteira. Dei uma olhada nos cartões para ver se havia algo de interessante e verifiquei o compartimento de dinheiro — sete pilas em notas de um. — Pode pegar — ele disse com a voz levemente enrolada, talvez do álcool, talvez do golpe. — Pode levar a carteira.

— Não, valeu — eu disse. — Olha, Roy, eu sei que você não é excepcionalmente esperto, então vou dizer isso devagar, porque não gosto de repetir. — Havia um cheiro doce e enjoativo vindo do lixo. Em vez de observar Roy, tanto Darnell quanto Carter estavam me assistindo pelos buracos dos olhos das balaclavas, esperando silenciosamente.

— Você estava saindo com uma mulher chamada Cheryl McCabe — eu disse para Roy. Fiz uma pausa para provocar um efeito. — Mas não está mais. Quero que fique longe dela. Não ligue para ela, não a veja, não passe no trabalho dela para um drinque depois do seu turno. Está me ouvindo, Roy? — Ele ainda estava balançando a cabeça, seus olhos apertados para aliviar a dor na cabeça.

— O que ela é sua, cara? — ele perguntou.

Dei um tapa na cara dele com sua carteira aberta e ele recuou, surpreso.

— Não importa, Roy. Quero que fique longe de Cheryl McCabe. Você me entendeu? Sim ou não?

— Cara, vai se foder. Se não é namorado dela ou sei lá, o que você tem com isso?

Acenei para Carter e ele pegou Roy por um tufo de cabelo no alto da cabeça. Roy gritava de dor e surpresa enquanto Carter torcia seu pulso e puxava mais o cabelo. Carter bateu a cabeça de Roy contra a caçamba, que soou como um gongo.

Esperei que ele se recompusesse até parar de resmungar sobre a dor na cabeça, então disse:

— Olha, Roy, se ficarmos aqui conversando muito mais, esses caras aqui vão me cobrar hora extra, e você já está me custando muito tempo e dinheiro. Então a coisa vai ser assim: esses caras não vão te colocar no hospital esta noite.

Só vão te dar um gostinho do que pode acontecer se você não aceitar meu conselho.

— Ela nunca me disse... Nunca disse que estava envolvida com alguém — Roy soltou, sua voz ficando mais alta de medo. — É culpa dela, se ela está aprontando com você. Eu não sabia de nada.

— Nós nem tocamos em você ainda e você está jogando ela para os cães? É um sinal de mau-caratismo, Roy. Agora, escute, não quero ter de fazer mais nada com você, mas se eu souber que olhou para Cheryl, vou queimar aquela merda da sua casa. A casa é uma merda, mas você tem uma TV tela plana de cinquenta e duas polegadas. Seria uma pena perder isso.

Finalmente ele ficou quieto, pensando no que eu havia dito. Deixei a ideia decantar por um minuto, deixei-o perceber que eu estivera na casa dele. Se quer deixar alguém bem bravo, é melhor saber tudo que há para saber sobre ele antes.

Eu me inclinei para falar mais perto do seu rosto, para demarcar seu desconforto.

— Hoje à noite você vai precisar daquele OxyContin que tem no armário de remédios, então te deixei apenas algumas pílulas, mas essas coisas viciam, Roy. Eu peguei o resto; é para seu próprio bem, entendeu?

Sua respiração estava entrecortada agora, e ele soltou um pequeno gemido nasal.

Enquanto eu esperava ele responder, dei uma olhada para Carter.

— Cara, quem é você? — Roy perguntou.

— Fique longe de Cheryl e da filha dela — eu disse quase num cochicho —, ou da próxima vez ele te coloca na cama com uma pá. — Eu me afastei e dei a Carter e Darnell um pequeno aceno. — Só o suficiente para deixá-lo fora de jogada por um tempinho para que vocês possam chegar até o carro. E não toquem no rosto dele, fiquem no corpo.

Não fiquei para ver, apenas me virei e tirei a balaclava antes de sair do beco. Minha perna saltava com uma energia nervosa enquanto esperava Carter e Darnell no carro, com o motor ligado.

Um homem e uma mulher saíram do pub de braços dados, mas estava frio o suficiente para eles não perderem tempo lá. Sentaram-se no carro por um minuto enquanto o motor esquentava, e eu senti uma pontada de ansiedade de que Carter

e Darnell podiam escolher aquele momento para sair do beco.

— Vamos, vamos — murmurei para mim mesmo, querendo que o cara engatasse o carro e saísse. Da minha perspectiva, eu podia ver Carter no canto do prédio, tirando sua balaclava enquanto observava e esperava o carro sair.

— Bom menino — eu disse novamente para mim mesmo. Eu deveria saber que Carter era esperto o suficiente para lembrar de se certificar de que a barra estava limpa.

A maioria das pessoas costuma cuidar de seus próprios assuntos, mas a não ser que você também esteja violando a lei, é provável que chame a polícia se vir dois caras enormes em máscaras de esqui saindo de um beco tarde da noite.

Mantivemos o silêncio até estarmos longe o bastante do pub para sabermos que ninguém vinha atrás da gente. Carter e eu deixamos Darnell em casa primeiro. Passei um maço de notas para ele no banco de trás e ele hesitou por um momento antes de sair do carro.

— Cara, aquela parada foi uma loucura — ele disse, mas estava sorrindo. — O que aquele cara fez para você?

— Não é nada pessoal comigo. É só negócio.

— Fique de boca fechada — Carter disse para Darnell.

— Pssiu, Negão, por favor — Darnell disse com um tapinha atrás da cabeça de Carter. — Acha que sou idiota ou o quê?

— Eu sei que você é idiota — Carter retrucou. — Por isso que estou te dizendo.

— Beija minha bunda, Goldie — Darnell concluiu, e um sopro de ar frio assinalou sua partida.

— Cara, aquele cuzão fala demais — Carter disse quando saímos com o carro. — Desculpe aí. Não vou trazer ele de novo.

— O Darnell é o.k. — eu disse, meio ausente. — Ele sabe ficar com a boca fechada.

— Essa Cheryl McCabe é a mãe da Joey, né? Ela está bem? — Sua voz estava apertada quando esfregou as mãos no colo, como se estivesse tentando limpá-las.

— Vai ficar. Desde que vocês tenham convencido Roy a ficar longe dela.

— Ah, fizemos isso. Acho que ela não vai mais ter problemas com ele.

— Obrigado, Carter — eu disse, e falava a sério. Violência custava a Carter mais do que às outras pessoas. Mesmo que ele fosse grande demais para alguém se meter com ele agora, Carter já tinha tido uma vida de medo vivendo com seu velho.

— Sem problema, irmão — ele disse, assentindo. — Sem problema.

Dezesseis

Geralmente não vou a eventos esportivos da escola além do lacrosse feminino. A partida de sexta era o primeiro jogo de futebol a que assistia desde o segundo ano. Fiquei com os braços descansados na cerca do campo, esperando por Ken e vendo as líderes de torcida fazendo sua apresentação de abertura para animar a plateia. Todas usavam maquia-gem demais e me dava arrepios ver aquele bando de caras mais velhos no jogo — professores e pais — verem as barriguinhas perfeitas delas sem disfarçar o interesse. Ser líder de torcida leva a um caminho obscuro, em direção a um futuro trabalhando no Hooters, as meninas sendo condicionadas a acreditar que tudo bem se seu único valor social vier de sua aparência.

Quando o time veio trotando para o campo, o alarido da multidão virou um rugido, e o grito de guerra da escola pulsou pelos alto-falan-tes. Ken percebeu quando acenei para ele e deu uma corridinha até o estrado do outro lado da cerca, com o capacete descansando sob o braço.

— Que foi, Alderman?

— Como foi seu encontro no café?

— Bom — ele disse.

— Ela perguntou a você qual superpoder queria?

— Sim, eu falei para ela a frase que você disse para usar.

— E?

— Ela ficou feliz.

— Tudo bem, então. Pronto para a fase dois? — perguntei.

— Vai ter afinal um relacionamento com uma menina no futuro ou nós estamos só virando melhores amigos?

— Paciência, meu filho — eu disse. — Conversei com Bridget hoje e ela disse que viria ao jogo esta noite.

— É? — Seu olhar vagou pelas arquibancadas enquanto ele estudava a plateia.

— Me encontre depois do jogo — eu disse. — Vou levar ela para você.

— O que vocês vão fazer? — Ken me chamou enquanto eu me afastava.

— Confidencial — eu disse sobre o ombro.

Da minha perspectiva nas arquibancadas, vi quando Bridget chegou com duas amigas uns quinze minutos depois. Seu cabelo estava preso para trás numa trança embutida, mas ela ainda buscava de tempos em tempos enrolar os fios que escapavam do penteado. Esse traço nervoso, como tudo nela, era completamente familiar para mim agora. Do mesmo modo que a sensação dentro de mim cada vez que eu a via.

No intervalo, observei Bridget e suas amigas irem para o quiosque comprar bebidas. Um cara se aproximou dela enquanto Bridget esperava na fila, um dos caras do clube de teatro que tinha visto com ela em algumas ocasiões. Eu sabia que ele era gay, mesmo que não tornasse o fato público, então não me importei muito. Me incomodava quando eu a via falando com outros caras, meus pelos da nuca se ouriçavam. Não gostava da forma como os homens olhavam para ela, porque sabia no que eles pensavam quando faziam isso.

No terceiro quarto, uma enxaqueca começou no fundo do meu olho esquerdo. A monotonia da voz do anunciante e a seleção terrível de músicas foram o suficiente para fazer meus dentes doerem. Não era à toa que alunos do colegial geralmente tiravam a vida de seus colegas antes de as suas próprias. Quero dizer, One Direction? Sério? Como isso não viola alguma lei de proteção infantil?

Quando o relógio de contagem regressiva chegou aos dois minutos do último quarto, o alto-falante soltou o inevitável “Rock and Roll Part 2” do Gary Glitter, daí achei que ia vomitar o cachorro-quente que tinha comido. Eu estava feliz por Joey não estar comigo. Ela teria dito que dinheiro nenhum valia esse trabalho e estaria certa. Eu odiava quando Joey estava certa.

Enquanto o resto dos torcedores via a emocionante vitória do Wakefield, eu tomava posição. Bridget entrou na fila para descer a escada bem quando eu estava passando pela fileira dela. A multidão emperrava a saída, então teria alguns minutos para conversar com ela.

— Ei — ela cumprimentou com um sorriso quando me notou.

— Ei, você — eu disse enquanto descíamos lentamente a escada por entre a multidão. As costas de sua mão bateram na minha e o choque que provocou quase me fez tropeçar escada abaixo. Naquele breve toque, eu senti o frio do ar

noturno em sua pele, sua maciez. Se Bridget fosse outra menina, eu teria tomado sua mão e a feito ter certeza de que eu a queria. Mas Bridget não era outra menina. Ela era *a* menina. As pessoas ao nosso redor pareciam ter derretido e minha dor de cabeça se dissipou.

— Qual é a boa? — ela perguntou.

— Estou indo para uma festa depois do jogo — eu disse. — E você?

Ela soltou um pequeno suspiro e disse:

— Meu pai vem me pegar em trinta minutos. Ele não gosta que eu fique fora até tarde. Eu te procurei ontem quando fui visitar minha avó.

— É?

— É. Esperava ver você.

— Por que esperava?

— Não sei — ela disse como se não fosse grande coisa, mas notei suas bochechas corando. Intrigante. — Achei que talvez pudéssemos sair uma hora dessas. Ir ver um filme ou sei lá.

— Você quer dizer em algum tipo de serviço comunitário? Algum tipo de programa beneficente para uma bela menina dar autoestima a um cara totalmente mediano?

— Não acho que haja nada de mediano em você — ela me disse com os olhos semicerrados. Meu coração palpitou como um louco e eu tive de respirar fundo desconcertadamente. — Com quem você está aqui? — ela perguntou, mas fui distraído pela visão de Ken pairando à nossa frente.

O timing do Ken foi perfeito e, droga, ele era mesmo um filho da puta boa-pinta, seu físico perfeito acentuado pelo uniforme de futebol. Por sua vantagem de altura ele viu, em meio à multidão, que nos aproximávamos, com olhos só para Bridget.

— Ei, Ken — cumprimentei, fingindo surpresa ao encontrá-lo em nosso caminho.

— Ei, Alderman — ele respondeu.

— Bridget, você conhece o Ken, certo?

— Sim. Claro — ela disse com um sorriso, e eu pude sentir o coração de Ken reagindo a Bridget da mesma forma que o meu havia feito. — Você jogou muito.

— Valeu — ele disse, com um sorriso de certa forma tímido. Ele havia aperfeiçoado o movimento “modestinho” da cabeça em tal grau que eu imaginei que o fazia conseguir uma transa por semana.

— Ken estava me dizendo antes do jogo como acha ótimo o trabalho que você faz no Siegel Center — soltei casualmente.

— Sério? — Bridget quis saber, se voltando para Ken com novos olhos. — Como chegaram nesse assunto?

— Ele estava me contando sobre sua prima Jamie — eu o cortei antes que Ken pudesse estragar a conversa. — Ela tem Síndrome de Down e eles eram muito próximos na infância.

Ken começou a gaguejar um pouco, mas eu salvei a situação.

— Não fique envergonhado — eu disse, dando um soquinho amigo no ombro dele. — Não vou contar a Bridget que você estava aos prantos quando falava o quanto odiava quando as pessoas tiravam sarro da sua prima.

Ken me fitou nervoso, seus olhos esbugalhados me questionando enquanto Bridget começou a abrir o coração aos quatro ventos.

— Jesse — ela disse com um tom de aviso na voz. — Isso não tem graça.

— Só estou pegando no pé dele.

— Sabe — Bridget disse para o Ken —, você devia vir comigo ao Siegel Center qualquer dia. A criançada iria adorar, e você pode conseguir horas de serviço voluntário para o Prêmio de Serviço Volun-tário do Presidente.

Meu Deus, as pessoas são tão previsíveis. Nunca deixo de me impressionar como as conheço melhor do que elas mesmas. Dei a Ken a impressão de que meu plano era de certa forma premeditado. Na verdade, a ideia da prima falsa com Síndrome de Down me ocorreu durante o jogo, durante a terceira e desnecessária execução de “We Will Rock You” do Queen. Totalmente brilhante.

— Isso seria ótimo — Ken disse. — Seria... — Ele empacou, pigarreando, mas sua hesitação veio como uma emoção suprimida, então funcionou perfeitamente — ... faria mesmo a Jamie feliz saber que estou fazendo algo assim.

— Você devia trazê-la com você — Bridget disse com tanto entusiasmo que eu quase senti uma pontada de culpa. Quase.

Eis o que aconteceria: eu juntaria a Bridget e o Ken e cumpriria minha obrigação contratual com ele. Se eu acreditasse que era real-mente capaz de amar Bridget, poderia não ter seguido com isso. E de qualquer forma, minha teoria era de que, quando Bridget conhecesse Ken melhor, ela se cansaria dele rapidamente, e iria vê-lo como ele realmente é. Eu apenas deixaria a natureza seguir seu curso.

Eu poderia ter usado meus poderes para torná-la minha. E se você já não percebeu aonde isso nos levaria, claramente não prestou atenção até agora. No mundo real, a Bela não se apaixona pela Fera e vive feliz para sempre. No mundo real, a Fera transa com a Bela. A Fera quebra o coração da Bela. A Bela entra num comportamento autodestrutivo como dormir demais nas aulas da faculdade, aumentando assim o impacto emocional negativo provocado pela Fera. Era uma história triste.

— É, bem, ela mora no Maine — Ken disse, e fiquei impressionado com seu talento de improvisação. Nada mal para um cabeça-oca. — Passávamos os verões lá, quando eu era moleque.

— Ah, bem, você ainda devia vir como voluntário — Bridget observou com sinceridade. — Você podia ensinar aos moleques alguns passes de futebol americano. Estamos trabalhando no desenvolvimento do sistema motor, aumentando a confiança deles através do esporte.

Uau. Desconcertante. De onde vinha toda essa bondade?

— Você também, Jesse — Bridget disse, voltando sua atenção para mim, fosse para evitar que eu me sentisse deslocado, fosse porque ela realmente achava que eu tinha algo a oferecer às crianças do Siegel Center, não tenho certeza. Sua falta de autointeresse a tornava difícil de entender. — Você devia se oferecer. Pete adoraria ter você por perto.

E a Fera levantou sua cabeçona feia, assustando a pobre Bela e a levando aos braços do Príncipe Encantado.

— Está brincando? — perguntei. — Não acha que tenho mais o que fazer?

— Ei, pega leve — Ken disse, um gentil aviso para eu recuar.

Então os olhos inocentes de Bridget estavam nele e nossos destinos foram selados.

— Que seja, cara. Tenho uma festa para ir. Espera aqui com a Bridget até o

pai dela chegar para buscá-la? — Estendi a mão para cumprimentar Ken.

— Sim, claro — ele respondeu, dando um passo mais para perto dela a fim de assumir o papel de protetor.

— Te vejo por aí — eu disse para Bridget, me virando para ir embora. — Diga a Pete que eu dei um oi. — Meu tom foi casual e indiferente, mas eu podia sentir a bile na minha garganta e me senti enjoado. Bem enjoado. Mesmo que eu soubesse que dar o fora na Bridget era a coisa certa a fazer, ainda odiava me afastar dela, deixando-a com o Ken.

Dezessete

Na manhã de sábado, acordei numa cama estranha e por um momento desorientado não consegui me lembrar onde estava. Senti o peso de outra pessoa ao meu lado na cama, mas não abri os olhos para ver quem era.

Após alguns minutos, os acontecimentos da noite anterior começaram a voltar. Um barril de chope na fraternidade Phi Delt, com uma banda local cafona — mais garotas da fraternidade com baixa autoestima e spray de bronzeamento do que dá para contar. Aquela que deitava debaixo do meu braço era pequena e tinha cabelo preto, seu rosto estava inchado e borrado de maquiagem. Uma piada de humor negro sobre aquela situação veio à minha mente quando deslizei cuidadosamente meu braço de debaixo da cabeça dela.

Troquei para a estação local enquanto dirigia para casa naquela manhã. Dificilmente escuto a rádio normal porque a música é basicamente um lixo e ouvir rádio num carro é como minha versão particular do inferno — preso a um banco e forçado a escutar a mesma merda de música num círculo contínuo. Mas esta manhã eu estava curioso para ter uma atualização sobre como as coisas estavam indo na lavagem de carros.

A locutora falava com entusiasmo demais para às onze horas da manhã de um sábado, transmitindo ao vivo do Suds ‘n’ Shine. Os alunos do último ano de Wakefield que arrecadavam fundos tinham trazido o DJ Kiddush, um DJ bem conhecido no circuito de casas noturnas de Boston, que estava tocando mixagens das músicas mais recentes.

Sam Kline foi aluno do meu pai, um músico de talento incrível para tocar qualquer instrumento de cordas. Ele sempre foi pequeno e era um moleque meio fracote com uma leve gagueira. No seu primeiro ano da faculdade, Sam raspou o cabelo num moicano, pôs um piercing no lábio, trocou os óculos por lentes e começou a usar camisas obscuras de anime. Ele se rebatizou de DJ Kiddush, comprou um MacBook e inundou as mídias sociais com seus remixes de músicas populares.

Parei na lavagem de carros para verificar meu investimento e fiquei satisfeito ao ver uma dúzia de carros esperando na fila, caras lado a lado contra a lateral do

prédio para ver as líderes de torcida da universidade em seus uniformes mínimos.

Eu estava conversando com o DJ Kiddush quando Gray Dabson se aproximou de mim com um sorriso largo, seu pomo de adão grotes-camente protuberante fora do colarinho da camisa.

— Ei, Jesse. Isso é inacreditável — Gray disse com tanto entusiasmo que me fez retorcer no meu estado de ressaca. — Metade da cidade apareceu para as líderes de torcida lavarem seus carros. Acho que peguei o cara certo quando te contratei.

Gray estava aparentemente à vontade enquanto levava o crédito pelo trabalho dos outros, um dos sinais mais evidentes de um líder ruim.

— Tem uma fila de espera de quarenta e cinco minutos agora para a lavagem — Gray continuou, alheio ao fato de que eu ainda não havia dito uma palavra. Ele estava empertigado com seu sentimento inflado de autoimportância. — Mas não para você, claro. Vamos te passar na frente da fila. É o mínimo que posso fazer. — Ele praticamente estalou os dedos para um calouro que estava por perto e o chamou até nós. — Miles — Gray disse com o tom agora pesado de alguma autoridade imaginada —, diga ao pessoal que o carro do Jesse é o próximo e cuide para que ele tenha serviço completo.

— Miles — eu disse, colocando a mão em seu ombro e dando uma leve sacudida. — Se eu vir você ou qualquer um tocando no meu carro, arranco seu braço e te soco com ele, entendeu?

Kiddush soltou uma risada e balançou a cabeça, colocando os fones no ouvido.

— Hum, claro — Miles disse, lançando um olhar para Gray, que agora tinha gotas de suor na testa apesar de não estar nada quente.

Kiddush ofereceu o punho para eu bater, mas já estava de volta ao seu mundo de BPM quando me virei para sair. Conforme eu caminhava, Gray seguiu ao meu lado e afastou Miles com um movimento discreto da mão.

— Os caras do Jammin’ Java estão vendendo café e salgadinhos a manhã toda para quem está esperando na fila. Convidá-los para cuidar da venda do café e da comida foi um toque de gênio — Gray disse.

— Você tem direito a trinta por cento do que quer que eles vendam durante a

lavagem — observei, caminhando para cumprimentar as líderes de torcida. — Certifique-se de ter uma prestação de contas deles antes de irem embora.

— É, claro, sem problema, Sway — Gray respondeu rapidamente.

— Não me chame assim — retruquei.

— Tá... hum, Jesse, sem problema.

As líderes de torcida da universidade estavam rindo e conversando alegres quando me aproximei, buscando o familiar cabelo castanho, Courtney. Estava inclinada, esfregando o para-choque de um Acura; dois caras com barriga de chope, suas pobres escolhas de vida evidentes pelo guarda-roupa, estavam de lado, assistindo sem disfarçar o tesão. Eu não os culpava. Eu havia passado a maior parte dos meus anos de formação sob o mesmo feitiço.

— Ei, garota — chamei quando estava a cerca de dez passos dela.

Courtney tinha um sorriso travesso quando se levantou para me cumprimentar.

— Ei, Jesse — disse docemente. — Quanto tempo.

— Sentiu saudades? — perguntei, e ela riu jogando a cabeça para trás, seu cabelo castanho com um brilho avermelhado do sol. Courtney era uma dessas meninas bonitas que ficavam absurdamente lindas pela própria força da personalidade. Aos catorze anos de idade eu ficava duro como uma pedra toda vez que chegava a cinco metros dela. Seus pais, próximos dos meus desde que ela tinha quatro e eu era só um bebê, haviam passado muitas noites na minha casa. Enquanto nossos pais bebiam e conversavam até altas horas, nós assistíamos a filmes da Disney de pijamas no chão da sala. Courtney foi meu primeiro amor. Eu a amava de um jeito que só um moleque de nove anos pode amar uma menina de doze. A primeira menina que vi pelada ao vivo. A primeira menina que me beijou, mesmo que tenha sido na bochecha e seus lábios estivessem engordurados de manteiga de pipoca. A pri-meira e única menina a partir meu coração quando se apaixonou por um jogador de futebol playboy que se mudou para nossa cidade vindo de Baltimore, quando Courtney tinha quinze. Aos doze, eu estava tão cheio de esperanças, sabia que logo minha voz iria mudar, que cresceria pelo no meu saco e que finalmente ficaríamos juntos. Mas não aconteceu da forma que eu imaginei. Na vida isso nunca acontece.

Não, ela se apaixonou por um playboy que batia a bola na cabeça como uma

foca treinada, não por um judeu de doze anos que tocava violão clássico. Eu estava mais velho agora, não mais sem jeito na presença do sexo oposto, mas ainda sentia uma comichão no estômago e um arrepio nas entranhas sob o brilho do sorriso dela.

Ela jogou um braço possessivo no meu pescoço e me segurou bem perto.

— Gente — ela chamou as outras líderes de torcida que trabalhavam no Acura —, este é meu irmãozinho Jesse.

As meninas sorriram e deram oi, e eu coloquei um braço na cintura de Courtney para dar um breve abraço. Era mais alto do que ela agora, um pequeno triunfo.

— Como vai? — perguntei.

— Bem. Bom ver você — ela disse, se esticando para bagunçar meu cabelo com seus dedos esguios.

— É?

— É. Penso em você o tempo todo. Fiquei bem feliz que me ligou. Sempre penso em ligar, mas... — ela hesitou enquanto buscava as palavras certas para dizer, então desistiu. — Bem, você sabe.

— Claro, é. Não precisa explicar.

— Eu sempre penso que talvez possa apenas ligar para você e não mencionar, não mencionar nada sobre sua mãe. Mas daí começo a pensar que pode ser estranho. Você sabe que não pode ligar para alguém e *não* falar sobre isso.

— E se você não fala sobre isso, fica algo no ar, como um elefante na varanda, todo mundo muito educado para mencionar — eu disse, completando o pensamento para ela. — Droga, garota, acha que precisa me dizer tudo isso? Eu sei. Tenho vivido isso.

Ela apertou minha mão, se afastando dos outros comigo para ter privacidade.

— Vejo seu pai às vezes — ela disse. — Sabe, ele ainda encontra meus pais de vez em quando. Eu sempre procuro você quando vamos para a sinfonia.

— É? Bem, acho que é bom fazer falta.

— Claro que faz falta — ela disse, dando um leve chacoalhão no meu ombro. — Eu te amo como um primo.

— É por isso que eu sabia que podia contar com você hoje.

— É, acho que nasce uma otária a cada minuto — ela disse com uma careta e um franzir irônico de sobrancelhas. — Sabe, em vez de ir para a faculdade, você devia pensar em concorrer ao Senado ou algo assim.

— Por favor — zombei —, políticos não conquistam nada. Eu nunca entraria numa linha de trabalho tão fútil.

— Então o mundo vai perder um dos melhores artistas da enrolação naquele jogo.

— Não se enrola um enrolador. Você é a melhor no ramo. Fico admirado. Além do mais, agora você pode se sentir bem com isso, apoiando sua *alma mater*, os pobres moleques em desvantagem que estudam em Wakefield agora vão ter um baile decente e uma viagem classuda de formatura.

Ela riu e bateu no meu braço, mas de leve, como um pássaro tocando suavemente um galho.

— Então, o que tem feito? Saindo com alguém? — ela perguntou.

— Não. E você?

— Na verdade, não — ela suspirou. — Estava saindo com esse cara que curte muito umas paradas gregas.

— Hum, achei que caras da fraternidade fossem todos gays.

— Ah, que sutil você — ela comentou, me batendo na barriga e dando um beijo na minha testa quando me dobrei para absorver o impacto. Quando ela se virou, eu me peguei estudando-a, comparando sua beleza com a de Bridget. Pensar em Bridgt na presença de tamanho charme e beleza não era um bom sinal.

Dezoito

Não sei de toda a história sobre como as coisas rolaram entre a Bridget e o Ken. Não perguntei. Não queria saber nenhum detalhe. Mas comecei a vê-los caminhando juntos pelos corredores da escola. Eu sabia, pelo Pete, que nas semanas seguintes estava dando uma de meu comparça, que Ken agora era voluntário com Bridget às terças no Siegel Center e a estava ajudando a organizar uma maratona para levantar dinheiro para o jardim terapêutico, fosse lá o que isso fosse, para as crianças com quem ela trabalhava.

Ken era como o monstro do Frankenstein, transformado no sr. Cara Legal sob influência de Bridget. De uma hora para a outra, o pior valentão a caminhar pelos corredores de Wakefield se tornou defensor dos fracos e deformados. Se eu acreditasse que as pessoas pudessem mudar, teria dito que Bridget tornara Ken um verdadeiro convertido, mas conhecendo as pessoas, que é o que eu faço de melhor, eu sabia que a mudança só podia ser superficial.

David Cohen me interpelou depois da aula de química novamente num dia daquela semana, parecendo preocupado e exasperado. Era meu hábito agora tomar o caminho longo até o refeitório depois do quarto período para poder passar pelo armário de Bridget. Ela e eu podíamos almoçar mais cedo enquanto Ken estava preso nas aulas e almoçava mais tarde, então eu sabia que podia vê-la sozinha depois do quarto período. Às vezes eu era bloqueado pela massa de alunos seguindo para o refeitório e ela não me notava; outras vezes Bridget me via e seu rosto se abria num sorriso. Quando ela me via, eu geralmente dava um aceno ou uma piscadinha, mas nunca parava para conversar.

— Preciso de dinheiro — David anunciou, seguindo pelo corredor do primeiro andar.

— Eu te dei cem dólares de adiantamento semana passada — eu disse num volume que só ele podia ouvir.

— Eu sei, mas preciso de mais.

— Não administro uma instituição de caridade, David — eu disse em tom de advertência. Ele precisava ser colocado em seu lugar. Na verdade, eu estava cheio dele e buscava um substituto. Havia uma caloura em cálculo avançado que

comecei a preparar para ser substituta de David, uma nerd asiática chamada Hilary. Imaginei que ela seria vulnerável, fácil de colocar sob minha asa dado seu acanhamento, mas ela estava jogando duro, exigindo quase o dobro do que eu pagava ao David. Tentei lhe explicar que o mercado não suportaria o tipo de preço que ela estava cobrando, mas até então ela não tinha cedido. Uma hora Hilary e eu chegaríamos a um acordo, a fissura estava nos seus olhos, então eu sabia que ela não deixaria a oportunidade passar, e eu respeitava seu talento para negociar. Mas nesse meio-tempo eu ainda estava bastante dependente do David.

— Os trabalhos de laboratório que você me passou semana passada foram os mais toscos que já vi você fazer. Não pude nem cobrar o preço cheio por eles.

David esfregou nervoso o nariz e mexeu os ombros para redistribuir o peso de sua mochila.

— Fiquei fora quase todas as noites semana passada com a Heather, e o baile vai me arrancar uns quatrocentos dólares: smoking, limusine, jantar.

Ele estava cheio de desculpas, o que era sinal de falta de caráter. David estava na minha cola desde o segundo ano, mas eu era mais esperto agora e sabia evitar o seu tipo. Sua inteligência era superficial, útil apenas para fazer os trabalhos que os professores do colégio exigiam, mas não havia nada de original ou criativo em seu trabalho. Ele se importava apenas com reputação e prêmios vazios, não se importava em nada com a satisfação de um trabalho bem-feito.

— David, não posso ficar te adiantando dinheiro se vai me entregar um produto de merda — declarei a obviedade dolorosa.

— Eu sei — ele disse muito rápido, o que significava que não estava realmente ouvindo. — Entendi. É que eu comprei um colar muito caro para a Heather com as minhas economias para a faculdade. Meu pai descobriu e cortou meu acesso à conta. Os cem que você me deu semana passada mal pagaram o jantar e o cinema na sexta. Eu tive de dizer que ia para um bar mitzvah no sábado porque não tinha grana nenhuma para sair com ela.

Como isso aconteceu? De repente sou o psicólogo desse cara, seu agiota, cafetão. O comportamento dele era totalmente antiprofissional e agora eu estava sendo sugado numa situação em que tinha de investir tempo para dar conselhos sobre sua vida pessoal.

— Meu Deus, ela está sugando seu sangue — eu disse com desdém. — Ela

vai te arruinar se você não pular fora agora. — Estávamos nos aproximando do armário da Bridget e minha mente estava fugindo do problema do David.

— Não! — ele gritou, então caiu em si e, após uma olhada furtiva para ver se alguém estava prestando muita atenção na nossa conversa, baixou a voz: — De jeito nenhum. Estou me dando bem tipo uma vez por semana. Heather me pagou um boquete no carro depois que dei o colar para ela. Heather é a melhor... a única... coisa que já aconteceu comigo. Não vou desistir dela.

Parei para encará-lo no corredor para que minhas próximas pala-vras fossem absorvidas. Passamos pelo armário da Bridget e eu tive apenas um vislumbre do cabelo dourado dela além por sobre a cabeça do David. Agora ele havia arruinado o momento do dia pelo qual eu esperava ansiosamente, e eu estava cheio de sua fraqueza, da sua falta de respeito próprio.

— Eu vou te dar mais cem pelas tarefas que vai entregar daqui a duas semanas, mas da próxima vez que me der um produto que eu não possa vender, você está fora. — Ele reagiu com um sorriso aliviado, como um junkie que acabou de arrumar sua dose. Ergui a mão para silenciá-lo e continuei: — Agora, vou te dar um conselho, de graça, e se você for esperto, vai aceitar. Uma garota como Heather é veneno. Ela parece quente e vai te tratar bem desde que você pague por isso, mas vai te arruinar sem nem olhar para trás. Pule fora agora enquanto você ainda tem alguma dignidade.

Ele não estava me escutando, parou de ouvir assim que disse que eu lhe daria dinheiro, e eu sabia que era só uma questão de tem-po. Era hora de trabalhar na substituição do David. Nos negócios, ligações emocionais são uma suscetibilidade. David havia sido comprometido por seu relacionamento com Heather e não tinha mais utilidade para mim.

Dezenove

— Sabe como se define a beleza? — Pete me perguntou enquanto contemplava pensativo um pedaço de omelete em seu garfo.

— Isso é uma pegadinha? — eu quis saber. Era uma tarde chuvosa de sábado e estávamos matando o tempo antes de eu passar no Rob Skinhead para me estocar de lembrancinhas para uma noite de esbórnia bêbada adolescente.

Ele me ignorou e continuou a falar:

— Antropólogos fizeram estudos para descobrir o que faz uma pessoa perceber outra como bonita. Foi descoberto que em culturas pelo mundo, de bosquímanos na África a pastores de alpaca na Bolívia, quanto mais simétrico é o rosto de alguém, mais equilibrados são os traços da pessoa e mais bonita ela é considerada. É uma verdade universal.

— Sério? — Franzi de leve o cenho. — As pessoas pastoreiam alpacas? Achei que elas eram caçadas no mato.

Pete ignorou meu comentário, ele era bem bom em me ignorar, na verdade. Mesmo quando eu estava tentando irritá-lo de propósito, ele não notava ou não se importava.

— Claro que há outros fatores — ele continuou, voltando o olhar para a janela. — Com algumas pessoas, é mais questão de atitude, a forma como ela se porta. Como você. Quero dizer, você não é feio...

— Valeu por isso. — Estendi meu copo d'água para ele num brinde de brincadeira.

— Mas o que o faz atraente é o fato de se portar com confiança, como se você fosse o cara.

— Quem disse que não sou o cara? — perguntei, me recostando e esticando um braço atrás do banco para pedir a conta para a garçonete.

— Meu ponto — ele disse quando se virou de volta para me olhar no olho — é que as meninas são biologicamente predispostas a sentir atração por certo arquétipo de homem; um cara que tem traços simétricos, é alto mas não alto demais, ombros largos, musculoso. Falando estritamente de um ponto de vista evolucionário, faz sentido. Nenhuma mulher iria querer copular com um cara

fraco ou doente, e acabar tendo filhos fracos e doentes.

— É, tá, entendi, se acontecer um naufrágio e todo mundo estiver morrendo de fome, você será o primeiro a ser comido. E daí? — peguntei quando a garçonete pôs nossa conta na mesa. — Valeu. — Dirigi inconscientemente um sorriso a ela.

— De nada — ela disse. Sua mão foi para a nuca e enrolou uma mecha de cabelo que tinha se soltado do rabo de cavalo. Conforme ela se afastava, olhou por sobre o ombro e me pegou olhando para ela.

— Viu o que eu disse? — Pete soltou quase em acusação.

— O quê?

— Se eu olhasse pra uma garota assim, ela apenas reviraria os olhos, provavelmente me diria para dar o fora.

— Não estou dando em cima de ninguém. Eu só a agradeci por ter trazido a conta — eu disse, tirando a carteira do bolso. Pete se moveu para alcançar o bolso traseiro e eu apenas dei uma leve sacudida na cabeça e coloquei meu cartão de crédito na mesa.

— Valeu. Pago a próxima. Mas estou certo. Você estava total dando em cima daquela menina e ela estava retribuindo.

— Você está vendo coisas.

— Ah, é? Quando ela voltar, peça o telefone dela, veja o que ela diz.

— Aonde exatamente você quer chegar? — perguntei.

— Meu ponto é que nenhuma menina vai olhar duas vezes para um cara como eu porque meu rosto é torto e ando mancando. Ninguém quer um bebê torto e manco, então ninguém vai querer ir pra cama comigo.

— Então, vai encontrar uma garota com baixa autoestima e boa disposição. Coisas piores acontecem na vida, manco.

— Peça o número dela — ele disse quando a garçonete voltava para nossa mesa.

— Peça você — retruquei.

Ele balançou a cabeça e olhou pela janela de novo assim que ela veio pegar meu cartão de crédito. Quando trouxe a notinha para eu assinar, ficou sem jeito enquanto eu anotava que a gorjeta seria de vinte e cinco por cento. Quando pegou a notinha, ela me agradeceu e apoiou o quadril contra o canto da mesa.

— Eu estava... hum... bem, estava me perguntando se você gosta de música — ela disse para mim, voltando a enrolar nervosa a mecha solta de cabelo. — Nas quartas-feiras temos uma noite com microfone aberto no Hut, lá na universidade.

— Você toca um instrumento? — perguntei a ela.

— Mais ou menos — respondeu com uma risada receosa. — Toco violão, mas basicamente sou cantora. Você toca?

— Não — eu disse, lançando um olhar para o Pete, que estava murmurando para si mesmo enquanto olhava o trânsito pela janela. — Mas curto música.

— Bacana. Talvez eu te veja lá uma hora dessas — ela comentou, se afastando.

— Eu te disse — Pete observou numa voz bajuladora quando ela se foi. — Ela nem notou que eu estava aqui.

— Provavelmente ela só está sendo educada, ignorando o fato de que você é um lunático, aí falando sozinho.

— Vai convidá-la para sair?

— Duvido. Se ela vai numa noite de microfone aberto no Hut, ela não pode mesmo ter bom gosto musical.

— Acho que se você tem garotas se jogando aos seus pés, pode escolher as que terão a honra de sua presença.

— Acho que você está obcecado demais pela ideia de que as pes-soas não gostam de você porque tem uma cara esquisita — eu disse, reflexivo. — Deveria pensar que tem mais a ver com sua personalidade de merda.

— Você é uma comédia.

— Preciso vazar — informei enquanto olhava o relógio e me levantava.

— Vou com você — Pete disse, alcançando a mochila.

— Hoje não, manco. Não posso te levar para onde estou indo.

— Por que não? — ele quis saber.

— Porque o Rob Skinhead é coisa pesada. Tudo pode acontecer quando se está lidando com um indivíduo louco como ele.

— Você de fato conhece alguém cujo nome é Rob Skinhead?

— Ele não se chama de Rob Skinhead. Ele é um skinhead que por acaso se chama Rob.

— Por que você é amigo de um skinhead? — Pete perguntou com a voz elevada como quando estava frustrado comigo.

— Não mando um cartão de Natal todo ano, Pete. Só compro coisas dele.

— Mas ainda assim — ele disse franzindo o cenho —, você não é judeu? Os skinheads não odeiam os judeus?

— Claro, eles odeiam tudo e todos que não sejam playboys brancos protestantes, odeiam até os gays e aleijados como você. — Eu aceitei o dedo do meio que ele me mostrou com um pequeno aceno. — Mas ele sabe que seria impossível ir em frente se lidasse estritamente com arianos. O Rob Skinhead pode ser louco, mas é um homem prático de negócios.

— Se ele é perigoso demais, por que você vai lá sozinho? Não fica preocupado que algo possa te acontecer?

— Eu não confio nele porque não sou idiota, mas com certeza não quero você comigo se a polícia decidir que hoje é o dia de apagá-lo, ou se o Rob de repente sair da casinha. Sua irmã me mataria.

Ele me olhou feio, mas não insistiu no assunto.

— Vamos sair de noite — eu disse, me afastando. — Eu te busco.

Enquanto dirigia para longe da lanchonete, sentia meus ombros se tensionarem. Lidar com Rob não era prazeroso. Eu só esperava que Grim não estivesse lá. Só a ideia de ver o Grim fazia meus testículos encolherem para o abdome.

Vinte

Rob Skinhead morava com a mãe, uma mulher baixa de cabelo crespo e descolorido que vivia sem grana. Ele era fruto do primeiro casamento dela com um cara que entrava e saía da prisão desde que Rob tinha saído do ventre. Sua irmã mais nova era filha de um homem diferente, e tinha só uns catorze anos. O irmão a tratava como lixo, mas era estranhamente protetor quando um cara mostrava qualquer interesse por ela. Não que muitos caras fizessem isso. Ela era pequena para a idade e tinha traços masculinos, a pele pálida, uma rede de veias aparecendo na testa.

Fui para a porta dos fundos, que dava no porão de Rob, escuro e úmido, cheirando à roupa mofada. Pôsteres de luz negra adornavam as paredes e uma grande bandeira suástica pendia do teto sobre a cama. Havia várias prateleiras tomadas de livros que demonstravam mais a ideologia de Rob do que uma indicação de que ele era capaz de ler — *Mein Kampf*, *Eugenics*, *Vontade indômita* e, estranhamente, *As crônicas de Nárnia.*

— Ei, Rob — cumprimentei com um rápido aceno, segurando a porta para que não batesse atrás de mim.

— Está atrasado — observou sem tirar os olhos da TV de quarenta e duas polegadas que estava sobre uma pilha de engradados de plástico de leite no pé da cama. Eu sabia sem olhar que ele estava assistindo a um filme do Mel Gibson — o herói pessoal de Rob Skinhead porque o ator era antissemita e negava o holocausto. Na minha opinião, usar um mullet como o de Mel era um crime maior do que comer *latkes*, mas eu guardava cuidadosamente as minhas opiniões na presença de Rob.

Apesar de ele ter dito que eu estava atrasado, não estava convencido de que o tempo tivesse qualquer significado para Rob. Ele não saía do porão com muita frequência. Pelo menos não durante a luz do dia. Sua pele era pálida como o sol de inverno, seus olhos de um azul-escuro que parecia quase preto, como os de um tubarão, desprovidos de emoção. A faixa de cabelo no centro da cabeça era rala e escura demais para ser natural. Eu não me desculpei pelo atraso. Ceder ao Rob seria um sinal de fraqueza, e ele se alimentava dos fracos. Mudei o assunto

para os negócios, a única língua que Rob e eu tínhamos em comum.

— Tiro cinquenta balas de Ecstasy das suas mãos se você tiver.

— Onde está aquela sua mina? Eu gosto quando você manda a Joey para me ver — ele disse, alcançando um maço de cigarros e um isqueiro.

— Não sei. Não vejo essa menina socialmente — menti.

— É — ele assentiu. — Ela é um tipo frígido. É metade do charme dela.

Dei de ombros, fingindo indiferença, mas sabia que nunca mais mandaria Joey para esse lugar fazer um trabalho para mim.

— Ei, tem um show que quero ver, na próxima quinta à noite, acha que consegue arrumar ingressos para mim? — ele perguntou, se levantando e indo para o grande cofre que ficava na área de serviço para mexer na combinação.

— Claro. Qual é o show?

— Voivod.

— Sem problemas. É só eu fazer umas ligações.

— Sabe — ele disse, apalpando o interior do cofre e contando as pílulas num saco —, você é o.k., Grim sempre diz que eu não devia confiar em você, sabe, não devia confiar num judeu, mas você não é mau.

— É, bem, sabe, sou apenas meio judeu.

— Ah, é? — Rob perguntou, alheio à minha piada. — Acho que não é tão mal. Não como se você fosse preto, gay ou sei lá.

Jesus chorou.

De repente o quarto pareceu pequeno, como se as paredes es-tivessem se fechando, e eu desejei ar fresco e sol no meu rosto. Busquei um maço de notas no bolso, querendo acelerar as coisas e sair, a ameaça daquele lugar era palpável. Então houve um rangido da porta do porão se abrindo e um par de pernas apareceu nas escadas. Logo enfiei o dinheiro de volta no bolso e apoiei a mão casualmente no rosto, como se eu estivesse só curtindo.

A irmã de Rob apareceu carregando um cesto de roupa suja. Vestida só de bermuda e uma regata de barriga de fora, o traje em sua constituição mirrada era indecente. Voltei os olhos para o chão, como se só olhar para ela já fosse um tipo de violação.

Ela me observou, sua expressão vazia e idiota.

— Ei — eu disse, com o olhar voltado para qualquer lugar que não

diretamente para ela.

— Que porra? — Rob xingou, batendo a porta do cofre.

Estremeci com o som de sua voz, mas sua irmã mal percebeu sua raiva. Ela ainda estava me olhando, como um coelho esperando que, se fizesse algum movimento repentino, acabaria como o jantar de alguém.

— Eu te disse para bater antes, sua trouxa! — Rob gritou.

Ela manteve o olhar fixo em mim, como se pedisse para que eu me adiantasse e dissesse algo para acalmar o Rob. Por um minuto, fiquei hipnotizado, vendo toda a existência patética dela através das janelas para sua alma. Como um animal criado numa jaula, ela não conhecia nada diferente, mas ainda assim havia vontade de salvação. Então as persianas se abaixaram novamente e sua expressão foi tomada pela aceitação bovina de uma vida que oferecia apenas a promessa de dor.

Rob derrubou a cesta de roupa da mão dela e a empurrou. Ela gritou, mais de medo do que de dor, e avançou para a metade da escada, antes de se virar e gritar.

— Vou contar para a mãe!

— Vá em frente! — Rob retrucou. — Daí eu deixo a desgraça dos seus dois olhos roxos, sua merdinha inútil.

Ela estava chorando quando bateu a porta do porão, Rob grunhindo e murmurando para si mesmo quando voltou ao cofre. Num instante ele voltou com um saquinho de papel amarrotado e jogou no meu colo.

Meus pés coçavam para ir embora enquanto eu o esperava contar o maço de dinheiro, e não aproveitei o tempo, como geralmente faço, para verificar se ele havia me dado o número certo de balas. Quando emergi da toca de Rob, respirei fundo; não tinha percebido que até aquele momento eu estava dando apenas fungadas no ar tóxico no porão dele. Caminhei até o meu carro sabendo que seria a última vez que eu visitaria aquele lugar.

Vinte e um

Naquela noite meu pai tinha um show, então a casa era só minha. Meu celular estava vibrando com mensagens desde o começo da noite, mas eu as ignorei. Elas podiam esperar. Alguém me ligou quando eu estava na frente da pia penteando o cabelo depois do banho. Pete. Eu atendi. Houve uma breve pausa depois que respondi, então ouvi sua voz baixa, quase um sussurro.

— Jesse?

— Sim.

— Você disse que a gente ia sair — ele falou, parecendo de saco cheio.

— Nós vamos. Só estou terminando de me arrumar — respondi enquanto ajeitava o cabelo com a palma da mão e dava uma última olhada no espelho. — Vou te pegar.

— São nove da noite! — ele gritou.

— E?

— Meus pais não vão me deixar sair às nove da noite. Para onde diria a eles que estou indo?

— Merda, não sei, Pete. São seus pais. Diga o que quiser, ou não diga nada. Sei lá.

— Quer dizer, sair escondido? — ele perguntou com a voz subindo em tom de alarme.

— Ou apenas sair. Meu Deus, relaxa. Vou estar aí em dez minutos — eu disse e desliguei antes que ele começasse a resmungar alguma outra coisa.

Quando parei na frente da casa dele, Pete estava sentado na sarjeta, escondido atrás de um carro estacionado.

— Para onde vamos? — ele perguntou, colocando o cinto.

— Para uma festa.

— Que tipo de festa? Vai ter álcool lá? — ele me atazanou, que era o normal dele.

Eu franzi a testa.

— Que outro tipo de festa existe?

— Por que estamos indo tão tarde?

— Não é tarde, Pete. Dez da noite é cedo, a não ser que você tenha quatro ou quarenta anos — observei, aumentando o volume de volta para um nível audível.

— Que droga você está escutando?

— *Fausto* — eu disse. — Uma ópera de Gounod.

— Você escuta ópera?

— Todo mundo não escuta? — Ele não podia saber se eu estava sendo irônico, então apenas fechou a boca pelos dez minutos até chegarmos à festa, o que era algum tipo de recorde para ele.

Eu não precisava do GPS para me dizer que tínhamos chegado à casa, já que havia meia dúzia de caras cambaleando pelo gramado da frente, gritando e se agitando enquanto dois de seus amigos lutavam no chão, travados em algum tipo de ritual de acasalamento pseudo-homossexual.

Uma pequena plateia de meninas de saias curtíssimas se reunia ao redor da escada da frente, alheias ao fato de que os caras estavam preocupados demais em se tocar para notá-las. A casa estava pulsando com o baixo de uma música que não era identificável de onde estávamos.

— Cara, preciso parar de dar as caras nessas festas de colégio — eu disse com um suspiro cansado. — Isso é um show de merda.

— Show de merda é bom ou ruim? — Pete perguntou.

— Nada é bom ou mau — eu disse ausente —, o pensamento é que torna as coisas assim.

— O que é isso, poesia ou algo do tipo?

— Você fala demais — apontei, mas ele ignorou minha observação, seu modo costumeiro.

— Parece que somos os últimos a chegar — ele observou enquanto esperava para eu abrir minha porta primeiro. Não abri, apenas fiquei sentado no meu banco inspecionando a cena do gramado.

— Não importa — eu disse. — A festa não começa até eu chegar.

— Ah, é? — ele deu uma de esperto. — Você é tão popular que eles não podem dar uma festa sem você?

— Eu trago todos os quitutes da festa. Estão todos esperando suas balas, seus papelotes.

— O que você...? Quer dizer que você é traficante? — ele perguntou com a

voz subindo a um guincho. — É sério?

— O que achou que eu estava fazendo no Digger? Comprando cem gramas de maconha para fumar sozinho?

— Sei lá. Não achei que você fosse traficante. Ai, cara, você vai me fazer ser preso.

— Estou sentindo muito julgamento vindo de um moleque que baba e tem uma perna manca.

— Vai se foder — ele disse, sua voz baixando de volta algumas oitavas, sua mão inconscientemente subindo a seu lábio inferior para testar a umidade.

— Então, moleque — eu disse.

— Você às vezes é um cuzão, sabia?

— É. Vamos.

A casa estava um desastre: os onipresentes copinhos vermelhos cobrindo todas as superfícies, garotas dançando mal no sofá e os detritos de um lar respeitável espalhados pelo chão — mas as pessoas ainda pareciam sóbrias o suficiente para que as coisas estivessem basicamente sob controle.

Tínhamos dado cerca de doze passos dentro da casa quando a voz de Carter retumbou pela sala de estar aberta:

— A-yo! — ele gritou. Ele era uma cabeça mais alta do que todo mundo na sala e nos viu imediatamente. As pessoas abriram caminho e Pete seguiu atrás de mim enquanto eu me dirigia até o Carter. Quando ele já podia me alcançar, me puxou num abraço firme, não um abraço de macho, um abraço de verdade, me dando um belo chacoalhão antes de me soltar. — Ei, Sway — ele cumprimentou enquanto me equilibrava.

— Ei, Carter — eu disse e tirei meu saquinho do bolso interno e passei para ele —, com meus cumprimentos.

— Meu, eu amo esse cara — Carter disse para Pete, que agora estava ao meu lado, tentando parecer casual e fracassando bonito porque seu queixo caía de espanto com a visão ao seu redor. A música estava alta, parecia Katy Perry, apesar de a maioria da porcaria pop soar igual para mim. As meninas estavam dançando enquanto os caras as cercavam assistindo, lançando olhares maliciosos e dando sugestões rudes. Por mais triste que fosse, aqueles seriam os caras que acabariam trepando naquela noite. Uma das leis do universo é a de que se você

der em cima de cada menina que vê, uma certa porcentagem pode topar a trepada. Alguns caras preferem quanti-dade a qualidade.

Duas meninas vieram dançando até nós enquanto conversávamos com o Carter, rindo e puxando para baixo a barra da saia curta e para cima o decote fundo de suas blusas.

— Ei, Sway — a menor, mais bonita e mais loira, disse para mim pas-sando um braço no meu pescoço. Seu hálito tinha o cheiro doce nauseante de bebida maltada e seu brilho labial parecia cobertura de bolo.

— Não me chame assim — e balancei um ombro para afastá-la.

— Tem bala? — ela me perguntou. — Quero me sentir sexy esta noite. — Ela disse isso se esfregando em mim como um gato.

— Se tiver vinte dólares, tenho uma bala para você, Maria.

Ela fez beicinho, mas buscou no sutiã e tirou duas notas amarrota-das de vinte.

— Quero duas. Quem é o bisonho? — ela perguntou, finalmente notando Pete, que estava estudando o decote dela bem de perto; não acho que os olhos dele subiram até o rosto.

— Este é o Pete — eu disse. — É meu primo. Ele estuda num colégio interno na Suíça, mas fodeu o joelho num acidente de snow-board, então voltou para se recuperar.

— Sério? — ela perguntou, agora olhando para Pete com interesse genuíno.

— Sério — respondi.

— Suíça? — ela disse, falando com Pete agora. — Você é rico ou algo assim?

— Não, Maria — intervim com um sorrisinho para o bem de Pete —, é um daqueles colégios internos suíços de caridade para garotos pobres.

Pete ainda não havia dito uma palavra, mas Maria se soltou de mim e foi atrás dele, se jogando em sua riqueza como um soldado protegendo um pelotão de uma granada viva.

— Eu sou a Maria — ela disse, mas Pete ainda não tinha levantado o olhar do decote, então talvez não tenha escutado o nome dela. — Vem — ela continuou, puxando Pete pelo braço à medida que se afastava.

Pete me encarou com os olhos esbugalhados de incerteza, mas eu apenas

voltei à minha conversa com o Carter.

Cerca de uma hora depois, enquanto eu buscava um banheiro que não estivesse sendo usado como vomitório, topei com Bridget no pé da escada. Ela segurava um copo vermelho, mas parecia bem firme.

— Você não deveria estar em casa lustrando sua auréola? — perguntei.

— Acho que te falei, Jesse — ela disse seca. — Estou determinada a gostar de você, mesmo que você não queira.

— Está falando sério?

— Muito. Pete fala de você sem parar: Jesse isso, Jesse aquilo, ele praticamente te venera.

— É? — Fingi surpresa. — Onde ele está hoje? — Eu não iria assumir nenhuma responsabilidade se ela visse o irmãozinho bebendo com os delinquentes.

— Em casa. Meus pais têm um toque de recolher severo — ela disse, torcendo o nariz levemente. — Vou dormir na casa de uma amiga, o único motivo para eu estar fora tão tarde. Eles surtariam se soubessem que estou aqui.

— Não vão ouvir de mim — eu disse com sinceridade.

Ela riu e me cutucou no peito brincando, e, *meu Deus*, tive de lutar contra a vontade de agarrá-la e cobrir sua boca com a minha.

— Você está aqui com quem? — ela perguntou

— Vim sozinho — respondi, torcendo para que Pete não escolhesse esse momento para aparecer. — E você?

— Vim com o Ken — Bridget disse bem quando ele apareceu atrás dela, com os olhos esbugalhados ao ver que ela estava falando comigo.

— Ei, Alderman — Ken cumprimentou, passando a mão na cintura de Bridget e deixando-a deslizar para que descansasse na bundinha perfeita dela.

— Ei, Ken — eu disse, evitando deliberadamente olhar para a mão dele enquanto meu sangue fervia.

— Eu estava dizendo ao Jesse que ele se tornou o novo herói do Pete — Bridget disse com ironia, se virando para o abraço de Ken e se apoiando no torso perfeitamente esculpido dele.

— É mesmo? — Ken peguntou, com um tom amistoso, mas os olhos se

estreitando com desconfiança enquanto estudava minha ex-pressão. Houve uma comoção repentina na sala quando as pessoas começaram a encorajar um cara que estava virando uma lata de cerveja por um buraquinho na base. Ken estava distraído com a atividade, mas peguei um olhar de reprovação de Bridget. Ela e eu trocamos um olhar significativo enquanto Ken ria alto do espetáculo.

Ele se juntou ao pessoal que gritava enquanto o babaca virava a cerveja.

— Que divertido — comentei.

— É — Bridget concordou com um suspiro. — Acho que nunca tinha ido a festas como esta até começar a sair com o Ken.

— Não sabia que você e o Ken estavam "saindo" — eu disse casualmente. — Estão namorando?

— Ele tem me ajudado no Siegel Center com as crianças, então, é, nós estamos meio que... nos conhecendo.

— Achei que você só se interessava em namorar caras feios. Caras feios com um bom coração, não é isso?

— É, tá, o Ken é bonito. Mas também é gente boa. Pelo menos não tem medo de dizer o que sente por mim. Sabe, não ajuda em nada um cara gostar de você se ele não te *diz* que gosta. — Ela mandou esse desafio com um sorriso doce.

Nós bancamos os silenciosos de novo.

Sério, geralmente eu era campeão mundial de vaca amarela. Mas perdi. De novo.

— O que isso que dizer? — perguntei.

— Só estou jogando conversa fora — ela disse cheia de inocência.

— Sabe, você pode gostar de pensar que me conhece, mas não conhece. Não é tão esperta quanto acha que é.

— Eu sei o suficiente. Não sou tão ingênua quanto você gosta de pensar, *Sway*. — Odiei o som do meu apelido na voz dela.

— Não gosto de pensar em você de modo algum — eu disse.

Ela abriu a boca para responder, mas antes de poder dizer qualquer coisa, Ken a interrompeu:

— Ei, Bridge! — ele gritou, enquanto eu ficava pasmo com o apelido nada lisonjeiro que ele usava para ela.

Por alguns instantes ela hesitou, e eu achei que fosse ignorá-lo e ficar comigo. Ken chamou-a de novo e acenou para ela voltar para junto dele. Ken estava mal das pernas, oscilando levemente enquanto se apoiava no sofá e esperava por Bridget.

— Acho que preciso ir — Bridget disse.

— Ken vai te levar de carro?

— Isto é só Coca — ela disse, virando seu copo para mim. — Sou a motorista da rodada.

— Eu não estava preocupado. Só estou jogando conversa fora.

Pisquei para ela e continuei subindo os degraus em busca do banheiro.

Vinte e dois

Por volta das duas da manhã, a festa tinha minguado para a parte da música lenta e dos amassos pornográficos. Quando Ken e Bridge partiram, fui atrás do Pete, já que não o via havia algumas horas. Finalmente o encontrei na suíte principal, esparramado na cama king-size, dormindo, mas, por sorte, não morto. Suas pestanas se abriram quando cutuquei sua perna e ele olhou para mim tonto, talvez sem se lembrar onde estava.

— Tá bêbado? — perguntei.

— Acho que sim — ele grunhiu —, a não ser que o quarto esteja mesmo rodando.

— Vamos sair daqui — eu disse, ajudando-o a localizar as peças perdidas de sua roupa e a se vestir. Eu o escorei quando cambaleamos escada abaixo.

Carter estava esperando por nós, eu havia dito que daria carona a ele, e abriu um sorriso quando viu Pete lutando para ficar de pé.

— E todos passamos bem — Carter disse.

— Não me sinto tão bem — Pete gemeu.

— Vai se sentir melhor depois de um café da manhã — eu disse enquanto Carter segurava Pete com facilidade sob o outro braço e juntos o conduzimos para a porta.

— Hum, mal posso esperar por uma pilha de panquecas e bacon. — Carter disse, acomodando Pete no carro, e então se encaixou no banco da frente.

— Ai, droga, não posso nem pensar em comida. Acho que vou vomitar — Pete disse, começando a baixar a janela.

— Tem um saco plástico debaixo do banco — eu alertei, apontando com a cabeça para o banco do passageiro. — Se quiser vomitar, faça lá. Se a polícia te vir golfando para fora da janela você vai me fazer ser parado, com certeza, e vou pra cadeia até estar velho demais para ser aceito por uma boa faculdade.

Ele apalpou debaixo do banco por um minuto, então passou o resto da viagem com o saco preso no colo, os olhos fechados e a cabeça tombada para trás contra o descanso.

Dirigi para a lanchonete Dan & Ethel, onde Pete e eu comemos carne em

conserva e ovos mexidos com café, e Carter devorou uma pilha de panquecas cobertas com uma quantidade indecente de xarope de bordo. Pete colocou tanto leite e açúcar no café que ficou parecendo um milk-shake, mas a cafeína o ajudou. Carter se sentou ao lado de Pete, que estava espremido contra a parede interna da cabine, já que Carter preenchia três quartos do espaço.

— Isso foi... incrível — Pete disse.

— É? — perguntei, ausente. — Ela te deixou entrar na caverninha?

— Estavam as duas lá. Estava escuro, o quarto girando. Não tenho muita certeza do que aconteceu, mas acho que aprontei com as duas.

— Ai, cara — Carter disse. — Pontuação tripla. É o sonho de todo homem.

— É a bala — eu disse com a boca cheia de carne. — Deixa as pessoas com tesão.

— Mas agora elas acham que sou um moleque rico que estuda num colégio interno na Suíça — Pete disse enquando limpava de qualquer jeito a boca com um guardanapo de papel e depois o jogava na mesa. As primeiras vezes que comi na frente do Pete, fiquei incomodado com a baba sempre presente que se acumulava no canto da boca, mas eu estava acostumado agora.

— Então? O que você quer fazer, casar com elas?

— Bem, não — ele abriu um sorriso torto —, mas eu não me importaria de fazer isso de novo.

Carter e eu rimos, e Carter bateu nas costas de Pete com a palma de sua enorme mão.

— O que estou tentando descobrir — Pete disse, enfiando outra garfada na boca — é que, se aquilo é sexo, por que as pessoas não fazem isso o tempo todo? Por que as pessoas fazem outras coisas?

— Um dos mistérios do universo — Carter concordou.

— É, você está fodido agora. Não vai ser capaz de pensar em mais nada.

— Não é que eu estivesse pensando em muita coisa antes de fazer — Pete disse com um sorriso safado. — Talvez eu tenha o recorde mundial de punhetas por dia.

— Duvido — desafiei. — Tem uns putos bem doentes por aí.

— ... mas agora que sei como é estar com uma menina... — Seus olhos ficaram vidrados e começamos a perdê-lo.

— Come — mandei. — O sol vai nascer logo e não quero que esteja no meu carro se seus pais acordarem e colocarem a polícia pra procurar seu corpinho aleijado.

— Sway, você é zoado às vezes — Carter riu.

— Por que você chama o Jesse assim? — Pete perguntou. — Sway?

— Porque ele é o Sway — Carter respondeu simplesmente.

Pete olhou para mim, mas eu apenas balancei a cabeça e voltei a olhar para a rua deserta pelo vidro da janela.

— Mas o que significa? — Pete quis saber.

— Nunca ouviu a palavra *sway*? — Carter insistiu, desnorteado pela pergunta de Pete.

— Não.

Carter deu de ombros.

— Sway não é algo que se possa definir. Um cara que tem *sway* é o cara, não precisa tentar ser descolado, apenas... é. Jesse é foda. É tão ligeiro que podia te convencer de que sou branco, fazer você acreditar como se estivesse escrito na Bíblia. — Carter voltou a atenção para mim. — Achei que você estivesse instruindo esse moleque.

Vinte e três

Estava amargamente frio no meio de outubro. O céu nos atacava quase diariamente com chuva ou granizo cortante, e a melancolia do inverno de Massachusetts começou a se estabelecer plenamente. O microcosmos de Wakefield estava sacudido por uma das piores temporadas de futebol americano desde a administração Eisenhower. Ken, capitão do time, estava preocupado demais em treinar as crianças do Siegel Center — e tentando chegar na calcinha de Bridget —, para prestar atenção em como levar o time até a final. O primeiro jogo contra o vizinho rival Buford High foi um massacre. Um castigo de 42 a 0.

O aluno modelo de Wakefield, David Cohen, depois do boletim do trimeste ter caído para um decepcionante número 51 na sua classe, afundou na competição acadêmica anual Batalha de Cérebros. David estava ocupado demais recebendo punhetas de Heather no velho Volvo de seu pai para se importar com a reputação acadêmica de Wakefield, uma reputação embaraçosamente turva, considerando que mais da metade da população estudantil tinha pelo menos um pai que ensinava na escola.

Como era a grande empregadora da região, a maioria das crianças que cresceram ali tinha pelo menos um pai que trabalhava lá, mas Buford High, na maior parte, reunia aqueles alunos cujos pais serviam comida ou coletavam o lixo dos letrados. Que seu corpo estudantil consistentemente ofuscasse Wakefield em quase toda marca acadêmica mensurável era uma maldição para os patriarcas do sistema escolar por décadas. David havia sido uma das poucas estrelas de Wakefield, eclipsada apenas pelos programas de futebol e de hóquei, que eram conhecidos por formar seus jogadores para serem aceitos em universidades como a de Michigan, Ohio State e Nebraska — faculdades que, se os noticiários são confiáveis, garotas de classe média com cabelos impossivelmente loiros levavam boa-noite-cinderela com frequência em festas de fraternidades.

Por um tempo, o diretor Burke ficou com moral depois de Travis Marsh ser expulso. Burke tentou promover uma nova visão do colégio Wakefield segundo a qual o espírito escolar fosse expresso através de pulseirinhas molengas que

saíram de moda em 2006. O colégio gastou mil dólares em pulseiras de plástico verdes e brancas, as cores de Wakefield, com as palavras ORGULHO GUERREIRO escritas nelas. Os alunos se recusaram a usar, assim como a maior parte do corpo docente, e quase todas foram parar no aterro sanitário. Assembleias se tornaram um lugar constante para Burke falar sobre o Orgulho Guerreiro de Wakefield e outros conceitos ridículos. Eu usei os períodos de assembleia para olhar meus e-mails e minhas mensagens de texto.

Agora o diretor Burke estava em baixa e a anarquia ameaçava seu reinado. O momento de glória depois do fim de Travis Marsh fora uma ilusão, seu controle do corpo discente, apenas superficial. A Batalha dos Cérebros foi uma decepção, uma pequena baixa, mas quando o time de futebol começou uma espiral descendente, uma sequência de seis jogos sem vencer, era possível ver que Burke começava a sentir a pressão.

Quando fechei a porta do meu armário, tinha um moleque magrelo parado lá, apenas me observando com um olhar esperançoso no rosto. Inclinei a cabeça questionando e esperei que ele falasse. Ele não falou por um minuto, apenas trocou a mochila de ombro, que parecia pesar mais do que ele, e pigarreou. Aproveitei o momento para reparar nele, imaginando que a maioria das pessoas não fazia isso. Ele era o tipo de moleque que desaparecia no cenário, perdido entre os belos e atleticamente capazes, com cabelo castanho oleoso e uma mancha de sardas no nariz, nada surpreendente em nenhum aspecto.

— Posso te ajudar? — perguntei.

— Você é o cara que chamam de Sway — ele disse. Não era uma pergunta.

— Alguns chamam — concordei.

— Você tem andado com aquele moleque com necessidades espe-ciais, Pete Smalley.

— Não sabia da parte das necessidades especiais. Ele nunca mencionou.

— É amigo dele? — ele perguntou, apertando um olho, me julgando.

— Tenho uma aula para ir. Tem algum objetivo nessa conversa?

— Ouvi dizer que ele transou.

— Não foi comigo.

— De repente, ele é um dos eleitos — o moleque disse, soando na ofensiva,

apesar de eu não conseguir descobrir o que ele queria dizer. — Você começa a sair com ele, ele transa, vai para todas as festas; até vi uma líder de torcida dizer oi para ele no corredor.

— E? — perguntei, tentando afastar o cansaço da minha voz.

— Meus pais estavam fora da cidade mês passado, e eu dei uma festa na minha casa. Tinha dois barris de cerveja e fiz cem shots de gelatina com vodca. Sabe quem veio?

— Não sei — eu disse pensativo —, mas tenho a má impressão de que você vai me contar.

— Os caras do grupo de RPG. Isso aí. Os seis e uma garota gorda, que é feiticeira.

— Feiticeira? Tipo, que pode fazer mágica? — perguntei. Eu me orgulhava do fato de que praticamente ninguém me pega de surpresa, mas aquilo era novidade.

— É, mágica, feitiços e poções.

— Se ela pode fazer mágica, por que é gorda?

Ele observou meu rosto para avaliar se eu estava zoando ele.

— Ela não consegue fazer mágica de verdade. Ela interpreta uma feiticeira quando joga RPG. Enfim, ela se arranjou, mas não comigo. A coisa toda foi um fracasso feio.

— Hum — grunhi evasivamente. — Bem...

— Andrew.

— Bem, Andrew. Estou atrasado para a aula agora, então é melhor eu ir. Foi... interessante falar com você. — Comecei a me afastar, mas ele me seguiu como um cachorrinho.

— Espera. Todo mundo diz que você consegue coisas para as pessoas. Quero te contratar.

— Não sei de onde você tirou essa informação, mas, enfim, estou ocupado. Último ano, inscrições em faculdades, todo esse troço.

— Ouvi dizer que você foi aceito de primeira em Harvard, que você conhece alguém e foi aceito com antecedência porque a pessoa a cargo das admissões te deve um favor.

Meu rosto se partiu num sorriso, mas não olhei para ele quando disse:

— Não tinha ouvido esse boato antes. Esse é bom.

— Então não é verdade? — ele perguntou, soando um pouco decepcionado.

— Não é má ideia... Harvard — refleti em voz alta. — Muitos caras com grana lá. Alguém com o tipo certo de conexões pode fazer uma fortuna. Mas, claro, você fica preso por mais quatro anos com um bando de babacas.

Parei do lado de fora da ala de ciência e matemática e abri a porta quando o último sinal tocou. Estava silencioso agora, Andrew e eu éramos os únicos ainda no corredor.

— Espera — ele repetiu, dando um grito sufocado. — Quero sua ajuda. Posso te pagar. — Ele segurou um maço de notas do tamanho do meu punho. — São setecentos e cinquenta dólares. Tudo que economizei trabalhando no verão.

Deixei a porta se fechar e olhei sobre meu ombro para ver se havia alguma testemunha.

— Você é idiota ou algo assim? Guarda isso.

Repreendido, ele enfiou o dinheiro de volta no bolso, seu olhar descendo para os sapatos. Suprimi um suspiro cansado quando vi seu queixo tremer. Ele fungou alto e esfregou uma manga no nariz num gesto infantil.

— O que acha que posso fazer por você? — perguntei.

Ele ficou em silêncio, buscando uma resposta, mas nada parecia vir.

— Não posso te ajudar se você não sabe o que quer.

— Eu quero... quero ser popular — ele disse.

— Eu não faço milagres, Andrew. Minhas habilidades têm limitações humanas.

— Só quero que as pessoas gostem de mim — ele desabafou da mesma forma resmungona que Pete tinha feito. — O que faz todo mundo gostar de você, mas não de mim?

Abri a porta de novo e já estava entrando quando parei para perguntar.

— Acha que as pessoas gostam de mim? É o que você acha?

— Todo mundo te conhece, convida você para todas as festas — ele disse, bem desconcertado. — Todas as meninas querem sair com você.

— Não foi o que eu perguntei — retruquei, me questionando por que eu estava me dando ao trabalho com esse moleque.

— E daí se gostam de você? Querem estar com você — ele disse como se

agora eu fosse limitado.

— Não seja cuzão. Estou atrasado para a aula por sua culpa.

— Vai me ajudar?

— Vou pensar — eu disse e deixei a porta se fechar entre nós.

Vinte e quatro

Era noite de sexta e eu tinha feito meus corres costumeiros, indo nas festas de fraternidade onde tinha clientes regulares. Terminei na lanchonete para uma refeição tarde da noite com Carter e Darnell, que estavam falando merda depois de uma rodada de hambúrgueres e fritas.

Os caras estavam meio que causando um escândalo, as pessoas ao nosso redor começavam a olhar para o nosso lado, incluindo o proprietário da lanchonete, que nos lançava olhares de alerta sempre que desgrudava a vista da caixa registradora.

Darnell, que era sempre o mais barulhento de qualquer grupo, percebeu os olhares feios do proprietário e balançou a cabeça.

— Cara, os asiáticos sempre detestam gente negra. A gente acabou de gastar trinta dólares no restaurante dele e o cara está nos olhando feio desde que a gente sentou.

— O Jackie Chan não odeia os negros — Carter disse sorrindo —, ele fechou com os marronzinhos.

— O Wu-Tang Clan é parça dos orientais — Darnell assentiu, chapado, suas pestanas sonolentas da brisa da erva. — Todos esses rappers da Costa Oeste têm essa coisa com os manos do kung fu.

— Wu-Tang Clan é da Costa Leste — Carter corrigiu, tocando o queixo para enfatizar.

— Acho que conheço meus rappers, Goldie — Darnell retrucou. — Não estou certo, Sway?

— Carter está certo — eu disse, bebericando o café. — Wu-Tang é da Costa Leste.

— Cara, o que você sabe disso, branquelo? — Darnell lançou, gesticulando com desprezo.

— Ele sabe o suficiente para saber que o Ghostface Killah não andava com ninguém da laia do Tupac — Carter disse antes de eu poder responder à acusação de ser branco.

— Que seja, cara. — Darnell sugou os dentes. — Deixa você pra lá, deixa o

Jackie Chan pra lá. Tem um bilhão de outros orientais que odeiam os negros.

— Cara, o que eu falei? — Carter disse com um gesto preguiçoso em direção a Darnell. — Esse cara fala demais.

— Tem uma menina branca olhando pra cá — Darnell disse, franzindo o cenho. — Gente branca é cheia de ódio também.

— Cara, estou bem aqui — eu disse, e Carter riu.

— É um elogio — Carter disse. — Você e Jackie Chan estão junto com os negros.

Depois que deixei Carter e Darnell na casa de Carter, fui embora tão cansado que só queria me jogar na cama e cair imediatamente no inconsciente. Estava escovando os dentes quando meu celular tocou. Reconheci o número apesar de nunca ter programado o nome de quem chamava para evitar ligar bêbado.

— Alô — atendi numa voz que sugeria que eu não sabia quem estava ligando.

— Jesse, é a Bridget. Eu te acordei?

— São onze e meia — concluí num tom que claramente implicava que onze e meia era absurdamente cedo.

— Eu sei. Desculpe te ligar tão tarde.

Não perguntei por que ela estava ligando. As mulheres geralmente não gostam quando você faz perguntas óbvias assim. Eu tinha aprendido isso muito bem andando com a Joey. Mas quando você não pergunta, ficam fulas porque você não está sendo sensível com elas quando querem conversar.

Ainda assim, se você vai perder de qualquer jeito, é melhor perder sem dizer nada que possa ser usado contra você mais tarde.

— Não vai perguntar por que estou te ligando tão tarde? — ela disse depois de um breve silêncio, e eu sorri com a previsibilidade.

— Tá. Bridget, por que está me ligando depois da hora de ir dormir?

— Eu só precisava conversar com alguém. Tudo bem para você?

Eu nunca havia ouvido Bridget soar tão ácida antes e estava curioso sobre o que havia de errado com ela, apesar de não perguntar, por causa da regra já mencionada de saber lidar com as mulheres.

— Estava bebendo? — perguntei em vez disso.

— E daí se eu estivesse? — ela lançou, atipicamente emburrada, então tive certeza de que ela estava bebendo.

Desliguei a luz do banheiro, deixando apenas o brilho da tela do iPod iluminar meu caminho até a cama, e chutei minhas roupas para um canto. Ao som de “Heroes” de David Bowie preenchendo o quarto, caí na cama e descansei a cabeça no travesseiro, de olhos fechados e com o telefone pressionado no ouvido.

— Está ouvindo David Bowie? — Bridget perguntou. — Adoro David Bowie. Essa até é minha música favorita dele.

— Bem, então você tem melhor gosto musical do que seu irmão.

— Ugh, nem começa — ela disse. — Eu tive que ir com ele a um show do Maroon Five no verão.

— Desculpe, eu não sabia.

— Tudo bem — ela disse com uma risadinha. — Já superei, mas perdi para sempre três horas da minha vida.

— Onde você está?

— Briguei com meus pais esta noite — ela começou. — Tivemos uma grande discussão e saí sem nem dizer aonde ia. Nunca fiz isso antes. Já me ligaram cinquenta vezes, mas não quero falar com eles. Deus, eles me deixam louca às vezes. Enfim, estou na casa de uma amiga esta noite. Os pais dela estão fora da cidade, então o namorado dela vai passar a noite aqui. Eu não queria mais segurar vela, daí subi para ir para a cama, mas não consigo dormir.

Eu não iria perguntar por que ela estava me ligando em vez de para o Ken.

— Então, o que aconteceu com seus pais? — perguntei, dobrando o braço e passando-o atrás da minha cabeça. Deitado na cama no escuro, sua voz na minha orelha, era como tê-la ali comigo na cama. Eu quase podia imaginar o peso do seu corpo no colchão ao meu lado.

— Parece idiota agora — ela suspirou. — Às vezes eu odeio mesmo meus pais. A vida foi uma maldita decepção para eles, não consigo eu mesma decepcioná-los em nada. É exaustivo pra caralho. — Geral-mente ela não xingava assim, mas deixei passar, sem comentários.

— Por que uma decepção?

— Ah, tudo — ela disse. — Meu pai nunca admitiria, mas às vezes quando

ele olha para Pete, posso vê-lo pensando que queria ter tido um filho que pudesse jogar futebol ou beisebol. E somos pobres. Meus pais estão sempre discutindo por causa de grana. Acho que meu pai ganha um salário decente, mas Pete tem um monte de despesas médicas e o seguro nem sempre cobre tudo. Não podem odiá-lo por isso, então odeiam um ao outro. Às vezes brigam tarde da noite quando acham que não estamos ouvindo. Mas Pete escuta, sei que escuta.

— Há coisas piores do que não ter dinheiro — eu disse. — Pelo menos seus pais se importam com vocês. Se importam com o que acontece com vocês.

— Acho que sim — ela falou, não querendo ser convencida. — Achei que você ficaria do meu lado nisso.

— Estou do seu lado — eu disse. — Estou do lado que você quiser que eu esteja.

— Quero dizer — ela continuou sem me escutar de fato —, quero que meus pais estejam felizes. Pete também. É muito trabalho estar encarregada de se certificar de que todo mundo está feliz o tempo todo. É como se eles *precisassem* que eu fosse perfeita. Não só meus pais. Todo mundo. Aluna perfeita. Irmã perfeita. Filha perfeita. É exaustivo.

— Não acho que você seja perfeita, se te faz sentir melhor.

— Muito. Obrigada — ela disse. A maioria das pessoas não sabia que Bridget era sarcástica, porque ela nunca entregava com o tom da voz. Percebi naquele momento que era uma das coisas que eu gostava nela. Vê-la falar era como escutar uma progressão perfeita de um acorde menor numa música.

— Não tem de quê — eu disse, acompanhando o sarcasmo não sarcástico dela.

— Por que eu acho tão fácil conversar com você? — ela perguntou.

— Talvez porque você não se importe com o que eu penso sobre você.

— Não, talvez seja porque você não espera que eu seja nada além de mim mesma. — Ela riu de repente. — Acho que perfeição seria entediante para você.

O som da voz dela começou a me embalar para o sono e tentei apoiar o celular contra a orelha para que não tivesse de usar a força do braço para segurá-lo no lugar. Minha respiração ficou lenta e até meu corpo se acomodou em direção ao sono.

— Jesse — ela disse tão suavemente que por um minuto achei que eu só

tinha imaginado.

— Bridget — devolvi, saboreando a sensação de seu nome nos meus lábios.

— Acha que tem apenas uma alma gêmea para cada pessoa no mundo? Que tem apenas uma pessoa com quem a gente deva estar? Que quando você encontra essa pessoa com quem deve ficar, você nunca tem dúvida novamente?

— Não sei — respondi, sem convicção. — Espero que não.

Ela murmurou concordando e houve um som abafado do cabelo e do rosto dela contra o telefone.

— Meus pais estão juntos desde que tinham dezesseis anos. Minha mãe nunca saiu com ninguém além do meu pai. Pelo menos é o que ela falou. Eles não são exatamente uma boa publicidade para um casamento precoce.

— Hum.

— E quanto aos seus pais? — ela perguntou, ausente. — Eles eram assim? Casaram cedo?

— Hum, minha mãe era jovem — eu disse, reprimindo um bocejo. — Vinte e poucos. Meu pai um pouco mais velho.

Ela pigarreou então um *ahã* suave que me fez consciente de que ela estava do outro lado da cidade, e para sempre distante de mim.

— Como era sua mãe? — ela perguntou baixinho, em tom de desculpa.

Por um longo tempo pensei em apenas não responder. Se fosse outra pessoa, meu primeiro reflexo seria encerrar a ligação.

— Minha mãe — eu parei, as palavras completamente estranhas em meus lábios depois de não as pronunciar em voz alta por tantos meses. — Minha mãe era... incompreensível — eu disse, uma pulsação começou na minha cabeça, uma dor latejando atrás de meus olhos.

— O que aconteceu com ela? O jornal só disse que ela morreu de uma possível overdose.

— Esse é seu hobby ou o quê? Dar um google nas tragédias pessoais dos outros?

— Eu queria saber — ela respondeu simplesmente.

Mais uma vez ela esperou o longo silêncio, sua respiração na minha orelha.

— Minha mãe não estava bem — eu disse. Eufemismo dramático.

Mesmo quando minha mãe estava por perto, ela não era muito uma presença.

Na maior parte da minha infância, ela tinha vivido em um crepúsculo de depressão e alcoolismo funcional. Artística ou excêntrica é como as pessoas a descreviam quando eram educadas, o que, na maior parte do tempo, as pessoas não são. Minha mãe tinha ficado distante de mim por tanto tempo antes de deixar este mundo que eu quase não senti nada quando ela foi de vez — eu nem a amava nem a odiava quando ela morreu. Merda, se eu me casasse com alguém como meu pai, eu poderia ser tentado a tirar minha própria vida também. Ele é um perfeito babaca.

No verão, entre meu segundo e o terceiro ano, ela virou vários frascos de antidepressivos e analgésicos. Eram todos prescritos, mas não para serem tomados de uma vez só. Ela engoliu tudo com meia garrafa de uísque. Foi meu pai quem a encontrou, graças a Deus.

— Os boatos são verdadeiros — eu disse, sombrio. — Ela se matou.

— Meu Deus — Bridget disse, então repetiu, já que não havia realmente nada mais para se dizer. — Suicídio. Que palavra terrível.

— Eles não chamaram assim — eu disse, achando quase fácil demais falar agora, com a escuridão e a música que me envolviam como um casulo. — Não na nossa cara. Foram muito educados com isso, os policiais.

— E agora você carrega isso com você.

— No lugar onde o Mágico colocaria um coração, se ele me desse um.

— Você tem um coração, Jesse. Mesmo que esteja quebrado. Sinto muito.

— Não sinta — eu disse rapidamente. — Não gosto que tenham pena de mim.

— Não tenho pena.

— Bom, porque não quero.

A vaca amarela novamente. E, merda, é claro que eu iria perder. De novo.

— Já teve uma concussão? — perguntei.

— Não — ela respondeu, sonolenta agora.

— Eu tive, uma vez, quando tinha uns doze anos. Eu não estava olhando para onde ia e enfiei a bicicleta na quina direita de uma van em movimento. Sem capacete — eu disse, inconscientemente levando a mão para tocar a lateral da minha cabeça onde meu cabelo escondia uma cicatriz de uns sete centímetros. — Apaguei por alguns minutos. No dia seguinte quando acordei não conseguia me

lembrar de nada que tinha acontecido antes do acidente, não me lembrava do acidente. Meus amigos estavam comigo e viram a coisa toda e descreveram para mim, para os meus pais, mas eu nunca consegui lembrar. É como se aquele pedaço da minha vida tivesse sido arrancado.

Ela não me interrompeu, não perguntou qual era o sentido da minha história, apenas escutou em silêncio, o que me fazia imaginar se ela havia adormecido.

— É como se meu cérebro tivesse decidido me proteger da experiência toda, não me deixasse lembrar da batida, de como foi — eu comentei, pensativo.

Eu tinha pensado naquele incidente muitas vezes nos últimos meses, tentando decidir se aquele mecanismo biológico estava funcionando em mim agora — meu cérebro tentando me proteger, não permitindo que sentisse coisas que eram horríveis demais para se examinar à luz do dia.

— Não me lembro de como tudo era um ano antes, no mês passado — desabafei para o escuro. — Da mesma maneira que aquele período de tempo foi varrido quando fiquei inconsciente: minha mente não me deixava sentir nada — eu disse, me agarrando às palavras que nunca pude explicar adequadamente. — Não sei como era quando eu tinha sentimentos; está perdido e não consigo me lembrar.

Não havia nada apropriado ou útil que Bridget pudesse dizer, e ela parecia saber disso. A maioria das pessoas não sabe. Elas seguem em frente, preenchendo o momento com papo furado.

— Não conte para ninguém. Nem para o Pete. — Eu odiava isso, saber que ela possuía uma parte de mim. Segredos são poder, mas eu estava confiando no fato de que Bridget não tinha razão para querer poder.

— Você sabe que não vou dizer nada. Se precisa pedir isso, é porque não me conhece.

— Ninguém conhece ninguém realmente — concluí, sabendo que era mentira ao dizer. Eu conhecia Bridget. E agora ela me conhecia. Porra.

Vinte e cinco

Pete e eu estávamos sentados de longe vendo Bridget conduzir os treinos depois das aulas com sua equipe de retardados. Ela implorou para que nós viéssemos dar às crianças um encorajamento vazio na forma de gritos e aplausos enquanto elas treinavam para as paraolimpíadas falsetas que ela estava planejando. Estávamos em constante perigo pelas bolas que voavam em todas as direções, menos na direção do pretendido aro, grande o suficiente para que uma pessoa totalmente cega pudesse atingi-lo.

Havia pistas feitas com cones para os moleques dar tiros curtos e fazer revezamentos, que na metade das vezes acabava numa grande pilha de braços e pernas na linha de chegada quando todos batiam uns nos outros. Bridget não se intimidava com a extrema falta de coordenação deles, encorajando-os como uma verdadeira treinadora, sempre elogiando seus esforços.

Ken apareceu pouco tempo depois e veio largar sua mochila onde estávamos sentados.

— Ei, Pete — ele disse num tom que sugeria que Pete era lerdo ou tinha problemas de audição, ou ambos. — O que está fazendo aqui, Alderman? — Sua pergunta foi amistosa, mas havia uma tensão implícita em seu tom.

— Só assistindo a essa tragédia — respondi, deixando o tédio registrado na minha voz. — Bridget queria que viéssemos e torcêssemos para eles.

— É? — ele perguntou. — Bridget não mencionou que você vinha.

— Eu não disse a ela que sim ou que não. Sabe como é.

— Claro, sei — ele disse, incerto. Ele não iria falar mais com o Pete lá, mas sabia que Ken estava ouriçado e não gostava que eu estivesse rondando sua garota. Eu não o culpava. Não gostava que outros caras olhassem para ela também.

Ken foi se juntar a Bridget. Ele se inclinou para beijá-la na boca, mas ela virou o rosto para receber o beijo na bochecha, seus olhos avançando nervosos junto às crianças para ver se elas estavam espiando.

Alguns minutos depois, a porta do pátio se abriu novamente e dela saiu uma menina bem grande com um longo cabelo castanho espesso preso com uma tiara.

Bridget acenou para a garota e abriu seu sorriso angelical, sua marca registrada. Até de longe eu podia ver que a menina era fria com o Ken, mas o recebeu com um aceno e deu a Bridget um rápido abraço. Percebi a expressão de desprazer do Ken quando os olhos dele passaram pela figura pesadona dela.

Apesar de ela estar acima do peso, não se intimidava com isso: estava de calça jeans vermelha apertada e botas pretas na altura do tornozelo com um salto plataforma. Usava um suéter grande demais coberto de contas e lantejoulas que faziam seus olhos doerem se você o observava por muito tempo.

— Quem é essa? — perguntei ao Pete.

— Theresa. Uma amiga da Bridget — Pete respondeu sem muito interesse.

Theresa não era uma grande atleta, mas bufava pelo pátio pegando bolas e se torcendo como uma lunática. As crianças a adoravam e demonstravam tanto carinho por ela quanto por Bridget.

Ken interpretava bem perto de Bridget, mas depois de um tempo ele tinha dificuldade em esconder seu tédio, ficava vendo o celular toda vez que achava que ela não estava prestando atenção. Era sempre todo sorrisos para Bridget e nunca perdia uma oportunidade de encostar a mão ou o braço possessivo sobre ela. Ele até passou um braço ao redor do ombro dela e ela descansou confortavelmente contra ele. Eu desviei o olhar quando ele se inclinou para dar um beijo na testa dela. Meu Deus, eu odiava vê-los juntos.

Depois que Ken, Theresa e Bridget guardaram os equipamentos, Bridget veio falar com Pete e comigo:

— Ei, gente. Vamos comer alguma coisa. Querem vir com a gente?

— Claro — eu disse antes que Pete pudesse responder. Ele me olhou feio, mas eu o ignorei.

— Cara, por que disse que queríamos ir? — Pete perguntou quando os outros entraram no carro do Ken.

— Estou com fome — menti.

Ele suspirou, mas foi para o banco do passageiro do T-Bird. Empur-rei sua mão para longe dos controles do rádio quando tentou mudar a estação de música clássica, e ele suspirou novamente.

A lanchonete aonde fomos parar era um ponto popular para a maioria dos

babacas da escola. Meia dúzia de mesas estava tomada por gente da turma do Ken e dos grupos-satélites que consistiam em jogadores de futebol e líderes de torcida. As pessoas conversavam entre as fileiras ou iam de uma mesa para a outra para se falarem. Não era um lugar onde eu encontraria nenhum dos meus, mas toda a turma do Ken estava lá.

Na cabine estavam Ken e Bridget de um lado, Theresa próxima a mim e Pete desajeitado no final da mesa, numa cadeira extra.

— Theresa, conhece o Jesse, certo? — Bridget disse, fazendo apresentações enquanto deslizávamos nos nossos bancos.

— Tudo bem? — perguntei.

Theresa me considerou friamente, parecendo me avaliar numa longa olhada.

— Claro — ela disse, sem muito entusiasmo.

Eu tinha o melhor assento do lugar, de frente para Bridget. Meu pé bateu no dela sob a mesa e descansou ao lado. Ela não olhou para mim ou percebeu que nossos pés estavam se tocando, e não o retirou. Até aquele contato físico insignificante era suficiente para fazer meu corpo vibrar de desejo. Pete morgava e Ken me lançava olhares desconfiados enquanto Bridget e Theresa mantinham um fluxo constante de papo furado, e eu saboreava o toque dos nossos pés. Se eu estivesse chapado, aquele se qualificaria como um dos momentos mais surreais da minha vida. Pela forma como Bridget se comportava comigo, não estava claro o quanto se lembrava de nossa conversa da outra noite, apesar de eu ter reproduzido em minha mente tantas vezes que quase podia assistir como a um filme na minha cabeça. Eu me perguntava se a mente de Bridget também estava em mim, ou se ela não achava nada do nosso pé junto sob a mesa.

Recomponha-se, Alderman.

Após alguns minutos, Ken puxou a manga de Bridget e disse:

— Linda, vamos lá dar oi para a galera.

— Hum — Bridget olhou incerta para nós três e não se moveu para seguir Ken enquanto ele deslizava do banco.

— Vai lá — Theresa disse, chupando o canudinho do milk-shake. — Não se preocupa com a gente.

— Vamos voltar num minuto — Bridget disse. Enquanto seu pé ia para longe, quebrando nossa conexão física, nossos olhos se cruzaram e eu senti

decepção no seu olhar. Ela bagunçou o cabelo de Pete e pegou a mão de Ken, que a aguardava. Irritado, Pete afastou a cabeça e arrumou o cabelo.

Com Bridget longe, voltei minha atenção para Theresa e Pete. As coxas largas de Theresa tomavam mais do que o espaço que lhe era reservado no banco, e minha perna ficava quente onde encostava à dela. A garçonete trouxe nossa comida um minuto depois — um enorme hambúrguer cheio de bacon e queijo e uma montanha de batatas fritas para Theresa. Me surpreendeu que ela pedisse tanta comida — basicamente um anúncio de que seu tamanho não era devido a algum distúrbio metabólico raro, mas sim ao fato de que ela realmente comia como uma porca. Mas ela não mostrava vergonha por isso.

Pete e eu ficamos observando ela apertar uma bolota de ketchup no prato.

— Então, que diabos há de errado com sua irmã? — Theresa perguntou a Pete, os olhos na comida. — Ela podia namorar qualquer cara da escola e escolhe sair com aquele imbecil? O que ela vê nele?

Pete deu de ombros.

— Não faço ideia.

— Quero dizer, ele é popular — ela continuou, falando com a boca cheia de comida. — Vai ser eleito o rei do baile, claro, porque as pessoas não têm a menor noção para votar em qualquer mérito além de quão bem alguém sabe jogar futebol. Mas é o maior babaca da escola.

— Ele provavelmente não é digno de muitas emoções, seja amor ou ódio — eu disse, desenhando na condensação do meu copo.

— Pode acreditar. — Theresa lambeu o ketchup do dedo. — Se Bridget soubesse como ele realmente é, ela sairia com ele. De. Jeito. Nenhum.

— É? Como ele é?

— Ele zoa as pessoas — ela disse com sinceridade. — Desde o ensino fundamental tenho que ouvir gente como ele com suas piadas idiotas de gorda. A única coisa pior do que piada de gorda é ter gente olhando para mim como se tivesse pena, me dizendo que tenho um cabelo e pele tão bons. — Ela riu melancolicamente, puxando as pontas do cabelo. — Sabe, as pessoas sempre dizem a uma gorda que ela tem um cabelo ou pele bonitos porque não conseguem pensar em mais nada para dizer.

— Talvez as pessoas gordas tenham mesmo melhor cabelo e pele... porque

comem mais... proteína ou algo assim. — Pete sugeriu, tentando ajudar. Theresa considerou o comentário dele por um minuto enquanto eu mordia o lábio inferior para reprimir um sorriso.

— Enfim — Theresa continuou, sem se afetar pelo comentário de Pete —, Ken e seus amigos são estúpidos. É como se estivessem no jardim da infância ou algo assim. E sou uma idiota, eu realmente costumava ter uma queda por aquele babaca. Quero dizer, ele é lindo, mas não é que eu pense que ele iria querer dormir comigo ou sei lá. — Ela esperou até o silêncio estar num nível desconfortável antes de continuar. — Mas acho que isso é óbvio para vocês, já que alguém como Ken nunca iria querer dormir com uma menina como eu, certo?

Eu apenas esperei, torcendo para a pergunta ser retórica, mas Pete foi em frente com a completa falta de inteligência social que era sua marca registrada.

— Eu dormiria com qualquer menina. A não ser que fedesse muito. Ou tivesse doença venérea ou algo assim. Não me importo realmente como é a pessoa. Quero dizer, olha para mim, certo? Meu rosto é torto e eu sou manco. Falo engraçado... — ele parou, de repente frustrado por formar uma lista de suas próprias deficiências.

Os olhos de Theresa se estreitaram enquanto avaliava o monólogo de Pete.

— Sabe, talvez você não devesse passar tanto tempo falando sobre suas... deficiências. Só está atraindo atenção negativa.

— Olha quem está falando — Pete retrucou. — Só fica falando de como você é gorda. Acha que eu não daria qualquer coisa para ser apenas gordo? *Você* pode perder peso. Eu não posso mudar quem eu sou.

— Bem, pelo menos as pessoas sentem pena de você. As pessoas adoram odiar uma pessoa gorda. Acham que o gordo é preguiçoso, ou come demais. Não acham que talvez tenha um problema médico que o deixe assim. Pelo menos as pessoas sabem que não é sua culpa mancar.

— Então é por isso que você é... acima do peso? — Pete perguntou. — Porque tem algum distúrbio de saúde?

— Não, idiota, eu como pra caralho — ela disse com um sorriso largo que fez eu e Pete rirmos alto.

Theresa era como a menina dos sonhos do sr. Dunkelman. De repente eu me

vi catalogando os traços físicos dela, avaliando sua desejabilidade. Ela tinha mesmo um belo cabelo.

— Então, o que o Ken fez para você? — perguntei.

Theresa suspirou, impaciente, enquanto estudava seu hambúrguer para planejar a próxima mordida. Tinha uma mancha de ketchup no canto da boca enquanto dizia:

— Como eu estava falando, mesmo Ken sendo um babaca total, também é uma delícia. Então, no início do ano, antes de ele começar a namorar a Bridget, eu estava andando na escola um dia e ele estava olhando para mim, então eu... sorri para ele. Ken sorriu de volta e eu achei que ele estava mesmo sendo legal comigo. Porque sou idiota. Daí começa a dizer essas crueldades todas de eu ser uma baleia e uma porca gorda, dando um show na frente dos amigos. Cara, que cuzão!

— Que nojento — Pete disse, emburrado.

Theresa apenas assentiu.

— Você não contou essa história pra Bridget? — perguntei, con-duzindo a testemunha. O que eu queria perguntar é *por que* ela não havia contado a Bridget.

— Deixa pra lá — Theresa disse com um aceno, voltando ao hambúrguer. — Bridget não é uma idiota. E se ela está feliz com o Ken, fico feliz por ela.

— Você é uma pessoa melhor do que a maioria — eu disse para Theresa. — Pelo menos uma melhor amiga.

— Não sei, não. E que peso isso tem para mim? — Ela nos deu um sorrisinho pela piada. — Peso é tudo o que as pessoas veem. E meu cabelo incrível, claro.

— Eu adoraria contar essa história à Bridget — Pete disse —, do que o Ken te chamou. Ela o largaria na mesma hora.

— Nem ouse — Theresa disse, enchendo a boca de batata frita. — É minha história para compartilhar se eu quiser, e não quero.

— Não acho que você seja gorda — Pete disse com tanta solenidade que eu me perguntei se ele estava tendo algum sentimento a mais pela Theresa.

Ela deu um sorriso pelo esforço de Pete.

— Valeu. E não acho que eu cheire mal, e definitivamente não tenho

doenças venéreas, então talvez eu tenha uma chance de ser a rainha do baile, hein? — ela perguntou, erguendo as sobrancelhas.

— Você tem mesmo um belo cabelo — eu disse, enrolando um de seus cachos no meu dedo.

A resposta dela foi me dar uma cotovelada na costela.

A lealdade de Theresa a Bridget me impressionou, mesmo que sua indisposição a dedurar Ken me parecesse irritante e ingênua. Ainda assim, ela merecia uma recompensa.

Vinte e seis

Joey e eu encurralamos Gray Dabson no corredor na semana seguinte. Tínhamos dado a ele tempo suficiente para ajeitar as contas, e era o dia do pagamento. Os pôsteres tomando os corredores para anunciar o baile indicavam que a lavagem dos carros havia sido um grande sucesso financeiro.

— Ei, Jesse, eu estava procurando você — Gray cumprimentou.

— Não deve ter procurado bem — retruquei um pouco mais perto dele do que era socialmente aceitável, perto o suficiente para que ele se sentisse compelido a se afastar.

Sua risada foi falsa e forçada, porque nada do que eu disse era engraçado.

— Bem. — Ele pigarreou enquanto eu esperava em expectativa. — Eu queria falar com você porque, sabe... se for para desembolsar algum dinheiro da conta do conselho estudantil, tenho de fazer algum tipo de recibo. Sabe, o sr. Burke administra a conta, é ele quem assina, e não posso apenas tirar o dinheiro para te pagar.

— Está dizendo que quer um recibo meu? — perguntei, deixando minha voz se erguer para expressar minha incredulidade. — É isso o que está dizendo?

— O que estou dizendo — ele respondeu, levantando as mãos em súplica e dando de ombros impotente — é que não estou bem certo de como posso arrumar seu dinheiro. O sr. Burke pegou todo o caixa no dia do depósito da lavagem dos carros e não tenho como te pagar do fundo estudantil.

— Então o que está me dizendo é que você não tem meu dinheiro, não tem como arrumar meu dinheiro? — perguntei. Essa informação já tinha sido absorvida, mas eu precisava remoê-la para obter o resultado que queria.

Ele se encolheu, recuando enquanto esperava que eu o atingisse.

— Nós tínhamos um contrato — eu disse.

— Tecnicamente falando, foi um acordo verbal e provavelmente não tem validade legal — ele respondeu, e eu observei fascinado seu pomo de adão enquanto ele falava.

— Eu posso te colocar para dormir com uma pá — eu disse. — Conheço gente.

— Meu Deus! — ele gritou e abaixou os ombros, dando um passo para trás. Lançou um olhar questionador para Joey, mas ela apenas cruzou os braços sobre o peito e estourou uma bola de chiclete.

— Vou dar um jeito — ele disse, com a voz trêmula. — Você vai ter seu dinheiro. Só que não será imediatamente.

Balancei a cabeça devagar e lutei contra a vontade de esfregar a testa, frustrado.

— O negócio é o seguinte — eu disse. — Você me deve. Você. Pessoalmente. Seu pagamento já está atrasado, e, se não puder honrá-lo, vou pegar em espécie.

— Realmente não sei o que você...

— Cala a boca e escuta. Como presidente do conselho estudantil, você supervisiona a eleição do rei e da rainha do baile.

— Quero dizer, não é que supervisiono, é mais que...

Eu interrompi a tagarelice inútil dele.

— Theresa Mason. Ela já foi nomeada. Você vai cuidar para que ela seja rainha e Ken Foster seja o rei.

— Quer que eu fraude a eleição? — ele grasnou.

— Não estou te dizendo como ou o que fazer. Estou dizendo que me deve, e o resultado que quero é que Theresa Mason seja coroada rainha do baile.

— Meu Deus, já coletamos uma tonelada de votos. Bridget Smalley está quilômetros à frente. Eu nem sei nada sobre essa tal de Theresa. A nomeação dela veio do nada. Você tem de ter pelo menos três nomeações para ganhar o voto. Achei que a nomeação fosse algum tipo de piada cruel, se quer saber a verdade.

— Piada? Por que diz isso? — Joey perguntou. — Só porque ela não parece com uma Barbie? Porque ela não se encaixa na definição de beleza da sociedade?

— É isso que quer? — Gray perguntou, franzindo o cenho, confuso. — Está fazendo algum tipo de declaração social?

— Você não precisa saber o porquê e não precisa saber nada sobre Theresa — expliquei lentamente, com clareza, para que não houvesse mal-entendidos. — Só precisa saber que ela é a próxima rainha do baile.

— E quanto a Bridget Smalley? — Gray perguntou. — Ela é perfeita.

Joey bufou com o uso da palavra *perfeita*, mas não interrompeu o monólogo dele.

— É inteligente, bonita, mas ainda acessível e pé no chão. E já está namorando o Ken. Não é só a dança, Jesse. A rainha e o rei têm outras aparições que têm de fazer juntos, e eles começam a noite do baile dançando juntos. É a tradição.

— Que há de errado com a Theresa ser rainha do baile? Tem algo contra gordos? — perguntei, porque achei que iria divertir a Joey.

— Não, Deus, não, Jesse — Gray disse rapidamente. — Não tenho nada contra gordos. Minha mãe é gorda. Só não acho que dá para se igualar à Bridget quando se trata da pessoa perfeita para representar Wakefield agora e no futuro. Você está pedindo para eu interferir na eleição. Eu... é... é desonesto.

— Ah, por favor, tenha coragem, Gray — eu disse com desprezo por sua covardice. — Não é que ela vai ser a nova governadora, pelo amor de Deus. Você vai encontrar um jeito — concluí, apontando um dedo para ele — ou é melhor ficar de olho aberto.

— Que foi isso? — Joey perguntou quando nos afastamos de Gray.

— Só negócios.

— Geralmente eu consigo enxergar aonde você quer chegar — Joey disse, reflexiva —, mas dessa vez admito que estou perdida. Vai, me fala. O que pretende?

— Talvez Theresa seja minha amiga.

— Pra começar, você não tem amigos. Eu nem tenho certeza se você gosta de mim. Segundo, se você vai ter uma amiga, certamente não será Theresa Mason. E terceiro, desde quando você faz coisas pelos outros, incluindo amigos, quando não há incentivo monetário?

— Quem disse que não há?

— É isso, não é? — ela perguntou e se virou, caminhando de costas para poder estudar meu rosto. — Você oficialmente pirou. Está planejando alguma pegadinha no baile? Um balde de sangue de porco? Uma metralhadora, talvez?

— Você vê televisão demais — eu disse.

— Tá, ótimo. Não vai me dizer, mas sei que tem algo aí — ela disse, me

entendendo da forma que só Joey poderia. — Só estou pensando, quero dizer, se você tem alguma doença terminal ou se o Rob está na sua cola, poderia aproveitar o tempo para documentar formalmente sua intenção e me deixar seu carro e seus outros bens materiais depois que se for.

— Vai se ferrar, Joey — eu disse, desviando rapidamente para o banheiro masculino para evitar mais conversas.

Vinte e sete

Fiz o que pude para evitar Bridget na escola. Pete geralmente não mencionava a irmã e eu nunca puxava assunto sobre ela. Não que isso fizesse com que eu não pensasse nela. Agora eu tinha uma lista mental de músicas românticas que tocaria para ela se (1) eu ainda tocasse violão e (2) se estivesse disposto a ter um relacionamento com Bridget. O que eu não estava. Porque só podia terminar de um jeito. Desde que não a visse ou falasse com ela, nosso amor seria perfeito.

Duas semanas antes do baile, meu pai saiu para uma viagem — "saindo em turnê", ele chamou, o que soava bem mais grandioso do que realmente era. Na verdade, eram quatro caras de meia-idade que nunca se importaram em arrumar um emprego de verdade ou investir regularmente em cortes de cabelo. Eles ficariam acordados até tarde bebendo toda noite, gastando a maior parte do dinheiro que receberiam em hotéis baratos e mulheres mais baratas ainda antes de voltarem para casa. Ele me deixou um dinheirinho para gastar, dinheiro que ainda estará na mesa da cozinha quando ele voltar, a não ser que Joey o pegue.

Foi quando eu visitava o sr. Dunkelman, para deixar seu suprimento semanal de porcarias para comer, que tive mais do que um vislumbre de Bridget pela primeira vez em semanas. Ela estava sentada na sala de recreação com a avó, que, como o sr. Dunkelman me informou, havia recentemente planejado sua fuga do campo de concentração nazista no qual ela estava sendo mantida. Ao que parecia, havia um túnel subterrâneo que a conduziria em sua fuga. Ela havia convidado o sr. D. para se juntar a ela em sua libertação.

— Campo de concentração? — perguntei. — Ela é judia?

— Não, acho que ela se identifica com a mania de perseguição judaica — o sr. D. disse, ausente, enquanto manejava as cartas.

Eu nunca visitava o sr. D. nas quintas, o dia costumeiro de Bridget com sua avó. Hoje era uma quarta e notei, assim que vi Bridget, que havia algo de errado. Geralmente seu rosto tinha uma expressão natural com os cantos de sua boca voltados de leve para cima, seus olhos brilhantes com um sorriso mesmo que ela não mostrasse nenhum dente. Mas não hoje.

Bridget estava quieta ao lado da avó, com as mãos enfiadas entre as coxas,

ombros caídos e cabeça curvada, sua boca numa linha amarga. Meus pés me levaram até ela sem nenhum comando do centro de controle do meu cérebro. Ela me olhou enquanto eu ficava de pé diante dela, e foi então que vi a lágrima que tremia no canto inferior de seu lábio.

— Qual é o problema? — perguntei, saltando imediatamente à conclusão de que Ken havia feito algo imperdoável, algo que exigia a colocação de pomada mentolada em sua saqueira ou talvez até uma sabotagem do sistema de freios de seu carro. — Aconteceu algo entre você e o Ken?

Bridget balançou a cabeça e esfregou os olhos.

— Não, nada disso. Fui eu. Eu fiz algo bem idiota e agora... — Um tremor passou por ela antes de ela continuar. — E agora tenho de decepcionar as crianças do Siegel Center.

— O que você pode ter feito de tão terrível? — perguntei, lutando contra a vontade instintiva de usar o tom de voz geralmente reservado a gatinhos feridos.

— Sabe, estamos planejando aquele evento de Paraolimpíadas para as crianças, mas não há espaço suficiente de fato no Siegel Center, nenhum ginásio onde a gente possa se instalar e pessoas para irem assistir. Então eu disse às crianças que iríamos fazer o evento no Wakefield. Achei que não seria grande coisa. É um prédio público, sabe? Mas o sr. Burke disse que não podemos usar as dependências nos finais de semana. Algo sobre cortes de verbas ou ônus para a escola, sei lá. Agora tenho de ir ao Siegel Center contar a eles... — Ela parou e engoliu um pequeno soluço. — Estão tão empolgados com isso, treinando e contando para suas famílias. Deus, sou uma idiota. Nunca deveria ter dito que poderíamos fazer isso até eu ter a permissão.

— Não é sua culpa. Burke é um babaca.

O canto da boca dela se contorceu em um quase sorriso.

— É a nova palavra favorita do Pete — ela disse, me lançando um olhar de desaprovação. — Ser uma má influência parece ser sua especialidade.

— Eu não tenho nada a ver com o seu novo corte de cabelo — me defendi. — Eu disse a ele que o faz parecer com a Ellen DeGeneres, mas ele acha que as meninas vão ficar loucas por ele.

Meu comentário provocou uma pequena risada, e Bridget balançou a cabeça.

— Não pode falar sério por um minuto? Isso é bem, bem mau. Pare de fazer

piada.

— Por que sempre acha que estou fazendo piada? Aquele corte não é nada para fazer piada. É seriamente terrível. Sabe quem tem um corte assim? O Justin Bieber.

Agora ela riu de verdade e eu fiquei internamente satisfeito comigo mesmo por fazê-la esquecer suas preocupações, nem que fosse por um minuto. Ela pareceu se lembrar de repente de que não tinha nada com que se alegrar e seu rosto caiu novamente. Dorothy estava murmurando para si mesma na cadeira de rodas ao lado dela, e Bridget esfregava alheia a mão da avó.

— O sr. Dunkelman fica de olho nela — eu disse.

— Você chama seu avô de sr. Dunkelman? — Bridget perguntou, franzindo a testa e eu endureci percebendo que havia me esquecido do artifício que tinha usado para nos unir.

— É, bem, não éramos próximos quando eu era pequeno. Na verdade — eu disse, me aquecendo na mentira —, nós nem nos conhecíamos direito até recentemente.

— Ele não era próximo da sua mãe? — ela perguntou, sua voz baixa e cautelosa.

— Não — respondi curto enquanto andávamos em águas turvas.

— Ainda assim. Deve ter sido difícil para ele. — Ela suspirou e esfregou a testa com a ponta dos dedos, as unhas perfeitas com meias--luas rosadas. — Eu não quero nem encarar as crianças na terça. O que vou dizer a elas?

— Quando o evento deve acontecer?

— Na primeira semana de dezembro.

— Eu não diria nada. Burke ainda pode mudar de ideia. Dê uma semana, e se ele ainda não a deixar fazer o evento, você conta a elas. Até lá, guarde para você.

— Está louco? Ele não vai mudar de ideia.

— Espere só uma semana antes de contar às crianças — insisti, e dei a ela meu sorriso mais confiante. — Não tem motivo para partir os corações delas agora.

No dia seguinte só encontrei Burke em sua sala depois do segundo período de almoço, e então já sabia bem como lidar com ele.

— Preciso falar com o sr. Burke — informei à recepcionista gorducha com o “despenteado” de meio metro de altura.

— Bem, sinto muito — ela disse, não parecendo sentir nada enquanto pegava um lápis e cutucava o couro cabeludo com a ponta. Eu imaginei que ele estivesse coberto de pequenos torrões de pele empoada sob o capacete de cabelo, e olhei a aliança em seu dedo gorducho. O nojo revirou minhas entranhas pensando no tipo de homem que dormia ao lado dela toda noite. — O sr. Burke está muito ocupado agora — concluiu mostrando as gengivas. — Pode falar com alguém da coordenação ou marcar uma hora para falar com ele outro dia.

— Diga a ele que Jesse Alderman está aqui. Ele vai arrumar um tempinho.

Ela me olhou feio e as rodinhas da cadeira grunhiram em protesto enquanto ela a empurrava, se afastando da mesa. Ela não discutiu, apenas bamboleou até a sala de Burke para falar com ele. Passaram só alguns segundos antes de ela voltar e apontar para a porta de Burke com um olhar de desprezo.

— Ele vai te atender.

— Alderman — Burke me cumprimentou quando entrei em sua sala e fechei a porta atrás de mim. Ele segurava um cachimbo apagado, que limpava com um canivete, e eu pude ver Candy Crush em seu monitor refletido no diploma atrás dele. — Acho que hoje é dia do pagamento, já que escolheu me agraciar com sua presença.

Ele estava cheio de ego agora que ninguém desafiava abertamente sua autoridade no campus. Travis Marsh, aparentemente inútil no ecossistema da escola, havia servido como uma função vital, ele fora o lembrete diário a Burke de que sua autoridade era insignificante comparada à vontade de milhares de estudantes.

— Supôs certo — eu disse, mantendo meu tom contido, porque raiva não era apropriado. Não se pode deixar as emoções interferirem nos negócios. Eu tinha de me lembrar de que isso era um negócio, não uma vingança pessoal, não uma questão que me interessava pessoalmente em nada.

— E o que posso fazer por você? — ele perguntou, condescendente agora. Pessoas realmente poderosas sabiam que não deveriam tratar os outros da forma como Burke fazia.

— Você vai abrir o ginásio da escola no sábado para as crianças do Siegel

Center terem seu próprio evento paraolímpico. No sábado que eles quiserem. É seu pagamento pelo Travis.

Burke suspirou, impaciente, e revirou os olhos.

— Olha, eu expliquei àquela Smalley que rondava minha sala que minhas mãos estão atadas. Tivemos cortes de verbas, estou com pouco pessoal, isso sem mencionar os riscos se alguém se machucar. Meu Deus, ela quer um bando de aleijados saltando com vara e essa merda toda. Provavelmente eu os estou salvando de ferimentos graves.

— Pode chorar, Burke. Não me importo com seus problemas — eu disse, apoiando as mãos abertas na superfície de sua mesa e me inclinando para que ele não tivesse nenhum lugar para olhar além do meu rosto. — Você assinou um contrato e estou cobrando. Faça acontecer. Não me importa como. Se não, vou fazer você se arrepender.

— Fazendo o quê? — ele zombou. — Não me ameace, Alderman. Suas digitais estão em todo aquele esquema que você armou para o Travis Marsh. Se eu cair, você cai comigo. Acha que se for às autoridades alguém vai acreditar na sua palavra contra a minha?

Eu me virei e fui para a porta enquanto ele ainda tagarelava atrás de mim.

— Deixa eu te dizer uma coisa — soltei, com a mão na maçaneta, a porta ainda fechada. — Se entrar nessa comigo, vai perder. Vou fazer o que aconteceu com Travis parecer um passeio no parque. As pessoas podem perdoar tudo, mas nunca perdoam um pedófilo. Pense nisso, mas não pense demais. Você tem até o fim do período letivo. — Eu abri a porta e tinha dado dois passos para fora quando me virei e acrescentei: — E certifique-se de dar a notícia para a Bridget com um sorriso. Nada de cara feia. Quero que ela curta o momento.

Dei à recepcionista um aceno amistoso na saída. Burke provavelmente passaria os próximos noventa minutos fervendo em seu escritório antes que sua covardia intrínseca se curvasse às minhas exigências e ele fosse atrás de Bridget para dar a notícia.

Quando eu estava a caminho do sétimo período do dia, fui parado por Bridget, que me chamou no corredor lotado.

— Não posso acreditar! — ela gritou, correndo para mim. — O sr. Burke me

chamou na classe, disse que mudou de ideia e podemos usar o campus para o nosso evento. Acredita?

— Isso é ótimo — eu disse, deleitando-me com o calor do sorriso dela.

— Não sei por que ele mudou de ideia, mas mudou, e eu mal posso esperar para dizer aos meninos do Siegel Center — ela tagarelou feliz. — Vão ficar tão empolgados. — Ela disse tudo isso batendo palmas e dando pulinhos, e eu senti meu rosto se abrindo num sorriso.

O que ela fez em seguida não deveria ter sido uma surpresa. Bridget é a pessoa mais amável e efusiva que Deus já fez. Mas quando aconteceu, eu não estava preparado. Quando jogou seus braços ao redor do meu pescoço, senti um frio no estômago, meu coração mar-telou na minha garganta e Jimmy Hendrix tocou “Little Wing” na minha cabeça.

O abraço durou só dez segundos — e quero dizer uns bons dez segundos mesmo. Apertei a mão na base das costas dela e saboreei a sensação de seu corpo contra o meu, o cheiro limpo de seu cabelo. Então ela se afastou, mas não antes de deixar um beijo na minha bochecha.

Desperdicei uma carta na manga por um abraço da Bridget e para dar a uns moleques lesados uma pista de treino? Valeu a pena?

Galinha tem dente?

Vinte e oito

Sexta à noite eu saí cedo de casa porque levava quase uma hora para dirigir até a balada nos arredores de Boston chamada Plant Nine. Pete não estava esperando do lado de fora quando cheguei à sua casa, então bati na porta. Levou alguns minutos até ele aparecer, com o rosto tomado de raiva, batendo a porta da frente ao sair.

— Inacreditável — ele soltou, furioso, passando por mim, e não esperou para ver se eu o seguia até o carro.

Quando demos a partida, ele falou novamente, a voz carregada de raiva.

— Meus pais estão me enchendo o saco pelo tempo que estou passando fora. Falaram que acham você uma má influência.

— É, bem, seus pais estão certos — eu assenti, pensativo. — Sou uma má influência.

Ele continuou com a falação sem parar para me ouvir.

— Eles não falam merda nenhuma quando Bridget sai para namo-rar ou com os amigos dela. Ela é tão santinha que não acreditam que ela faria nada de mau.

— Não sei por que você briga com eles. A melhor forma de lidar com os pais é dizer a eles o que querem ouvir: fazer bem as tarefas escolares para não precisar ouvir nenhuma merda sobre isso, manter a cabeça baixa e o nariz limpo, deixar que acreditem que você está fazendo um bom trabalho. Se brigar com eles, vai sempre perder.

— É mesmo um grande conselho vindo do deliquente que anda com traficantes e skinheads.

— Já terminou? — perguntei enquanto esperávamos no farol vermelho.

— Sim. Tem maconha?

— Sim, tenho.

— Bom, me dá um pouco? — Pete pediu, impaciente.

— Te dei um saco semana passada.

— É, durou uns dois dias — ele disse, bancando o durão. — Me dá uma bala.

— Pode esquecer. Não vai querer se meter com esse troço.

— Por quê? — ele perguntou, insolente. — Só quero experimentar. Já experimentou, não foi?

— Uma vez ou outra.

— Então me deixa provar.

— Não vai rolar, então pode parar de pedir.

— Você é um saco — ele murmurou, afundando mais no banco. — Que houve? De repente tem um chip de moral?

— O quê? — perguntei, franzindo o cenho.

— Um chip de moral — ele disse, impaciente. — Sabe, tipo um robô, programado para aprender emoções.

— Incrível — eu disse, balançando a cabeça. — De alguma forma você sempre consegue se superar na nerdice. De onde veio isso? Um dos seus livrinhos idiotas de ficção científica?

Ele ignorou minha pergunta e continuou o ataque. Eu já estava acostumado com isso agora, a forma que ele descontava o mau humor em todo mundo à sua volta. A paralisia cerebral era um problema maior do que ele percebia. Ninguém nunca se importou de dizer ao Pete como ele podia ser babaca, então ele não tinha muita consciência disso. Imaginei que sempre que eu indicasse que ele estava sendo um idiota, o ajudaria, moldando-o como um membro da sociedade.

— Então, o que está dizendo — ele perguntou com um tom de sabe tudo — é que tudo bem para você vender bala pros outros, mas não para eu usar? Isso faz muito sentido. — Ele falava como um molequinho, tentando soar sarcástico e descolado, mas parecendo um resmungão de doze anos.

— Eu não mexo com a mercadoria a não ser que a situação peça, porque não quero fritar o cérebro e terminar servindo sorvete pelo resto da vida — disparei porque ele precisava de um sermão, apesar de não estar certo de por que eu me importava, já que ele nunca me escutava. Estava ocupado demais sentindo pena de si mesmo recentemente para prestar atenção em algo mais.

— Veja um cara como o Digger — eu continuei. — Ele pasta o dia todo. Por isso ele é lesado das ideias. Não consegue nem enxergar direito. Quer terminar como ele?

— Que seja — Pete disse, acenando em desprezo enquanto in-clinava o banco para trás e olhava pela janela. — Você parece meu velho.

— Ai, merda. — Engasguei no riso. — Você acabou de dizer isso pra mim? Estou te dizendo que esse troço só vai te dar trabalho. Seu velho não sabe porra nenhuma sobre isso, mas eu sei.

— É, é, eu te ouvi — respondeu com um suspiro.

— Tô falando sério.

— É, saquei — ele disse, elevando a voz na última palavra. — Entendi, só não gostei — murmurou para si mesmo.

Seguimos nos próximos trinta minutos sem falar muito. O Plant Nine ficava no velho bairro de armazéns perto do rio, longe do burbu-rinho da cidade. Parei numa vaga na rua e desliguei o motor.

— Fica frio — eu disse, colocando a mão na maçaneta. — Fica frio e de boca fechada.

Por hábito eu desacelerei o passo para acompanhar o Pete confor-me andávamos pela calçada quebrada, apesar de que era sempre difícil ficar ao seu lado no ritmo que ele andava. Eu sempre me encontrava alguns passos à frente, mesmo quando conscientemente ia numa caminhada lenta. Cruzamos a rua deserta e nos aproximamos da balada no final de uma longa fila de pessoas que esperavam para entrar. Pete parou como se fosse entrar na fila, mas balancei a cabeça e conti-nuei em frente, e ele seguiu ao meu lado.

O único segurança de lá era o tipo de cara que só se vê em filmes — um bronco gigante alto e gordo, pálido e coberto de tatuagens —, parecia o tipo de pessoa que tortura gatinhos por diversão. Big D. era uma figura intimidante, seu corpo maciço engolindo o banquinho de couro que ficava do lado de fora da porta da balada, seu rosto com um desdém fixo. O banco de alumínio rangeu sob seu peso quando ele ficou de pé para me cumprimentar, batendo os punhos e dando um abraço. Eu o apresentei a Pete, que chiou quando o Big D. ignorou sua mão esticada e o abraçou forte. Pete cambaleou para trás quando ele o soltou.

— Como vai, Sway? — Big D. perguntou, puxando a cintura da calça e arrumando sua camiseta do System of a Down.

— Estou bem, D. — eu disse, dando um tapinha em seu ombro. — Como vai você?

— Ah, longe de encrenca. Esse é seu irmãozinho?

— Não de sangue. Pete é parte daquele programa Apadrinhe um Jovem. Sou

tipo seu mentor — respondi, dando de ombros como se não fosse nada. O rosto de D. se abriu num sorriso e ele soltou uma gargalhada batendo no ombro de Pete com a patona grande e carnuda como uma luva de beisebol. Pete gritou, surpreso, mal conseguindo se manter de pé.

— Saquei — D. disse, rindo. — Você é tipo um modelo de homem.

Pete se recompôs e saiu do alcance do Big D.

— Olhe para este rosto — Big D. disse ao Pete quando ele me segurou debaixo do queixo e apertou meu rosto como uma avó judia. — Este moleque podia vender o inferno para um bispo.

D. ainda estava rindo sozinho quando levantou a corda e nos deixou entrar. Houve alguns murmúrios contidos de protesto quando Pete e eu entramos na balada, vindos da fila de pessoas que ainda esperavam sua vez, mas ninguém iria desafiar diretamente o D. ou questionar seu direito de ter favoritos.

— Ah — Pete disse quando estávamos longe do alcance dos ouvidos dele. — Acho que ele deslocou meu ombro.

— Fique feliz por ele ter gostado de você — eu disse sobre o pulsar do baixo da música.

Passamos pelo labirinto de salas que já tinha sido algum tipo de fábrica, o propósito original da construção há muito esquecido. O lugar fora convertido numa balada, cada sala tomada de passatempos para satisfazer a qualquer público — mesas de sinuca numa sala, um bar com bancos altos na outra e várias pistas de dança em dois andares com diferentes DJs. Não havia muitas luzes, o que ajudava a disfarçar a má conservação e a tinta descascando, o piso de concreto pintado de preto. Havia holofotes pendurados sobre os bares, permitindo que os bartenders vissem seu trabalho, e as mesas de sinucas e os alvos de dardos também eram iluminados. Luzes negras tomavam o resto, dando um brilho artificialmente saudável aos baladeiros.

Pete me seguiu até um pátio com um bar ao ar livre e um deque de madeira que sevia como pista de dança. Um techno industrial zumbia de alto-falantes gigantes localizados nos dois cantos da pista, um deque de observação sobre ela, no qual as pessoas ficavam be-bendo, fumando e conversando enquanto observavam os poucos dançarinos. Os caras que dançavam o techno industrial usavam jeans rasgados, camisetas pretas com logo de bandas que nunca ouvi

falar, correntes de metal prendendo as carteiras à calça ou adornando suas pesadas botas pretas.

Pete e eu estávamos deslocados, nossas roupas sem graça e conservadoras quando comparadas àquelas. Foi sempre assim, eu estava lá no meio daquilo, mas de alguma forma nada tinha a ver comigo. Eu era um observador. Deslocado. Distante.

A maioria das pessoas ali achava que estava fazendo algum tipo de declaração social. Todo mundo aloprando. Todos tentando aloprar mais do que o próximo. Mais piercings, mais tatuagens — atraindo atenção para si de forma a... é, eu não tinha bem certeza do motivo.

Talvez sem todo aquele troço extra não houvesse nada digno de mencionar sobre eles. Ou talvez eles não tivessem atenção suficiente em casa e quisessem conseguir isso de estranhos na rua. Qualquer que fosse o motivo, eles pareciam ter orgulho de serem diferentes, mas na verdade acabavam parecendo iguais, e tratavam todos de fora de seu círculo restrito como um leproso.

Steve estava onde eu esperava encontrá-lo, de pé, apoiado num cotovelo no bar, observando as pessoas ao seu redor. Seus olhos viajavam sobre as meninas mais novas que se amontoavam no bar, a maioria bebericando Coca-Cola porque eram jovens demais para comprar álcool.

Sempre parecia haver algo meio estranho com Steve. Talvez fossem seus olhos, um pouco abertos demais, seu sorriso, largo demais para ser genuíno, sua fala, afetada demais para não ser ensaiada. Ele era um dos donos, ou talvez apenas um gerente da balada, um detalhe que ele nunca esclareceu — provavelmente porque queria que você acreditasse que ele era mais um tipo rockstar do que realmente era. Ainda assim, era seu playground, e se eu quisesse brincar, precisava ficar de boa com ele. Não gostava nem confiava nele, mas nada disso era relevante.

O cabelo loiro do Steve rareava em cima, mas ele ainda usava um longo rabo de cavalo, como se a parte de trás pudesse compensar, e todo mundo que o observasse não notaria sua perda de cabelo. Sua idade era indeterminada na luz fraca da balada, mas a condição de sua pele suge-ria que ele era muito mais velho do que as meninas com quem costumava sair.

Os olhos do Steve nunca ficavam fixos numa coisa por mais de um segundo

ou dois. Seu olhar varria o salão enquanto ele falava ou ouvia, nunca mirando ninguém nos olhos. Ele podia deixar uma pessoa desconfortável; nas raras ocasiões em que encontrava seus olhos, fazia você imediatamente desejar que ele olhasse para outro lugar. Não havia muito a ver através das janelas de sua alma, mas o que dava para vislumbrar não era prazeroso de se contemplar.

— Ora, veja quem é — Steve me cumprimentou enquanto se desvencilhava de uma menina que mal tinha idade para que suas tatuagens tivessem sido feitas legalmente.

— Ei, Steve — eu disse, estendendo a mão e passando a ele um papelote cheio de balas e um pouco de maconha. — Meu amigo, Pete. — Apontei na direção do Pete. Ele moveu a cabeça para cumprimentar, mas ficou de boca fechada, um pequeno milagre.

Steve ignorou Pete, como eu queria. Ele gritou para o bartender nos trazer uns shots e bateu seu copo no meu antes de inclinar a cabeça para trás para virar a bebida. A etiqueta ditava que eu tomasse a dose. Era o preço dos negócios, apesar de eu não querer pagar.

— O que está olhando? — Steve perguntou de repente, direcionando seu comentário sobre meu ombro para o Pete. Um sorriso ainda estava estampado em seu rosto, mas era fixo como uma careta, nenhuma alegria evidente.

— Quem? Eu? — Pete perguntou, apontando para o próprio peito.

— É, você — Steve disse, imitando o tom de surpresa do Pete. — Com quem acha que estou falando?

— Eu estava... — Pete se virou para mim, buscando ajuda, mas eu apenas o observei em expectativa. — Só estava olhando... o povo. Sabe, dando uma olhada — Pete respondeu, incerto.

— Bem, esse “povo” que você não consegue parar de olhar por acaso é minha namorada.

— Ei, eu não quis... quero dizer, eu não... — Pete olhou para mim, buscando ajuda novamente.

— Que há com esse moleque? — Steve perguntou, virando-se para mim.

Eu inclinei a cabeça de lado, indicando que Steve deveria se afastar comigo para que pudesse falar com ele sem ser ouvido. Ele lançou um último olhar agudo para Pete, então veio para onde eu estava, a alguns passos dele.

— Olha — eu disse num tom abafado —, o moleque é o.k. Ele só passou um tempo trancado. Ele foi todo ferrado com alucinógenos, cogumelos, LSD, tudo isso, quando o mandaram para a estadual por quase um ano. Os guardas zoaram um pouco com ele.

— É? — Steve exclamou, com um interesse estampado em seus olhos quando pousaram em Pete por dez segundos inteiros, mais tempo do que já o vi olhar para alguma coisa. — Os guardas mexeram com ele? — ele perguntou, a avidez em sua voz me dizendo que ele queria saber mais da história.

— É, ele teve o joelho todo ferrado com um cacetete, levou na cabeça algumas vezes. É um pouco... lesado agora, mas é bacana — contei, dando uma olhada furtiva sobre o ombro para me certificar de que Pete não podia ouvir nossa conversa. — Ele odeia os policiais agora. Provavelmente mataria um se tivesse a chance.

— Isso é zoado — Steve disse com um novo respeito por Pete em seus olhos.

Dei de ombros.

— É.

Não levou muito tempo para Steve perder seu interesse em nós e eu apontar discretamente para Pete me seguir. Uma série de passagens escuras conduziram a um espaço com pé-direito alto e uma pista de dança do tamanho de uma quadra de basquete, onde centenas de pessoas se moviam sob luzes piscantes e um globo espelhado.

Kiddush discotecava nessa pista, a maior e principal, e as pessoas amavam. Estava tocando uma música da M.I.A., e eu cutuquei o braço do Pete para ter sua atenção.

— Vamos pirar! — gritei para ser ouvido acima da música.

— Quê? — Pete gritou de volta.

— Vamos dançar.

— Não sei dançar — ele disse, soando meio desesperado.

— Ninguém dá a mínima — eu disse sobre meu ombro quando entrei no meio das pessoas.

Segui para o centro da pista onde um grupo de moleques dançava junto e comecei a me movimentar. Kiddush era bom nessa coisa, tocando seu próprio

remix da música, e as pessoas estavam à toda. Fiquei de olho no Pete para ver como ele ia. Ele tinha dito a verdade, não sabia dançar, mas pelo menos se movimentava, não ficava parado num canto trocando o peso de um pé para o outro como a maioria dos caras.

Assistindo a ele se mexer sob as luzes, era como se seus movimentos fossem naturais, quase fluídos, e tivessem perdido a sacudidela costumeira sob a luz móvel. Na mistura de sombras e movimentos dava para dizer que havia algo diferente nele. De repente Pete era o cara, mexendo os quadris e os braços como se estivesse totalmente perdido na música. As meninas se aproximaram para dançar com ele, se alimentando de sua energia, enquanto eu me juntei com uma morena caribenha que sabia requebrar como ninguém.

Pete era um sucesso com as garotas e continuou na pista quando fui para o bar entregar minhas lembrancinhas para os clientes habituais. Ele ainda estava dançando quando terminei os negócios e o puxei para separá-lo do aglomerado.

Levei Pete para cabine do DJ para conhecer Kiddush, que nos recebeu com um abraço forte. Ele botou um remix longo de uma música do Drake e seguiu para a pista de dança para impressionar com uns movimentos vintage de break enquanto Pete e eu assistíamos da cabine. Sam tinha passado muitas sextas solitárias em sua adolescência praticando sua música e seus passos de dança só em companhia do espelho e da coleção de vídeos antigos no DVD.

Tive de arrastar Pete do lugar. Ele ficaria lá até o fim se eu deixasse, mas é sempre melhor ser o último a chegar e o primeiro a deixar a festa.

Vinte e nove

Quando deixamos a balada, ainda era cedo e eu tinha mais uma parada a fazer.

— Vamos jogar boliche? — Pete perguntou, intrigado, quando parei no estacionamento do Games and Lanes.

— Pode jogar se quiser. Tenho negócios a fazer.

— Bridget e todos os seus amigos têm vindo aqui ultimamente. Não sei por quê, esse lugar é uma merda.

Murmurei um desinteressado "hum" quando seguimos para a entrada. Um policial estava parado na porta. Agora que a maioria dos alunos das escolas locais estava indo ao Games and Lanes nas sextas e sábados, eles mantinham um policial plantado lá para se certificar de que ninguém estava bebendo ou engravidando no estacionamento.

— Ei, Jesse — o policial acenou quando me aproximei.

— Stan, como vai? — perguntei.

— Bem, peguei a merda do turno da noite, né? — ele comentou, estalando os nós da mão esquerda.

— É o que parece.

— Fiquem longe de encrenca, vocês dois — ele disse com uma pequena saudação quando alcancei a maçaneta.

O ruído nos atingiu como se tivéssemos chegado a um beco, todas as vinte pistas de boliche cheias de todas as panelinhas imagináveis das escolas locais. O som das conversas era um rugido torpe entremeado com o crescendo de bolas atingindo pinos no final das pistas. O carpete marrom já tivera alguma estampa dourada e vermelha, havia muito gasta com a marca de vários sapatos de boliche. Ele tinha o cheiro único das pistas de boliche, o fedor azedo de refrigerante, cerveja e ketchup derramados. Um vago lembrete dos cigarros que tinham sido fumados lá dentro ainda se mantinha no ar, um odor que apenas uma reforma completa extinguiria.

— Te encontro daqui a pouco — eu disse para afastar Pete enquanto seguia para os fundos, para um escritório sem indicação com uma pequena janela alta na porta. Bati uma vez para me anunciar, então abri a porta e entrei.

O proprietário, um cara com o infeliz nome de Donald McDonald, sentava-se atrás de uma mesa marcada de madeira, jogando paciência num computador das antigas. Don era rechonchudo, suas mãos pálidas e massudas. Tinha um bigodão grisalho espesso, cabelos encaracolados rareando o suficiente para dar a ele um testão.

— Ei, garoto — ele cumprimentou, mal me olhando.

— E aí, Don — respondi, já sentando na cadeira dobrada em frente à sua mesa. — Parece que o negócio está à toda.

— É — ele disse, dando de ombros, me enrolando. — Está indo bem.

— Parece melhor do que bem — eu insisti enquanto ele mantinha o olhar fixo na tela do computador, tentando fingir que não estava preocupado com a conversa. — Toda sexta e sábado o estacionamento está cheio. Dizem que é aqui que os moleques bacanas vêm nos finais de semana. — Mantive meu tom leve, mas estava pronto para a resistência inevitável que ele iria me dar. Se Don não fosse tão pão--duro, teria considerado modernizar um pouco seu boliche para atrair novos clientes em vez de confiar em mim para chamar sua clientela.

— O que quero dizer é que — disse ele num tom defensivo — é claro que tenho um bando de gente aqui nos finais de semana, mas há gastos ocultos nisso. Você sabe, muito mais custos de manutenção para manter o lugar aberto e funcionando.

E lá vamos nós.

— Acho que o dinheiro deles vale tanto quanto o de qualquer um — comecei de leve. — Você não especificou que tipo de público queria quando fizemos esse esquema.

— É, bem, só estou dizendo — ele disse, mostrando as mãos em súplica, finalmente virando a cadeira para me encarar —, há muito mais gas-tos quando você tem um público de jovens vindo todos os finais de semana. O banheiro parece que foi explodido com uma bomba no final de cada noite.

— Isso para mim parece um problema pessoal, Don — eu disse. Saiu como uma piada, apesar de eu estar me cansando rapidamente daquilo. — Está tentando embaçar comigo? — perguntei com a impaciência transbordando.

Seu rosto se recompôs num ar de inocência.

— Embaçar com você? Do que está falando, Jesse?

— Não fode comigo, Don.

Ele deu de ombros, mas pude ver gotas de suor se formando sobre seu lábio superior.

— Não sei por que está tão chateado. Só estou dizendo que talvez eu não tenha tanto dinheiro extra quanto você acha que tenho.

Eu me inclinei para a frente, apoiando a cadeira em apenas duas pernas e colocando os cotovelos nos joelhos.

— Da forma como eu vejo, você tem duas opções à sua frente. Você pode me pagar o que deve e vou jogar algumas partidas com meus amigos, ou você pode foder comigo e cada moleque com grana e um meio de transporte em quinze quilômetros quadrados daqui vai de repente se interessar pelo Putt ‘n’ Play.

— Meu Deus, Jesse — ele disse, repentinamente parecendo um roedor encurralado, seu bigode caindo mais do que de costume. — Não quis dizer nada assim. Tenho seu dinheiro. Bem aqui, eu tenho — ele disse, buscando na gaveta de cima e jogando um envelope na mesa.

Eu não o agradeci. Agradecer alguém pelo dinheiro que te deve é um sinal de fraqueza.

— Eu te vejo na próxima semana, Don — avisei, me levantando para partir. — Gaste um pouco mais de dinheiro para limpar esses carpetes, hein? O fedor pode derrubar alguém.

— É, claro, Jesse. Ei — ele me chamou quando eu estava indo à porta. — O que você fez? Para que todo mundo começasse a vir aqui, quero dizer.

— Don — eu disse com um olhar sofrido —, se eu te dissesse isso, não teria emprego agora, teria?

— É, não, entendo. Valeu, Jesse. E, ei, se quiser jogar uma rodada, diga a Jason na entrada que seus sapatos são por conta da casa. É o mínimo que posso fazer.

— Valeu, Don — eu disse, apesar da ironia no meu tom não ser percebida por ele.

Enquanto vagava pelo boliche, cumprimentando as pessoas e aprovei-tando o tempo para parar e falar com algumas delas, topei com Heather Black. Ela estava

sentada no muro baixo que separava as pistas de boliche do bar e dos fliperamas, fuçando no celular. Seus amigos estavam todos ao redor da mesa de pontuação ou se revezando nas pistas, mas a atenção de Heather obviamente estava em outro lugar.

— Ei, Jesse — ela cumprimentou, jogando o cabelo de forma mecânica, os brincos dourados balançando contra as bochechas.

— Heather, tudo bem? — perguntei, apoiando os cotovelos no peitoril atrás de onde ela se sentava e vendo o pessoal curtir o pas-satempo favorito da América.

— Tudo, acho — respondeu, sem muito entusiasmo.

— Cadê seu namorado David? — Olhei ao redor buscando sinal dele e me sentei na cadeira de plástico ao lado dela.

— Os pais dele o deixaram de castigo permanente desde a última advertência que levou — ela disse, abraçando uma perna. — Tão babaca. Ele diz que talvez nem o deixem ir ao baile.

— Que droga.

— David disse alguma coisa para você? — ela perguntou. — Sobre mim, quero dizer.

— Não tenho falado muito com ele recentemente. Por quê?

— Só estou curiosa — ela fez uma pausa e mordeu o lábio inferior, então disse: — Eu estava me perguntando se talvez ele não está mais interessado em mim ou algo assim. Estava apenas usando os pais como desculpa para não me ver.

— Por que acha isso? — Franzi o cenho, confuso.

— Não sei — ela respondeu casualmente, mas não podia esconder o rosto corado. — Talvez ele apenas não esteja tão a fim de mim.

— Está brincando? — soltei uma risada, mas parei de repente ao perceber que ela não estava. — Espera. Acha mesmo que David não está na sua?

— Não sei o que pensar — ela disse, balançando a cabeça, e não olhava para mim, fingindo interesse total no boliche para evitar meu olhar.

— Você é uma menina linda, Heather. David seria louco se não estivesse na sua.

— É?

— Claro — eu disse, me recostando e colocando os braços atrás da cadeira, as pernas estendidas diante de mim com os tornozelos cruzados.

— Mas só porque sou bonita — ela disse, soando decepcionada. — Você não acha que ele estaria na minha por causa da minha personalidade.

— Eu não disse isso — respondi, o que acho que não queria dizer que não estava pensando.

— É, bem, David é diferente, sabe? Ele não é como os outros caras — explicou, deslizando um olhar acusatório na minha direção. — Ele me trata como uma princesa.

— Claro que trata. David Cohen está agradecendo a qualquer Deus que ele acredite por cada dia que sai com uma menina como você.

Ela sorriu fracamente, mas seus olhos permaneceram apagados.

— Sei que você nunca se importou muito comigo quando saíamos — ela disse, fazendo uma pausa para me dar uma chance de negar.

— Não me importo realmente com ninguém. Você sabe disso. E eu nunca te mereci mesmo — respondi, colocando um braço no ombro dela e plantando um beijo de amigo em sua bochecha.

— Eu sei — ela disse, e compartilhamos um sorriso.

Encontrei Pete perto do quiosque de bebidas, com uma Coca numa mão, a outra no bolso da jaqueta vendo as pessoas jogar. Estava encos-tado na parede, seus olhos tomados de fadiga.

Bridget estava nas pistas com um grupo de amigos, e Ken com sua turma. Eu esperava ir antes de Bridget nos avistar, mas ela acenou alegre das pistas e veio dizer oi.

— Ei, gente — Bridget disse quando lançou um braço ao redor de Pete num rápido abraço. — Quando chegaram aqui?

— Há pouco tempo. Estávamos no Plant Nine — Pete disse, revelando muito mais do que eu queria.

— Sério? — ela perguntou, olhando para mim como que para perguntar se eu achava que era uma boa ideia o seu irmão caçula estar num lugar conhecido pelas raves. Eu desviei o olhar para não ter de encontrar os olhos dela e fingi um interesse repentino em algo sobre meu ombro.

— Estávamos lá só para dançar e ver as pessoas — Pete disse. — Não estávamos fazendo nada de idiota.

— Ainda assim, não sei, Pete... — ela interrompeu e olhou para mim novamente, buscando ajuda, mas eu me recusei a ir em socorro.

— E quanto a você? — Pete perguntou, apontando para ela. — Você saiu depois do toque de recolher. Não creio que a Santa Bridget está quebrando as regras da casa — ele disse, levando a mão ao rosto para imitar espanto.

As bochechas dela coraram quando ele disse isso, e seus lábios fizeram uma linha amarga.

— Não sou uma santa — ela disse baixinho.

Pete se inclinou, apontando um dedo desaprovador para Bridget:

— Aposto que a mãe e o pai não disseram merda nenhuma sobre você ficar fora até tarde com seus amigos, mas tentaram me colocar de castigo.

— Só estão cuidando de você, Pete — Bridget disse, o que era exatamente a coisa errada a se dizer. Para alguém que era tão sensível com os sentimentos dos outros, Bridget não era muito perceptiva quando se tratava do próprio irmão. Ele era como um vulcão, só esperando algo para explodir.

— Eles só estão... — ela olhou nervosa na minha direção, então terminou mal — ... preocupados. — Bridget não queria dizer a verdade, que os pais de Pete ficavam preocupados toda vez que ele saía de casa comigo. Ela estava protegendo meus sentimentos, o que era meigo. E desnecessário.

— Vamos sair daqui — eu disse, batendo no cotovelo do Pete. Eu estava tentando evitar a tempestade que vinha, mas ele afundou nos calcanhares e se recusou a sair.

— Por quê? — perguntou a Bridget, me ignorando completamente. — Por que eles estão tão preocupados comigo e não com você? Por que você sai com o sr. Rei do Baile Astro do Futebol e eu saio com o Jesse? Por que você é tão perfeita e eu sou uma aberração?

— Eu não disse isso — Bridget falou baixinho. Ele estava ferindo os sentimentos dela de propósito agora, tentando fazê-la se sentir tão mal quanto ele se sentia.

Eu queria dizer a ela para não morder a isca, para deixar pra lá. Mas era tarde demais. Quando ela entrou na discussão, fiz uma careta e apertei a ponte do meu

nariz.

— Caramba, sabe, estou tão cansada de sempre estar presa entre você, o pai e a mãe — Bridget disse, sua voz trêmula com uma emoção suprimida. — Eles só querem o melhor para você.

Suspiro mental de derrota.

— Por quê? Por que eu sou *especial*? — Pete perguntou, seu tom pingando veneno. — Não sou especial e não tenho necessidades especiais! — Pete estava gritando agora, cuspe voava de sua boca quando ele balançava os braços loucamente, como um chimpanzé empolgado. — Eu sou apenas fodido! Tá? Entendeu?

Bridget estava se contendo como uma campeã, seus olhos bem abertos enquanto tentava segurar as lágrimas. Sua expressão não vaci-lou, mas finalmente seu lábio inferior tremeu e uma única lágrima gorda escorregou pela bochecha.

— Por que você não para de tentar me fazer... Uuugh! Filho da puta! — Pete gritou quando caiu de bunda na cadeira, seu rosto explodindo em vermelho e o nariz começando a sangrar profusamente. Afastei a dor da minha mão; os nós dos dedos estalaram quando se conectaram com seu rosto.

— Fale com sua irmã assim novamente e eu vou te colocar numa cadeira de rodas — eu disse, dando um passo ameaçador em sua direção.

— Jesse! — Bridget me afastou de Pete, então se abaixou apoiando--se em um joelho, buscando tocar o rosto do irmão. — Que droga há de errado com você? — Bridget perguntou, mergulhando a mão na bolsa e então oferecendo um lenço de papel a Pete.

— Fique fora disso — Pete disse, pegando o lenço de papel de Bridget, mas empurrando a mão dela pro lado enquanto ela tentava ajudá-lo.

Bridget ficou de pé e deu um passo para trás, puxando nervosa a barra de sua saia com seus dedos esguios.

— Você não entende como é — Pete resmungou —, todos me tratam como se eu fosse um caso de caridade.

— Você é um caso de caridade — eu disse, colocando as mãos no bolso para não bater nele novamente. — E um cuzão se é assim que trata a pessoa que está sempre cuidando de você.

— *Para* — Bridget disse com um olhar de aviso na minha direção. — Eu não pedi que me defendesse, Jesse.

— Para de deixar ele falar da forma como bem entende — eu disse, levantando minha voz para ela.

Bridget abriu a boca para retrucar, mas foi interrompida por Ken, quando ele se enfiou na situação.

Eu nem havia notado ele se aproximar, mas de repente Ken estava lá, um braço como o do troféu Heisman para me segurar.

— Alderman, que merda? — ele perguntou com o rosto vermelho de raiva.

Pete levantou a frente da camisa para limpar o nariz, fungou, depois tossiu.

— Pete, você está bem? — Ken perguntou.

— Você me deu um soco, porra — Pete disse, ignorando a pergunta do Ken.

— Não diga. Você estava pedindo a noite toda, bancando a porra do espertinho.

— Se afasta — Ken disse, o suficiente para fazer cabeças virarem. — Juro por Deus, Alderman, vou rearranjar sua cara.

— Ken — Bridget disse, quase gentilmente enquanto agarrava seu braço. — Todo mundo fica calmo, tá? — Ela nem olhava para mim, e sua voz ainda tremia.

O cara atrás do balcão de sapatos estava correndo para intervir, voltando o rosto em busca do Stan, o policial, para alguma ajuda. Stan, por sorte, ainda estava perambulando lá fora para dissuadir os chapados, bêbados e moleques que só queriam transar nos carros.

— Alderman, você precisa sair daqui — Ken disse. Eu podia ver que ele lutava com o desejo de me bater, sabendo o tempo todo que eu guardava seu segredo, podia virar Bridget contra ele com apenas uma palavra. Ele tinha medo de passar dos limites comigo, mas mesmo assim entraria na briga por Bridget se tivesse de proteger seu irmãozinho e ela. Tive minha própria luta interna, queria cair de joelhos e implorar pelo perdão de Bridget, me explicar até minhas palavras parecerem uma diarreia verbal. Mas me afastei enquanto as pessoas esperavam sem fôlego para ver se nosso pequeno drama iria se desenrolar. Até o cara dos sapatos de boliche parecia estar prendendo a respiração.

— Vai se foder, Ken. O que acontece entre mim e o moleque não é da sua

conta.

Se eu tivesse de ser honesto e dizer por que eu recuei, não poderia alegar que era por causa dos sentimentos de Bridget ou do medo da surra do Ken. Recuei porque me sentia fútil no momento. Quem eu estava enganando? Eu era um monstro. O tipo de monstro que bate num moleque com paralisia cerebral, que vende uma menina doce como a Bridget para quem paga melhor, que não se importa em como os outros se sentem, porque eu não tenho sentimentos próprios.

O tipo de monstro que não sobrevive para ver o final de um conto de fadas.

Bridget começou a vir atrás de mim quando me afastei, sua voz me chamando de volta, mas Ken a segurou pelo braço e disse para ela me deixar ir.

— Boa noite, Stan — eu disse, saindo do boliche para o ar fresco da noite.

— Você deve ser uma merda no boliche se já está desistindo. — Stan disse, esfregando as mãos para aquecê-las e girando de volta nos calcanhares.

— Sou uma merda em muitas coisas, Stan — concluí, e ele riu, apesar de nada do que eu disse ser realmente engraçado.

Trinta

Pete não estava falando comigo. Bem, tecnicamente isso era exagero. Eu disse "ei" para ele no corredor da escola na terça, e ele mandou eu me foder. Ele estava bravo, o que é compreensível, já que eu havia dado um soco na cara dele, mas acho que se me odiasse mesmo ele teria me ignorado. A melhor coisa a fazer, decidi, era lhe dar alguns dias para esfriar a cabeça antes de me aproximar novamente.

Naquela mesma semana, eles anunciaram a corte do baile no sistema de alto-falantes durante o primeiro período. Rei nomeado: Ken Foster, um babaca real. Rainha, Theresa Mason. Murmúrios empolgados tomaram a classe, até o professor de história, sr. Smith — extravagante, velho, unhas manchadas de amarelo do alcatrão do cigarro —, bradar para todo mundo ficar quieto.

Os corredores estavam tomados de fofocas e especulações sobre a vitória inesperada de Theresa. Uma vitória mais inesperada para Theresa do que para qualquer outra pessoa. Depois do anúncio, ela ficou com uma turma de líderes de torcida e dançarinas babando ao seu redor no corredor principal, seu sorriso brilhava mais que o sol.

Fiquei curioso de saber qual seria a reação do Ken quando ouvisse a novidade, mas eu estava em História Avançada durante o primeiro período enquanto ele, eu só podia supor, estava em Marcenaria ou alguma aula de prática de leitura.

Me agradava que Theresa estivesse feliz em ganhar como rainha do baile, mas realmente não era a melhor parte do pagamento para os meus problemas. Se eu fosse completamente honesto, era o fato de que a Ken seria negada a glória de interpretar o rei, com Bridget em seu braço como rainha, o que me agradava mais do que tudo. Toda vez que eu pensava nisso, um sorriso se esboçava em meu rosto.

Naquela noite eu estava dormindo no sofá quando o vibrar do meu celular me despertou. As luzes não estavam acesas, eu tateei em busca do telefone no escuro. A ligação havia caído na caixa postal quando consegui encontrá-lo, mas

era Bridget, então chamei de volta imediatamente. Apesar de eu ainda estar grogue de sono, logo que ouvi o tom da voz dela em seu “alô”, fiquei instantaneamente desperto e alerta.

— Que foi? — perguntei.

— Pete está com você?

— Não — eu disse, tirando o sono do meu rosto. — Por quê?

— Ele não voltou para casa depois da escola e não estava no Siegel Center comigo. Estava agindo bem estranho nos últimos dias e eu só... bem, estou preocupada.

Meus olhos vagaram automaticamente para o relógio do DVR e vi que era apenas onze da noite, não tarde o suficiente para tirar alguma conclusão extrema, mas eu sabia que os Smalley tinham uma rotina rígida de jantar juntos como família toda noite, às seis. Eu já estava de pé quando ela disse:

— Ele está chateado desde a briga, não conversa com ninguém desde então. Falou com ele já?

— Não — eu disse, percebendo que soava culpado com isso.

— Pode fazer isso? Conversar com ele? Acho que você não entende... — Ela fez uma pausa e eu podia ver que estava se segurando para manter as emoções sob controle. — Talvez você não perceba o quanto sua amizade é importante para ele. É tudo o que Pete tem. Não quero que vocês se odeiem por minha causa.

— Pare de se preocupar com ele. Pete está fazendo isso de propósito, porque quer que você se preocupe e fique chateada. Pare de ceder — eu disse, pegando minhas chaves no balcão e fechando a porta da cozinha atrás de mim.

— Não é tão simples. Se alguém sabe disso, é você. Encontra ele, Jesse, e acerta isso. Você se acerta com ele ou eu nunca mais falo com você. Mesmo que isso acabar comigo, nunca mais falo com você.

— Meu Deus, achei que seu irmão fosse o melodramático — eu disse, encerrando a ligação.

Não levou muito tempo para eu encontrar o Pete. Ele queria ser encontrado, especialmente por ser uma noite fria — uma chuva cortante soprava do norte — e por ele estar bravo e querer brigar com alguém. Estava parado debaixo de um

poste na ponte, minha ponte, tão ensopado da chuva que a água pingava da ponta de seu nariz e suas roupas pendiam de seu corpo em ângulos.

Quando saí de casa, estava bravo com Pete, irritado por ele estar fazendo isso de novo, magoando sua irmã intencionalmente para que não tivesse de ficar sozinho em sua miséria. Quando cheguei à ponte e vi o estado em que ele estava, minha raiva foi aplacada e só a impaciência permaneceu.

— O que você quer? — ele me perguntou, emburrado, enquanto via a espuma no rio entrecortando as rochas antes de passar sob nossos pés. Seus olhos seguiam cada nova espuma que se formava e se desintegrava na correnteza escura do rio.

— Sua irmã está chateada. Preocupada com você. De novo. Seu merdinha egoísta.

— E daí? Ela te mandou aqui para me achar? — Ele soltou uma risada. — Merda, estou só chateado. Você é um completo suicida. Meio irônico que mande você aqui atrás de mim.

— Não é isso o que significa *irônico*. Você provavelmente quer dizer antitético.

— Ah, por favor — ele disse com desprezo. — Vai me convencer que de fato estuda?

— Não tive de estudar. Sei o que significa *irônico*.

Ele estreitou os olhos em fendas e disse:

— O que você disse a ela?

— Não disse nada. — Levantei as mãos num gesto de inocência. — Ela me ligou, disse que você tinha sumido. Seus pais estão preocupados. Ela também.

Ele olhou de volta para o rio dizendo:

— Ela não sabe de nada. Cérebro perfeito, corpo perfeito, vida perfeita pra caralho.

Eu não discuti. Meu plano era deixá-lo gritar, daí convencê-lo a entrar no carro, ir para casa comigo e sair da chuva.

— Não vai ligar para ela, dizer que você é um herói?

— Daqui a pouco eu ligo. Para dizer que você está bem.

— Eu não estou bem! — ele gritou, mas sua voz estava rouca do frio e da chuva. — Nunca vou estar bem. Tenho de tomar cuidado toda vez que encontro

alguém novo, alguém tentando descobrir o que há de errado comigo, ser tratado como um retardado porque falo engra-çado! Eu nunca... — Ele parou no final da frase. Durante a pausa que se seguiu eu podia ver o quanto ele queria dizer mais, mas as palavras iriam queimar quando saíssem. — Nunca vou ter uma garota que me queira, nenhuma menina quer estar com uma aberração.

— Você fala muita merda — eu disse, acenando em desprezo e balançando a cabeça. — Aquelas meninas da festa estavam totalmente na sua.

— Porque você mentiu — ele retrucou —, disse a elas que eu era alguém que não sou. Elas não iriam querer o verdadeiro eu.

— E daí? — perguntei, irritado. — Que tem de tão bom no verdadeiro você? O que é tão bom no Pete Smalley que uma menina devia querer? — Eu não esperei pela resposta. — Você acha que as meninas topam porque eu sou o verdadeiro eu? Porra, não. Elas gostam do meu dinheiro, das minhas conexões, do que posso fazer por elas. Elas não dão a mínima para mim.

— Bem, talvez não importe para você, mas eu quero alguém que se importe com quem é o verdadeiro eu. Talvez eu não queira ser como você.

— Qual é a merda da diferença? Todo mundo está fazendo um showzinho o tempo todo. Ninguém é real. Talvez você não possa esconder coisas sobre si como o jeito que você anda ou fala, mas todo mundo está mentindo o tempo todo sobre quem é, o que sente.

Ele não olhava para mim, ainda olhava para o rio.

— Não acredito que você me deu um soco na cara — ele disse depois de um minuto.

— Ai, cara — eu disse, cansado —, vamos passar por isso de novo, é?

— E se tivesse quebrado meu nariz? — ele lançou, como uma garota com todas as perguntas hipotéticas que nunca acontecem, como se o que pudesse acontecer importasse tanto quanto o que aconteceu.

— Ai, me dá um tempo. Você está agindo como se fosse a primeira vez que alguém te dá um soco na cara.

— Claro que é a primeira vez que levei um soco na cara! — a voz de Pete estalou quando ele gritou. — Só um psicopata bateria em alguém com paralisia cerebral.

— É, bem, você estava pedindo — eu disse, apesar de não contestar a

acusação de ser um psicopata. — Não pode pedir por isso e se esconder atrás do fato de que tem paralisia cerebral.

— Nossa, você é um cuzão. Sabia disso? — ele perguntou, embora eu tenha tomado a pergunta como retórica. — Você não tem ideia do que é ser eu.

— É? Você tem alguma ideia do que é ser *eu*? Você sabe o que é sua mãe tomar pílulas o suficiente para matar um cavalo e fazer todas descerem com uma garrafa de uísque, daí morrer no próprio tapete do banheiro? Hum? Sabe o que é saber que sua mãe vomitou e se cagou quando morreu e foi encontrada numa poça de sua própria merda?

Ele se afastou de mim violentamente, como se fosse vomitar. Não me encarava nem se virava para mim, então fui para sua frente para forçá-lo a olhar nos meus olhos.

— Vamos, Pete. Achei que você era esperto pra caralho. Ninguém além de você tem motivo para estar chateado, certo? Você sabe como é seu pai ficar na cama um mês depois que sua mãe morreu, tentando morrer de tanto beber?

Ele buscou ar e balançou a cabeça, seus olhos bem fechados.

— Acho que não — eu disse, a raiva deixando meu corpo de uma vez só, como uma bexiga esvaziando.

Ele esfregou os olhos e fungou, ainda se recusando a olhar para mim.

— Então, o que quer fazer? — perguntei, enfiando as mãos nos bolsos e jogando os ombros contra o vento. — Quer saltar no rio ou quer um café ou algo assim? Porque está frio pra caralho e eu não quero ficar mais aqui nesta merda.

O rosto dele se abriu em seu sorrisinho torto e ele balançou a cabeça.

— Caramba, você é como um androide ou sei lá. Não tem programação emocional.

— Eu te disse para parar com essa merda de ficção científica comigo — falei, apontando para o carro em expectativa. — Vem ou não?

— Vai ligar para a Bridget?

— Não. Liga você. Não sou sua babazinha.

Ele tentou tirar o excesso de água da jaqueta antes de entrar no banco da frente e imediatamente ajustou o ar quente para esquentar as mãos. Acabamos no Starbucks para uma bebida quente e um doce.

— Eu achava que você só era legal comigo porque queria pegar a Bridget —

Pete disse com a boca cheia de sonho.

— O que te faz pensar que não é verdade? — perguntei.

— Você nunca nem convidou ela para sair — ele disse, soando petulante de novo agora que não tinha água pingando do rosto e não estava tremendo de frio.

— Como sabe?

— Porque ela me disse. Bridget me disse que gostava de você, mas você nunca tinha chamado ela para sair. E eu sei por quê.

— Sabe? — perguntei, ausente, sem olhar para ele. Estava olhando o cara trabalhando de barista. Umas tiazonas gostosas com galochas da moda e jaqueta da North Face tinham toda a atenção do moleque atrás do balcão — ele virava a cabeça e sorria docemente para elas e pegava seus pedidos, assentindo preocupado enquanto anotava as instruções especiais na lateral do copo. Com os moleques grunges da faculdade ele não tinha a mesma consideração — parecia entediado e desanimado quando servia um cara jovem de jaqueta de flanela e tatuagens no pescoço.

— Sim. — Pete assentiu. Ele franziu o cenho concentrado en-quanto levava a bebida quente aos lábios, sorvendo ruidosamente através da tampa de plástico, então com cuidado abaixou o copo.

— Quer ouvir minha teoria?

— Manda.

— Você acha que não a merece — ele disse, estudando minha reação —, não acha que é bom o suficiente para ela.

— É uma teoria interessante — eu disse, me recusando a voltar para ele meu olhar.

— Sei que você é louco por ela. Você a ama. Então como nunca a chamou para sair?

— Talvez porque eu achei que iria afetar minha amizade com você — eu sugeri.

— Sério? — ele perguntou, seu olhar surpreso e cheio de esperança ao mesmo tempo, tão patético que me fez rir.

— Não — eu disse. — Eu não dou a mínima para o que você pensa.

— É, que merda. — Ele sorriu.

Ficamos em silêncio depois disso. Verifiquei minhas mensagens e peguei

outro café enquanto ele tomava coragem de voltar para casa. Bridget havia ligado duas vezes e me enviado uma mensagem. Segurei o telefone para Pete ver a tela.

— Vou ligar de volta para ela — eu disse.

Ele apenas revirou os olhos, mas não disse nada, então tomei aquilo como concordância.

— Encontrou? — Bridget perguntou, atendendo o telefone.

— Sim, estou olhando para ele, e ele é um filho da puta feio pra caramba.

— Onde vocês estão? — ela perguntou, ignorando minha piada quando Pete me mostrou o dedo do meio.

— Só viemos tomar um café.

— Ele está bem?

— Está bem — eu disse com o olhar de Pete vagando pelo salão, esforçando-se ao máximo para parecer desinteressado pela minha conversa.

— Levo ele pra casa mais tarde.

— Obrigada por encontrá-lo. Meus pais vão ficar bem aliviados.

— Talvez não tão aliviados se você contar a eles com quem Pete está — eu disse.

— Me liga mais tarde? — ela perguntou, ignorando meu comentário. — Quero conversar com você.

Eu ligaria? Não queria, mas não porque eu não quisesse falar com ela. Eu não gostava de ouvir sua voz no telefone, porque me lembrava de que eu não estava com ela.

— Sim, ligo — menti.

Deixei Pete uma hora depois. Ele havia relaxado um pouco comigo e parecia que havíamos criado uma trégua, apesar de ele ser teimoso e ter de voltar em seu próprio tempo. Naquela noite em casa, pensei em não ligar para Bridget mais do que pensei em ligar para ela, o que tomei como um bom sinal da minha força de vontade. Eu estava de volta no controle, exatamente o que o capitão do *Titanic* pensou bem antes de seu mergulho final.

Trinta e um

Pete e eu não começamos a andar juntos novamente depois da noite em que o encontrei na chuva. Acenávamos um para o outro na escola ou nas festas e trocávamos mensagens, mas as coisas entre nós estavam tensas. Eu estava nas mãos dele, meus segredos, e diferente de sua irmã, ele entendia que isso transmitia poder. Pete sabia ser maldoso e gostava de abusar das pessoas ao seu redor, mas eu sabia que ele nunca usaria aquilo contra mim. Confiava nele pelo menos nisso.

Na terça seguinte, não vi Pete na escola, então decidi procurá-lo. Ele não estava no Siegel Center, mas Bridget estava lá com sua cambada de desajustados. Bridget me ignorou, fingiu que eu não estava lá, então fiquei no lugar invisível favorito do Pete esperando que ela terminasse.

Depois de um tempo, ela fez as crianças ajudarem a recolher os bambolês e outros acessórios que estavam usando para a forma bastarda de esporte organizado ao ar livre do dia. Cynthia, cujo nome Pete me contou para que eu tivesse uma alternativa à Golfinha, ficou diante de mim e disse:

— Bridget me disse para te dizer que ela não está falando com você.

— Ah, é? Por que isso?

— Não sei — ela disse, dando de ombros de forma exagerada. — Acho que você fez algo que a deixou brava.

— Como vou saber o que fiz se ela não fala comigo?

— Não sei — Cynthia repetiu.

— Vá dizer a ela que só porque ela é a menina mais bonita da escola não significa que pode tratar as pessoas do jeito que quiser.

Os olhos de Cynthia se esbugalharam de incerteza, mas ela se virou para ir em direção a Bridget quando eu a chamei de volta, dizendo:

— Ei, diga a ela que eu não gosto de ser tratado como peão na guerrinha dela com o irmão.

Cynthia começou a sair de novo quando eu a chamei uma segunda vez.

— E diga que eu não vim mesmo para falar com ela. Estou procurando o irmão dela.

Cynthia pareceu mais incerta do que nunca, mas saiu para entregar a mensagem. Eu a vi tentando transmitir o conteúdo todo do meu monólogo a Bridget, que agora estava com um olhar agudo na minha direção. Depois de outra enorme eternidade, Cynthia voltou com um pequeno sorriso no rosto.

— Bridget disse que está brava com você porque você disse que ia ligar e não ligou. E disse que você a chamou de melodramática e desligou na cara dela, então ela não tem mais nada a dizer até você pedir desculpas. Você quer que eu diga a ela que pede desculpas?

— Com certeza não — eu disse com uma sacudida enfática da cabeça.

— Se eu fosse você, pediria — Cynthia disse. — Ela está superbrava.

— Quantos anos você tem?

— Onze.

— Bem, você não é muito nova para aprender isso. Pedir desculpas nunca é uma boa ideia. É uma demonstração de fraqueza. Lembre-se disso.

— Mesmo que você esteja errado?

— Certo ou errado é totalmente subjetivo — eu disse, cruzando os braços sobre o peito. — Nada é bom ou mau, o pensamento é que torna as coisas assim.

— Você é bem esquisito — ela soltou, o que era uma coisa meio malvada de se dizer, mas deixei pra lá, já que ela tinha uma barbatana e tudo mais. Então ela me matou de medo, levantando a barbatana e me dando um tapinha amigo. — Tenho certeza de que Bridget vai te perdoar. Ela é a pessoa mais legal do mundo.

Um dos funcionários a estava chamando, então Cynthia correu para pegar a mochila. Ela acenou um adeus e eu acenei de volta quando Bridget veio falar comigo.

— Cadê o Pete? — perguntei.

— É isso? — ela perguntou. — É só isso que você tem pra me dizer? Cadê o Pete?

— Achei que você não estava falando comigo.

— Você sabe por que estou brava com você? — ela perguntou, balançando a cabeça.

— Se você apenas me dissesse onde o Pete está, então não precisaria mesmo falar comigo. Eu sairia imediatamente.

— Está no médico com meus pais — informou, indo pegar a mochila, mas eu cheguei antes e a levantei no meu ombro. Começamos a andar juntos em direção à saída. — Foram para o centro ver um especialista.

— Está tudo bem? — perguntei, talvez rápido demais.

— Ele está bem — ela disse com os olhos buscando meu rosto. — É só a perna. Está incomodando. Você sabe, andando do jeito que ele anda, é muito esforço nas articulações.

— Ele nunca comentou.

Ela deu de ombros.

— A normalidade é muito importante para o Pete. Ele não iria que-rer chamar a atenção para sua deficiência reclamando disso.

— Não tenho visto o Pete muito ultimamente. Ele ainda está puto comigo.

— É? Bem, eu também estou puta com você. Você disse que ia me ligar na outra noite e não ligou.

— Quer caminhar e pegar um café ou algo assim? — perguntei, mudando de assunto.

— Claro — ela disse, enfiando o cabelo sob um gorro de lã.

Segurei a porta e acenei para ela passar na minha frente. Caminha-mos lentamente, indo tranquilos pela Congress Street no bairro histórico onde bancos de ferro e árvores ornamentais tomavam a rua em fileiras ordenadas. Estava apenas começando a escurecer e as árvores estavam enfeitadas com pequeninas lâmpadas de Natal — os galhos escuros com uma fina camada de gelo e a refração da luz criavam um visual deslumbrante. Quando chegamos ao café, a vitrine estava esfumaçada com a condensação, o interior cheio de gente em laptops aninhada ao redor de pequenas mesas.

Numa concordância silenciosa continuamos andando, nenhum de nós querendo estar entre a multidão.

— O aniversário de Pete é neste final de semana — ela disse, quebrando o silêncio entre nós.

— Eu sei — eu disse. — Comprei para ele uma garrafa de vodca de framboesa e uma stripper para a noite de sábado.

— Não pode ser sério por dois minutos?

— Esse sou eu sendo supersério — eu disse, fingindo uma cara triste.

— Enfim — Bridget seguiu —, ele disse que não queria mesmo uma festa, então pensamos em levá-lo para jantar. Será apenas meus pais e eu, e Ken está pensando em vir.

Claro, pensei, bem o que Pete queria de aniversário, sair com os pais e um babaca.

— Sei que Pete ia amar se você pudesse vir — Bridget disse.

— Eu não estaria tão certo disso. Seus pais sabem que você está me convidando?

— Sim — Bridget bufou, impaciente. Eu parecia ser a única pessoa que tinha esse efeito nela. Era estranhamente lisonjeiro. — E eles me prometeram que se comportariam bem.

— Qual é a hora do jantar? — perguntei.

— Temos reserva para as sete. Por favor, diga que virá — Bridget pediu, e eu sabia que não tinha como dizer não para ela, mesmo que Pete ficasse furioso.

— Claro, estarei lá.

— Então, vamos falar sobre que droga foi aquilo tudo na outra noite no boliche? — Bridget lançou um olhar de expectativa. — Não acredito que você deu um soco na cara do Pete.

Pensei em inventar alguma resposta esfarrapada, mas estava cansado de mentir para Bridget. Havia tantas mentiras para manter nesse ponto que cada conversa que eu tinha com ela era um campo minado.

— Eu não gostei dele falando daquele jeito com você — eu disse, frustrado pela verdade. — Ele deveria aprender a tratá-la com um pouco mais de respeito.

— Meu herói — ela disse com seu sarcasmo não sarcástico típico, mas eu podia ver que ela não estava realmente brava comigo. — Você deveria cuidar do Pete. Não bater na cara dele.

— Olha, não quero ser eu a te dizer isso, mas você mimá-lo esse tempo todo não o ajuda. Só piora. Ele pensa que pode tratar as pessoas do jeito que quer, e ninguém nunca vai dizer que ele é um babaca.

— É? — ela perguntou ironicamente. — Bem, você é como um modelo de babaca.

Agarrei meu peito como se tivesse levado um tiro e fiz uma careta.

— Ah, meu coração. Não me machuque, Bridget. — Ela riu. Não pôde

evitar. — Só estou tentando dar espaço a ele pra variar — eu disse. — Ele vai ficar bem.

— Eu só queria que ele conversasse comigo. Ele nunca mais se abriu comigo. Talvez se ele... bem... não sei. Não o conheço mais.

— Não é com você. Ele tem coisas para resolver sozinho. Você o sufoca.

— Sufoco? — ela perguntou, ausente.

Eu dei de ombros.

— É compreensível. Você está fazendo o que acha que é melhor para ele.

— Eu sempre me preocupei que ele fosse solitário, que as pessoas não fossem capazes de ver como ele é uma boa pessoa, que só iriam ver as deficiências.

— Da forma como você o trata — escolhi as palavras cuidadosamen-te —, acho que você torna difícil para as pessoas verem qualquer outra coisa.

Ela levou um minuto para digerir minhas palavras conforme caminhávamos.

— Eu vi você beijando a Heather naquela noite no boliche — ela disse depois de um minuto, sua voz casual. — Está saindo de novo com ela?

— Quem quer saber? — perguntei, saboreando o ciúme que detectei em sua voz. Eu estava curioso para saber até onde ia aquela conversa.

— Não acho que ela seja realmente boa para você — Bridget disse. — Para você namorar, quero dizer.

— Estamos dando conselhos um ao outro sobre namoro agora?

— Não estou te dando conselhos — ela cortou, impaciente. — Só estou dizendo que não acho que Heather seja boa para você, que você precisa de alguém que se importe com mais do que gloss e fofocas de celebridade.

— Você é bem específica para alguém que não está dando conselhos — observei.

— Ótimo — ela disse, ajeitando o cabelo. — Posso te dizer que você vai ser difícil, mas você sabe o que quero dizer.

— Por que você se importa com o que eu faço afinal? — perguntei, cutucando-a com o cotovelo.

— Somos amigos. Claro que me importo.

Seguimos em silêncio por outro minuto, mas Bridget não tinha terminado.

— E quanto a você e Joey? Eu sempre te vejo com ela.

— Somos amigos. Só isso. É tão difícil para você acreditar que um homem e uma mulher possam ser apenas amigos sem nada mais?

— Com você? — ela perguntou. — Sim, definitivamente tenho dificuldade em acreditar que uma menina iria apenas querer ser sua amiga. Mas você não está apaixonado pela Joey?

— Não. — Não perguntei a ela se estava apaixonada pelo Ken. Eu não queria saber.

Bridget ficou em silêncio por um tempo depois disso, quando finalmente falou, eu sabia o que ela estava pensando sobre o Ken porque ela disse:

— Pete não gosta do Ken. Não acha que ele é genuíno. Sei que parece que Ken só se importa com festa e futebol, mas ele tem um lado bem sensível. Eu o encontrei numa exposição na galeria do campus um dia e fomos tomar café. Ele foi bem doce, se comportou tão bem.

Meus punhos estavam cerrados na minha jaqueta enquanto eu resistia à vontade de dizer para ela calar a boca. Não queria ouvir isso.

— Ele me chamou para sair algumas vezes e eu sempre disse não, porque não achava que tínhamos nada em comum. Naquele dia eu perguntei se caso ele pudesse ter um superporder por um dia o que seria. Sabe o que ele disse?

— Que queria poder arremessar uma bola uma centena de metros? — arrisquei um palpite.

Ela me deu uma cotovelada para me calar.

— Ele disse que se pudesse ter um superpoder seria curar as pessoas com um toque. Achei muito legal.

— Claro. Legal — eu disse.

— E a forma como ele fala sobre sua prima Jamie é bem fofa. Ele tem sido uma grande ajuda no Siegel Center. As crianças adoram ele.

Ai, ai. Isso é culpa sua, eu disse a mim mesmo. Fui eu quem armou para ela se apaixonar por ele. Tentei imaginar o olhar no rosto da Bridget se eu confessasse e contasse tudo a ela, contasse que ela terminou com um babaca porque eu dei a ele todas as frases certas para usar com ela. Eu a vendi por duzentos dólares como uma puta de preço moderado. Respirei fundo pensando como eu soltaria minha própria confissão, me preparando para contar tudo a ela.

— Sabe — ela começou antes de eu poder dizer uma palavra —, minha

família só vai voltar mais tarde e provavelmente vai parar para jantar a caminho de casa. Quer ir comer alguma coisa?

— Está tentando me matar? — perguntei como quem não quer nada, soltando um suspiro de alívio. Caramba, eu quase havia contado tudo a ela. — Você sabe que Ken iria acertar minha cara se nos visse juntos.

— Eu disse a Ken que ele e eu somos jovens demais para sair só com uma pessoa. Ele é livre para sair com quem quiser, e eu também. — A forma como Bridget disse isso me lembrou que a boa natureza dela era temperada com uma teimosia, uma coisa que ela e Pete tinham em comum. Pete. O pensamento nele me fez querer me afastar dela.

— Claro, você está livre para sair com outras pessoas, mas aposto que outros caras não vão chegar a quinze metros de você. Estão todos com medo demais de levar uma surra do Ken. Certo?

— Todos com exceção de você — disse ela.

— Bem, acho que você vale uma surra ou outra.

Ela parou de caminhar tão repentinamente que tive de dar um passo para trás para recuperar meu braço, que ela segurou pelo cotovelo.

— O que está dizendo? Está dizendo o que acho que está dizendo?

Não diga. Não diga.

Apertei a mandíbula tão forte que nenhuma palavra pôde es-capar. Eu não podia confiar em mim perto dela. Minha mão se levantou involuntariamente para colocar uma mecha de cabelo solto sob seu gorro. Enquanto eu deixava meus dedos descerem pela bochecha dela, Bridget colocou a mão sobre a minha, e a dela estava surpreendentemente quente.

Ela respirou fundo antes de dizer:

— Fico tão zoada quando estou perto de você — ela riu de repente. — Você deu um soco no nariz do meu irmão e não sei se fico furiosa ou encantada porque você bateu nele para proteger meus sentimentos. Por que tudo o que você toca fica tão complicado?

Tirei minha mão e enfiei no bolso da jaqueta, mas ela manteve a mão no meu antebraço, apertando-o.

— Não há nada complicado sobre o que sinto por você, Bridget — eu disse.

— Não — ela disse, dando uma sacudida no meu braço. — Você não pode

fazer isso. Não pode me dizer que se importa comigo e então me manter à distância de um braço. Não pode me fazer sentir algo por você e então me afastar constantemente. Entendo que seja difícil para você agora — ela disse com cuidado. — Sabe, acho que você está deixando o que aconteceu com sua mãe impedi-lo de fazer o que quer. Como agora. Acho que você me beijaria se você se permitisse se importar com as pessoas novamente. Você não pode seguir o resto da vida sem sentir nada.

Eu me afastei dela, forçando-a a soltar meu braço.

— Você não quer entrar nessa, Bridget — eu disse friamente. Ela recuou como se eu a tivesse estapeado. E assim, a mágica do nosso mundo particular foi quebrada. — Só porque eu te contei sobre minha mãe não te dá nenhum direito especial de falar sobre ela — soltei com raiva, borbulhando para fora do meu abismo vazio. Agora estava frio, poucos minutos antes havia estado fresco, as luzes das árvores agora ofuscantes quando um momento antes tinham sido uma dança sutil de luz. Eu olhei ao longe, recusando--me a encará-la.

— O que Pete te contou? — perguntei com raiva. — O que ele te disse sobre minha mãe?

Ela balançou a cabeça, a testa franzida, confusa.

— Pete não me contou nada. Eu te *conheço*. Sei que está ferido. Talvez se apenas pudesse falar sobre isso... — ela começou inutilmente, e eu de imediato a cortei.

Apesar de não querer, eu iria feri-la de qualquer forma.

— Acha que sabe algo sobre isso, mas não sabe merda nenhuma. — Conforme as palavras deixavam minha boca, geladas e curtas, uma dor perfurante passava por minhas entranhas.

— Então o que espera que eu faça? — ela perguntou. — Como posso me importar com você se você não me deixa?

— Não pedi nada a você — eu disse seco. — Não pedi para fazer nada e não quero nada. — Meu coração, já uma casca dura, enrugada, virou cinzas e desabou.

— Você é um baita de um hipócrita — Bridget disse. — Dá um soco no rosto do Pete por ferir meus sentimentos. Que tal você? Você é igualzinho a ele. Me fere porque acha que vou sempre perdoá-lo. A Santa Bridget. Talvez dessa

vez eu não vá perdoá-lo. Talvez eu esteja cansada de perdoar as pessoas.

Suspirei e esfreguei a testa, cansado, enquanto ela fungava e lim-pava as lágrimas. Depois de um minuto eu me estiquei e a puxei num abraço. Seus braços estavam dobrados contra meu peito e seu rosto afundado entre as mãos enquanto eu segurava e acariciava sua cabeça. Coloquei minhas mãos no seu rosto e pressionei minha testa contra a dela. Suas bochechas estavam quentes e úmidas, e eu queria beber suas lágrimas.

Enquanto eu ficava lá, sentindo uma leve mistura de manteiga de amendoim e laranja no hálito dela, pensei em beijá-la. Se eu a beijasse naquele momento, ela teria deixado. Mas não beijei. Então eu a perdi.

— É melhor eu ir — ela disse, se afastando e limpando as costas da mão na bochecha.

— Eu te levo para casa — eu disse, mas ela balançou a cabeça e tirou a mochila do meu ombro. Eu relutantemente deixei a alça cair em sua mão.

— Não. Quero ficar sozinha — ela respondeu, enfiando os dois braços nas alças e acertando o peso da mochila nas costas. — Vou pegar o ônibus.

— Bridget, deixa disso. Já está escuro. Eu te levo para casa. Não precisa falar comigo nunca mais. Só me deixa te levar em segurança.

— Vou ficar bem. — Ela se virou e se afastou, cabeça baixa, ombros pensos sob o peso da mochila, sua mão indo ao rosto para limpar as lágrimas de tempos em tempos. As pessoas passando na rua se viravam para estudá-la com curiosidade enquanto ela se afastava sozinha, chorando.

Eu a segui a uma distância segura, esperei no meu carro enquanto ela ficava no ponto de ônibus perto do Siegel Center. O ônibus para a casa dela veio e foi embora sem ela entrar. Comecei a me perguntar se eu deveria ir lá convencê-la a me deixar levá-la para casa, quando outro ônibus veio ela embarcou.

Segui o ônibus, serpenteando pela cidade e virando morro acima em direção a uma vizinhança mais nova de grandes casas de tijolos imaculadas em paisagens de gramados.

Então eu sabia para onde ela estava indo. Meu peito doía com isso, mas eu ainda iria assistir para vê-la chegar lá em segurança. Estacionei e apaguei as luzes quando o ônibus parou na calçada. Brid-get disse boa-noite para o motorista quando saiu do ônibus para os braços do Ken. Ele estava esperando

por ela, de jeans desfiado e jaqueta de couro: tinha vindo encontrá-la em vez de deixá-la caminhar sozinha de noite. Quando começaram a ir em direção à casa dele, Ken colocou um braço no seu ombro e lhe deu um beijo no alto da cabeça. Apesar de Bridget e eu termos quase a mesma altura, Ken era uma cabeça mais alta do que ela. Bridget parecia pequena e delicada ao lado dele.

A cicatriz na minha alma já estava lá bem antes da morte de minha mãe. Foi a sua vida que me marcou, não sua morte. Eu já tinha me acostumado com as cicatrizes quando ela se matou, já tinha me acostumado havia algum tempo.

Trinta e dois

— O que tá pegando? — Joey perguntou quando parou no meu armário depois do almoço. — O Rob Skinhead me ligou em casa ontem. Em casa — ela anunciou cuidadosamente. — Quer saber por que não teve notícias suas. Por que você não está ligando de volta para ele.

— Não se preocupe com ele. Eu ligo hoje.

— O que está havendo com você? — Joey perguntou.

— Por que tem de estar havendo algo? Eu só estou ocupado.

— Ocupado com o quê? Quero dizer, por que está evitando o Rob? O Digger também. Você não movimenta nenhum produto há duas semanas. Eu não sabia que gente como você podia simplesmente entregar uma carta de demissão. Sangue entra, sangue sai, todo esse troço de arrepiar.

— Eu te disse para não se preocupar com isso — repeti com um ar de indiferença que eu não sentia. — Posso lidar com o Rob e o Digger.

— *Pfff* — ela zombou. — Ninguém pode lidar com o Rob. Mas mesmo o Rob não me assusta tanto quanto aquele Grim. É um ogro.

— Bem, o Rob deveria te assustar mais do que o Grim. O Grim é só grande, idiota e lesado. O Rob é um verdadeiro sociopata.

— Você podia mandar matá-lo. Com certeza você tem um matador entre seu círculo de amigos.

— Não é a pior ideia que você já teve.

— Não vou nem perguntar o que está se passando dentro da sua cabeça agora — ela disse, levantando a mão para me silenciar. — A forma como seu cérebro funciona é um dos grandes mistérios do universo, assim como por que as pessoas colocam ketchup em ovos, ou como alguém pode pensar que o Tom Cruise é gostoso.

— Acho que é por causa daquele *Top Gun*. Eu vi. A mulher que interpretou a namorada parecia velha o suficiente para ser mãe dele, o que é meio excitante.

— Eca. Não vamos entrar nas fantasias de você e a sra. Fuller. Por favor. Acabei de comer.

O som de alguém gritando de medo ou dor atraiu nossa atenção para o fim

do corredor. Clint Napier estava sendo encurralado por três caras, pelo menos do dobro do tamanho dele. Clint era notável só porque era espalhafatoso. Ele dirigia o clube de teatro e superava de longe até o mais gay dos estereótipos. Pelo meu trabalho de reconhecimento para o Ken, eu por acaso sabia que Clint era amigo de Bridget, e os dois almoçavam juntos algumas vezes por semana. Os três caras haviam pego a mochila do Clint e estavam brincando de bobinho com ela, co-mo crianças em um playground. Clint gritava enquanto eles o incomodavam, sua voz aguda de sofrimento. Seus gritos se tornaram verdadeiros soluços quando a situação ficou sem saída.

Os caras que o ameaçavam eram todos membros da turma do Ken, e curtiam o esporte de se meter com um cara mais fraco. Eu os vi pelo canto do olho enquanto Joey e eu passávamos. Quando já estávamos quase à frente deles, Clint gritou novamente de terror e dor e implorou para que o deixassem em paz. Isso só incitou uma rodada de risadas e cumprimentos entre os babacas. Parei e suspirei, voltando a cabeça para trás e apertando os olhos. Eu ia mesmo fazer isso? Sério? Por que não podia apenas passar e fingir que não estava acontecendo nada? O rosto de Bridget preencheu minha mente e pude imaginar qual seria sua reação ao apelo de Clint, lágrimas fartas tomando seus olhos doces e quebrando a represa de sua pestana inferior.

Merda.

Caminhei para interromper a festa de zoar o gay enquanto Joey assistiu intrigada, a cabeça virada de lado como um golden retriever curioso.

— Vocês estão com algum problema? — perguntei ao maior deles. Se um deles ia me acertar, eu queria que fosse aquele que tivesse mais chance de me derrubar de uma vez.

— Sem problema — ele disse com o queixo levantado, em desafio.

— Por que estão se metendo com o moleque? — Apontei para Clint, cujos olhos estavam esbugalhados de terror e choque.

— Por quê? Ele é seu namorado? — o cara perguntou e seus amiguinhos caíram na risada como se fosse a coisa mais engraçada que já tinham ouvido.

— Sim. Ele é meu namorado. Então por que você não larga ele?

— O que disse, bicha? — Ele estreitou os olhos e ficou com o aspecto de um animal selvagem: não inteligente, apenas cauteloso e pronto para te matar se

você desse um passo errado.

— Eu... — pausei, então dei de ombros. — Não me lembro exatamente o que eu disse. Algo do tipo para deixar ele em paz. — Me virei para o Clint, que havia se tornado uma estátua, sua testa franzida de preocupação e dúvida, curvado e se abraçando, como se estivesse tentando se tornar o menor possível. — Arrume suas coisas — eu disse, apontando para a mochila no chão.

Os olhos de Clint migraram para o rosto de seu agressor, buscando aprovação.

— Bem, vamos, não tenho o dia todo — insisti, impaciente.

— Ei, espere um segundo — o grandão disse.

— Quê? — retruquei. — Se vai bater nele, vá logo. Do contrário a coisa toda é só perda de tempo. Esperei alguns instantes para ver o que eles fariam, mas todos ficaram congelados, incertos sobre como tratar essa ameaça não ameaçadora. Clint estava abraçando a mochila no peito enquanto esperava para ver o que iria acontecer. Eu mesmo estava curioso, mas aproveitei o momento para me virar e sair.

— Isso foi inacreditável — Clint disse, sem fôlego, seguindo atrás de mim enquanto eu acompanhava Joey novamente. Senti os olhos de seus três agressores nos seguindo pelo corredor, mas não vieram atrás de nós.

— Cai fora — eu disse para Clint.

— Sério, você acabou de salvar minha pele — ele disse, tropeçando nos meus calcanhares. — Valeu mesmo.

— É, tá, você me agradeceu — eu disse. — Agora vamos lá. Sai daqui. — Clint pareceu completamente pasmo enquanto se afastava de nós.

— Ai, meu Deus, o que foi aquilo? — Joey perguntou, rindo bem alto e colocando as mãos na barriga como para segurar sua alegria.

— Não preciso que ele pense que somos amiguinhos, de repente — rebati para esconder que estava sem graça. — Vai ser como um cachorro de rua.

— Você é maluco mesmo, sabia?

— Psiu, Joe.

— É como um desses super-heróis da vida real. Devia arrumar um collant e uma máscara. Vamos ter de pensar num nome bem bom — ela disse, pensativa, colocando um dedo nos lábios e forçando a vista à meia distância.

— Fecha a matraca — grunhi. — Não garanto que não posso bater numa menina.

— Sério. O que foi isso? Você se converteu recentemente ao unitarismo ou sei lá?

— Foi só negócios.

— Vai cobrar dele mais tarde por serviços prestados? Ou foram *apenas negócios* da mesma forma que arranjar para que Theresa se tornasse a rainha do baile? — A voz de Joey era casual, mas havia um toque de diversão em seus olhos.

— Apenas negócios, negócio meu que não é da sua conta — disse, furioso comigo mesmo por fazer algo tão idiota quanto me envolver nos problemas do Clint.

— E por um segundo eu achei que talvez o Mágico havia dado um coração a você — Joey disse. — Mas eu sei o que é isso. É tudo por causa daquela garota Bridget.

— Você está chapada? É por isso que está assim?

— Eu devia saber que era por causa de alguma garota idiota — ela disse, me ignorando. — Não sou cega, sabe? Aquele Clint é amigo dela, não é? Eu já os vi por aí juntos. Não é por isso que você estava andando com aquele tal de Pete? Para que a irmã dele pense que você é gente boa?

— Não sei do que está falando.

— Caramba! — Ela bateu com a mão na testa, parando no meio do corredor. — Não posso acreditar que não vi isso antes. Você está totalmente apaixonado por ela. E ela é tipo uma princesa da Disney. Os homens são tão previsíveis.

— Ninguém te perguntou.

— Ai, nervosinho — Joey disse, recuando. — Um calcanhar de aquiles. Eu nunca teria acreditado. — Então ela se virou e se afastou, me mostrando o dedo sobre a cabeça.

Trinta e três

Eu não esperava por ela, então não considerei nos meus planos a surra que recebi do Ken. Aquela mesma tarde em que salvei Clint da tortura dos amigos do Ken foi o dia em que ele me encurralou a caminho do meu carro depois da escola.

Seu olhar de choque misturado à raiva me recebeu quando entrei no restaurante naquela noite de sábado para o aniversário do Pete. Ken já estava com Bridget e seus pais quando cheguei, então ele não ousou dizer nada, mas me encarou e trocamos uma batalha silenciosa de determinação que passou despercebida por todos os outros.

O jantar de aniversário do Pete teria sido minimamente divertido se tivesse oferecido apenas o entretenimento de ver Ken puxar o saco do sr. e da sra. Smalley e me olhar desconfiado sempre que eu abria a boca para dizer algo. Mas tornou-se surreal pelo fato de que os pais do Pete haviam escolhido o Putt 'n' Play como lugar para nos levar para comer, além do fliperama e das pessoas usando chapéus engraçados que se humilhavam por cinco contos por uma hora para cantar "parabéns pra você" enquanto aplaudiam e marchavam num desfile improvisado. Contei oito versões da música enquanto Pete mordia firmemente o lábio, temendo sua vez de entrar nos holofotes.

Eu ainda estava cuidando de um lábio ferido e de uma vaga dor na cabeça, apesar de já fazer três dias desde que Ken tinha me socado no estacionamento da escola. Pelo olhar que ele me lançava do outro lado da mesa, sabia que, se Bridget não fosse testemunha, ele teria desfigurado permanentemente meu rosto no segundo em que apareci no jantar de aniversário do Pete.

Ken estava errado sobre um monte de coisas. Era indiscutível que minha amizade com Pete tinha começado porque eu queria uma desculpa para ver Bridget regularmente, mas nossa relação havia transcendido a ela. E eu não tinha intenção de tirar Bridget de Ken. Ela pertencia a alguém como ele, alguém que cuidasse dela e a tratasse como o anjo que ela era. Alguém que não eu.

Na verdade, eu respeitava o fato de que ele havia tomado a iniciativa de descer a mão em mim para protegê-la. Significava que Ken manteria marginais como eu longe dela a todo custo, mesmo sob o risco de insultar os sentimentos

do irmãozinho dela. Talvez eu não tivesse sido capaz de escolher a dedo o cara para Bridget, para fazê-la evitar gente como eu, mas poderia ter feito pior.

Ken a tocou de forma tão familiar que me fez pensar se eles estavam dormindo juntos. Na minha mente eu havia me convencido de que Bridget ainda era virgem, mas não havia motivo para supor que isso fosse verdade. Com frequência acreditamos no que queremos que seja verdade, e nisso eu não era diferente. Idealmente, Bridget entraria num convento logo depois do colégio.

E mesmo que eu pensasse que nunca estaria com ela, desde que a tinha segurado em meus braços depois da nossa briga, eu sabia que nunca iria amar outra menina da forma como amava Bridget. Recen-temente eu tinha começado uma playlist dedicada às minhas músicas românticas favoritas — músicas que tocaria para Bridget no violão se eu ainda pudesse tocar — e havia queimado o meu iPod de tanto tocar. A lista podia incluir uma música ou duas do Bruno Mars, mas eu nunca admitiria, mesmo sob tortura profissional. A trilha incluía Al Green, Otis Redding, Bonnie Raitt, Johnny Mathis, Billie Holiday, Marvin Gaye, Patty Griffin, Aaron Neville, Ray Charles, e não seria uma lista de músicas de amor sem Tony Bennet e Burt Bacharach.

Captei duas vezes o olhar de Bridget do outro lado da mesa e saboreei a forma como a mente dela permanecia em mim antes de Ken afastar a sua atenção com um comentário imbecil. Quando Bridget pediu licença para ir ao banheiro, Ken ficou de pé e segurou a cadeira para ela, o que quase fez a mãe de Bridget desmaiar. A rivalidade dele me dava nos nervos, e terminei dois refrigerantes só porque frequentemente eu não tinha nada melhor para fazer do que pegar o copo e chupar o canudo colorido.

Sentada à minha frente como ela estava, achei difícil manter meus olhos longe de Bridget, mas não tentei realmente. Ken mantinha suas patas de gorila sobre ela o tempo todo — seu braço descansando em seu ombro ou a mão em seu braço — como uma criança protegendo um brinquedo que não queria dividir. As demonstrações de afeto do Ken, sua obsessão óbvia por sua filha dourada, pareciam fazer os Smalley felizes em vez de desconfortáveis. Os pais de Pete eram rabugentamente educados comigo, sua mãe se esforçando ao fazer perguntas sobre como eu ia na escola. Quando ela perguntou sobre meus pais, Bridget a cortou rapidamente.

— Mãe — disse Bridget, com a interrupção abrupta por meio de um olhar significativo.

— Ah, hum... bem — a sra. Smalley disse, dando um grande gole em seu copo d'água para encobrir sua falta de jeito.

— Sinto muito.

— Não sinta — eu disse amigavelmente.

Silêncio se seguiu e todo mundo olhou para a mesa — todos menos Bridget, que bravamente manteve o olhar no meu. Dei uma piscadinha para ela e desviei o olhar, suas bochechas corando.

— Como estão suas notas? — a mãe de Pete me perguntou, o tom pesado duvidando seriamente de que eu fosse grande coisa.

— Em geral eu passo com folga — eu disse com humildade, já que Kwang era realmente um aluno de As.

— Que faculdade pretende fazer?

— Eu não decidi realmente se vou fazer — respondi com honestidade.

— O que quer dizer? — a sra. Smalley disse, franzindo a testa.

— Quero dizer que não estou certo de que vou para a faculdade.

Ela trocou um olhar de cumplicidade com o marido e continuou:

— Está tentando ser engraçado?

— Não, senhora. A escola não me interessa muito. Não estou certo de que quero me comprometer por mais quatro anos com isso.

Um bufar me ridicularizando saiu do sr. Smalley, e ele disse:

— Melhor que você não tenha essas ideias de não ir à faculdade quando chegar a hora — dirigindo seu comentário a Pete.

A expressão de Pete, já azeda, se torceu numa careta quando ele engoliu uma resposta atravessada.

— Bridget já se inscreveu em Dartmouth — a sra. Smalley disse com um orgulho óbvio. — Eles não deram uma resposta antecipada ainda, mas a pessoa das inscrições com quem falamos disse que ela tem uma ótima chance.

— Mãe, por favor — Bridget pediu, nervosa. — Pare de achar que é grande coisa.

— É uma grande coisa, querida — ela respondeu com um sorriso, esquecendo de sua desaprovação em relação a mim diante das conquistas da

filha.

— Bridget estava pensando em se inscrever em Stanford também, mas queríamos que ela ficasse mais perto de casa.

— Mãe. — O tom de Bridget era de alerta.

— Em que faculdade quer se inscrever, Ken? — perguntei, curioso. Com certeza ele não esperava entrar em Dartmouth e seguir a Bridget depois da escola.

Ele me lançou um olhar desconfiado.

— Algumas das faculdades estaduais; meu pai quer que eu me inscre-va na Universidade de Vermont — disse com um tom incerto, como se não soubesse bem se devia ter orgulho ou vergonha na frente dos Smalley.

— Ótima faculdade de administração — o sr. Smalley disse com sabedoria. Um ponto que certamente não seria comprovado pela aceitação de Ken na faculdade.

— Seria tão legal se você e Bridget estivessem perto o suficiente para se ver nos finais de semana — a sra. Smalley comentou, sorrindo para Ken de forma sugestiva.

O sorriso de Ken foi tímido, o padrão “modestinho” que ele geralmente usava para deflorar virgens agora à mostra para a sra. Smalley. Ele voltou os olhos para Bridget para avaliar sua reação, mas a expressão dela era neutra.

Pete ficou quieto todo o tempo, a rixa entre ele e seus pais era óbvia. Eles gostavam de colocar a culpa por seu comportamento rebelde em mim. Fazia com que se sentissem melhores, tudo bem. Pete e Bridget eram incomodados pelos pais independentemente de mim, mas eu não. Os Smalley precisavam de mim como uma desculpa, para entender o comportamento de Pete. Se pudessem se confortar com a crença de que eu era uma má influência, então não tinham de pensar em si mesmos como fracassados.

— É hora de você começar a pensar em onde se inscrever — a sra. Smalley disse para Pete. — Sua irmã não vai ser aceita em Dartmouth por um milagre. Ela trabalhou duro por isso.

— Já desisti de competir com a perfeição da Bridget há um tempinho — Pete disse, um convite para seus pais discutirem.

Bridget ficou visivelmente tensa com a conversa e olhou para as mãos

torcidas em seu colo. Ken estava longe, chupando o resto de carne de uma costela.

— Por que não podem aceitar que Bridget e eu somos pessoas diferentes? — Pete perguntou. — Não porque sou errado, ou ruim, ou especial. Apenas porque ela é ela e eu sou eu.

O rosto de Bridget se fechou com raiva e decepção enquan-to Pete se prendia teimosamente a seus ressentimentos infantis. Mesmo que ele merecesse, eu sabia que Bridget não iria chamar a atenção dele por agir como um bebê e estragar o jantar de aniversário.

— Ei, Pete — eu disse, batendo em seu ombro com as costas da minha mão. — O que é isso, cara.

— Fique fora disso — ele rebateu.

Eu limpei a boca uma última vez com o guardanapo e o coloquei na mesa, empurrando a cadeira para trás.

— Ótimo, fique aqui e faça com que todo mundo lamente por fazer algo bacana para você. Venha ao fliperama quando tiver terminado, tenho vinte pilas que dizem que vou te arregaçar no totó.

A sra. Smalley endureceu com meu palavreado à mesa, mas minha interrupção foi um alívio. Abri caminho pela multidão do bar e pedi duas cubas-libres em copos longos. Quando cheguei no fliperama, Pete estava lá. Passei para ele sua bebida e bati meu copo bruscamente no dele.

— Saúde — eu disse.

— Puta merda. Eles não têm noção.

— São pais. É a função deles ser sem noção. Tem moeda?

— É meu aniversário — ele disse, incrédulo. — Quer que eu pague?

— Imaginei que como era uma ocasião especial eu deixaria você pagar pra variar.

— Quer saber? Vai se foder. Vou ao banheiro. Segure meu drinque.

— Não sou seu namorado. Leve com você.

— Você é um saco.

Sorri para mim mesmo depois que ele se virou, se afastando. Como nos velhos tempos.

— Caramba, você sabe mesmo como estragar uma festa — Bridget disse nas

minhas costas.

Dei um giro para encontrá-la sozinha, apesar de saber que Ken não deveria estar longe.

— Ei, não tente jogar isso em cima de mim — eu disse, apontando de volta para a mesa. — Não fui eu quem criou a disfunção da sua família.

— Cara, às vezes a forma como eles agem me faz querer gritar.

— Então grite com ele. Grite com eles.

Ela mordeu o interior da bochecha e balançou a cabeça, olhando para o chão.

— Sabe, ele não vai morrer se ferir os sentimentos dele de vez em quando. Todo mundo tem seus sentimentos feridos de tempos em tempos.

— Exceto você — ela disse.

— Exceto eu — concordei.

Pete voltou, sua cara feia comum, e olhou firme para Bridget, como desafiando-a a dizer algo sobre sua explosão na mesa.

Enfiei moedas na máquina de totó e peguei a bola que caía na saída. Briget ficou ao meu lado, aparentemente planejando assistir ao jogo, mas acenei para ela se afastar.

— Proibido para meninas — eu disse. Se ela ficasse e eles entrassem em outra discussão, eu provavelmente acabaria dando um soco na cara de Pete de novo. E eu estava me esforçando bastante para ser o tipo de pessoa que não bate em moleques com paralisia cerebral, é o macaco recusando bananas.

Bridget murmurou algo para si mesma, mas foi embora, nos deixando sozinhos.

— Sabe — Pete disse quando ela estava longe para ouvir —, é meio patético o quanto você a ama.

— Eu sei — respondi, com minha mente basicamente no jogo agora que Bridget havia saído.

— Eu preferia que ela namorasse você ao Ken, mesmo você sendo irritante.

— Hum-hum.

— Você é um saco! — ele gritou quando fiz um gol.

— Vai chorar?

— Te digo o que vou fazer — avisou enquanto girava a vara do centro num movimento pateticamente ilegal —, vou é acabar com você.

— Foi o que sua mãe me disse na noite passada — eu disse, e Pete rachou de rir.

— Não vale. Você não pode fazer piadinhas com minha mãe, porque não posso fazer o mesmo com você. É tipo uma regra. Gente cuja mãe está morta não pode fazer piada com a mãe dos outros.

— Acho que você acabou de inventar isso — eu disse. Ele executou outro giro duro e eu o xinguei. — Só porque você é um aleijado não significa que pode trapacear.

— Jogo sujo — Pete disse, pegando a bola de volta e rolando-a tranquilo entre os dedos.

— A gente veio aqui pra jogar ou conversar?

— Quero dar o fora daqui — ele disse, decidindo repentinamente.

— Ótimo. Tô caindo fora. Vai lá dar a notícia aos seus pais e te encontro na entrada.

No caminho do banheiro topei com Ken. Ele entrou no meu caminho tão de repente que bati no peito dele e cambaleei para trás.

— Que foi agora? — perguntei.

— Você deveria ter ficado longe esta noite — Ken disse.

— Isso não tem nada a ver com você, Ken — rebati no meu tom mais razoável.

— Que porra está tramando? — Ken perguntou, batendo o ombro contra mim e me rondando como um cachorro pedindo briga. — Eu te disse para ficar longe.

— Calma aí. — Eu não queria recuar, mas neutralizar a cena antes que saísse do controle. — Só estou aqui por causa do moleque. Se Bridget terminar com você, é por causa da sua própria personalidade patética. Nada mais.

— Qual é seu jogo? Espera que eu acredite que de repente você é o melhor amigo do Pete? Que não está tentando ganhar a Bridget através do irmãozinho dela?

— Olha — eu disse tentando ser razoável com ele, mesmo que soubesse melhor do que ninguém que se você está tentando argumentar com um idiota, já está perdido. — Eu estava seguindo a Bridget para pegar informações para você quando conheci o moleque. Você me pagou para que ela saísse com você,

lembra? Como eu poderia conhecê-la? Pete é um pé no saco e insiste em me seguir para onde quer que eu vá. O que posso fazer? Dizer a ele para se foder?

— Quê? De repente você é um humanitário? Por que se importa?

— Não me importo — retruquei. — O que quer que eu diga para convencer você de que não dou a mínima para Bridget ou o irmão lesado dela?

Os lábios de Ken se curvaram num sorriso maligno e um olhar de triunfo surgiu em seu rosto. Sem perguntar, eu sabia o que havia acontecido. Eu me virei e encontrei Pete olhando para mim, a dor e a raiva claras em seus olhos. Seus lábios se abriram e sua respiração começou a vir em suspiros. Ken apenas recuou e aproveitou o momento.

— Sai daqui — Pete disse, sua voz pouco acima de um sussurro.

— Já fui.

Trinta e quatro

— O negócio é o seguinte — eu disse, me inclinando para a frente para minha bebida —, ele é orgulhoso, sabe? Teimoso. Mesmo que eu pudesse lhe contar toda a história sobre o Ken, e por que eu disse o que disse, ele não iria me ouvir.

— Tudo bem se eu fumar aqui? — Emerald (o nome tão falso quanto o verde de seus olhos) perguntou, enfiando a mão na bolsa.

— É, claro. Quer outra bebida?

— Estou bem — ela disse, acendendo um fósforo e buscando um lugar para deixá-lo. — Preciso dirigir e tenho mais uma parada esta noite. Uma despedida de solteiro em Belmont — ela completou, se referindo à cidade ao lado enquanto eu ia à bancada para pegar um prato que ela pudesse usar como cinzeiro.

— Não sei, querida — o sr. Dunkelman estava dizendo. — Esse... estilo de vida. Não parece seguro para você. Não se preocupa de os caras pegarem pesado com você?

— Eu sempre carrego um cacetete comigo, sr. D. — Emerald disse com uma batidinha na mão dele, provavelmente a maior ação que ele havia visto desde que sua esposa morreu. — E a maioria dos caras não são tão maus. De tempos em tempos é um problema, mas posso cuidar de mim mesma.

Quando Emerald chegou à minha casa na noite do aniversário do Pete, nem o sr. D. nem eu estávamos muito no clima para ver um show de strip. Minha mancada com o Pete pesava forte na minha mente, e o sr. Dunkelman disse que iria assustá-lo ver uma menina tão jovem quanto a Emerald dançar.

— Tenho idade o suficiente para ser seu avô —, ele disse, como se ela não pudesse advinhar pelo fato de que o cós da calça dele estava puxado até quase as axilas.

— Bisavô — eu o corrigi.

— Ninguém te perguntou — ele retrucou, mas então ligou o charme para oferecer educadamente algo de comer a Emerald. Eu estava na metade do relato do que aconteceu no jantar de aniversário do Pete, dando ao sr. D. o pano de fundo sobre Ken e Bridget, quando Emerald tocou a campainha e interrompeu a nossa conversa. O sr. Dunkelman estava sentado e escutava atento o meu

monólogo, firme e estoi-camente, suportando uma vodca de framboesa misturada com suco de laranja.

— Ele usa saias também? — o sr. D. perguntou quando expliquei a ele que vodca de framboesa era a favorita de Pete.

— Se a amizade dele é importante para você, então precisa conver-sar com ele, precisa ao menos lhe explicar — disse Emerald. E a achei surpreendentemente ingênua para uma mulher que tirava as roupas na frente dos outros por dinheiro.

— Explicar o quê? Que aceitei dinheiro em troca de espionar a irmã dele? Que compartilhei detalhes pessoais de Bridget com um fracassado modelo da Abercrombie para que ele pudesse entrar na caverninha dela?

— Bem, quando se coloca dessa forma — Emerald disse, torcendo o nariz — faz parecer meio mal.

— Acho que você devia dizer a verdade a Bridget — o sr. Dunkelman disse. — Apenas explique a ela que você é um merdinha e não pode evitar. Tenho certeza de que ela vai ficar chateada, mas não tanto quanto se descobrir sozinha.

— Pete provavelmente já contou a ela — eu disse, verbalizando o que estava pensando desde que deixei o Putt ‘n’ Play.

— Talvez não — o sr. D. disse. — Pelo menos ela pode ouvir o seu lado da história.

— Lado? Que lado? Isso não é um mal-entendido. Eu realmente vendi informações pessoais dela para um babaca. Meu Deus, Bridget provavelmente perdeu a virgindade com ele porque eu a enrolei como um porra de Cyrano de Bergerac. O que mais devo dizer a ela? Que a razão pela qual decidi confessar repentinamente foi um conselho que recebi de um velho louco que paguei para fingir que era meu avô?

— Louco? Quem você está chamando de louco? — o sr. Dunkelman perguntou. — Não pode continuar mentindo para as pessoas, esperar que elas fiquem sob seu controle. Ou você está no mundo e tem de aprender a conviver com quem se importa com você, ou cai fora.

— É? — perguntei com a voz erguida. — Bem, talvez eu apenas saia então.

— Talvez você não devesse — retrucou o sr. D. quando nossa discussão rapidamente degenerou numa briguinha infantil entre moleques de cinco anos.

— Ei, gente — Emerald interveio. — Por que estão tão chateados?

— Não estou chateado — rebati, equilibrando cuidadosamente a minha voz. — Ninguém está chateado.

Meu celular tocou na mesa e todos paramos para olhar o visor iluminado. Eu podia ver sem atender que era uma ligação do Pete.

Tocou mais duas vezes antes de o sr. Dunkelman dizer:

— Bom, vai atender?

Peguei o telefone e caminhei para a cozinha, longe de seus olhos e ouvidos investigadores.

— Alô — atendi como se não soubesse quem estava ligando.

— Não contei a ela o que aconteceu — Pete disse sem preâmbulos. — Ela não sabe o cuzão que você é.

— O que quer que eu diga? — perguntei.

— Nada — ele respondeu com uma risada sem alegria. — Não há nada que você possa dizer para mudar o fato de que é um cuzão completo. Mas quero saber a história toda. Quero ouvir de você.

— Não há nada a contar. Ken queria sair com a sua irmã, estou no negócio de arrumar o que as pessoas querem.

— Então você a seguiu? Espionou? Fingiu ser meu amigo para que pudesse descobrir coisas sobre ela?

Pensei em discutir com ele, dizer que nossa amizade não tinha nada a ver com isso. Minha amizade com o Pete havia sido completamente acidental, um efeito não intencional. Não que ele fosse acreditar nisso. Eu sabia o que tinha de fazer, o que seria melhor para todos.

— Isso mesmo — eu disse. — Conheci vocês dois para poder dar as informações que Ken precisava para sair com sua irmã.

Houve uma longa pausa enquanto ele processava isso, então disse:

— Não acredito em você. Sei que você é fodido da cabeça, mas não tem como alguém ser tão fodido.

— É, bem, a vida é cheia de surpresas — eu disse.

— Então é isso?

— É, acho que sim, a não ser que você queira me chamar de cuzão mais uma vez.

— Eu confiei em você — ele disse num sussurro rouco. — Mas por mais horrível que você seja por me tratar assim, é imperdoável a forma como tratou Bridget. Ela te ama.

— Eu preciso ir — eu o cortei. — Tenho companhia. Te vejo por aí. — Desliguei antes de ele poder responder.

O sr. D. e Emerald estavam esperando ansiosos quando voltei.

— Falei para ele que conversaríamos amanhã. — O sr. D. sabia que eu estava mentindo, mas não me expôs.

— Bom, foi bem legal ver vocês, mas tenho de ir à despedida de solteiro. Quer que eu te deixe no asilo no caminho, sr. Dunkelman? — Emerald perguntou.

— Se não for fora de mão. — O sr. D. se remexeu em seu banco. Emerald ofereceu a ele um braço para ajudá-lo e ele o aceitou. Eu teria levado um tapa no braço por tentar algo assim.

Passei para Emerald algumas notas dobradas e vi da porta eles irem até o carro, o sr. Dunkelman entrando e reclamando dos filhos ingratos. Talvez Emerald fosse uma ouvinte mais solidária do que eu.

Trinta e cinco

Fiquei sabendo sobre a cirurgia de Pete de forma indireta naquela semana. Bridget havia contado tudo ao sr. D. em sua visita semanal à Sala de Espera do Inferno. Ele passou a mensagem num jogo de cartas na sala de recreação. A cirurgia de Pete tinha sido marcada para sexta, e ele ficaria no hospital por alguns dias.

— Vai ligar para ele? — o sr. D. perguntou, pegando uma carta do monte.

Dei um grunhido descompromissado em resposta e não levantei o olhar das cartas.

— Já faz uma semana. Você não vai nem tentar conversar com ele? — o sr. D. perguntou.

— Para quê?

— Não sei. Podia tentar se desculpar.

— Me desculpar por quê? — perguntei, olhando para ele de cara amarrada.

— Por ser um babaca — ele disse, impaciente. — Isso não se discute, não é? A parte de você ser um babaca?

— Você planeja descartar alguma coisa no futuro próximo? — eu perguntei com uma olhada significativa no meu relógio. — Porque você fala tanto quanto uma garotinha.

Ele descartou um dez de copas enquanto *bufou* e murmurou xingamentos para mim.

— Você podia ter jogado essa na minha mão — eu disse, pegando o dez do lixo e colocando na mesa na minha frente. — Está ficando senil?

— Você ouviu o que eu disse? Ele vai ser operado.

— Eu te ouvi.

— O que há de errado com você?

— Tem muita coisa na minha cabeça. Tudo bem pra você? Meu Deus — eu disse com a raiva borbulhando enquanto jogava minhas cartas com um baque na mesa. — Como se não tivesse merda o suficiente acontecendo comigo e tivesse um velho babão e um aleijado me enchendo o saco toda vez que me mexo.

— Você não me engana, seu pentelho — o sr. D. disse, apontando seu dedo

ossudo para mim como uma arma. — Por mais que aquele menino te odeie agora, ele nunca vai te odiar tanto quanto você odeia a si mesmo.

Fiquei de pé tão repentinamente que minha cadeira virou com um estrondo, e eu a chutei com a lateral do pé em vez de endireitá-la.

— Cuide da porra da sua vida — eu disse, pegando minhas chaves e celular e saindo.

Meu telefone estava tocando no meu bolso o dia todo. Rob Skinhead e meia dúzia de pessoas tentavam entrar em contato comigo. Eu ignorava todos eles. Sabia que teria de enfrentar as consequências com Rob, mas não havia decidido ainda a melhor maneira de lidar com a situação. Joey estava certa, eu não poderia apenas entregar uma carta de demissão. E enquanto Rob estivesse puto comigo, havia um risco real de que ele fosse descontar em Joey. Até então, de todo ângulo que olhava para isso, a única forma que podia ver de me livrar completamente do Rob era um de nós morrer ou ir para a prisão. Nenhuma das duas coisas era simples, e eu ainda estava trabalhando isso na minha cabeça.

Naquele sábado, fui ao hospital ver o Pete. Não sei por que fui. Não que eu esperasse que ele falasse comigo, ou, se falasse, que fosse algo além de uma sequência de palavrões raivosos. O que, acho, não era muito diferente do nosso relacionamento normal.

Odeio o cheiro de hospital, miséria antisséptica e meias sujas. Passei pelo saguão e pela sala de espera sem problemas, e achei que talvez não fosse ser tão mal, mas quando saí do elevador e entrei nos corredores que levavam aos quartos dos pacientes, comecei a me sentir enjoado. O quarto de Pete era na ala pediátrica, onde eles se esforçaram com uma arte colorida e paredes pintadas de verde e roxo em vez do branco institucional, mas o cheiro era o mesmo.

Apesar de ainda ser cedo, o quarto de Pete estava escuro, e ele dormia. A televisão lançava uma luz azul na cama, e as pernas dele pareciam varetas sob o fino cobertor. Pete parecia ter uns doze anos com sua constituição magricela e cabelo idiota de Justin Bieber. Deixei o kitzinho ao lado de sua cama onde ele pudesse ver quando acordasse — uma revista pornô japonesa e alguns alfajores. Ele saberia de quem era, então provavelmente jogaria fora. Enquanto olhava para ele dormindo, me perguntei que droga eu estava fazendo e me virei para

partir.

O estacionamento do hospital estava cheio de carros, mas sem nenhuma pessoa. Eu estava quase no T-Bird quando ouvi a porta de um carro abrir e dei uma olhada sobre o ombro em direção ao som. Rob e seu capanga, Grim, estavam saindo do GTO do Rob. Uma rajada de ar deixou meus pulmões e por um segundo achei que fosse mijar nas calças.

Rob usava um sobretudo preto e Grim, uma jaqueta camuflada do Exército. Eu os vi se aproximando de mim como se assistisse a uma cena de um filme. Podia dar a partida e sair do estacionamento antes de eles chegarem até mim, mas não tentei. Só fiquei onde estava e esperei pela selvageria que se aproximava em câmera lenta.

Grim parecia entediado, e o sorriso de Rob era genuinamente louco, se não genuinamente feliz.

— Rob — eu disse com um curto aceno. — O que está fazendo aqui? — Como se eu não soubesse.

— Minha presença te ofende, judeuzinho? — Rob perguntou. Tirou um cigarro do bolso e acendeu enquanto enfiava uma bituca numa aresta do meu carro. Grim parou bem atrás de mim com os braços cruzados sobre o peito enquanto esperava Rob dar as ordens. Isso só poderia terminar de uma forma, e por dentro eu me sentia oco e leve enquanto pensava na ideia de Grim socando a minha cara. Eu me peguei perguntando a mim mesmo se ele me mataria ou me desfiguraria permanentemente.

Minha vida não passou diante dos meus olhos, mas imaginei meu corpo quebrado e sem vida sendo encontrado por seguranças na calçada mais tarde naquela noite. Um triste fim.

— O que você quer? — perguntei.

— Não vejo você por aí há algumas semanas — Rob Skinhead disse, enrolando com seu cigarro. — Fiquei preocupado com você.

— É? Bem, não fique. Estou bem.

Ele riu e deu a Grim um aceno com o queixo, um sinal que Grim interpretou como uma instrução para rir junto. Rob fechou sua cara de rato num franzir e deu uma rápida sacudida de cabeça.

A risada de Grim parou abruptamente.

— Quê? — ele perguntou.

— Agarre-o — Rob disse, exasperado.

Grim agarrou as costas da minha jaqueta e torceu até o colarinho estar apertado contra minha garganta. Era trabalhoso fazer o ar passar por minha traqueia, mas tentei manter a respiração constante e lenta, não entrar em pânico. Tudo estaria terminado em pouco tempo. Eles perderiam interesse quando eu estivesse inconsciente. Ou morto. Há coisas piores do que a morte.

— Então — Rob disse, estudando a ponta acesa do cigarro, então assoprou para atiçar a brasa —, você simplesmente decidiu que não quer mais trabalhar comigo? Assim fere meus sentimentos, Sway.

— Eu não sabia que você tinha sentimentos, Rob — gargarejei pela traqueia comprimida.

— Não tenho — Rob disse, estreitando os olhos para mim. — O que tenho é um problema. Fiz pedidos para algumas pessoas para muitas lembrancinhas, contando com você para movimentá-las para mim. Tenho milhares de dólares presos nas suas habilidades, Sway. Agora, não sei o que está havendo com você. Sei que você anda meio esquisito desde que sua mãe virou um frasco de Xanax com uma garrafa de bebida. Pelo menos é o que saiu nos jornais. É verdade?

— Bem próximo — respondi com a cabeça latejando pela falta de oxigênio.

— Ela fez isso de propósito? Ela te odiava tanto assim?

Ele parou, como se esperasse que eu respondesse. O silêncio se estendeu por um longo minuto enquanto Rob fumava e Grim estudava as unhas da mão que não me segurava pelo pescoço.

— Como eu disse — Rob continuou quando ficou óbvio que eu não ia responder nada —, não sei o que está havendo com você, mas vou te dizer o que eu sei: hoje o Grim só vai zoar um pouco com você. Da próxima vez que tivermos esta conversa, seu pai vai estar planejando outro funeral. Estamos claros?

— Cristalinos — chiei, e Grim soltou minha jaqueta. Enquanto eu esfregava a garganta, Rob jogou o cigarro na minha direção, então se encostou inclinando-se casualmente contra o para-choque do T--Bird. Seu rosto estava impassível enquanto via Grim trabalhar em mim. Ele dava principalmente golpes no corpo, me batendo no estômago e nos rins. Esses doem menos do que um golpe no

rosto, no momento do impacto, mas doem mais depois. Acho que pelo menos se você leva socos suficientes no rosto, você fica inconsciente. Com golpes no corpo não há a esperança de desmaio.

Finalmente Grim deu alguns socos no meu rosto e na minha boca, e então um golpe de misericórdia bem no meu nariz. Não que-brou nada, mas quando senti a pressão por trás das minhas pestanas, sabia imediatamente que iria terminar com dois olhos roxos. Girei os braços tentando manter o equilíbrio, minhas pernas moles e inúteis sob mim, e afundei no chão, bem de bunda, mas não senti.

Grim me agarrou pela frente da camisa e deu alguns golpes rápidos no meu rosto. Vi uma explosão de estrelas e então, felizmente, mais nada.

Não sei por quanto tempo fiquei inconsciente. O suficiente para que Grim e Rob já estivessem longe quando acordei. Lutei para tirar o celular do bolso da minha jaqueta. Quando consegui segurar o telefone na mão, eu estava tão exausto que descansei por outra eternidade antes de erguer o visor iluminado para que eu pudesse ver. Meu braço cedia, já que os músculos não podiam responder às ordens do meu cérebro, e minha visão se duplicava enquanto eu buscava o número do Carter nos meus contatos. Lutei para permanecer consciente enquanto esperava que ele atendesse.

— Ei, Sway — ele disse ao telefone, soando feliz por me ouvir.

— Carter — soltei com a voz rouca e forçada como o som de uma porta rangente.

— Sway? É você?

— Preciso da sua ajuda.

— Me diga onde está, que já estou aí.

De alguma forma consegui chegar ao T-Bird e me joguei no banco da frente antes de desmaiar novamente. Meu mundo escureceu e a próxima coisa que vi foi a cabeça enorme de Carter Goldsmith e seu olhar de afeição preocupada.

— Sway, está aí, irmão?

— É, estou aqui, Carter — grasnei. Meu lábio ferido se partiu novamente quando abri a boca para falar e sangue quente escorreu na minha boca. Comecei a engasgar e Carter me ajudou a sentar para que eu pudesse cuspir a saliva e o sangue na calçada.

— Quem fez isso com você?

— Eu já esperava — eu disse, evitando a pergunta. — Não posso dirigir. Mas preciso sair daqui.

— Sway. Odeio ser eu a apontar o óbvio — Carter disse, mas você está num estacionamento de hospital. Para mim a coisa a se fazer é entrar e pedir ajuda.

— Não — eu respondi, mas saiu como um grunhido. — Se me virem assim vão chamar a polícia. Sem polícia.

— Quer que eu te leve para casa?

Balancei a cabeça e me arrependi imediatamente.

— Não. Para casa, não. Para a da Joey, se for me levar. A mãe dela vai estar no trabalho.

— Claro que te levo, meu bem. Mexe a bunda aí.

Carter requisitou o T-Bird e meu celular enquanto eu me afundava no banco do passageiro. As luzes da cidade queimavam dentro da janela do carro, uma faixa contínua de luz dolorosa enquanto passávamos sob elas indo para a casa da Joey.

— Eu falei pra ele — Carter disse ao telefone —, mas ele não me deixou entrar com ele no hospital.

Pausa.

— Estou levando para você — Carter disse, a direção de sua voz me dizendo que ele tinha virado a cabeça para dar uma olhada em mim. — É melhor se preparar. Está feio.

Quando chegamos na casa de Joey, ela estava esperando por nós na varanda e veio até o carro para apoiar um lado do meu corpo enquanto Carter escorava o outro. Uma chuva fraca havia começado a cair, e o frescor dela aliviava o meu rosto machucado. Eles me acomodaram na cama da Joey, e ela correu para pegar um pouco de gelo e um pano. Eu me encolhi de lado em posição fetal enquanto Joey colocava um saco de ervilhas congeladas enrolado num pano de prato sobre meus olhos e limpava o sangue e os coágulos do meu rosto.

Eu estava levemente consciente quando Carter tirou meus sapatos e minha jaqueta e colocou sua enorme mão atrás da minha cabeça para me confortar.

— Vou arregaçar esse cara se me disser quem foi — Carter disse, e Joey

chiou para ele ficar quieto.

— Ele não quer isso — ela respondeu, limpando delicadamente a pele ferida da minha bochecha.

Na névoa entre consciência e esquecimento, murmurei umas paradas loucas e comecei a tremer de frio. Joey me cobriu com um cobertor, então se enrolou em sua cama estreita ao meu lado e me abraçou forte enquanto acariciava meu cabelo. Carter se sentou atrás das minhas pernas dobradas enquanto eles me esquentavam com o calor de seus corpos.

— Eu queria morrer — disse para dentro, minha voz um grunhido enquanto eu tremia com outro calafrio. — Quero morrer.

— Eu sei — Joey respondeu, me disse para ficar quieto e me beijou na testa. — Eu sei. Mas você não pode morrer. Se morrer, vou ficar sozinha.

— Merda — Carter disse, e eu o senti começar a sacudir com soluços silenciosos enquanto eu afundava na escuridão.

“In the Aeroplane Over the Sea”, do Neutral Milk Hotel, vagou pelo ar vindo do iPod da Joey, e eu me lembrei de pensar em quão apropriado seria morrer ouvindo aquela música.

Trinta e seis

Deixei o carro no estacionamento e desliguei os limpadores de para-brisa. Ainda estava chovendo torrencialmente, e não me movi para sair do carro, apenas me recostei no banco e esfreguei alheio meu lábio inferior enquanto criava cenários possíveis na minha mente.

— Quando entrarmos, deixa que eu falo — eu disse. — Não diga uma palavra. Apenas fique frio e faça do jeito que te disse. Com um pouco de sorte, ele vai estar de bom humor.

Os olhos de Andrew estavam esbugalhados. Ele estava assustado, o que mostrou que pelo menos ele tinha um pouco de bom senso.

— Tem certeza de que é uma boa ideia? — ele perguntou, forçando a vista através da chuva para o trailer abandonado, as telas rasgadas e sujas nas janelas.

— Você disse que queria ser popular, certo? — perguntei, sem expressão.

Andrew engoliu de forma audível.

— É. É, é o que eu quero.

— Bem, então vamos lá.

A chuva batucava na lateral do trailer de Digger, um som oco ampliado por meu desconforto. Bati forte na porta de tela de alumínio antes de eu ter tempo de me convencer de que era uma má ideia.

O sorriso de Digger era forçado e falso, mas ele fez sinal para eu entrar.

— Quem é esse? — ele perguntou fechando a porta e trancando atrás de nós. — Seu outro irmãozinho retardado?

— Este é o Andrew — eu disse. — Apenas um amigo meu. Não é retardado — acrescentei para esclarecer.

— Randy está aqui — Digger disse com um gesto para a sala, como se eu não tivesse notado o gigantão tomando a poltrona aveludada a cinco passos de distância.

Randy era o primo bem grande, bem lesado do Digger, que por acaso também era bem burro e mau. Meu saco encolheu. Se Digger havia convidado Randy para nossa reunião, eu não esperava que as coisas fossem bem para mim, mas banquei o ingênuo, fingindo indiferença à presença de Randy.

— Ei, Randy — cumprimentei.

O gorila apenas grunhiu, enfiando um punhado de Cheetos na boca, e esfregou o pó de queijo das mãos nos jeans. *Ai, cara.*

— O que houve com seu rosto? — Digger me perguntou, estudando os hematomas que começavam a esverdear nos cantos e a pele partida da minha bochecha.

— Dei com uma porta — respondi, e Digger explodiu em risadas.

— Cara — ele disse, balançando a cabeça enquanto se dirigia para seu trono, deixando a mim e a Andrew de pé —, quando você disse que não vinha mais, achei que era algum tipo de piada.

Assenti com a cabeça para o Andrew, apontando para que ele se sentasse no sofazinho desocupado enquanto Randy mantinha o olhar fixo na gente.

Digger não se moveu para encher o bong. Não era um bom sinal. Ele apenas girava sua cadeira de um lado para o outro com os pés enquanto olhava para mim. Lutei com a ânsia de pigarrear antes de dizer:

— Tinha de acontecer mais cedo ou mais tarde. Não vou ficar aqui para sempre. Logo que eles me derem aquele pedaço de papel em junho, caio fora.

— Fora para onde? — Digger perguntou, franzindo o cenho.

Dei de ombro.

— Qualquer lugar. Não aqui.

— Então, quem é esse moleque? — Digger quis saber.

Randy se mexeu em sua poltrona com a tensão na sala tornando-se palpável.

— Andrew é meu substituto — informei lentamente. — Eu o trouxe aqui para uma entrevista de emprego.

O canto da boca do Digger se levantou num semissorriso enquanto dava uma olhada furtiva para Randy.

— Entrevista de emprego? Você tem referências, moleque? — Digger perguntou.

Andrew apenas olhou para mim, sem responder.

— Ele é um bom moleque — eu disse. — Sabe como manter a boca fechada. E não é usuário, então não vai fumar seus lucros.

— E? E daí? Apenas devo confiar em você nisso?

Eu dei de ombros.

— Acho que você confiou até agora e não está mal por causa disso.

Digger estava assentindo agora numa concordância silenciosa, mas ainda não parecia convencido.

— Vou treiná-lo, mostrar a ele os esquemas — continuei, falando lento para não soar nervoso. — Ele tem boas notas, fica fora de encrenca. É a última pessoa de quem alguém iria suspeitar.

— Então? — Digger perguntou. — Creio que você não queira ser mais meu amigo também. Vai parar de vir aqui? — quando ele disse isso, desviou o olhar. Notei suas bochechas ficarem um pouco vermelhas e percebi de repente que Digger não estava bravo porque eu o tinha deixado no vácuo; ele estava bravo porque eu tinha ferido seus sentimentos.

Pela primeira vez, fiquei sem palavras. Houve um silêncio desconfortável enquanto Digger tentava manter a expressão de seu rosto neutra, e eu pensei em como lidar com esse novo desdobramento.

— Cara, está brincando? Estou vidrado em *Sons of Anarchy* agora. Achei que fôssemos ver o resto da temporada juntos. O que achou que eu quis dizer, que nunca mais ia te ver?

Os olhos de Digger brilharam e juro que ele quase sorriu.

— É... claro, é, claro, sei que não queria dizer... bem, você sabe — Digger disse, dando uma de tranquilo, mas sua emoção evidente era tão desajeitada quanto uma dança de calouro no colégio.

Para esconder o embaraço, Digger buscou a bandeja de maconha e começou a carregar o bong. Ele ofereceu o primeiro pega para o Andrew. Iniciação. Andrew mandou bem. Ele obviamente não tinha noção e nunca tinha fumado antes, mas não mostrou nenhuma hesi-tação nem agiu com nervosismo. Comecei a relaxar um pouco e meu coração desacelerou para um ritmo tranquilo.

Acabamos ficando tempo suficiente para pedir uma pizza e ver um episódio de *Sons of Anarchy*. Como se revelou, Andrew e Digger curtiam os mesmos videogames, então acabaram conversando sobre Minecraft e outras babaquices que eram língua estrangeira para mim. Isso me fez pensar no Pete e em seus livros ridículos de ficção científica.

Quando finalmente saímos, Digger ficou na porta, um quadril encostado contra o portal enquanto nos via partir.

— Então, eu te vejo logo, certo? — Digger disse atrás de mim.

— É, nos vemos, cara — respondi por sobre o ombro com um aceno.

— Ele parece ser o.k. Talvez um pouquinho pinel — Andrew disse, sentando no banco do passageiro. — Confia nele?

— Lobos e cordeiros nunca podem ter a mesma mentalidade — eu disse, ausente, enfiando a chave na ignição, mas não liguei o carro.

— O que quer dizer? — Andrew perguntou, e quando fez isso eu me lembrei que sentia falta do Pete como meu coadjuvante.

— Você fala demais — eu disse quando meu celular começou a tocar. O ringtone de Joey, "Crazy", do Gnars Barkley.

— Como foi? — perguntei, atendendo.

— Foi o.k. — Joey disse. — Ela é doida de pedra, mas acho que consigo me virar com ela.

— Você não chegou nem perto dela na escola, né? — perguntei. — Se alguém vir vocês juntas, isso não vai funcionar.

— Ninguém me viu — Joey disse, impaciente. — Tomei cuidado.

— Ela é esperta? Acha que iria compreender o risco?

— Talvez não — Joey admitiu. — Mas não tenho certeza de que ela iria se importar mesmo que compreendesse. Ela o odeia.

Houve um longo silêncio enquanto Joey esperava e eu me convencesse.

— Tá. Vai nessa. Me liga e me diz como está indo assim que você falar com ela novamente.

Um suspiro cansado.

— Tá. Ótimo. Você sabe que está se arriscando com essa ideia. Não estou certa de que entendo por que você está fazendo isso...

— Não precisa entender — eu disse, dando partida no carro.

Trinta e sete

Aquele era o sábado do baile. Perdi o desfile ao redor da pista externa. Perdi o jogo em que a Buford High marcou um esmagador 35 a 7. Quando entrei no refeitório, agora transformado pelo comitê do baile de Gray Dabson num cenário teatralmente iluminado com papel machê, bexigas e purpurina, vi David e Heather tirando seu retrato do baile. Ambos acenaram para mim, e eu os cumprimentei, mas não parei para conversar. Eu estava lá apenas para negócios específicos.

Fiquei nas sombras no fundo do baile quando Bridget chegou de braço dado com Ken, parecendo um anjo num vestido rosa simples, o cabelo preso numa trança enlaçada com minúsculas florzinhas rosas. Logo depois que chegaram, Ken a abandonou para cuidar de seus deveres reais para a dança de abertura. Deixou Bridget sozinha perto da janela onde os alunos largavam suas bandejas sujas de comida numa esteira. A janela estava discretamente coberta por um monte de balões, mas ainda fedia a gordura velha de cozinha e leite azedo.

Bridget ficou sozinha, todas as suas amigas ocupadas com seus encontros e todos os outros caras com medo de se aproximar dela e provocar a ira do Ken. Havia passado alguns dias desde que ela e eu havíamos nos falado pela última vez, e eu me perguntava se Pete final-mente tinha contado a ela. Ele nunca conseguia manter a boca fechada.

Quando me aproximei, o sorriso dela me disse que Pete não havia dito nada sobre a razão de nossa briga, o que me surpreendeu. Ou talvez ele tivesse lhe contado, e ela já tivesse me perdoado, o que não me surpreenderia em nada.

— Você está bonita — eu disse, cumprimentando-a.

— Obrigada — ela disse enquanto suas mãos vagavam nervosas para tirar uma mecha fugidia de cabelo da nuca. — Veio com quem?

— Vim sozinho. Não vou ficar. Só parei para uma dança com você — eu disse com sinceridade.

Ela riu, mas ficou séria rapidamente vendo minha expressão.

— Está falando sério? — perguntou.

— Sério como câncer. Mas não temos muito tempo — eu disse com um

gesto para a pista de dança. — Quando Ken e Theresa terminarem com suas atividades da corte do baile, ele vai te querer de volta.

Tomei a mão dela e Bridget me seguiu para a pista de dança, onde colocou a mão no meu ombro, a outra descansando levemente na minha. Ken e Theresa estavam no centro da pista com suas coroas de plástico; Theresa radiante, Ken tão duro quanto um virgem num clube de strip.

— O que aconteceu com seu rosto? — Bridget perguntou.

— Nada, nasci assim — eu disse, inocente.

— Muito engraçado — ela respondeu num tom que soava como se achasse que eu não era *nada* engraçado. — Brigou?

— Sim, com um lance de escadas. Eu perdi.

A expressão dela era tranquila, seus lábios levemente pressionados, quando começamos a vaca amarela novamente. Eu me segurava, estava quase ganhando, quando ela respirou fundo e soltou um sus-piro baixo, como para transmitir sua decepção comigo. E... porra! Eu ia perder. De novo. Ela era como uma jogadora de qualificação olímpica na vaca amarela.

— Fui pego por uns caras aí. Nada demais.

— Parece que foi demais — ela disse, mas me livrou da explicação, virando-se para olhar para Ken e Theresa nos holofotes. — Ela está bonita, não está? — Bridget perguntou melancolicamente, sua expressão suave e difícil de decifrar. Theresa usava um vestido preto longo, cortado para acentuar seus melhores traços: um seio farto e uma cintura de ampulheta. Seu longo cabelo castanho ondulado estava solto sobre os ombros. Theresa tinha o tipo de confiança que torna as pessoas bonitas.

— Está decepcionada? De não ter sido a rainha do baile?

Ela voltou a atenção para mim, balançando a cabeça.

— Ah, não, nem um pouco. Estou feliz que Theresa tenha ganhado. Quero dizer, olhe para ela. Está tão feliz. Fiquei bem empolgada quando anunciaram que ela tinha sido eleita rainha. As pessoas podem ser tão superficiais, especialmente no colégio, mas Theresa é incrível e fico feliz que as pessoas tenham visto isso nela.

— Imaginei que te deixaria feliz ela ter ganho.

— Ken ficou decepcionado, claro — ela disse secamente. — Ele queria que

fôssemos rei e rainha juntos.

— Ele te trata bem?

Ela deu de ombros.

— Claro. É, acho que sim. Ele não aponta todos os meus defeitos como você faz. Não temos nada a discutir. E ele nunca soca o nariz do meu irmão. E, além isso, ele é um cara bem legal.

— É, parece que ele é perfeito para você.

— Humm — ela apenas murmurou, se aproximando de mim e descansando a bochecha no meu ombro.

Esfreguei minha mão levemente nas costas dela, então pressionei a palma da mão entre as omoplatas, evitando conscientemente a lombar ou o quadril. Eu não disse nada, apenas aproveitei o momento para saborear o gosto dela, o calor de sua mão no meu ombro.

— Estou feliz que esteja aqui — ela disse, levantando a cabeça. — Senti saudades. Estamos bem, certo? Não está esquisito entre nós?

— Não, não está esquisito — respondi baixinho.

A música terminou, mas eu a segurei por mais um minuto, e ela não se afastou.

— Melhor eu ir — eu disse finalmente. — Ken vai procurar por você.

— Obrigada por me fazer companhia — ela disse e me deu um beijo rápido na bochecha. Coloquei a mão sob o queixo dela e a beijei suavemente nos lábios — apenas uma vez, para ver como era.

As maçãs de seu rosto coraram lindamente enquanto ela saiu dos meus braços e se virou para partir, sem olhar para trás.

Eu estava quase no estacionamento quando topei com Pete, a caminho do baile com um grupo que seis semanas antes nunca teria notado que ele estava vivo. Ele andava de muletas, ainda se recuperando de sua cirurgia, mas considerando tudo, parecia muito bem.

— Ora, vejam só quem é — Pete disse, fazendo um show para sua plateia. — Eu não achava que iria vê-lo aqui esta noite, Jesse.

— Não vou ficar.

— Eu alcanço vocês — Pete disse para os amigos, e eles seguiram e nos deixaram sozinhos. — Cara, você está zoado — ele observou quando os outros

estavam longe. — Quem fez isso com você?

— Rob Skinhead e seu amigo. Era só questão de tempo até eu irritar o Rob.

— É, acho que é o tipo de coisa que você faz — ele disse com um sorriso se abrindo nos cantos da boca. — Uma hora você vai terminar irritando todo mundo.

— É, bem, aproveite sua noite — eu disse e comecei a me afastar.

— Alderman! — Olhei por sobre o ombro para ver Ken se dirigindo a mim como um trem de carga, ainda com a coroa de plástico sobre o cabelo perfeitamente penteado.

— Oh-oh — Pete disse, animado. — Ele parece puto.

— Eu te vi — Ken disse. — Vi você com a Bridget, cara. Vou fazer você se arrepender de ter nascido.

— Não quero briga, Ken. Só estava dizendo adeus. Não vou mais incomodar você e a Bridget.

— Pode ter certeza de que não vai. — Ken me agarrou pela frente da jaqueta e me levantou para me dar uma sacudida, então me jogou no chão. Eu fiquei de pé enquanto ele preparava um soco, mas ele calculou errado, e só senti uma lufada de ar na cara. Ele girou a esquerda e acertou a minha bochecha. Não era seu melhor braço, então eu apenas cambaleei alguns passos, mas me mantive em pé.

— Ken? — Bridget chamou atrás dele, e todos nos viramos ao som de sua voz. Ela soava confusa, incerta, mas sua voz endureceu quando ela disse: — Ken, o que está fazendo?

— Nada — ele respondeu rapidamente, dando um passo pra longe de mim.

— Nada? — ela perguntou, em tom de aviso. — Você acabou de bater no Jesse?

— Não se preocupe com isso — eu disse a ela. — Estávamos só conversando.

— Pete, o que está havendo? — Bridget perguntou.

Pete me olhou com cuidado, observando minha reação. Pelo brilho de seus olhos, eu sabia que ele queria me punir, e essa era a melhor oportunidade que ele teria. Mantive meu rosto neutro, sem expressão.

— Ken tem medo de que Jesse te conte a verdade — Pete disse.

— A verdade sobre o quê? — Bridget perguntou.

— Querem contar a ela? — Pete olhava para mim e Ken, esperando um de nós dizer algo. — Não? — ele perguntou quando ficamos em silêncio.

— Ken, do que ele está falando?

— Linda, não é nada mesmo. Você não devia se preocupar com isso. Pete apenas escutou por alto uma conversa, mas entendeu errado e ficou com uma má impressão.

— Ken pagou Jesse para descobrir tudo sobre você, para que ele pudesse enganá-la e convencê-la a sair com ele — Pete soltou.

— O quê? — Bridget perguntou, parecendo mais confusa do que nunca. E, realmente, quando Pete disse em voz alta, soou mesmo ridículo.

— Ken pagou Jesse para armar isso, para que você saísse com o Ken — Pete disse lentamente.

— Isso nem faz sentido — Bridget disse. — Jesse não teve nada a ver com isso. Ken e eu nos conhecemos por acaso numa exposição impressionista na galeria do campus... — A voz dela se dissipou enquanto estudava o rosto de Ken de perto. — Ele só estava lá ao mesmo tempo, por acaso — ela continuou, e quando disse, pareceu perceber repentinamente quão improvável era que Ken tivesse aberto mão de uma tarde de quarta para passear na galeria sozinho.

Ela se voltou para mim, sua expressão ainda apenas confusa, não brava.

— Você...? — ela começou a perguntar, então mudou para uma afirmação. — Você contou a ele que poderia me encontrar lá. Foi isso?

Eu apenas assenti, mas não disse nada.

— O que mais você contou a ele? — ela quis saber, seus olhos esbugalhados de choque, as bochechas coradas, com raiva.

— Não é importante — Ken disse. — O que importa é o que eu sinto por você, Bridget. Eu te amo.

— Por favor — Bridget disse, fechando os olhos e levantando a mão para silenciar Ken. — O que mais você contou a ele? — ela me perguntou.

— Contei a ele as coisas de que você gosta, seus interesses — eu disse, com a voz rareando enquanto ganhava tempo. Então percebi, caralho, a coisa estava pegando. Se ela ia me odiar de qualquer modo, melhor contar tudo a ela. Ser completamente honesto e revelar minha alma. — Contei que ele deveria dizer

que, se tivesse um superpoder por um dia, ele gostaria de curar as pessoas com um toque.

Bridget levantou a mão para cobrir a boca e percebeu a profundidade de nossa farsa.

— É o que ele faz — Pete disse, apontando para mim. — Ele mente, manipula as pessoas, por dinheiro. Jesse não se importa com ninguém além de si mesmo.

— Isso é verdade? — Bridget me perguntou com um tremor na voz.

— Qual parte?

— É verdade que Ken te pagou?

— Duzentas pilas — eu disse, assentindo.

Bridget deu um passo em minha direção e me deu um tapa, forte, bem no rosto. Era a terceira pessoa em poucos dias a me acertar no rosto, mas esse golpe doeu mais do que os outros.

Ela se virou para Ken e disse:

— Me diga que você tem realmente uma prima chamada Jamie com Síndrome de Down.

Silêncio. Ken hesitou apenas o suficiente para que ela soubesse que as palavras em sua boca seriam papo furado.

— Me diz! — Bridget gritou enquanto Ken olhava mudo para os pés. — Você *inventou* uma prima com Síndrome de Down? Meu Deus, o que há de errado com você? Vocês dois? Seus... seus... — ela gaguejou, buscando ar enquanto começava a surtar de fato.

— Cuzões — Pete terminou por ela.

Com isso, Bridget irrompeu em lágrimas e correu para longe de todos nós, em direção à escola. Ken correu atrás dela, chamando seu nome. Eu queria ir atrás de Bridget, mas não fui. Não havia forma de me recuperar disso. Ela odiaria nós dois para sempre.

— Sente-se melhor? — perguntei a Pete quando eles se foram.

— Muito.

— Você feriu os sentimentos de sua irmã.

— Eu não fiz nada — ele disse enfaticamente. — Você e Ken feriram os sentimentos dela. Não tente colocar a culpa em mim.

— Quero dizer que você não tinha de despejar isso nela assim, na noite do baile e tudo. Podia ter contado em particular, lhe poupado da vergonha.

— Poupado ela ou poupado você? — ele perguntou naquele tom que tinha quando interpretava o papel de “traído pela vida”. — Acha mesmo que devia estar me dando sermão sobre como tratar os outros? Ela vai superar. Melhor que ela saiba que vocês são dois babacas, daí ela pode seguir em frente.

— Provavelmente você está certo — concordei e me virei para partir.

— Ei — Pete me chamou. — É isso? Você apenas vai embora?

— É isso, Pete — falei sem me voltar para olhar para ele, apesar de ver pelo canto do olho que ele ainda estava de pé no meio do estacionamento enquanto eu colocava o carro na rua.

Trinta e oito

As Olimpíadas Especiais do Siegel Center aconteceram numa tarde ensolarada de sábado em meados de novembro no campus do colégio Wakefield. Metade da cidade apareceu para assistir ao evento. Apesar de haver muita gente que só queria ver o espetáculo dos menos coordenados da comunidade jogando um frisbee ou correndo pela pista, havia ainda mais pessoas que queriam torcer pelas crianças e fazê-las se sentirem amadas.

Enquanto eu caminhava pelas laterais para encontrar um assento nas arquibancadas, algumas das crianças do Siegel Center me reconhe-ceram e me atacaram com seus abraços babões e sorrisos idiotas. Um doador anônimo providenciou os fundos para comprar unifor-mes para todos e uma medalha numa fita para cada participante, além do dinheiro necessário para instalar um novo jardim de terapia no pátio do Siegel Center.

A generosa doação em dinheiro foi feita com as restrições de que os fundos só poderiam ser usados para ajudar as crianças da Bridget, e não apoiar células terroristas antissemitas ou programas endossados por Oprah Winfrey. Claramente o Siegel Center ficou chocado com a carta que veio com o cheque, mas pelo menos honrou o pedido do doador de que os moleques tivessem o dinheiro para seus programas. Apesar de ainda não falar com o Pete e a Bridget, compareci ao evento para que pudesse dar um relatório completo e detalhado ao doador naquela noite. Pessoas ingenuamente otimistas irritavam o sr. D., entãoele optou por ficar em casa e assistir a velhos episódios de *Cagney & Lacey* agora que tinha a série completa em DVD. Sua atração por Tyne Daly era um dos grandes mistérios do universo.

O diretor Burke estava lá, aceitando o crédito pelo apoio do colégio Wakefield às Olimpíadas Especiais, e até fez um pronunciamento de abertura para iniciar os jogos. Ao vê-lo falar, você pensaria que ele era um tipo de Nelson Mandela.

A cobertura das Olimpíadas Especiais até ganhou a primeira pá-gina do jornal local com a citação de Burke sobre como ele estava empolgado em apoiar o trabalho do Siegel Center. Enterrada na pá-gina 18 da mesma edição do jornal

estava uma história sobre a captura do traficante local Robert Elliot. Antes de ler no jornal, eu nunca soubera o último nome do Rob Skinhead. Além da posse de várias centenas de comprimidos de Ecstasy, ele recebera acusações fe-derais por tráfico e falsidade ideológica.

A polícia abriu um mandado de busca para o porão do Rob com informações de uma fonte confiável. Para o bem de sua irmã, provavelmente era uma boa coisa que ele permanecesse numa prisão federal sem fiança, esperando o julgamento.

O Booster Club estava vendendo bebidas e salgadinhos para o evento do Siegel Center, o dinheiro que recebessem seria reservado para apoiar as segundas Olimpíadas Especiais, no ano seguinte. Fui pegar um cachorro-quente e uma Coca no intervalo entre os eventos de corrida e dei de cara com o Pete, que estava anotando pedidos no balcão do Booster Club.

Os olhos de Pete se estreitaram, e a metade de seu rosto que funcionava corretamente se torceu numa carranca.

— O que você quer? — ele perguntou.

— Só um cachorro-quente e uma Coca — eu disse. — Isto é, supondo que os cachorros-quentes sejam kosher.

— Por que está aqui?

— Para alguém que não está falando comigo, com certeza você tem muito a dizer — observei. — Só quero algo para comer e sigo o meu caminho.

— Você magoou a Bridget. Muito. Mas ela é mesmo uma santa, nem te odeia — Pete disse com nojo. — Então quer saber? Eu te odeio o suficiente por nós dois.

— Olha, não há nada que eu possa fazer para acertar isso. Se houvesse, eu faria, mas não há.

— Você é um mentiroso — ele disse rapidamente. — Você não se importa com o sentimento de ninguém além dos seus próprios.

Eu não iria discutir.

— Vai me dar um cachorro-quente ou o quê? — perguntei.

— Quero que você diga que sente saudades de me ter por perto e quer que sejamos amigos novamente.

— Ah, tá — eu disse com um franzir irônico de concordância —, por que

sentiria saudades de alguém que vomita no meu carro e fala constantemente sobre livros idiotas de ficção científica?

— Eu sabia. — Ele estalou os dedos. — Se fosse mentira, você estaria disposto a dizer, mas como é verdade, você não pode. Você sente saudades de me ter por perto.

— *Pfff*.

— Admita. Sou seu melhor amigo — ele insistiu presunçosa-mente. — Se você admitir, só uma vez, eu te perdoo por ser um cuzão insensível e amoral e serei seu amigo de novo.

Levei um minuto para refletir, daí perguntei:

— E se eu admitir, também me dá um cachorro-quente?

— Talvez — ele disse e cruzou os braços sobre o peito. Olhei sobre meu ombro a fila de pessoas presenciando nossa conversa, com interesse ou impaciência, dependendo da visão de mundo de cada um.

— Ótimo. Admito, mas só porque estou morrendo de fome.

— Não — ele disse, sacudindo a cabeça. — Quero que você diga. Diga que sou seu melhor amigo.

Nós olhamos friamente um para o outro por um longo minuto até eu ceder. Eu estava mesmo com fome.

— Tá. Você é meu melhor amigo.

— E tem saudades de me ter por perto.

— E tenho saudades de te ter por perto — repeti.

Seu rosto se abriu em seu sorriso torto, sua marca, e ele me passou triunfantemente um cachorro-quente empapado enrolado em papel--alumínio.

— São três dólares — ele disse, então bradou para a próxima pessoa da fila fazer o pedido, me desprezando sem uma segunda olhada.

Durante a segunda metade dos jogos, Cynthia, também conhecida como Golfinha, sentou-se do meu lado na arquibancada. Ela não tinha permissão de fazer a maior parte dos eventos, porque sua condição cardíaca a impedia de participar de atividades mais árduas. Ela segurou minha mão com sua não barbatana, e às vezes descansava a cabeça no meu ombro enquanto assistíamos ao espetáculo juntos. Cantei para ela “Something in the Way She Moves”, do

James Taylor, porque fez nós dois nos sentirmos melhores, e eu queria ter meu violão comigo para fazer jus à música.

No final do dia houve uma cerimônia de premiação, durante a qual todo mundo recebeu uma medalha por ser incrivelmente único. Bridget estava lá, abraçando cada uma das crianças enquanto iam ao palco, com um grande sorriso no rosto, os olhos brilhando de lágrimas. Vê-la trouxe um sorriso ao meu rosto também, mesmo que eu tivesse de experimentar o prazer de longe. Fui embora antes de ter a chance de falar com ela. Ken estava fora de cena agora, mas não importava mais. Bridget estava fora de alcance.

Trinta e nove

Foi bom tê-la em meus braços novamente.

B. B. King tinha chamado sua guitarra de Lucille, por causa de uma mulher por quem ele viu dois caras brigando num bar certa vez. Eu nunca tinha dado nome ao meu violão. Nunca houve mulher igual a ela. Pelo menos, nunca houve antes. Talvez, daqui a muito tempo, eu começasse a chamar meu violão de Bridget, mas duvidava.

Meu braço descansava confortavelmente na curva do corpo do violão, como se descansa o braço na curva da cintura de uma menina deitada na cama. Natural.

Os internos do Sunrise gostavam quando eu tocava músicas mais antigas, como os sons ciganos de Django Reinhardt ou as baladas de Jim Croce. Era o ponto onde eu me conectava com eles. Boa música nunca deixa de ser boa, não importa quão velha seja.

— É tão legal que seu neto venha tocar — uma das velhinhas dizia para o sr. Dunkelman, alto o suficiente para eu poder ouvir. Eles diziam tudo alto o suficiente para que todo mundo na sala pudesse ouvir, esque-ceram de que quando você é jovem pode ouvir tudo e ler letras miúdas.

— É, ele é um babaca, mas é um bom moleque — o sr. Dunkelman disse, de braços cruzados sobre a barriga em sua cadeira de rodas, esperando que eu tocasse. — Meu Deus, anda logo — ele disse para mim. — *Dança dos Famosos* começa em quarenta e cinco minutos.

— Se continuar falando, não sei como posso começar a tocar, *vozinho* — eu disse enquanto ele revirava os olhos.

Dei o último puxão nas cravelhas e acariciei as cordas para testar como respondiam. Os calos na minha mão esquerda ainda estavam frescos, a pele ao redor vermelha e irritada. Deixei as unhas da mão direita crescer um pouco, como os músicos de *bluegrass* que costumavam usar as unhas para tirar um som em vez de usar um pedaço de plástico.

Falei com um monte de velhinhos sentados ao redor em cadeiras de encosto alto, esperando que eu tocasse.

— Senhoras, vou tocar uma música romântica se vocês prometerem se controlar. Esta é... — eu parei para pigarrear, protelando — ... esta é uma música que meu pai costumava tocar para a minha mãe. É de Herb Alpert, que era o rei quando se tratava de fazer as mulheres desmaiarem. Não consigo cantar como ele, mas pelo menos será afinado. Se chama "This Guy's in Love with You". É uma das minhas favoritas.

Conforme eu tocava, percebi um movimento pelo canto do olho. Normalmente quando o violão e eu estamos ocupados, não noto mui-ta coisa ao meu redor, mas quando estava no Sunrise meus sentidos ficavam sempre alertas pela possibilidade de topar com ela. Bridget.

Ela se sentou no fundo da sala, Dorothy ao lado dela, perdida em seu próprio mundo. Dorothy e eu tínhamos isso em comum.

Toquei algumas das velhas músicas hippies favoritas do meu pai. Toquei algumas só pela beleza, Bob Dylan e James Taylor, incluindo a favorita da Cynthia, "Something in the Way She Moves". Encerrei com uma do John Denver, "Rocky Mountain High", com acompanhamento de palmas e coro de todos. Era a primeira vez que atingia a nota mais alta em "fly" sem minha voz vacilar, desde que cheguei à puberdade.

Alguns deles pararam para me parabenizar pelo meu som, mas logo todos se dirigiram ao compromisso com a TV às oito horas: *Dança dos Famosos.*

Bridget ficou para trás, ainda em seu lugar na última fileira do conjunto de cadeiras, quando todo mundo já tinha ido.

— Oi, Jesse — ela disse de guarda levantada, mas educada como sempre.

— Ei — eu disse, guardando cuidadosamente o violão no case e fechando. — Bom ver você — eu disse com honestidade.

— Eu não sabia que você tocava violão. Você é bem bom. Incrível, na verdade.

— Não toco muito desde que minha mãe morreu.

— Ela era musicista também?

— Não — eu disse, balançando a cabeça. — Era uma musa.

— Certo. Seu pai. Pete me disse que ele toca numa banda.

— Tenho certeza de que minha mãe teve ofertas bem melhores do que meu pai. Mas ele costumava tocar para ela. É assim que a fez se apaixonar por ele.

— Ofertas melhores, como? — Bridget perguntou.

— Talvez de pessoas que pudessem manter um trabalho fixo em vez de ser um músico esquisito. Talvez alguém que desse conta de cuidar dela.

— Ah, não sei — Bridget disse, pensativa, o queixo nas mãos, o cotovelo nos joelhos. — Ela provavelmente gostava mais de alguém tocando para ela do que curtiria ter muito dinheiro. Dinheiro não te faz feliz.

— Acredito — eu disse descompromissadamente, colocando o case do violão sobre o ombro e me virando para acenar para o sr. Dunkelman antes de partir, mas ele estava completamente concentrado em seu programa e não me notou.

— Vi que você estava no evento do Siegel Center no colégio — ela contou enquanto começávamos a caminhar em direção à saída juntos.

— Parece que os moleques se divertiram.

— Se divertiram, sim — ela concordou. — Curtiram muito. Fiquei feliz que você foi ver.

— Conversei com o Pete quando estava lá.

— Ah, é? — ela perguntou de uma forma que me dizia que ele já havia repetido nossa conversa para ela palavra por palavra. — Como foi?

Dei de ombros.

— Ele me deu um cachorro-quente e não estava coberto de veneno, acho que é um progresso.

— Sim. É bacana quando seus amigos não querem te matar — ela disse sem nenhuma ironia aparente. Bridget me agradeceu enquanto eu segurava a porta para ela.

— Então, eu, hum... acho que você não está mais saindo com o Ken. — Rodeei o assunto.

— Acertou — ela respondeu sem emoção. Puxou o colarinho do casaco e buscou um par de luvas no bolso.

Uma neve suave caía. Ainda era cedo para a primeira neve de Massachusetts. Os minúsculos flocos de neve não sobreviveriam à queda no chão, mas vagavam para os cílios de Bridget e tornavam seu cabelo uma auréola brilhante sob a luz da rua.

— Eu nunca deveria tê-la manipulado para sair com o Ken — comecei,

querendo tirar isso do meu peito. — Você tem todo direito de me odiar, mas quero te dizer...

— Foi ideia sua? — ela perguntou, me cortando. — A falsa prima com Síndrome de Down?

— Dois meses atrás teria provavelmente usado essa frase eu mesmo para você ir para a cama comigo.

— Mas você mudou? — ela perguntou ceticamente.

— Não — respondi rapidamente com uma sacudida sincera de cabeça.

Ela fez uma pausa, parecendo debater consigo mesma o que diria em seguida. Esperei pacientemente até ela dizer:

— Olha, sei que foi você que arranjou para Theresa vencer como rainha do baile. Sei que foi você que fez com que Burke nos deixasse usar a escola para as Olimpíadas Especiais das crianças. Sua amiga Joey me contou tudo. Até sei que você fez seu avô doar o dinheiro que pagou o evento todo.

Meu avô. Talvez essa seja uma confissão para outra hora. Eu já estava compondo mentalmente o texto de raiva que usaria por Joey ter se intrometido. O que eu disse foi:

— Tanto faz. Não quero falar sobre nada disso. Só queria te dizer que...

Ela levantou as sobrancelhas em expectativa, mas não disse nada.

— Bem... merda, não sou bom nisso — eu disse, meus olhos no céu.

— Quer me dizer que sente muito? — ela perguntou, ajudando após um longo silêncio.

— É — concordei com um suspiro. — É, acho que é isso. Eu... sinto muito.

— Só isso? É tudo o que queria me dizer? — falou, acuando a testemunha.

— Talvez não. Mas é tudo o que vou te dizer agora.

— Tá — ela disse, e se virou para se afastar.

— Você quer um café ou sei lá? — eu a chamei. — Se não quiser, eu entendo.

— Seria legal.

Ela se aproximou de mim, e havia um olhar que não tinha visto antes. Um olhar que era meio nervoso, mas como se ela pudesse me beijar, se eu não destruísse o momento. Peguei uma mecha do cabelo dela e acariciei entre meus dedos.

— Se não for pedir muito, eu gostaria de passar o resto da vida tentando merecer você — eu disse quase num sussurro.

Brincamos de vaca amarela novamente, meus olhos cravados nos dela enquanto seus lábios começaram a derreter num biquinho.

Dessa vez eu venci. A primeira.

— Achei que eu havia te dito — ela me lembrou com um sorriso na voz. — Estou determinada a gostar de você mesmo que você não queira.

— Gostar o suficiente para eu te beijar? Esse tipo de gostar? Ou gostar de mim da mesma forma que você gosta dos moleques do Siegel Center? Sabe, quer se voluntariar para tentar me reabilitar?

Ela riu e balançou a cabeça, mas parou abruptamente quando levantei a mão para deslizar o dedo pela linha de sua mandíbula, meus olhos em seus lábios em vez de encontrar seu olhar. Seus lábios estavam bem ali — cheios, doces e quentes —, e seu hálito alcançava meu queixo. Ela estava abrindo a boca para dizer algo quando colei meus lábios aos dela e a beijei da forma que queria beijá-la desde a primeira vez que a vi jogando bola com aquelas crianças lesadas. Quando a envolvi em meus braços e a puxei para perto, Paul McCartney começou a cantar “Maybe I’m Amazed” na minha cabeça, e de alguma forma eu sabia que era aquilo. Aquilo é que era o amor.

Eu teria de contar a Carter da próxima vez que o visse.

Agradecimentos

Quase me sinto culpada por ter apenas meu nome na capa deste livro. Não chegava nem a ser um bom manuscrito até que minha editora Sara Goodman pusesse as mãos nele. Valeu mesmo por sua incrível noção de como contar uma boa história. E Eliani Torres fez um trabalho incrível de preparar o que eu erroneamente acreditava ser uma versão bem limpa.

Muito obrigada a minha maravilhosa agente, Barbara Poelle, que levou exatamente nove dias para encontrar uma editora para este livro. Um final de semana prolongado, nada menos. Sem mencionar seu entusiasmo desenfreado. Eu terei para sempre uma imagem mental de você dando piruetas em seu escritório, Barbara.

Há muita gente que merece mais agradecimentos do que posso expressar neste número limitado de palavras: meu marido Kevin, por me dar tempo de presente para escrever e me encorajar a colocar histórias no mundo; meus filhos pestinhas, por serem incríveis, engraçados e gentis; minha mãe, Ba, por me ensinar a amar a palavra escrita e me ajudar a criar meus filhos para que não acabassem como animais selvagens; meu pai, David e seus irmãos, por me presentear com um senso de humor altamente desenvolvido; minha tia, Elizabeth, por acreditar que esta era uma obra publicável, mesmo depois de ler apenas uma versão tosca; Laura Curzi, por me manter sã ou pelo menos manter uma aparência pública de sanidade enquanto lia e comentava centenas de versões dos meus manuscritos; Chris(tina) Sobran e Kimberly Teboho Bertocci Riley, por conhecerem todos os meus defeitos e mesmo assim amarem a mim e a minha família incondicionalmente; Paul Lusty, por ser um mentor e confidente para todas as horas; meus espiadores do Lucky Bar, por me fornecerem diálogos inteligentes infinitos (Jonny Newkirk) e inspiração doida de personagens (Chris Chernes); minha bela prima, Denise, só porque vai fazê-la chorar ver seu nome impresso; nossa família em Boston, os Curzi-McCabes, por nos receber e nos tratar como se fôssemos parentes de sangue; os amigos e familiares incrivelmente generosos e carinhosos que mostraram tanto apoio e entusiasmo pela minha escrita e por este primeiro romance publicado; Michelle Wolfson,

por seu encorajamento e aconselhamento durante os primeiros estágios da minha busca por editoras; Dana, por ser a bartender perfeitamente atenciosa e me dar um lugar confortável para escrever; e por último, mas não menos importante, Greta, Shonda e Toni, por manter minha cabeça no lugar e minha bunda em forma.



ELE NÃO QUER QUE NINGUÉM GOSTE DELE.
MAS ELA É CAPAZ DE GOSTAR DE TODO MUNDO.



Kat Spears

SWAY

GLOBO Alt